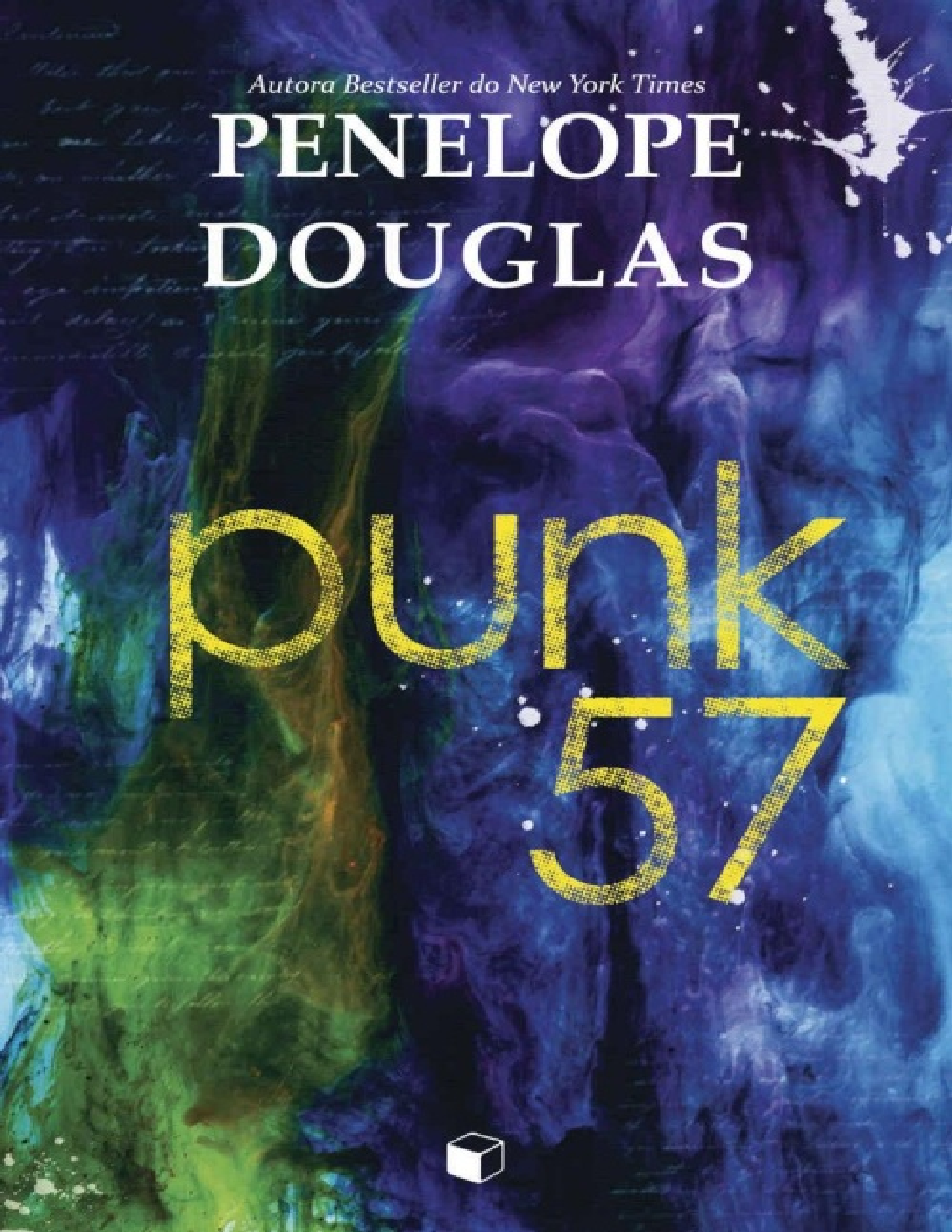

Autora Bestseller do New York Times
PENELOPE DOUGLAS
punk 57

PENELOPE DOUGLAS

punk 57

Traduzido por Samantha Silveira

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2019

Copyright © 2016 by Penelope Douglas
Copyright © The Gift Box, 2019
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Roberta Teixeira
Gerente Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução:
Samantha Silveira
Preparação de texto:
Marta Fagundes
Arte de Capa:
Dri KK Design
Diagramação:
Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

D768p

Douglas, Penelope
Punk 57 [recurso eletrônico] / Penelope Douglas ; [tradução Samantha Silveira]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2019.
recurso digital

Tradução de: Punk 57
Formato: mobi
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-52923-98-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Samantha. II. Título.

19-57946 CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Sumário

Início
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Epílogo
Bônus
Nota da autora
Punk 57
Pérolas
Playlists
Agradecimentos
Sobre a autora
Sobre a The Gift Box

Para Claire e Bender

e o que poderia ter acontecido na segunda de manhã...



MISHA

Caro Misha,

Então, eu já te contei meu segredo sórdido?

E não, não é assistir "Jovens e Mães" na MTV igual a você. Vá em frente e tente negar. Eu sei que você não precisa ficar assistindo com a sua irmã, cara. Ela tem idade suficiente para assistir sozinha.

Não, na verdade, é muito pior, e estou um pouco envergonhada de te contar. Mas acho que sentimentos negativos devem ser libertos. Só uma vez, não é?

Sabe, tem uma garota na escola. Você conhece o tipo. Líder de torcida, popular, consegue tudo o que quer... Odeio admitir isso, especialmente para você, mas muito tempo atrás eu queria ser como ela.

Uma parte em mim ainda quer.

Você, com certeza, iria odiá-la. Ela é tudo que não suportamos. Maldosa, arrogante, superficial... Do tipo que não pensa muito tempo na mesma coisa ou então acaba entediada, né? Sempre fui fascinada por ela, no entanto.

E não role os olhos para mim. Consigo sentir.

É só que... considerando todas as suas características detestáveis, ela nunca está sozinha. Sabe?

Eu meio que invejo isso. Tá bom, eu realmente sinto inveja disso.

É uma merda estar sozinha. Estar em um lugar cheio de pessoas e sentir que elas não querem você por perto. Sentir que está em uma festa na qual você não foi convidado. Ninguém sabe o seu nome. Ninguém quer saber. Ninguém se importa.

Estão rindo de você? Falando a seu respeito? Eles estão zombando de como o mundo perfeito deles seria muito melhor se você não estivesse nele, atrapalhando a paisagem deles?

Estão apenas querendo que você entenda a indireta e vá embora?

Eu me sinto muito assim.

Sei que é patético querer um lugar entre outras pessoas, e eu sei que todos dizem que é melhor ficar sozinha do que mal acompanhada, mas... Ainda sinto essa necessidade o tempo todo. Você já sentiu isso?

Eu me pergunto se a líder de torcida sente isso. Quando a música acaba e todo mundo vai para casa? Quando o dia termina e ela não tem ninguém para entretê-la? Quando ela remove a maquiagem, tira a fachada de valente do rosto do dia a dia, os demônios que mantém enterrados começam a brincar com ela quando não há mais ninguém para mexer?

Acho que não. Os narcisistas não têm inseguranças, não é?

Deve ser legal.

Meu telefone vibra no console central da caminhonete, e eu afasto o olhar da carta de Ryen para ver uma nova mensagem.

Droga. Estou bem atrasado.

Os caras, sem dúvida, estão se perguntando onde diabos estou, e ainda

demora vinte minutos até o galpão. Por que não posso ser o baixista invisível com quem ninguém se importa?

Volto a olhar as palavras dela, repetindo uma frase na cabeça sem parar. Quando ela remove a maquiagem, tira a fachada de valente do rosto do dia a dia...

Essa frase realmente me pegou de jeito na primeira vez que li esta carta alguns anos atrás. E nas cem vezes desde então. Como ela é capaz de dizer tão pouco e, ao mesmo tempo, muito?

Volto para terminar a última parte – já sabendo como a carta termina –, mas amando sua atitude e o jeito que ela me faz sorrir.

Tá legal, me desculpe. Acabei de fazer uma pausa do Facebook, então eu me sinto melhor agora. Não tenho certeza de quando me tornei tão idiota, mas estou feliz que você ature isso.

Continuando.

Então, só para esclarecer a nossa última discussão, Kylo Ren NÃO é um bebê. Entendeu? Ele é jovem, impulsivo e é parente de Anakin e Luke Skywalker. Claro que ele esperneia! Como se surpreende com isso? E ele vai se redimir. Aposto o que você quiser nisso.

Bem, preciso ir. Mas sim, respondendo à sua pergunta, aquela letra que me mandou da última vez é ótima. Vai fundo, e estou mega ansiosa para ler a música inteira.

Boa noite. Bom trabalho. Durma bem.

Provavelmente vou parar de te escrever de manhã,

Ryen

Dou risada de sua referência ao filme “A Princesa Prometida”. Ela diz isso há sete anos. No primeiro ano, foi pedido que escrevêssemos um para o outro como parte de um trabalho da quinta série, duplas foram formadas com os

alunos de sua turma e da minha.

Mas depois que as aulas acabaram, nós não paramos. Apesar de morarmos a menos de cinquenta quilômetros um do outro e de termos o Facebook agora, continuamos a nos comunicar dessa forma porque é o que tornava aquilo especial.

E não assisto “Jovens e Mães”. Minha irmã de dezessete anos assiste e acabei engolido pelo programa. Uma vez. Nem sei por que contei a Ryen. Sei muito bem que não devo dar munição a ela para me provocar, cacete.

Dobro a carta, as marcas desgastadas do papel preto ameaçando rasgar se eu desdobrar para ler mais uma vez que seja. Muita coisa mudou em nossas cartas ao longo dos anos. Os assuntos conversados, os temas pelos quais brigávamos, sua caligrafia... Escrita que passou da caligrafia grande e rústica de uma garota que acabou de aprender a escrever com letra cursiva, para os traços seguros e confiantes de uma mulher que sabe quem ela é.

Mas o papel nunca muda. Nem mesmo a caneta com tinta prateada. Ver seus envelopes pretos na pilha de correspondência no balcão da cozinha sempre me dá uma boa dose de adrenalina.

Coloco a carta no porta-luvas, junto com algumas das minhas cartas favoritas de Ryen, e pego uma caneta, pairando sobre o caderno que está no meu colo.

— Esparrame sua bravura, cubra os olhos e os lábios — digo baixinho enquanto escrevo no papel. — Cole as rachaduras e pinte os rasgos.

Paro e penso enquanto prendo o lábio inferior entre os dentes, roçando o piercing.

— Um pouco aqui — murmuro, a letra flutuando na cabeça. — Para esconder as olheiras, e um pouco de rosa nas bochechas para espalhar as asneiras.

Rapidamente anoto as palavras, quase não dava para ver meu garrancho na escuridão dentro da caminhonete.

Ouço o telefone soar de novo, e paro.

— Tá bom — resmungo, querendo que a porcaria das mensagens parassem de chegar. Meus colegas da banda não podem recepcionar uma festa sem mim por cinco minutos?

Volto com a caneta no papel, tentando concluir meu pensamento, mas pauso, procurando pela mente. Que diabos vinha depois? Um pouco aqui para esconder as olheiras...

Fecho os olhos bem apertados, repetindo a letra sem parar, tentando lembrar do resto.

Solto um suspiro. Merda, já era.

Droga.

Tampo a caneta e a jogo no banco do passageiro junto com o caderno.

Penso na última frase dela. Aposto o que você quiser nisso, hein?

Bem, que tal um telefonema, Ryen? Me deixe ouvir a sua voz pela primeira vez?

Mas não. Ryen gosta de manter nossa amizade do jeito que está. Dá certo assim, afinal de contas. Por que arriscar perder isso ao mudar as coisas?

E ela está certa, acho. E se eu ouvir sua voz e as cartas ficarem menos especiais? Posso imaginar sua personalidade através de suas palavras. Isso mudaria se eu ouvisse o som da voz dela.

Mas e se eu ouvir e gostar? E se a risada dela no meu ouvido ou sua respiração ao telefone me perseguirem tanto quanto suas palavras, e eu quiser mais?

Já sou obcecado pelas cartas dela. Que é o porquê de estar sentado na minha caminhonete em um estacionamento vazio, relendo uma das mais antigas,

porque elas inspiram minha música.

Ela é a minha musa, e deve saber disso a essa altura. Eu a tenho usado como uma espécie de conselheira há anos, mandando músicas para ela ler.

Meu telefone toca e olho para baixo e vejo o nome de Dane.

Solto um suspiro pesado e o pego.

— Quê?!

— Onde está você?

— Já estou indo. — Dou partida e saio com a caminhonete.

— Não tá, não. Você está sentado em algum estacionamento escrevendo músicas outra vez, não é?

Reviro os olhos e desligo, jogando o telefone no banco do passageiro.

Então, dirigir me ajuda a pensar. Ele não precisa encher meu saco só porque não consigo evitar quando as ideias me atingem.

Pegando a rua, aperto o pé no acelerador e sigo para o antigo galpão fora da cidade. Nossa banda está promovendo uma caça ao tesouro para arrecadar dinheiro para nossa turnê de verão em alguns meses, e mesmo eu achando que devíamos fazer alguns shows – talvez tocar junto com algumas bandas locais –, Dane pensou que algo diferente atrairia um público maior.

Veremos se ele está certo.

O frio cruel de fevereiro atravessa pelo meu gorro, e eu ligo o aquecedor e acendo o farol alto, um facho largo lança um brilho profundo na escuridão à frente.

Este caminho leva a Falcon’s Well, onde Ryen mora. Se eu continuar, passarei o galpão, a saída para o “Cove” – um parque de diversões abandonado – e, por fim, chegarei à sua cidade. Várias vezes depois que tirei minha habilitação, fiquei tentado a dirigir até lá, a curiosidade no limite, mas nunca fui. Como eu disse, não vale a pena arriscar e perder o que temos. A menos que ela

também concorde.

Inclino-me um pouco no banco do passageiro, afasto o caderno e outros papéis, procurando meu relógio. Eu o deixei aqui ontem quando lavei a caminhonete, e é uma das únicas responsabilidades que tenho. É uma herança de família.

Algo assim.

Eu o encontro e seguro o volante, prendendo a pulseira de camurça preta em volta do pulso com um relógio de ponteiro preso por encaixes. Foi do meu avô antes de ele passar para o meu pai no casamento dele com a minha mãe, para ser dado ao seu filho primogênito. Meu pai finalmente me entregou no ano passado, e foi só então que notei que ele tinha perdido o relógio original. Um antigo Jaeger-LeCoultre que está na família há oitenta anos.

Eu o encontrarei. Mas até lá, estou preso com essa porcaria no lugar do meu relógio.

Acabo de prender a pulseira e olho para cima, vendo algo na estrada.

Conforme me aproximo, percebo uma forma movendo-se no acostamento, o cabelo loiro em um rabo de cavalo, a jaqueta preta e os tênis de corrida azul neon inconfundíveis.

Isso só pode ser uma piada. Filha da mãe.

Meus faróis pegam as costas da minha irmã, iluminando-a na noite escura. Abaixo a música ao mesmo tempo em que ela vira a cabeça por cima do ombro, enfim percebendo que tinha alguém vindo.

Seu rosto relaxa quando ela vê que sou eu, e sorri, continuando a correr.

E ela também está usando seus malditos fones de ouvido. Medidas de segurança impressionantes, Annie.

Desacelero a caminhonete, abro a janela do lado do passageiro e paro

ao lado dela.

— Sabe o que você está parecendo? — grito, raiva me fazendo apertar o volante. — Chamariz de serial killer!

Dando uma risada baixinha, ela sacode a cabeça e acelera, me obrigando a acelerar também.

— E você sabe onde estamos? — argumenta. — Na estrada entre Thunder Bay e Falcon's Well. Ninguém passa nessa estrada, nunca. Estou bem. — Ela arqueia uma sobrancelha. — E você parece o papai.

Franzo a testa, horrorizado.

— Primeiro — pontuo: — Eu estou passando nessa estrada, então não, não é deserta. Segundo: não balance a cabeça para mim só porque é a única pessoa burra a ponto de correr no meio do nada à noite, e eu não quero que você seja estuprada e assassinada. E, terceiro: isso foi desnecessário. Não estou parecendo o pai, portanto, não repita isso. Não é legal. — E então eu grito: — Agora entre na droga da caminhonete.

Ela faz que não com a cabeça. Igual à Ryen, ela gosta de me provocar.

Annie é minha única irmã, e apesar de meu relacionamento nada espetacular com o nosso pai, ela e eu nos damos muito bem.

Ela continua correndo, respirando com dificuldade, e noto suas olheiras e a aparência de suas bochechas profundas. Sinto um enorme desejo de repreendê-la, mas eu me seguro. Ela trabalha demais e quase não dorme.

— Vamos — digo, ficando impaciente. — Sério, não tenho tempo para isso.

— Então o que está fazendo aqui?

Olho para a estrada deserta para garantir que eu não saia da estrada.

— Aquele negócio de caça ao tesouro é hoje à noite. Tenho que marcar presença. Por que não está na pista bem-iluminada do parque com a segurança

de vários outros corredores por perto? Hã?

— Pare de bancar a babá comigo.

— Pare de fazer besteiras — retruco.

Quero dizer, que diabos ela está pensando? Já é ruim passar aqui sozinho durante o dia, mas à noite?

Sou um ano mais velho, eu me formo em maio, mas normalmente ela é a responsável.

E isso me faz lembrar de uma coisa.

— Oh — resmungo. — Você pegou sessenta dólares da minha carteira hoje de manhã?

Percebi que estava faltando porque tinha acabado de sacar esse dinheiro ontem. Eu não gastei, e esta é a terceira vez que meu dinheiro desaparece.

Ela mostra o rosto triste da criança de dez anos que ela sabe que funciona comigo.

— Ia comprar materiais para alguns projetos científicos e você nunca gasta seu dinheiro. Não deve ser desperdiçado.

Reviro os olhos.

Ela sabe que é só pedir mais dinheiro ao nosso pai. Annie é o anjo dele, vai dar tudo o que ela quiser.

Mas como posso ficar com raiva dela? Ela vai longe e é uma menina feliz. Farei qualquer coisa para deixá-la mais feliz, suponho.

Provavelmente me vendo ceder, ela sorri e se inclina, segurando na lateral da janela e pulando no estribo da caminhonete.

— Ei, pode pegar um refrigerante pra mim? — pergunta. — Uma cerveja gelada quando estiver voltando pra casa? Porque nós dois sabemos que você só ficará lá por cinco minutos, a menos que encontre uma garota sexy que o

incite a ser sociável, né?

Dou risada. Pestinha.

— Tá bom — concordo. — Entre, e pode ir até o posto de gasolina comigo. Que tal?

— E alguns caramelos — acrescenta, ignorando o meu pedido. — Ou qualquer coisa mastigável. — E pula do estribo, disparando rapidamente pelo acostamento, distanciando-se de mim.

— Annie! — Piso no acelerador, alcançando-a. — Agora.

Ela olha para mim e dá uma risadinha.

— Misha, meu carro está bem ali! — Ela aponta para a frente. — Olha.

Jogo meu olhar irritado mais adiante na estrada e vejo que ela está certa. Seu MINI Cooper azul está no acostamento mais à frente, esperando por ela.

— Eu te encontro em casa — avisa.

— Então já acabou de correr?

— Simmmm. — Ela acena com a cabeça de forma dramática. — Eu te vejo quando você chegar em casa, tá legal? Vá buscar meu refrigerante e doces.

Dou um sorriso brincalhão.

— Adoraria comprar isso pra você, mas não tenho dinheiro.

— Tem dinheiro no seu console central — retruca. — Não aja como se não enfiasse dinheiro em tudo quanto é lugar, em vez de colocar na carteira. Aposto que tem cem dólares espalhado nessa caminhonete.

Bufo. Sim, esse sou eu. O irmão mais velho e malvado que não limpa nem a bagunça que faz e come palitos de muçarela no café da manhã.

Piso no acelerador e pego a estrada, mas ouço um grito atrás de mim.

— E batata chips!

Eu a vejo pelo espelho retrovisor, com as mãos perto da boca enquanto grita. Buzino duas vezes, avisando-a que eu a ouvi e acelero, parando na frente de seu carro.

Dá para ver ela sacudindo a cabeça pelo retrovisor, como se eu fosse tão autoritário, porque não vou sair até que ela esteja no carro.

Uma pena, mas é assim mesmo. Não vou deixar minha linda irmã de dezessete anos em uma estrada escura às dez da noite.

Ela pega as chaves do bolso da jaqueta, abre a porta e acena para mim antes de entrar. Quando vejo os faróis acenderem, engato a primeira e saio.

Acelero e me ajeito no banco, seguindo em direção ao galpão abandonado. Seus faróis desaparecem pelo retrovisor enquanto subo a pequena serra, e sinto a preocupação se aproximar. Ela não parece bem. Acredito que não esteja doente, mas tem a feição pálida e cansada.

Apenas vá para casa e descanse, Annie. Pare de acordar às 4h30 da manhã e durma uma noite inteira.

De nós dois, ela é a mais perfeita. Tem média 10 de nota, é a estrela da equipe de voleibol da nossa escola, treinadora da equipe infantil feminina de softball, sem contar os clubes e projetos extras que ela assume...

As paredes do meu quarto são cobertas de cartazes e letras de música escrita com marcador permanente preto em todos os lugares. Suas paredes estão cobertas de prateleiras com troféus, medalhas e prêmios.

Bom seria se todos pudessem ter acesso à energia que ela parece ter.

Pego a estrada de cascalho, faço algumas curvas e vejo uma clareira à frente, cercada por árvores escuras. À minha frente está o grande prédio, alto e imponente. A maioria das janelas está quebrada e já consigo ver as luzes lá dentro e as sombras das pessoas se movimentando.

Acho que costumavam produzir sapatos aqui ou algo assim, mas logo

que Thunder Bay se tornou uma comunidade próspera e rica, a produção foi transferida para a cidade, mantendo o barulho e a poluição longe das orelhas e narizes sensíveis de seus moradores.

Mas o galpão, apesar de estar caindo aos pedaços, ainda tem sua utilidade. Festas com fogueiras, baladas, Devil's Night – a famosa e tradicional noite da véspera do Halloween, conhecida por suas brincadeiras e arruaças... É o lugar do caos agora, e esta noite ele é nosso.

Depois de estacionar, saio e tranco a caminhonete, preocupado em proteger mais as cartas de Ryen e minhas anotações do que a carteira no console.

Caminho até a entrada, mas assim que entro, não paro para olhar em volta. "Square Hammer", de Ghost, toca conforme atravesso entre o mar de gente, indo em direção ao canto onde sei que encontrarei o resto dos caras. Eles sempre ficam naquele lugar quando está rolando festa por aqui.

— Misha! — alguém chama.

Olho para cima e aceno para um cara de pé com seus amigos perto de um pilar. Mas continuo andando. Mãos batem nas minhas costas e algumas pessoas dizem oi, mas sobretudo eu vejo o movimento de todos, as risadas rivalizando com a música enquanto as telas do telefone iluminam o ar e fotos são tiradas ao meu redor.

Acho que Dane estava certo. Parece que todo mundo está adorando a festa.

Os caras estão exatamente onde eu sabia que estariam, sentados em sofás no canto. Dane está trabalhando no iPad, provavelmente gerenciando o evento online. Ele está vestido com bermuda cargo e uma camiseta, seu traje habitual, não importa como esteja o tempo. Lotus, com o cabelo preto amarrado em um rabo de cavalo, conversa com algumas garotas, enquanto Malcolm leva seu narguilé à boca e o acende, o cabelo castanho encaracolado cobrindo seus –

sem dúvida – olhos vermelhos.

Que maravilha.

— Tá legal, estou aqui. — Eu me inclino sobre a mesa, pegando os cabos de guitarra – um deles largado em cima de bebida derramada –, e os jogo no sofá. — Onde querem que eu fique?

— Onde você acha? — Nosso baterista, Malcolm, diz rispidamente. Fumaça sai de sua boca quando ele aponta com a cabeça nas pessoas atrás de mim. — Eles querem você, bonitão. Dê uma circulada por aí.

Dou uma olhada por cima do ombro, fazendo cara feia.

— Tá, não. — Levantar e cantar ou tocar guitarra é uma coisa. Tenho um trabalho a fazer e sei como exercê-lo.

Mas isso? Entreter pessoas que não conheço para conseguir dinheiro? Precisamos do dinheiro e tenho meus dons, mas ficar de conversa não é uma delas. Não socializo.

— Vou tomar conta da segurança — aviso.

— Não precisamos de segurança. — Dane se levanta com o indício de um sorriso de sempre no rosto. — Dê uma olhada neste lugar. Está tudo demais. — Ele caminha até mim e nós dois viramos para olhar o monte de gente. — Relaxe e vá bater papo com alguém. Há toneladas de garotas bonitas aqui.

Cruzo os braços. Talvez. Mas não ficarei muito tempo. Aquela música ainda está na minha cabeça e eu quero terminá-la.

Dane e eu observamos as pessoas, e as vejo segurando cartões, que elas pegaram na entrada. Cada um tem várias tarefas para completar a caçada.

TIRE UMA FOTO DE UMA PIRÂMIDE DE SEIS PESSOAS.

TIRE UMA FOTO DE UM HOMEM USANDO BATOM.

TIRE UMA FOTO BEIJANDO UM ESTRANHO.

E depois tem algumas tarefas que são um pouco mais sacanas.

Elas têm que postar as fotos no Facebook, marcar a página da nossa banda, e nós vamos escolher um vencedor aleatório para ganhar... alguma coisa. Não me lembro o quê. Não estava prestando atenção.

Todos têm que comprar o ingresso para entrar, mas como tem serviço de bar, está óbvio – pelo que vejo – que não foi difícil atrair um monte de gente e fazer com que as pessoas pagassem o preço. Os bartenders deveriam pedir o documento de todo mundo, mas sei que isso é papo furado. Todos bebem e fazem o que querem nessa cidade sem que sejam punidos.

— Então... como você está? — Dane pergunta. — Seu pai está pegando no seu pé de novo?

— Estou bem.

Ele pausa e sei que quer me pressionar mais, mas deixa para lá.

— Bem, você deveria ter trazido a Annie. Ela ia gostar da festa.

— Sem chance. — Dou risada, o cheiro de maconha entrando pelas minhas narinas. — Minha irmã está fora de cogitação. Entendeu?

— Ei, eu não disse nada. — Ele finge inocência, um sorriso arrogante no rosto. — Só acho que ela trabalha demais e poderia se divertir um pouco.

— Diversão, sim. Arrumar problema, não — eu o corrijo. — Annie é uma boa corredora e não precisa de distrações. Ela tem um futuro pela frente.

— E você não?

Sinto seus olhos em mim, o desafio pairando no ar. Eu não disse isso, né?

Dane fica quieto por um momento, provavelmente esperando para ver se vou responder, mas então muda de assunto outra vez.

— Tá bom, dá uma olhada nisso — diz ele, chegando mais perto e segurando o iPad na minha frente enquanto desce a tela. — Quatrocentos e cinquenta e oito pessoas já marcaram presença. Vídeos e fotos estão sendo

postados, centenas de marcações, e as pessoas estão fazendo transmissões ao vivo de seus próprios perfis... Deu mais certo do que eu poderia ter imaginado. A exposição já está valendo a pena. Nossos vídeos do YouTube quadruplicaram os acessos hoje à noite.

Olho para a tela, vendo o nome da nossa banda com muitas fotos nas timelines do Facebook. Bebidas são levantadas no ar, garotas sorrindo e alguns vídeos passando enquanto ele desce a tela, mostrando o galpão.

— Você mandou bem. — Olho ao redor. — Parece que a turnê está garantida.

Preciso reconhecer o mérito dele. Todo mundo está se divertindo e estamos ganhando dinheiro.

— Passo aqui amanhã — aviso. — Tenho algumas letras que eu quero testar.

— Tudo bem — responde ele. — Agora me faça um favor e relaxe, beleza?! Tá parecendo que você está em um torneio de xadrez.

Olho feio para ele e pego o iPad de suas mãos, observando-o voltar até os caras, rindo.

Andando através da festa, desço a página conforme caminho, reconhecendo muitos nomes de amigos e colegas que apareceram para nos apoiar. Um pouco do cheiro de fumaça das fogueiras flutua até o meu nariz, e eu observo a foto de um cara com a palavra CAVALO escrita de caneta no zíper da calça. Uma garota aponta nisso, posando para a câmera com a mão cobrindo a boca, surpresa. A legenda diz: “Encontrei um cavalo!”.

Dou risada. É claro que algumas tarefas – como tirar uma foto sua com um cavalo – não podem ser tiradas a menos que você seja realmente criativo. Ponto para ela.

Há milhares de fotos e vídeos, e não sei como Dane vai escolher entre

toda essa merda amanhã. Embora, conhecendo-o, o vencedor escolhido não será aleatório e justo. Ele vai acabar escolhendo a garota mais bonita das fotos.

Deslocando a tela, vejo um vídeo que começa a rodar, uma garota puxa a torneira flexível do bar, aponta para cima e longe de si mesma, jogando água. O líquido dispara e depois cai parecendo uma fonte.

Ela faz um movimento de dança sexy e ri para a câmera.

— De pé em uma fonte! — anuncia, seus seios mal cabendo na regata.

Usando uma regata no clima frio de fevereiro da Nova Inglaterra.

Mas então um dos bartenders pega a torneira da menina e a coloca de volta no lugar, dando um olhar irritado para ela.

Escuto uma risada baixa do outro lado da câmera.

A garota de regata tenta pegar o telefone.

— Tá, isso foi humilhante. Me passa. Preciso editar antes de publicar.

— Uh, uh — a voz feminina por trás da câmera provoca conforme se afasta.

Mas a garota da regata avança nela, gritando:

— Ryen! — E então ouço gargalhadas e o vídeo acaba.

Eu fico ali, olhando para o iPad, meu coração começando a bater lentamente no peito.

Ryen?

A garota atrás da câmera se chama Ryen?

Não, não é ela. Não pode ser. Tem um monte de meninas que provavelmente têm esse nome. Ela não estaria aqui.

Mas olho no vídeo, e meu olhar é atraído para os nomes no topo do post. Ela marcou a banda e algumas outras pessoas, mas então vejo o nome da pessoa que postou.

Ryen Trevarrow.

Endireito as costas, o peito subindo e descendo, respirando devagar.

Meu Deus.

Merda! Imediatamente olho para cima, incapaz de me segurar e verificar o monte de pessoas, passando de rosto em rosto.

Qualquer uma dessas garotas poderia ser ela. Ela está aqui? Que porra é essa?

Volto a olhar no iPad e meu dedo paira sobre o nome dela, hesitando.

Sete anos que a conheço, mas nunca vi seu rosto. Se eu olhar seu perfil agora, não tem volta.

Mas ela está aqui. Não posso deixar de procurar por ela. Não quando eu sei que ela poderia estar ao meu alcance.

É pedir demais de qualquer um.

E nunca prometemos que não iríamos nos procurar no Facebook. Nós simplesmente dissemos que não nos comunicaríamos pelas redes sociais. Tanto quanto eu sei, ela pode ter pesquisado sobre mim. Ela poderia estar procurando por mim agora, saber qual banda eu pertenço e que esta é uma festa nossa. Talvez seja por isso que ela está aqui.

Que se foda. Clico no nome dela e fico paralisado no lugar enquanto o perfil dela carrega.

E então eu a vejo.

Sua foto aparece, fico sem chão e paro de respirar.

Puta merda.

Ombros magros sob um longo cabelo castanho claro. Rosto em forma de coração com lábios rosados e um olhar ousado em seus olhos azuis. Pele resplandecente e um corpo lindo.

Pelo que dava para ver, de qualquer modo.

Inclino a cabeça para trás e respiro fundo. Vá se foder, Ryen

Trevarrow.

Ela mentiu para mim.

Bem, ela não mentiu exatamente, mas com certeza tive a impressão de que ela não se parecia assim.

Imaginei uma “nerd” de óculos com mechas roxas no cabelo vestindo camiseta do filme “Star Wars”.

Volto a olhar a foto dela, meus olhos descem por suas costas, onde partes de pele espreitam através de sua camisa sexy estilosa enquanto olha na câmera por cima do ombro. Meu corpo aquece e eu rapidamente dou uma olhada no seu perfil, procurando alguma pista – qualquer pista – de que não é ela.

Por favor, não seja. Por favor, seja a doce, socialmente desajeitada, tímida e tudo que eu amei por sete anos. Não complique as coisas por ser gostosa.

Mas está tudo ali. Cada pista confirmando que é Ryen. Minha Ryen.

A passagem pelo Gallo’s, sua pizzaria favorita, as músicas que tem ouvido, os filmes assistidos e tudo postado através de seu iPhone de última geração. Sua posse mais favorita do mundo.

Merda.

Desligo o iPad de Dane e começo a contornar as pessoas, atravessando o formigueiro de gente. Os aquecedores esquentam o clima gelado e passo por mais fogueiras, sentindo o cheiro de marshmallow assado. Música toca nos alto-falantes espalhados por todo o lugar, e mexo o queixo, tentando acalmar meu coração.

Vou até o bar e coloco o iPad no balcão, virando e cruzando os braços. Só fique parado. Se ela está aqui para me ver, ela me encontrará. Se não for por isso, então... Então o quê? Vou simplesmente deixar isso passar?

— Oi.

Olho rapidamente na direção da voz, e me sinto completamente surpreso e desnorteado. A garota da fonte do vídeo está na minha frente, a poucos metros de distância.

E ao lado dela...

Meus olhos se prendem em Ryen, e eu sei que sua amiga acabou de falar, mas não presto atenção. Ryen fica quieta ao lado dela, olhos ligeiramente semicerrados, olhando para mim com hesitação.

Seu cabelo está comprido e liso – não estão encaracolados como na foto do Facebook – e está vestindo uma blusa preta mostrando os ombros e jeans skinny com muitos rasgos. Dá para ver um bocado de suas coxas.

Ryen, minha Ryen. Aperto os punhos sob os braços, meus músculos ficando tensos.

Ela não está dizendo nada. Ela sabe quem eu sou?

Ouço sua amiga limpar a garganta e eu pisco, arrastando os olhos até ela e finalmente respondo:

— Oi.

A menina da fonte inclina a cabeça.

— Então, eu preciso de um beijo — diz ela com naturalidade.

Eu respiro devagar, tão consciente de Ryen que chega a doer.

— Ah, precisa? — respondo, notando seu longo cabelo escuro cobrindo um lenço que ela usa com a regata cinza. Está congelando aqui.

Ela gesticula para o cartão.

— Sim, está no meu cartão da caça ao tesouro.

E então seus olhos descem pelo meu corpo, com um sorriso nos lábios. Penso que isso significa que ela quer um beijo meu?

Ela dá um passo à frente, mas antes que se aproxime mais, eu pego o cartão da mão dela e o leio.

— Engraçado. Não estou vendo isso aqui — digo, devolvendo-o.

— Estou fazendo isso por ela — explica, olhando para a amiga. — Ela é tímida.

— Sou exigente — retruca Ryen, e eu rapidamente volto meus olhos para ela de novo, sua resposta irreverente gozando com a minha cara.

Ela inclina a cabeça de forma desafiadora, olhando fixamente em meus olhos.

Então significa que eu não sou digno? Ora, ora... Escondo um sorriso.

— Lyla! — alguém próximo grita. — Nossa, vem aqui!

A amiga de Ryen vira a cabeça na direção de grupo de pessoas à sua esquerda e ri seja lá do que for que estão fazendo. Ela deve se chamar Lyla.

Ela se vira para mim.

— Eu já volto. — Como se eu ligasse. — Só, por favor, a beije. Ela precisa disso. — Mas percebe Ryen a olhando brava e se volta para mim, esclarecendo: — Para que ela conclua a caça dela, quero dizer.

Ela se afasta, rindo. Eu meio que espero que Ryen a siga, mas ela não sai.

Ficamos sozinhos agora.

Eu me sinto suar frio na nuca, e eu olho para Ryen, ambos presos em um silêncio constrangedor.

Por que ela não está dizendo nada? Ela deve saber quem eu sou. Obviamente que ela não sabe que formei uma banda recentemente, porque queria surpreendê-la com uma clássica fita demo para a nossa formatura em alguns meses, mas é quase impossível ficar invisível hoje em dia. Nossos nomes e fotos estão em nossa página no Facebook e os expositores na entrada. Ela está tirando com a minha cara?

Ela se mexe, e noto seu peito subir com uma respiração profunda,

como se estivesse esperando que eu dissesse algo. Quando eu não digo nada, ela solta um suspiro e olha para o cartão.

— Eu também preciso de uma foto comendo alguma coisa com alguém ao estilo “A Dama e o Vagabundo”.

Continuo com os braços cruzados e estreito meu olhar nela. Ela vai continuar com essa piada?

— Ou... — ela continua, parecendo irritada, provavelmente porque não respondi. — Preciso de uma foto de uma foto de uma foto. Seja lá o que isso significa.

Permaneço em silêncio, ficando um pouco chateado por ela agir como se não tivesse a mínima ideia. Sete anos, e é assim que você quer me encontrar, Anjo?

Ela balança a cabeça, agindo como se o rude fosse eu.

— Beleza, deixa pra lá. — E ela vira para sair.

— Espere! — alguém grita.

Dane corre atrás de Ryen, parando-a, e então caminha até mim, repreendendo baixinho.

— Cara, por que está olhando para ela como se ela tivesse dado um tapa na sua avó? Caramba.

Ele vira para Ryen e sorri.

— Oi. Tudo bem?

Abaixo meu olhar, mas só por um momento. Ela realmente não sabe quem eu sou?

Acho que deve ter muitas pessoas aqui que não ouviram falar de nós. Não somos tão famosos assim, e este é provavelmente o único agito acontecendo em um raio de oitenta quilômetros, então por que ela não estaria aqui, se não tem mais nada para fazer?

Talvez ela não tenha a mínima ideia de que está na frente de Misha Lare agora. O garoto para quem ela escreve cartas desde os onze anos.

— Qual o seu nome? — Dane pergunta.

Ela volta, seus olhos passando por mim, indicando claramente que agora está na defensiva. Graças a mim.

— Ryen — responde. — E você?

— Dane. — E então ele se volta para mim. — E esse é... — Mas solto a mão, dando um tapa de leve em sua barriga.

Não. Não desse jeito.

Ryen vê minha reação e franze a testa, provavelmente se perguntando o que tem de errado comigo.

— Você mora em Falcon's Well? — Dane continua, entendendo minha indireta e mudando de assunto.

— Sim.

Ele acena com a cabeça e os dois ficam ali sem dizer mais nada.

— Beleza, então... — Dane bate as mãos. — Ouvi você dizer que precisava comer algo igual no filme "A Dama e o Vagabundo"?

Sem esperar por sua resposta, ele estica o braço e procura algo na bandeja de aperitivos no balcão do bar.

Ele segura uma fatia de limão e Ryen estremece.

— Um limão?

— Eu te desafio — ele desafia.

Mas ela faz que não com a cabeça.

— Tá, espere — ele insiste, e eu continuo a observando, incapaz de afastar meus olhos enquanto tento digerir que essa é a maldita Ryen.

Seus dedos magros que me escreveram quinhentas e oitenta e duas cartas. O queixo onde eu sei que ela usa maquiagem para cobrir uma pequena

cicatriz que ganhou depois de um tombo quando estava patinando no gelo aos oito anos. O cabelo que ela me contou que prende todas as noites, porque diz que não há nada pior do que acordar com cabelo na boca.

Eu tive meia-dúzia de namoradas, e conhecia todas dez vezes menos do que conheço essa garota.

E ela realmente não tem ideia...

Dane volta de uma das fogueiras, segurando um espeto de madeira com um marshmallow assado na ponta.

Ele se aproxima e empurra o espeto em mim.

— Colabore, por favor.

E então ele vira para Ryen e pega o telefone dela.

— Vai fundo. Eu tiro a foto.

Os olhos divertidos dela voltam-se para mim, ficando imediatamente com ar aborrecido, porque ela claramente não quer comer nada comigo ao estilo “A Dama e o Vagabundo”.

Mas ela não recua ou finge timidez. Ela puxa um banquinho do balcão e sobe no suporte dos pés, para ficar mais alta. Ela não é baixa, mas ela é definitivamente menor que meus 1,82 metros. Inclinando-se com os lábios entreabertos, ela olha nos meus olhos, e a porra do meu coração vai à loucura. Eu faço um esforço descomunal para não soltar os braços e tocá-la.

Mas ela para.

— Estou indo até você com a boca aberta — ressalta. — Tem que me mostrar o que você quer.

E não consigo me segurar. O canto da minha boca sobe, dando um pequeno sorriso.

Porra, ela é sexy.

Por essa eu não esperava.

E eu desisto. Levanto o marshmallow e abro a boca, segurando seus olhos enquanto nós dois nos inclinamos e mordemos, parando um instante para Dane tirar a foto. Seus olhos se prendem aos meus e sinto sua respiração nos lábios conforme seu peito sobe e desce.

Meu corpo está em chamas, e quando ela se inclina mais para morder mais um pouco, seu lábio roça o meu, e eu gemo.

Eu me afasto, engolindo a porcaria do pedaço inteiro. Droga.

Ela mastiga o pedaço de marshmallow, molha os lábios e desce do banquinho.

— Obrigada.

Aceno. Sinto os olhos de Dane em mim, e tenho certeza de que ele sabe que algo está errado. Jogo o espeto no balcão e encontro seus olhos. Ele me dá um sorriso perspicaz.

Babaca idiota.

É, tá bom. Gostei do marshmallow, Dane. Queria comer uma dúzia com ela. Talvez *47*orrendo para ir embora ainda, falou?

Meu telefone toca no bolso e eu o pego, vendo o nome de Annie. Clico em ignorar a chamada. Provavelmente está querendo saber onde eu estou com seus salgadinhos. Eu ligo para ela daqui a pouco.

— Então... — diz Dane. — Todas essas fotos que está postando na página... você não tem um namorado que vai nos caçar, né?

Eu fico tenso. Ryen não tem namorado. Ela teria me contado.

— Não — responde ela. — Ele sabe que não dá para me prender.

Dane ri e eu só fico ouvindo.

— Não, eu não tenho namorado — responde finalmente falando sério.

— É difícil de acreditar nisso...

— E não estou procurando por um, também — ela interrompe Dane.

— Uma vez tive um, e você tem que dar banho e alimentar e levar para passear...

— E o que aconteceu? — pergunta Dane.

Ela dá de ombros.

— Reduzi meus padrões. Muito, aparentemente. Depois disso, fiquei exigente.

— Existe algum homem que está à altura?

— Um. — Seus olhos se voltam para mim e depois para Dane. — Mas nunca o vi.

Um. Apenas um cara está à altura de seus padrões. Ela quer dizer eu?

Meu telefone vibra de novo e eu enfio a mão no bolso, silenciando-o.

Olho para cima e vejo câmeras piscando e pessoas tirando uma foto na frente da parede de grafite à direita.

Eu me aproximo e pego o seu telefone, surpreendendo-a. Andando por trás dela, ligo a câmera, mudando para o modo selfie, e me inclino sobre ela, capturando nossos rostos na tela. Mas também ajustei o telefone para incluir o cara atrás de nós, tirando uma foto de duas garotas na frente da imagem do grafite.

— Uma foto... — digo baixinho no ouvido dela, indicando a nossa selfie — de uma foto — aponto para o cara atrás de nós na tela tirando uma foto — de uma foto. — E gesticulo para a parede de grafite na qual eles estão na frente.

Um sorriso finalmente toma conta de seu rosto.

— Que esperto. Obrigada.

E eu clico, tirando uma foto, guardando o momento para sempre.

Antes de me afastar e me despedir, eu inalo seu cheiro, congelado no lugar por um instante, sorrindo comigo mesmo.

Vai me odiar de verdade, anjo, quando finalmente nos encontrarmos

um dia e perceber tudo.

Ryen pega o telefone e lentamente se afasta, olhando para mim por cima do ombro antes de desaparecer no mar de pessoas.

E já a quero de volta.

Enfio a mão no bolso, pego meu telefone e disco para a minha irmã. Será que ela vai me odiar muito se eu pedir para que ela mesma compre seus salgadinhos? Ainda não sei se estou pronto para ir embora, na verdade.

Mas quando eu ligo de volta, ela não atende.



RYEN

Três meses depois...

Caro Misha,

Mas. Que. Merda. É. Essa?

Sim, você me ouviu. Acabei de dizer isso. Também digo que talvez esta seja minha última carta, mas sei que não é verdade. Não vou desistir de você. Você me fez prometer isso, então aqui estou eu. Continuo sendo a "porra da moça fiel" depois de três meses sem nenhuma palavra sua. Espero que esteja se divertindo, onde quer que esteja, babaca.

(Mas sério, não esteja morto, tá?)

Você tem as anotações das letras que enviei nas cartas anteriores. Queria as ter anotado em algum lugar agora, já que tenho a impressão de que você desapareceu para sempre, mas pra quê? Aquelas palavras são para você e só para você, e mesmo que não esteja lendo as letras ou até mesmo as recebendo, preciso enviá-las. Gosto de saber que elas estão à sua procura.

Sobre as novidades, entrei na faculdade. Bem, algumas, na verdade. É engraçado. Faz tanto tempo que queria que tudo mudasse na

minha vida e quando finalmente está pra acontecer, meu desejo de fugir diminui. Acho que é por isso que as pessoas ficam infelizes durante muito tempo, sabe? Triste ou não, é mais fácil ficar com o que é familiar.

Já percebeu isso, também? Como todos nós só queremos que a vida passe o mais rápido e facilmente possível? E mesmo sabendo que sem risco não há recompensa, ainda sentimos muito medo de arriscar?

Eu tenho medo, sendo bem sincera. Continuo pensando que as coisas não serão diferentes na faculdade. Ainda não sei o que quero fazer. Não ficarei mais confiante ou segura das minhas decisões. Ainda vou escolher os amigos errados e sair com os caras ruins.

Então, é isso aí. Adoraria ouvir notícias suas. Diz pra mim que está ocupado demais para continuar com isso ou que estamos ficando muito velhos para sermos amigos por correspondência, mas apenas me diga uma última vez que acredita em mim e que tudo ficará bem. Porcaria sempre soa melhor vindo de você.

Não sinto sua falta, nem um pouquinho,

Ryen

PS: Se eu descobrir que está me dispensando por um carro, uma garota ou pela última versão lançada do GTA, vou zoar o quadro de mensagens do "Walking Dead" com o seu nome.

Tampando minha caneta de tinta prateada, pego os dois pedaços de papel preto e os alinho na mesa antes de dobrá-los ao meio. Colocando-os no envelope preto igual ao papel da carta, pego lacre de cera preta e o seguro sobre a vela que está no criado-mudo, acendendo o pavio.

Três meses.

Franzo o cenho. Ele nunca ficou calado por tanto tempo antes. Misha muitas vezes precisa de espaço, portanto, estou acostumada a períodos sem receber nada dele, mas alguma coisa está acontecendo.

A cera começa a derreter e eu a seguro em cima do envelope, deixando

pingar. Depois de apagar a vela, pego o selo e o aperto sobre a cera, selando a carta e observo a caveira negra sofisticada me encarar.

Um presente de Misha. Ele cansou do selo que eu usava – o que eu ganhei quando tinha onze anos, um selo da Grifinória de Harry Potter. Sua irmã, Annie, ficava zombando dele, gritando que a carta dele de Hogwarts havia chegado.

Daí, ele me mandou um selo mais “masculino”, dizendo para usar ele ou nada.

Caí na risada. Então, tá.

Quando começamos a trocar cartas anos atrás, foi por puro engano. Nossas professoras da quinta série tentaram formar duplas entre suas turmas com parceiros do mesmo sexo para os deixar mais confortáveis, mas seu nome é Misha e o meu é Ryen, então sua professora pensou que eu era um menino, e a minha achou que ele era um menina etc.

Não nos demos bem no começo, mas logo descobrimos que tínhamos uma coisa em comum. Nós dois temos pais que se separaram cedo. Sua mãe foi embora quando ele tinha dois anos, e eu não vi ou tive notícias do meu pai desde que tinha quatro. Nenhum de nós realmente se lembra deles.

E agora, depois de sete anos e quase terminando o colegial, ele se tornou meu melhor amigo.

Saindo da cama, colo um selo na carta e a deixo na escrivaninha para enviar pela manhã. Volto e guardo minha parafernália no criado-mudo.

Endireitando, coloco as mãos nos quadris e respiro fundo, preocupada.

Misha, onde diabos você está? Estou perdida aqui.

Acho que vou procurar ele no Google já que estou tão aflita. Ou no Facebook ou ir até a casa dele. Mora só a cinquenta quilômetros daqui e eu tenho o endereço, afinal de contas.

Mas nós prometemos um ao outro. Ou melhor, eu o fiz prometer. Se nos víssemos pessoalmente, ou o lugar onde vivemos, se encontrássemos as pessoas das quais falamos nas cartas, isso poderia arruinar o mundo que criamos.

Nesse momento, Misha Lare, com todas as suas imperfeições, é perfeito na minha cabeça. Ele me ouve, me motiva, alivia meu estresse e não espera nada de mim. Ele diz a verdade, e é o único lugar que eu nunca preciso me esconder.

Quantas pessoas têm alguém assim?

E por mais que eu queira respostas, não posso simplesmente desistir ainda. Nós trocamos cartas há sete anos. É algo que faz parte de mim e não tenho certeza do que faria sem isso. Se eu procurar por ele, tudo vai mudar.

Não. Vou esperar mais um pouco.

Olho no relógio, vendo que está quase na hora. Meus amigos estarão aqui em alguns minutos.

Pego um pedaço de giz do suporte na escrivaninha, ando até a parede ao lado da porta do quarto e continuo desenhando pequenas molduras em volta das fotos que grudei ali. Tem quatro.

No outono passado, eu animando a torcida cercada por garotas que estão exatamente iguais a mim. No verão passado, eu no meu jipe com meus amigos empilhados atrás. Na oitava série, festa dos anos oitenta, sorrindo e posando com toda a minha classe.

Em todas as fotos, estou na frente. A líder. Parecendo feliz.

E, então, tem a foto na quarta série. Anos antes. Sentada sozinha em um banco no parquinho, forçando um meio sorriso para a minha mãe que me levou para a “noite do cinema” na escola. Todas as crianças estão correndo, e cada vez que eu corria e tentava brincar também, elas agiam como se eu não estivesse lá. Sempre corriam sem mim e nunca me esperaram. Não me incluíam

nas conversas.

Lágrimas brotam nos meus olhos, e estico o braço e toco o rosto na foto. Eu me lembro daquela sensação como se fosse ontem. Como se eu estivesse em uma festa a qual não fui convidada.

Nossa, como eu mudei.

— Ryen! — Escuto alguém chamar do corredor.

Eu fungo e rapidamente enxugo uma lágrima quando minha irmã abre a porta e entra tranquilamente no meu quarto sem bater. Limpo a garganta, fingindo escrever na parede enquanto ela dá uma olhada da porta.

— Hora de dormir — avisa.

— Tenho dezoito anos — eu a lembro como se isso fosse explicação suficiente.

Não a olho conforme acabo de pintar o lugar que terminei ontem. Quero dizer, sério? São dez horas e ela é só um ano mais velha. Sou mais responsável do que ela.

Sinto o cheiro do perfume dela e, pelo canto do olho, vejo que seu cabelo loiro está solto. Beleza. Bem provável que tem um cara vindo e ela estará distraída quando eu escapar de casa daqui a pouco.

— Mamãe mandou uma mensagem — comenta. — Já terminou a lição de Matemática?

— Sim.

— Governo?

— Terminei meu rascunho — respondo. — Vou passar a limpo neste fim de semana.

— Inglês?

— Postei minha resenha de “Admirável Mundo Novo” no Goodreads[1] e mandei o link para a mamãe.

— Qual livro escolheu agora? — pergunta.

Franzo o cenho, virada para a parede enquanto pó branco cai no chão.

— “Fahrenheit 451”.

Ela zomba.

— “A Selva”, “Admirável Mundo Novo”, “Fahrenheit 451”... — continua, listando os últimos livros que mamãe me deixa ler que não fazem parte dos listados pela escola. — Aff, que gosto entediante que você tem por livros.

— Ela disse para escolher clássicos modernos — rebato. — Sinclair, Huxley, Orwell...

— Acho que ela quis dizer, tipo o “O Grande Gatsby” ou algo assim.

Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás, soltando um bufo antes de me endireitar, zombando dela.

Ela revira os olhos.

— Você é tão pirralha.

— Olha quem fala...

Minha irmã se formou no ano passado e frequenta a faculdade local e ainda mora em casa. É um ótimo acordo para nossa mãe, que é coordenadora de eventos e fica fora da cidade para eventos, shows e exposições com frequência. Ela não quer me deixar sozinha.

Mas, honestamente, não tenho ideia do porquê que ela deixa Carson responsável por tudo. As minhas notas são melhores e fico longe de problemas – até onde elas estão cientes –, ou seja, muito melhor que ela.

Além disso, minha irmã só me quer dormindo e longe para que ela possa fazer o que quiser com o cara que está a caminho da nossa casa agora.

Como se eu fosse contar para a nossa mãe.

Como se eu ligasse.

— Só estou dizendo — diz ela, com uma mão no quadril — que esses

livros são demais para se assimilar.

— Não precisa me dizer isso. — Eu finjo que concordo. — Todos esses grandes conceitos dentro do meu cerebrozinho. É suficiente para me fazer sentir ridiculamente idiota. — E, por fim, eu a tranquilizo: — Mas não se preocupe. Eu te aviso se precisar de ajuda. Posso ir dormir agora? A treinadora vai colocar a gente pra fazer um circuito pela manhã.

Ela resmunga e olha na parede.

— Não acredito que a mãe te deixou fazer isso no seu quarto.

E ela gira e fecha a porta.

Olho na parede. Coloquei uma lousa preta há cerca de um ano e a uso para rabiscar, desenhar e escrever em todos os lugares. As letras de Misha estão espalhadas por todos os lados, assim como meus próprios pensamentos, ideias e pequenos rabiscos.

Tem fotos, pôsteres e muitas palavras, tudo com um significado especial para mim. Meu quarto inteiro é assim e eu o amo. É um lugar onde não chamo ninguém para entrar. Principalmente meus amigos. Eles só tirariam sarro dos desenhos ruins que eu faço e que amo, das minhas palavras e de Misha.

Aprendi há muito tempo que você não precisa revelar tudo de si para as pessoas ao seu redor. Eles gostam de julgar e sou mais feliz quando não fazem isso. Algumas coisas ficam escondidas.

Na cama, meu telefone toca e o pego.

Cheguei, diz a mensagem de texto.

Deslizando o dedo do meio sobre a tela, eu digito: já estou saindo em um minuto.

Finalmente. Eu tenho que sair daqui.

Jogando o telefone de volta na cama, tiro a regata e shorts de pijama, deixando tudo no chão. Eu me apresso para pegar o short jeans da poltrona.

Depois de vesti-lo, coloco uma camiseta branca e um moletom de capuz cinza.

O telefone vibra de novo, mas ignoro.

Estou indo. Estou indo.

Enfio um pouco de dinheiro e o celular no bolso, pego minha rasteirinha e levanto a janela, eu os jogo por cima do telhado da entrada, caindo no chão.

Amarro o cabelo em um rabo de cavalo e escalo a janela. Cuidadosamente, eu a fecho, deixando meu quarto quieto e escuro como se eu estivesse dormindo. Caminhando com cuidado no telhado, sigo até a escada ao lado da casa e desço. Pego a rasteirinha e corro pelo gramado até a rua, onde minha carona espera.

Eu abro a porta do carro.

— Oi — Lyla cumprimenta do banco do motorista enquanto entro. Eu olho para trás, vendo Ten no banco de trás e aceno com a cabeça.

Fechando a porta, eu me inclino e calço a rasteirinha, estremecendo.

— Merda. Não acredito que ainda está frio assim. Treinar amanhã cedo vai ser um saco.

É abril, então fica mais quente durante o dia, mas as temperaturas cedo e à noite ainda ficam abaixo de 10ºC. Devia ter colocado calça.

— Rasteirinha? — pergunta Lyla, parecendo confusa.

— Sim, nós iremos à praia.

— Não — Ten diz do banco de trás. — Iremos no Cove. Trey não te mandou uma mensagem?

Olho para ele por cima do ombro. No Cove?

— Pensei que tinham colocado um guarda lá para impedir que pessoas entrassem.

Ele dá de ombros com um olhar travesso nos olhos.

Táááá bom.

— Bem, se formos pegos, vocês dois serão os primeiros que vou entregar.

— Não se entregarmos você primeiro — cantarolou Lyla, olhando para a estrada.

Ten ri e eu balanço a cabeça, não achando muita graça. O lance sobre ser o líder é que sempre tem alguém tentando tomar o seu lugar. Eu estava brincando quando fiz esse comentário. Não acho que ela estava.

Lyla e Ten – também conhecido como Theodore Edward Neilson – são, para todos os efeitos, meus amigos. Nós nos conhecemos durante o ensino fundamental e médio, Lyla e eu somos líderes de torcida, e eles são como uma espécie de armadura para mim.

Sim, eles podem incomodar, fazem barulho demais e nem sempre são bons, mas eu preciso deles. Você não quer ficar sozinho na escola, e se tem amigos – bons ou não – você tem um pouco de poder.

O colegial é de certa forma como uma prisão. Não tem como enfrentar ela sozinho.

— Eu tenho All Star aí atrás — Lyla diz a Ten. — Você poderia pegá-los para ela, por favor?

Ele abaixa, revirando o que deve ser uma montanha de porcaria no chão do BMW dos anos 90 que a mãe de Lyla passou para ela.

Ten joga um pé para mim e depois entrega o outro assim que o encontra.

— Obrigada. — Pego o tênis, tiro a rasteirinha e começo a calçá-los.

Graças a Deus que tem esses tênis por aqui. O Cove vai estar uma sujeira e molhado.

— Teria sido bom saber disso antes — digo, pensando em voz alta. — Tinha pegado a minha câmera para trazer.

— E quem quer tirar fotos? — retruca Lyla. — Quando chegarmos lá, encontre algum carrinho mais escondido da Xícara Maluca e mostre ao Trey o que é ser homem.

Eu me recosto no banco, e dou aquele sorrisinho sagaz.

— Acho que muitas garotas já fizeram isso.

Trey Burrowes não é meu namorado, mas definitivamente quer os benefícios de um. Já tem meses que estou conseguindo evitá-lo.

Prestes a se formar igual a nós, Trey tem tudo. Amigos, popularidade, o mundo se curvando aos seus preciosos pés... Mas ao contrário de mim, ele adora isso. Define quem ele é.

Ele é um arrogante bocudo com um cérebro de marshmallow e um ego tão grande quanto seu peito de homem. Oh, desculpa. São chamados de músculos peitorais.

Fecho os olhos por um segundo e respiro fundo. Misha, onde diabos você está? Ele é o único com quem posso desabafar.

— Bem — Lyla fala lentamente, olhando pela janela. — Ele não teve você e é o que ele quer. Mas não vai correr atrás de você por muito tempo, Ryen. Logo estará atrás de outra pessoa.

Isso é um aviso? Eu a olho de canto do olho, sentindo o coração acelerar.

O que vai fazer, Lyla? Me passar a rasteira e tomar ele de mim se eu não o assumir? Sentirá satisfação com a minha perda quando ele se cansar de esperar e transar com outra pessoa? Ele já está pegando outra pessoa agora? Quem sabe você?

Cruzo os braços.

— Não se preocupe comigo — aviso, tirando onda com ela. — Quando eu estiver pronta, ele virá correndo. Não importa com quem ele esteja passando o seu tempo ocioso.

Ten ri baixinho do banco de trás, ficando sempre do meu lado e sem ter a mínima ideia de que estou falando de Lyla.

Não que eu esteja preocupada se Trey virá correndo ou não. Mas ela está tentando me provocar, e me conhece muito bem.

Lyla e eu somos duas mimadas, mas somos muito diferentes. Ela anseia por atenção dos homens, e quase sempre dá o que eles querem, confundindo carinho superficial por sentimentos verdadeiros. Obviamente que ela está namorando o amigo do Trey, JD, mas não me surpreenderia vê-la ir atrás de Trey, também.

Ganhar um cara faz com que ela se sinta acima de todos nós. Eles têm namoradas, mas querem a ela. Isso a faz se sentir poderosa.

Até que ela se toca que eles querem qualquer uma, daí ela volta à estaca zero.

Agora eu? Eu sou fraca. Só quero atravessar o dia tão tranquila quanto possível. Não importa em quem eu tenha que passar por cima para fazer isso. Algo que aprendi não muito tempo depois que foi tirada aquela foto onde estou sentada sozinha no banco do parquinho na “noite do cinema”.

No presente não estou mais sozinha, mas sou mais feliz? Ainda não se tem certeza.

Semeou, semeou, semeou, você nem se ligou, tudo o que sofreu é o que plantou.

Dou um pequeno sorriso me lembrando da letra de Misha. Ele me mandou esse trecho em uma das cartas para ver o que eu achava, e faz muito sentido. Eu pedi por isso, não foi?

— Odeio esta estrada — Ten comenta. Sua voz está carregada de desconforto e eu pisco, dispersando meus pensamentos.

Viro a cabeça, olhando pela janela para ver do que ele está falando.

Os faróis do carro de Lyla abrem um buraco no meio da noite, enquanto a brisa leve faz as folhas das árvores balançarem, mostrando o único sinal de vida na estrada que parece um túnel. Escuro, vazio e silencioso.

Estamos na Old Pointe Road, entre Thunder Bay e Falcon's Well.

Olho para Ten por cima do ombro, falando com ele:

— As pessoas morrem em todos os lugares.

— Mas não tão jovem — responde ele, mexendo-se desconfortavelmente no banco. — Coitada.

Alguns meses atrás, uma atleta de corrida chamada Anastasia Grayson, que era apenas um ano mais nova que nós, foi encontrada morta no acostamento bem nessa estrada. Ela sofreu um ataque cardíaco, embora eu não tenha certeza do porquê. Como Ten disse, não é comum alguém tão jovem morrer assim.

Escrevi para Misha falando sobre isso para ver se ele a conhecia, já que moravam na mesma cidade, mas foi uma das muitas cartas que ele nunca respondeu.

Virando à direita na Badger Road, Lyla procura no console e pega um brilho labial. Abro a janela, sentindo o ar fresco e a brisa do mar.

O Oceano Atlântico fica logo depois da serra, mas já consigo sentir o cheiro da maresia. Por morar vários quilômetros longe da costa, acabo não sentindo, mas ir à praia – ou ao Cove, o antigo parque de diversões perto da praia aonde vamos – é como entrar em outro mundo. O vento sopra no meu rosto e quase dá para sentir a areia sob os meus pés.

Queria que ainda estivéssemos indo para a praia.

— JD já está aqui — comenta Lyla, parando o carro em um antigo

estacionamento quase deserto. Seus faróis iluminam uma caminhonete GMC Denali azul escura estacionada de qualquer jeito no meio do lugar. Parece que a pintura que delimita as vagas se desgastou há muito tempo.

Das rachaduras na calçada, o mato crescido balança com a brisa, e somente com a iluminação da luz da lua dá para ver o que está além das bilheterias e das entradas quebradas. Na espreita da escuridão, torres e barracões ficam à distância, e vejo várias estruturas enormes, uma no formato de um círculo – bem provável que seja uma roda-gigante.

Virando a cabeça do outro lado, vejo outras construções semelhantes, observando a estrutura da velha montanha-russa que está quieta e assustadora.

Lyla desliga o motor e pega o telefone e as chaves enquanto todos descem do carro. Tento olhar através dos portões e ao redor das bilheterias dilapidadas para ver o que está além no vasto parque de diversões, mas tudo o que consigo distinguir são portas escuras, dezenas de cantos e passeios sem fim. O vento atravessando pelas janelas quebradas parece sussurros.

Muitos cantos e recantos. Bastante esconderijos.

Arregaço as mangas do moletom, de repente, não sentindo tanto frio. Por que diabos estamos aqui?

Olhando à minha direita, vejo um Ford Raptor preto estacionado sob as copas de algumas árvores na beira do estacionamento, e as janelas são escuras. Tem alguém lá dentro?

Um arrepio percorre minha espinha e eu esfrego os braços.

Talvez um dos amigos de Trey ou de JD tenha vindo com o próprio carro hoje à noite.

— Uuu, uhu, uhuu — uma voz grita, imitando uma coruja. Afasto meu olhar da caminhonete e todos olhamos na direção do barulho.

— Puta merda! — Lyla desata a rir. — Vocês são malucos!

Balanço a cabeça quando Ten e Lyla assobiam e gritam, correndo em direção à roda gigante logo depois do portão. Escalando os mastros amarelos sujos cerca de cinquenta metros acima de nós, entre os carrinhos da velha montanha, está o namorado de Lyla, JD, e seu amigo Bryce.

— Vamos — diz Lyla, subindo a grade de proteção em direção à roda-gigante. — Vamos lá ver.

— Ver o quê? — pergunto. — Roda gigante que não funciona mais?

Ela sai correndo, me ignorando, e Ten ri.

— Vem. — Ele segura a minha mão e me puxa para longe da roda-gigante.

Eu o acompanho, entrando mais adiante no parque, os dois vagando pelos largos caminhos que antes eram lotados por milhares de pessoas. Olho à esquerda e à direita, igualmente fascinada e assustada.

Portas penduradas pelas dobradiças, rangendo com a brisa; o luar faz os vidros caídos no chão brilharem sob as janelas quebradas. O vento sopra através dos elefantes e carrinhos em formato de balão, e tudo é vazio e sombrio. Passamos pelo carrossel e vejo poças de chuva na plataforma e sujeira cobrindo a pintura lascada dos cavalos.

Lembro-me de brincar nisso quando era pequena. É uma das únicas lembranças que tenho do meu pai antes de ele ir embora.

Os gritos e berros dos nossos amigos desaparecem à medida que continuamos a caminhar mais para dentro do parque, o ritmo dos nossos passos diminuindo à medida que percebo o quanto ainda resta do parque.

Este lugar costumava ser cheio de risadas e gritos de alegria, e agora está abandonado e deixado para se deteriorar sozinho, toda a alegria uma vez vivida, agora esquecida.

Poucos anos. E é assim que ficou desde que “Adventure Cove” fechou

seus portões.

Mas independentemente de qualquer coisa, vazio e abandonado, ainda está aqui. Respiro fundo, absorvendo o cheiro de madeira velha, umidade e sal. Vazio e abandonado, ainda estou aqui, ainda estou aqui, estarei sempre aqui...

Dou risada sozinha. Temos uma letra de música para você, Misha.

Vou atrás de Ten, pensando em todas as letras que eu enviei ao meu amigo por correspondência ao longo dos anos que ele as transformou em música. Se alguma vez ficar famoso, ele me deve direitos autorais.

— Meio triste — comenta Ten, vagando pelas barracas de jogos e deixando sua mão arrastar pelas molduras de madeira. — Eu me lembro de vir aqui. Parece que ainda tem vida, né?

O vento da noite varre as ruas vazias entre os estandes e barracas de comida, meu cabelo se agita para todos os lados. O ar envolve minhas pernas e sopra contra o moletom, colando-o ao meu corpo feito uma pele enquanto calafrios começam a se espalhar pelo pescoço.

De repente, eu me sinto cercada.

Dentro do funil de um tornado violento.

Como se eu estivesse sendo observada.

Cruzo os braços e me apresso para acompanhar Ten.

— O que você está fazendo? — pergunto, tentando esconder meu nervoso com irritação.

Ele puxa o toldo de uma das barracas de jogos, e embora ceda um pouco, não levanta por completo por causa do cadeado trancado.

— Pegando um ursinho de pelúcia pra você — responde como se fosse algo óbvio.

— Acha mesmo que depois de todos esses anos ainda tem algum prêmio aí?

— Ora, está trancado, não está?

Dou risada e continuo a observar enquanto ele agarra as laterais com as mãos e tenta puxar para trás.

— JD, pare com isso! — A voz de Lyla soa à distância, e olho para cima e vejo suas sombras ainda subindo a roda-gigante.

— Aha! — Alguém ri.

Ten desiste de puxar e começa a inspecionar o cadeado, como se pudesse simplesmente abri-lo, quando olho para baixo, percebo a proteção de plástico vermelho e branco, suja e rasgada, saindo debaixo do toldo da barraca.

Dou um chute sem muita força, e vejo o plástico balançar, indo para frente e para trás, mostrando a entrada de Ten.

Ele para, esquecendo o cadeado e franzindo a testa para a proteção.

— Sabia.

— Então vá buscar meu ursinho de pelúcia — mando, dando-lhe um pequeno sorriso.

E ele fica de quatro e murmura conforme rasteja entrando por baixo do plástico.

— Sim, Vossa Majestade.

— Use o seu celular como lanterna! — grito, vendo-o desaparecer lá dentro.

— Dã.

Dou risada de sua atitude desaforada. De todos que eu chamo de amigo na escola, Ten é o mais próximo disso. Não tanto quanto Misha, mas quase. Não tenho que fingir muito quando estou perto dele.

A única coisa que me impede de ficar mais próxima a ele é a sua amizade com Lyla. Se eu deixasse a segurança do meu pequeno e fraco círculo social, ele ficaria comigo?

Sinceramente não sei.

— Nada de ursinho de pelúcia! — grita. — Mas têm infláveis!

Tipo bolas de praia?

— Ainda dá pra encher? — brinco.

Mas ele não responde.

Eu me inclino perto do tampão, concentrando-me para ouvir.

— Ten?

Não ouço nada.

Meu braço arrepia e eu me endireito, chamando de novo, desta vez mais alto.

— Ten? Você está bem?

Mas então algo envolve minha cintura e eu pulo, ofegando ao escutar uma voz grunhir no meu ouvido:

— Bem-vinda ao Parque de Diversões, garotinha.

Sinto o coração bater nos ouvidos, e me solto bruscamente, virando e encontrando Trey com uma lanterna sob o queixo. A luz ilumina seu rosto, enfatizando o sorriso diabólico.

Babaca.

Ele sorri de orelha a orelha, o cabelo castanho-claro e grandes olhos castanhos radiantes. Soltando a lanterna, ele corre até mim, e mal tenho tempo de recuperar o fôlego antes de ele se abaixar e me jogar por cima do ombro.

— Trey! — rosno, seu ombro afundando no meu estômago. — Pare com isso!

Ele ri, dá um tapa na minha bunda e eu me encolho, sentindo sua mão descer pela coxa.

— Agora, idiota! — grito, dando tapas nas costas dele.

Ele continua rindo conforme me coloca de pé, mantendo o braço em

volta da minha cintura.

— Mmmm, vem cá — diz, apoiando-me na parede da barraca. — Você tem que me provocar, né? — Seus dedos roçam minha coxa exposta na frente. — Usa aquela minissaia de líder de torcida na escola, onde não posso te tocar, e agora, quando posso, você usa shorts.

— Como assim? — brinco com ele. — Minhas pernas ficam diferentes com saia?

— Não, elas são lindas de qualquer jeito. — Ele se inclina, a cerveja em seu bafo me fazendo estremecer um pouco. — Só que não dá pra eu enfiar a mão por dentro de shorts.

E então ele tenta como se estivesse provar seu argumento.

Dou um tapa em suas mãos, afastando-as.

— Sim, o negócio é o seguinte... — digo. — Um menino choraminga. Um homem não deixa nada ficar em seu caminho. Com ou sem shorts.

Seus olhos descem e sobem pelo meu corpo, depois me olham fixamente.

— Quero te levar para sair.

— Sim, eu sei o que você quer.

Trey tem dado em cima de mim há algum tempo, e eu sei exatamente o que está em sua mente, e não é um jantar e cinema. Se eu der a mão, ele vai querer o braço inteiro. Pode ser que eu não precise de uma aliança no dedo para me divertir com alguém, mas também não quero ser mais uma em sua cama.

Portanto, eu não cedo. Mas também não o rejeito. Eu vi o que aconteceu com a última garota que fez isso.

— Você também quer — rebate, seus ombros largos e peito firme me encurralando. — Sou muito foda, baby, e sempre consigo o que quero. É só uma questão de tempo.

Olho bem através de seu ego, vendo um cara que adora se gabar porque tem medo de que os outros não façam isso por ele ou que precisa se lembrar de como é incrível. Trey Burrowes é uma casa de tijolos que se equilibra sobre um palito de dente.

Algo roça minha panturrilha, e olho para baixo bem a tempo de ver Ten rastejando para fora da barraca de jogo. Eu me afasto e empurro Trey para trás, percebendo que Ten segura algo na mão.

— Consegui uma espada — diz ele, acenando o plástico murcho na nossa frente.

Trey zomba.

— É, eu também.

Engulo o ranço com a piada grosseira dele.

Ele se afasta, ficando quieto, imediatamente voltando sua atenção à roda-gigante.

Muito fácil de se distrair. Um chato num piscar de olhos.

— Vou te dizer o seguinte — digo ao Trey enquanto caminho até Ten e passo meu braço pelo dele. — Vou te deixar levar o Ten para casa.

Trey olha por cima do ombro bruscamente, encarando-me como se eu fosse maluca.

— Depois pode me levar pra casa — concluo, vendo sua sobrancelha arquear interessada.

A escola acaba em seis semanas. Consigo fingir isso por mais um tempo. Eu não quero sair com ele, mas não quero acordar amanhã com algum boato horrível que não é verdade no Facebook, também. Trey Burrowes pode ser legal, mas também pode ser um verdadeiro idiota.

Um sorriso sobe no canto de sua boca e ele se vira para nós.

— Tudo o que você tem que fazer é me pegar — desafio, agarrando a

mão de Ten. — Conte até vinte.

— Melhor até cinco — zomba Ten, afastando-se comigo. — Ele não sabe contar até vinte.

Sinto a barriga tremer com vontade de rir, mas consigo me segurar.

Trey dá um sorriso safado, olhando para mim como se eu fosse uma refeição que ele quer e nada vai impedi-lo de conseguir isso. E, então, ele abre a boca, lentamente se aproximando de nós.

— Um...

E com esse aviso, Ten e eu viramos e corremos para os fundos do parque.

Rimos, correndo por caminhos densos com folhas molhadas e galhos caídos e contornamos bancos quebrados. Passamos pelo Orbiter, Splash e Tornado, que eu lembro que costumava tocar muito Def Leppard.

O Zipper continua em pé, assustador e enferrujado, e atravessamos os velhos balanços do Chapéu Mexicano, as correntes frias roçando meus braços. Elas rangem, provavelmente indicando a nossa localização conforme corro atrás de Ten.

— Por aqui! — grita.

Respiro fundo e o acompanho quando ele entra em um pequeno prédio que parece ter sido dos funcionários. Entrando na escuridão, fecho a porta e estremeço com o cheiro de mofo que assalta meu nariz.

Ten pega o telefone, iluminando o lugar com a lanterna e eu faço o mesmo. O chão está cheio de entulhos e escuto algo gotejar sem parar vindo de algum lugar.

Mas nós não paramos para explorar. Ten segue para o que parece ser uma escada, contornando o corrimão e descendo um degrau.

Que estranho. A escada leva para baixo, no subsolo.

— Vai descer? — Solto a respiração, olhando por cima das grades de aço pintadas de verde e vejo apenas escuridão total lá em baixo. O medo toma conta de mim, fazendo calafrios correrem pela minha espinha.

— Vem. — Ten começa a descer. — É só um túnel de serviço. Muitos parques temáticos têm isso.

Eu pauso por um instante, sabendo muito bem que qualquer coisa poderia estar escondida lá. Animais, moradores de rua... pessoas mortas.

— Eles costumavam controlar os robôs e coisas daqui de baixo — diz conforme desce com a lanterna do celular o guiando. — É um caminho para os funcionários circularem pelo parque mais rápido. Vem!

E como é que ele ia saber disso tudo? Eu não sabia que os parques temáticos tinham um túnel subterrâneo.

Mas dá para sentir a ameaça de Trey atrás de mim, então solto um suspiro e contorno o corrimão, descendo a escada.

— Tem luz acesa aqui — avisa quando termina de descer, e chego atrás dele, olhando por cima de seu ombro para ver o que está lá na frente.

Meu estômago embrulha. O longo caminho do subsolo é construído apenas de concreto, um túnel quadrado com cerca de três metros de largura de lado a lado e de cima a baixo. Tem várias poças, provavelmente do escoamento de chuva, algum vazamento da tubulação ou talvez rachaduras nas paredes que estão fazendo a água do mar entrar. Elas iluminam o caminho com a iluminação acima.

O fim do túnel parece um buraco negro, e passo as mãos nos braços, de repente, sentindo frio.

— As luzes provavelmente estão conectadas à cidade — comento. — Talvez fiquem acesas o tempo todo.

É obvio que não faço ideia – e por que ficariam acesas o tempo todo?

–, mas mentir para mim mesma faz com que eu me sinta melhor.

Ouço uma porta bater lá em cima, e dou um pulo, olhando para as escadas por uma fração de segundo antes de plantar a mão nas costas de Ten e empurrá-lo para frente.

— Merda — murmuro. — Vai! Vai! Vai!

Nós corremos pelo túnel, meu coração batendo contra o peito enquanto passamos por várias portas e mais caminhos que saem do corredor principal em que estamos. Continuo seguindo em frente, e apesar de estar com medo, sinto um sorriso excitado no rosto.

Não consigo deixar de pensar que se fosse Misha nos perseguindo, ele não correria atrás de mim. Mas também não perderia. Ele encontraria uma maneira de me enganar.

Ouço passos atrás de nós e olho por cima do ombro e vejo uma luz descendo a escada. Prendendo a respiração, agarro a parte de trás da camiseta de Ten e o puxo para a sala à direita. Não tem porta, então, jogamo-nos lá dentro e ficamos escondidos atrás da parede, respirando com dificuldade enquanto tentamos ficar em silêncio.

— Cuidado, gata — avisa Ten. — Você está agindo como se não quisesse ser pega.

É, não quero ser pega. Prefiro fazer depilação à cera quente. Todo dia. Bem antes de tomar banho escaldante na salmoura.

Não é que eu não me sinta atraída por Trey. Ele é bonito e musculoso, então por que eu não estaria?

Só que não. Não vou ser uma de suas garotas andando pelo corredor da escola de minissaia apertada enquanto ele me dá um tapa na bunda e os amigos dão tapinhas em suas costas, porque eu sou sua mais nova conquista.

Acrescente a jogada de cabelo sobre o ombro e a risadinha.

Nem pensar, cacete.

Pressionando a cabeça contra a parede, foco os ouvidos para tentar descobrir se ele está perto de nós.

Ele voltou lá para cima? Pegou algum dos outros caminhos no túnel?

Porém estreito os olhos, ouvindo um pequeno ruído. Como se tivesse um mosquito zunindo pelo lugar.

— Ouviu isso? — sussurro para o Ten.

Não dá para ver seu rosto, mas sua sombra fica imóvel como se estivesse prestando atenção. E, então, eu o vejo enfiar a mão no bolso procurando por alguma coisa. Um momento depois, seu telefone lança um suave brilho no lugar, e eu me viro, arregalando os olhos ao ver uma cama, lençóis brancos desarrumados e uma pequena mesa.

Que porra é essa?

Ten caminha pelo lugar, aproximando-se da cama.

— Tem mesmo um guarda aqui. Merda.

— Oras, se tem — digo baixinho, chegando perto dele, analisando os itens em cima dos lençóis —, por que não nos expulsou quando chegamos aqui?

Ten levanta o telefone, olhando ao redor enquanto eu verifico as coisas no criado-mudo e na cama. Tem um relógio com uma velha pulseira de camurça preta sobre uma fotografia de um relógio, que é quase idêntico a ele. Há também alguns livros em cima de um travesseiro, um iPod com fones de ouvido e um caderno com uma caneta do lado. Pego o caderno e folheio, vendo o que parece ser a caligrafia de um homem.

Vale tudo quando todos sabem

Onde se esconde quando a exaltação deles são as suas derrotas?

Tão sufocante, tão difícil, tão demorado, tão cansado,

Deixe-os te devorar até que nada mais reste.
Não se preocupe em passar gloss nos seus lábios
O gosto que neles deixam, eventualmente perde o sabor.
Quero te lamber enquanto ainda sinto seu verdadeiro tempero.

Meu peito sobe e desce, respirando lentamente e as coxas se apertam.

Quero te lamber...

Droga. Sinto um suor frio se espalhar pelas costas ao mesmo tempo em que uma imagem de lábios sussurrando essas palavras contra o meu ouvido me atinge. Poesia nunca foi minha praia, mas não me importaria em ouvir mais desse cara.

Uma sensação familiar recai sobre mim enquanto estudo as pernas dos “y” e os traçados afiados dos “s” que parecem pequenos raios.

Que estranho.

Mas não, o papel está confuso com várias coisas escritas, riscos e rabiscos. Está uma zona. O resto não se parece em nada com as cartas de Misha.

— Bem. — Ouço a voz de Ten resmungar ao meu lado: — Que sinistro.

— O quê? — pergunto, tirando os olhos do resto do poema e inclinando a cabeça para olhá-lo.

Mas ele não está olhando para mim. Sigo onde sua lanterna está iluminando e finalmente vejo a parede. Solto o caderno na cama e olho para cima enquanto Ten passa a luz do celular pela parede toda.

SOZINHO.

Escrito de tinta spray preta, com letras grandes e desalinhadas, cada uma delas quase do meu tamanho.

— Bem sinistro — repete Ten.

Dou um passo atrás, olhando ao redor e absorvendo tudo.

É. Fotos na parede com rostos riscados, poesia confusa, palavras misteriosas e deprimentes escritas na parede...

Sem contar que alguém está dormindo aqui. Nesse túnel escuro e abandonado.

O gemido distante de repente me chama a atenção novamente, e eu o sigo, inclinando-me mais perto da cama. Pego os fones de ouvido e os seguro no ouvido, ouvindo “Bleed It Out” tocando.

Merda. Eu imediatamente os deixo cair, a respiração presa na garganta.

— O iPod está ligado — digo às pressas. — Quem quer que ele seja, estava aqui. Temos que ir. Agora.

Ten vai para a porta, e eu me afasto da cama, mas paro.

Voltando, pego o caderno e rasgo a página do poema. Não sei porque eu quero isso, só que eu quero.

Se tem um cara morando aqui, provavelmente não vai perceber, caso contrário, não saberá que fim levou.

— Vai — digo a Ten, cutucando suas costas.

E dobro a página e a coloco no bolso de trás do shorts.

Segurando nossos telefones, saímos do lugar e viramos à esquerda. Mas, de repente, alguém me pega, e eu grito sendo espremida até quase não conseguir respirar mais.

— Te peguei! — uma voz masculina diz toda orgulhosa. — Que tal rolar aquela carona agora?

Trey.

Eu me contorço e saio de seu abraço, e me viro. Lyla, JD e Bryce estão atrás dele, rindo.

— Droga! — grita Ten, respirando com dificuldade. Óbvio que ele também foi pego de surpresa por eles terem aparecido do nada.

— Deveriam ter apagado as luzes dos telefones — critica Lyla com um sorriso no rosto. — Deu pra ver elas assim que descemos.

Passo por eles, voltando para as escadas, e a ignoro. Se não estivéssemos investigando aquele lugar, nossos telefones estariam apagados.

— Mas o que estavam fazendo aqui? — pergunta JD.

— Vamos logo — mando, perdendo a paciência. — Vamos sair daqui.

Todo mundo segue em frente pelo túnel, e eu olho por cima do ombro, examinando o breu total e a entrada do lugar de onde acabamos de sair.

Nada.

Cantos escuros, sombras, reflexos das luzes fluorescentes nas poças de água... Não vejo nada.

Mas respiro fundo, incapaz de afastar a sensação esquisita. Alguém está lá.

— Não era esse o tipo de diversão que eu pensei quando vocês sugeriram o Cove — lamenta Lyla, pisando de lado para desviar das pequenas poças d'água.

Volto a olhar para frente, ignorando o medo enquanto subo correndo os degraus.

— Sim, mas não se preocupe — murmuro, mas alto o bastante para que todos ouçam: — O banco de trás do carro de JD não está muito longe.

— Pode crer. — JD ri.

E resisto ao impulso de olhar uma última vez para o túnel escuro.

Subo as escadas, ainda sentindo olhos em mim.

---

[1] Rede social com foco em leitura onde os usuários podem adicionar livros a suas estantes pessoais, avaliar e rever livros, participar de fóruns de discussão e grupos sobre uma variedade de tópicos e obter sugestões para futuras escolhas de leitura com base em seus livros.



RYEN

— Vamos, senhoritas! — A treinadora bate o punho nos armários duas vezes enquanto passa. As meninas riem e sussurram do meu lado, e escovo meu cabelo com os dedos, amarrando-o em um rabo de cavalo bagunçado.

— Sim, fiquei sabendo que estão instalando câmeras — comenta Katelyn Stephens para algumas meninas, sentando-se no banco. — Estão querendo pegá-lo em flagrante.

Passo um pouco de desodorante e o jogo de volta na bolsa de ginástica antes de checar meu brilho labial no espelho da porta do armário.

Câmeras, né? Na escola?

Bom saber.

Tiro o uniforme de líder de torcida, e visto minha camiseta e saia, alisando-os com as mãos. Estamos recrutando novos membros para a equipe, já que muitas de nós estão se formando esse ano, então a treinadora pediu que usássemos os uniformes na escola por alguns dias para atrair o interesse das novatas.

— Fico pensando qual seria a próxima ação dele — uma outra garota

entra na conversa. — Ele continua se safando.

— Por mim, espero que ele continue — acrescenta Lyla. — Você viu o que ele escreveu hoje de manhã?

Todo mundo fica quieto, e sei exatamente o que estão olhando. Eu viro a cabeça, olhando para a parede, logo acima da porta dos escritórios dos professores de Educação Física. Agitando suavemente no ar que sai do respiradouro tem um grande e grosso pedaço de papel branco grudado de qualquer jeito na parede.

Sorrio sentindo o coração acelerar, e volto a terminar de me arrumar.

— Não fale mal da masturbação — diz Mel Long, recitando a mensagem que todos nós vimos por trás do papel antes do treino matinal —, é sexo com alguém que eu amo.

E todos começam a rir. Aposto que nem sabem que é uma citação de Woody Allen.

Eles acharam o grafite esta manhã, dessa vez aqui no vestiário feminino, e enquanto os professores cobriam com papel, todos viram o que estava por trás dele.

A escola foi vandalizada vinte e duas vezes no último mês e hoje foi a vigésima terceira.

No início, foi menos – uma ocorrência aqui, outra ali –, mas agora é mais frequente, quase todos os dias e, às vezes, várias ao dia. Como se o “punk”, como ele ou ela passaram a ser chamados, tenha desenvolvido o gosto por invadir a escola à noite e deixar mensagens aleatórias nas paredes.

— Bem — eu digo, colocando a mochila por cima do ombro e fechando a porta do meu armário —, logo com câmeras sendo instaladas em todos os corredores e cobrindo cada entrada, tenho certeza de que ele ou ela criará juízo e vai parar ou será pego. Seus dias estão contados.

— Espero que ele seja pego — diz Katelyn, seus olhos brilhando animados. — Quero saber quem é.

— Aahh. — Lyla faz beicinho. — Aí não tem graça.

Eu viro e saio do vestiário. É, claro que não é divertido se o Punk for pego. Ninguém sabe o que esperar quando vem para a escola de manhã, e chegou ao ponto em que a primeira coisa que todos pretendem fazer é procurar qualquer mensagem que o vândalo tenha deixado. Acham que a intriga é divertida e, ao mesmo tempo em que são curiosos, Falcon's Well seria um bocado chato sem o mistério.

Às vezes as mensagens são sérias.

Dou brilho no meu verniz, mas nem que você morra tentando, brilhará.

Punk

Daí todo mundo fica calado, visivelmente ignorando a mensagem enigmática como se não fosse nada, mas você sabe que não sai da cabeça de todos o dia inteiro, um pensamento descontrolado.

E, então, às vezes é engraçado.

Só pra saber, sua mãe não namoraria seu pai se pudesse escolher novamente.

Punk

E todo mundo ri.

Mas no dia seguinte, ouvi que vários pais ligaram na escola porque seus filhos e filhas fizeram um verdadeiro interrogatório para ver se aquilo era verdade.

As mensagens nunca são assinadas ou direcionadas a alguém em particular, mas se tornaram esperadas. Quem é ele? O que ele vai escrever agora? Como ele está fazendo isso sem ser visto?

E todos assumem que é “ele” e não “ela”, embora não haja provas de que seja um ou outro.

Mas o mistério circula pela escola, e tenho certeza de que a frequência escolar aumentou porque ninguém quer perder os acontecimentos futuros.

Indo até o meu armário, solto a bolsa no chão e respiro profundamente. O peso repentino no meu peito faz com que fique difícil respirar conforme giro a trava da fechadura, colocando a senha.

Minha cabeça inclina para frente, mas eu a ergo depressa.

Merda.

Abrindo a porta, me protegendo dos olhos a minha volta, alcanço por baixo da saia, sob o elástico apertado do short de lycra, e pego minha bombinha.

— Oi, me empresta a sua saia de camurça hoje?

Dou um pulo, soltando a bombinha e puxando a mão para cima.

Lyla está à minha esquerda enquanto Katelyn e Mel pairam à direita.

Pegando a mochila, puxo os livros que usei a noite passada e os guardo no armário.

— Está dizendo aquela caríssima pela qual eu vendi metade do meu guarda-roupa para um brechó só para conseguir pagar? — pergunto, empurrando os livros dentro do armário. — Esquece.

— Vou contar para a sua mãe das roupas que você esconde no armário da escola.

— E eu conto para a sua sobre todas as noites que você não dormiu de verdade na minha casa — retruco, sorrindo enquanto coloco a bolsa no gancho do armário e olho para Katelyn e Mel.

As outras garotas dão risada e volto minha atenção para o armário, pegando meu caderno de artes e o livro de Inglês para as duas primeiras aulas.

— Por favor? — implora. — Minhas pernas ficam tão bonitas nela.

Eu me esforço ao máximo para inalar profundamente, ficando cada vez mais difícil para oxigenar os pulmões, é como se houvesse mil quilos sobre o peito.

Tudo bem. Tanto faz. Qualquer coisa para tirá-la daqui. Estendo o braço até o fundo do armário e pego a saia pendurada em um cabide de plástico lá.

Jogo o tecido macio e marrom para ela.

— Não transe com ela.

Ela sorri toda alegre, agitando a saia para dar outra conferida nela.

— Obrigada.

Pego meu estojo cheio de lápis de cor e o telefone.

— O que você tem agora? — pergunta Lyla, dobrando a saia sobre o braço. — Artes?

Faço que sim com a cabeça.

— Não entendo como não consegue se livrar disso. Eu sei que você odeia.

Fecho o armário, ouço o sinal tocar e vejo todo mundo se apressar para as aulas.

— Está quase no final do ano. Sobreviverei.

— Mmm — responde distraída, provavelmente nem me ouvindo. — Tá certo, vamos. — Ela aponta o queixo para Mel e Katelyn e, então, olha para mim conforme se afasta. — Te vejo no almoço, tá? E, obrigada.

As três desaparecem no corredor, misturadas no mar de corpos enquanto vão para a aula de Espanhol, a primeira do dia. Todos se apressam, subindo as escadas, batendo armários e entrando nas salas de aula... e eu sinto a dor no meu peito começar a se espalhar. Sinto queimação no estômago de tanto esforço para tentar respirar, e sigo pelo corredor, o ombro raspando nos armários

em busca de apoio.

Dou um rápido sorriso para Brandon Hewitt, um dos amigos de Trey, quando passo por ele, e logo, todas as portas começam a se fechar e os passos e as conversas desaparecem. Um minúsculo assobio deixa meus pulmões ao mesmo tempo em que a respiração vibra por dentro, como se pequenas cordas estivessem se debatendo dentro da garganta.

Pisco forte, o mundo começa a girar por trás das pálpebras.

Inspiro o máximo de ar que consigo, sabendo que ninguém vê meus dedos brancos, apertando os livros, ou as agulhas zunindo e fincando ao redor da garganta parecendo uma máquina de costura enquanto eu me esforço para não tossir.

Sou boa em fingir.

A última porta se fecha, e eu rapidamente alcanço debaixo da saia e pego a bombinha que costumo manter escondida ali. Segurando-a na boca, eu pressiono para baixo e respiro fundo quando o spray é liberado, soltando o meu remédio. O gosto amargo de produto químico que sempre me lembra o desinfetante que eu pus na boca quando era criança, naquela vez que a minha mãe o passou na casa, alcança o fundo da garganta e desce pelo esôfago. Recostando-me na parede, pressiono mais uma vez, chupando mais um pouco, e fecho os olhos, já sentindo o peso sair do meu peito.

Inspirando e expirando, ouço minha pulsação latejar nos ouvidos e os pulmões se expandirem cada vez mais, as mãos invisíveis que os apertavam, soltando-os lentamente.

Esse ataque foi rápido.

Geralmente acontece quando estou ao ar livre ou me exercitando. Sempre que o ar fica pesado, peço licença para ir ao banheiro e faço o que preciso fazer. Odeio quando acontece de repente assim. Muitas pessoas por

perto, até mesmo nos banheiros. Agora estou atrasada para a aula.

Deslizando a bombinha sob a bainha do short do uniforme, respiro profundamente agradecida e solto o ar, ajeitando os livros no braço.

Voltando na direção oposta, viro à direita e pego o próximo corredor, subindo as escadas até a sala de artes. É a única aula que tenho todos os dias que eu gosto, mas deixo meus amigos pensarem que odeio. Arte, banda, teatro... são todos alvos de ridicularização, e não quero ouvir esse tipo de coisa deles.

Abrindo gentilmente a porta da sala de aula, entro e olho em volta à procura da Sra. Till, mas não a vejo. Ela deve estar no armário de suprimentos.

E não preciso de outro atraso, portanto...

Eu me apresso pela sala caminhando pela fileira de mesas, quando levanto os olhos, paro, assim que vejo Trey. Ele está todo tranquilo na minha mesa, sentado na cadeira ao lado da minha.

Fico puta da vida na hora. Ótimo.

Ele deve ter matado a aula de Química – que já tem nota baixa e tem que passar para se formar. Este é o meu momento, e ele vai estragar tudo.

Solto um pequeno suspiro e forço um meio sorriso.

— Oi.

Ele puxa minha cadeira com uma mão, depois volta a relaxar na sua e fica me olhando sentar. Till provavelmente nem vai perceber que ele não é um de seus alunos.

— Então... Eu estava pensando... — Trey começa a falar enquanto todos conversam a nossa volta. — Tem alguma coisa pra fazer dia 7 de maio?

— Hmmm... — Finjo desinteresse, recostando-me na cadeira, cruzo os braços e pernas. — Acho que tem alguma coisa nessa noite, mas esqueci o que é.

Ele coloca a mão nas costas da minha cadeira, inclinando a cabeça.

— Bom, acha que consegue arrumar um vestido?

— Eu... — Mas então paro, vendo alguém entrar na sala.

Um cara de estatura alta entra e caminha na direção da nossa fileira. Minha respiração para.

Ele parece familiar. De onde eu o conheço?

Ele não está carregando nada – mochila ou livros, nem mesmo um lápis – e se senta à mesa vazia do lado da minha.

Olho em volta à procura da Sra. Till, tentando entender o que está acontecendo. Quem quer que ele seja, não é dessa classe, mas acabou de entrar como se sempre a frequentasse.

É aluno novo?

Olho sorrateiramente ao lado, estudando-o. Ele está tranquilo na cadeira, com uma das mãos apoiada na mesa e os olhos voltados para a frente. Manchas pretas cobrem o dorso de sua mão, do punho até o topo do mindinho, igual a minha quando estou desenhando e descansando a mão no papel, borrando-a com tinta.

— Ei? — Ouço Trey chamar minha atenção.

Afasto meus olhos da mesa ao lado, limpando a garganta.

— Hum, sim, tenho certeza de que consigo dar um jeito nisso.

Ele quer que eu compre um vestido. O baile de formatura é em 7 de maio, e ninguém mais me convidou para ir porque há rumores de que Trey ia me chamar. Ele não teve pressa e eu estava começando a ficar preocupada. Quero ir no baile de formatura, mesmo que seja com ele.

Meus olhos vagam para o novo cara de novo, olhando para ele de canto de olho. Tem mancha de sujeira em sua calça jeans azul escura, assim como nos dedos e cotovelo, mas a camiseta cinza escura está limpa e os sapatos parecem estar num bom estado. Seus olhos estão quase escondidos sob cílios grossos, e o cabelo castanho-escuro desce levemente sobre a testa. Tem um

piercing prateado no canto do lábio inferior, refletindo a luz. Mordo o meu enquanto olho para a pequena argola, imaginando qual é a sensação de ter um piercing ali.

— E talvez arrumar o cabelo? — Trey continua falando do meu lado. — Mas o deixe solto, porque eu gosto assim.

Viro para ele, tirando os olhos da boca do garoto, e me endireito voltando a me concentrar na conversa.

Formatura. Nós estávamos falando do baile.

— Tudo bem — respondo.

— Ótimo. — Ele sorri e se inclina para trás. — Porque eu conheço um ótimo restaurante de tacos...

Ele racha de rir, o cara ao lado dele se junta à diversão e ri, e por um instante eu morro de vergonha. Ah, você pensou que ele estava te convidando para ir ao baile de formatura com ele? Garota idiota.

Mas não faço beicinho diante da tentativa dele de me fazer de boba. Minha armadura infla e eu ataco.

— Bem, divirta-se. Estarei no baile com Manny. Não é verdade, Manny? — digo em voz alta, chutando algumas vezes a perna da cadeira do garoto na minha frente, chamando a atenção do Garoto Emo.

Manny Cortez balança, mas fica olhando para frente, tentando nos ignorar.

Trey e seu amigo continuam rindo, mas agora seu foco é no garoto, e não consigo evitar em sentir um pouco de satisfação.

Os outros sentimentos estão aí, também. A culpa, o nojo que sinto de mim, a pena de Manny e como eu acabei de usá-lo agora...

Mas Trey achou graça do que eu fiz, e agora Manny e qualquer vergonha que eu sinto estão muito abaixo de onde eu me sento. Eu olho para

baixo. Sei que está lá. Mas é como ver formigas de um avião. Estou nas nuvens, muito alto para me preocupar com o que está no chão.

— É, Manny. Você vai no baile com minha garota? — Trey brinca, chutando a cadeira como eu fiz. — Hein, hein? — E então ele se vira para mim. — Não, acho que ele nem gosta de garotas.

Forço um meio sorriso, balançando a cabeça para ele e na esperança de que agora ele cale a boca. Manny cumpriu seu papel. Não quero torturá-lo.

Manny deve pesar uns 40 quilos, no máximo, com cabelos tão pretos que são quase azuis e um rosto tão pálido e suave que, com as roupas certas, passaria fácil por uma garota. Delineador, esmalte preto, jeans skinny, tênis Converse sujo e aberto... Todos os itens acima – conferidos.

Nós estudamos juntos desde o jardim de infância, e eu ainda tenho a borracha em forma de coração que ele me deu com um cartão no Dia dos Namorados na segunda série. Fui a única que ganhou isso dele. Ninguém sabe disso, e nem mesmo Misha sabe por que eu a guardei.

Ergo os olhos, vendo-o calado, sentado ali. Seu corpo sob a camiseta preta está tenso e a cabeça curvada, provavelmente torcendo para que não falemos mais nada. Provavelmente pensando que se ficar quieto e parado, se tornará invisível outra vez. Conheço essa sensação.

Mas algo à minha direita chama a minha atenção, e olho para o novo garoto, que ainda está focado à frente, mas a testa está rígida e tensa, como se estivesse com raiva.

— Agora falando sério — Trey continua, e eu relutantemente me viro quando ele volta a falar comigo. — Baile de formatura. Vou te buscar às seis. Limusine, jantar, vamos dar uma passada para marcar presença e... Você é minha a noite toda.

Aceno, mal ouvindo.

— Tá legal, vamos começar — avisa Till, saindo do armário e colocando um suporte de materiais de arte em sua mesa.

Ela puxa a lousa para baixo, apaga as luzes, e eu olho à minha esquerda novamente, observando o novo garoto sentado ali, franzindo a testa. Ele tem uma carta de admissão? O horário das aulas? Não vem nem mesmo se apresentar à professora? Estou começando a achar que ele pode ser uma alucinação, e ficando um pouco tentada a estender a mão e cutucá-lo. Só eu que o vi entrar na sala?

Sra. Till começa a passar alguns exemplos de desenho em linha reta, e vejo Trey rasgar um pedaço de papel do meu caderno.

— Manny? — sussurra ele, embolando o papel e jogando a minúscula bolinha na cabeça dele. — Ei, Manny? A moda Emo já passou, cara. Ou o seu namorado gosta disso?

Trey e seu amigo riem baixinho, mas Manny continua uma estátua.

Ele pega outro papel, e agora a minha culpa – mais pesada que antes – infiltra-se em mim.

— Ei, cara. — Trey arremessa a bola de papel em Manny. Ela acerta o cabelo dele antes de cair no chão. — Gosto do seu delineador. O que acha de emprestar para a minha garota?

Um movimento à minha direita me chama a atenção e vejo a mão do novo garoto – apoiada na mesa – fechar-se em um punho.

Trey joga outro papel, mais forte desta vez.

— Ainda consegue achar o seu pau, seu bicha?

Estremeço. Jesus.

Mas então, num piscar de olhos, o novo garoto alcança por cima da mesa, agarra a parte de trás da cadeira de Manny, e eu assisto, em choque, enquanto ele coloca a cadeira com ele ainda sentado, atrás de sua mesa, ficando

agora entre o Garoto Emo e nós. Depois rapidamente se aproxima, pega o caderno de desenhos de Manny e o estojo de lápis, e os joga na mesa, na frente de seu novo parceiro de aula.

Meu coração dispara, mas cerro o maxilar, tentando parecer menos abalada do que estou. Meu Deus.

Os alunos viram a cabeça para ver o que está acontecendo quando o novo cara senta com tudo na cadeira, não diz uma palavra ou olha para alguém, e continua a fazer cara feia. A respiração de Manny é pesada, seu corpo travado e rígido diante do que acabou de acontecer, e Trey e seu amigo estão, repentinamente, quietos, com os olhos fixos no novo cara.

— Bichas ficam juntos, acho — diz Trey em voz baixa.

Dou uma olhada no Novo Cara pelo canto do olho, sabendo que ele deve ter ouvido. Mas está tão imóvel quanto gelo. Só que agora os músculos de seu braço estão protuberantes e a mandíbula flexionada.

Ele está puto, e nos mostrando isso. Ninguém reage assim. Nunca me enfrentaram abertamente.

Trey não diz mais nada, e o resto da turma finalmente vira para frente quando a professora começa. Eu tento me concentrar em suas instruções, mas não consigo. Eu o sinto ao meu lado e sinto vontade de olhar. Quem diabos é ele?

E a ficha cai. O galpão. Puta merda.

Pisco, olhando para ele de novo. É o cara daquela festa de caça ao tesouro de meses atrás. Ainda tenho nossas fotos no celular.

Ele se lembra de mim?

Mas que esquisito. Não cheguei a postar nossas fotos na página em que deveria publicar. Depois que deixei ele e seu amigo para trás, fiquei ocupada demais o resto da noite, incapaz de me segurar e olhar para todos os lados para

ver se conseguia vê-lo outra vez, e acabei não terminando minha “caçada”.

Mas eu nunca o encontrei. Depois que afastei, ele desapareceu.

Sra. Till termina suas breves instruções, e passo o resto da aula roubando olhares e perdendo tempo com pequenos desenhos sem sentido. Venho trabalhando em um projeto há uma semana, mas não mexo nele hoje porque não quero que Trey o veja.

E mesmo que essa a aula seja a que mais gosto, também é a que eu menos me sinto segura. Não tenho vocação para artes, mas gosto de fazer coisas com as mãos e ser criativa, então era isso ou Mecânica. E eu não ia passar cinco meses em uma sala com vinte garotos tentando ver debaixo da minha saia de líder de torcida.

Portanto, aqui estou eu, fazendo um desenho para Misha. Projetando a capa para o seu primeiro álbum, um presente surpresa de formatura. Não que ele tenha que usá-lo – não contaria com isso –, mas acho que vai tirar proveito dele. Algo para motivá-lo.

Mas é claro que não quero que Trey veja e faça perguntas sobre isso. Ele só vai tirar sarro de algo que eu amo.

Ninguém sabe a respeito de Misha Lare. Nem a Lyla. Ele é meu e é uma coisa muito difícil de se explicar. Eu nem quero tentar.

Sem mencionar que, se não contar a ninguém, ele não será tão real. E não vai doer tanto quando eu, eventualmente, for perdê-lo.

O que vai acontecer, se já não tiver perdido. Todas as coisas boas acabam um dia.



— É ele — sussurra Ten no meu ouvido antes de se sentar à mesa no refeitório comigo, Lyla e Mel. — Esse é o cara que está pichando a escola.

Ele vira a cabeça, apontando com o queixo atrás de nós, e ergo os olhos do meu dever de casa de matemática, e me viro, seguindo seu olhar.

O novo garoto está sentado em uma mesa redonda, sozinho, as pernas estendidas, tornozelos e braços cruzados. Fones nos ouvidos e os fios largados sobre o peito, e a mesma expressão rígida de hoje cedo focada na mesa à sua frente.

Contenho um sorriso. Então ele é de carne e osso. Ten também consegue vê-lo.

Meu olhar recai sobre seu braço direito, vendo as tatuagens descerem pela extensão dele. Sinto um frio na barriga.

Não tinha visto isso mais cedo.

Provavelmente porque eu não estava sentada daquele lado seu. Não consegui ver direito os desenhos, mas deu para perceber que havia escritas nele. Olhando ao redor, percebo outros olhando para ele, também. Olhares curiosos de lado, sussurros...

Virando para frente, volto a fazer a lição que foi passada esta manhã, quero terminar logo para não precisar mexer com isso hoje à noite.

— Você acha que ele está entrando escondido na escola? O que te faz pensar nisso?

— Ah, olha para ele. Tá na cara que vai acabar na cadeia um dia.

— Ah, tá. Isso diz tudo — murmuro sarcasticamente, ainda escrevendo.

Honestamente, ele não parece tão ruim assim. Um pouco sujo, um pouco irritado, mas isso não quer dizer que ele é um bandido.

Dou uma olhada para trás mais uma vez, observando seu rosto por um

momento... Os músculos da mandíbula, olhos fortes e escuros, a inclinação do nariz e as sobrancelhas como se estivesse em constante estado de desagrado... Faz mais o tipo que te daria um soco se você disser oi para ele, não de pichar letras de música nas paredes da escola.

Seu olhar subitamente sobe. Eu sigo seu olhar.

Trey está vindo daquela direção, conversando alguma coisa para a Diretora Burrowes, e o Novo Cara os observa.

— É aluno novo? — pergunta Lyla sentada à minha frente, e eu a vejo observá-lo. — Ele até que não é de se jogar fora. Qual o nome dele?

— Masen Laurent — responde Ten.

Não consigo me segurar. Repito o nome na cabeça, permitindo que ele viaje pela minha mente. Então esse é o nome que ele estava tentando impedir que seu amigo me contasse naquele dia?

— Ele estava na minha aula de física esta manhã — comenta Ten.

— Na minha primeira aula, também — acrescento, virando a página do livro e anotando o próximo problema. — Ele não disse nada.

— O que sabe dele? — pergunta Lyla.

Dou de ombros, sem olhar para cima.

— Nada. Nem quero saber.

Trey e JD sentam-se um de cada lado de Lyla, e começam a devorar seus lanches.

— Oi, gata. — Trey aperta uma batata frita na minha boca fechada. Eu a pego e jogo por cima do ombro, ouvindo Trey e JD rirem e eu continuo a fazer minha lição.

— Acho que ele não falou nada com ninguém — diz Ten. — Sr. Kline fez uma pergunta na aula de física e ele ficou lá parado sem abrir a boca.

— Quem? — pergunta JD.

— Masen Laurent. — Ten gesticula para o novo garoto atrás de nós. — Acabou de começar hoje.

— Queria saber como ele está conseguindo entrar na escola à noite — divaga Lyla em voz baixa.

Solto o lápis na mesa e levanto os olhos, olhando incisivamente para ela.

— Não diga “ele” como se soubesse que é ele quem está fazendo as pichações. Nós não sabemos. Além disso, ele começou hoje. As pichações vêm acontecendo há mais de um mês.

Não quero que ele leve a culpa por algo que eu sei que não está fazendo.

— Tá bom — responde rispidamente, revirando os olhos e pegando seu pote com salada. — Então... queria saber como “o cara” está entrando à noite?

— Bem, eu tenho uma noção — indica Ten. — Acho que ele não sai da escola, na verdade. Quem faz as pichações, quero dizer. Acho que ele fica na escola direto.

JD dá outra mordida em seu hambúrguer.

— Por que ele faria isso?

— E de que outro jeito você despistaria os alarmes? — argumenta Ten. — Pensa comigo. A escola fica aberta até tarde; aulas de natação, a classe do supletivo, as equipes que usam a sala de musculação, aulas de reforço... Ele pode sair depois do horário normal de aula, comer e fazer o que quiser, e voltar antes que a escola seja fechada por volta das nove. Daí, ele tem a noite toda. Talvez esteja até morando aqui. Além do mais, os ataques estão acontecendo quase todos os dias agora.

Acabo a última equação, meu lápis afundando lentamente no papel. É

um bom argumento. De que outra forma alguém poderia contornar os alarmes, a menos que se escondesse e esperasse as portas serem trancadas?

Ou, quem sabe, tenha as chaves e o código do alarme.

— Não tem garotos de rua nesta escola — ressalto. — Acho que saberíamos, se tivesse.

Não é uma escola grande, afinal.

— Bem, como você disse — comenta Lyla. — Ele acabou de chegar, então ainda não sabemos nada dele. — Eu a vejo olhar por cima da minha cabeça e sei exatamente quem ela está observando. — Ele poderia ter ficado aqui no último mês antes de começar a escola e ninguém saberia.

— Então, vamos prejulgar o garoto novo sujo e sem amigos? — respondo. — Que possível motivo ele teria para pichar a escola? Não, espera. Eu me esqueci. Não estou nem aí. — Volto para a minha lição preenchendo o cabeçalho, e continuo a falar: — Masen Laurent não está morando na escola. Ele não está pichando as paredes, os armários ou qualquer outra coisa. Ele é novo, você está criando boatos e eu já cansei dessa conversa.

— Podemos arrancar a verdade dele — Trey entra na conversa. — Posso entrar escondido no escritório da minha madrasta e verificar o arquivo dele. Ver onde ele mora.

— Aí sim — concorda JD.

O tom sinistro em suas vozes me incomoda. Trey se safa de tudo, principalmente porque a diretora é sua madrasta.

Fecho meu livro e caderno, empilhando-os um por cima do outro.

— E como isso seria divertido pra mim?

Trey sorri.

— O que você pensou? Abre o jogo.

Descanso os antebraços na mesa e viro a cabeça por cima do ombro,

observando Masen Laurent. Sua expressão estoica é confusa. Como se todos ao seu redor não existissem.

As pessoas se movimentam, passando por ele, suas vozes alcançando sua mesa, risos à esquerda e uma bandeja caindo à direita, mas uma bolha o envolve. A vida segue do lado de fora, mas nada a penetra.

Mas eu sinto, mesmo que ele não reaja a nada acontecendo ao seu redor, que está ciente. Está ciente de tudo, e sinto um arrepio nos braços.

Voltando a atenção para Trey, respiro fundo, recompondo a compostura.

— Confia em mim?

— Não, mas vou te dar o benefício da dúvida.

JD ri e eu me levanto da mesa, empurrando a cadeira para trás.

— Onde você vai? — pergunta Lyla.

Eu saio e caminho na direção de Masen, respondendo por cima do ombro.

— Quero ouvi-lo falar.

Vou até a mesa dele, uma pequena mesa redonda de quatro lugares do lado de fora do refeitório, e apoio a bunda na borda, segurando a mesa com as mãos ao lado do meu corpo.

Os olhos do garoto vão para as minhas coxas e lentamente sobem pelo corpo, parando no meu rosto.

Dá para ouvir a batida da bateria e da guitarra tocando nos fones de ouvido, mas ele não se mexe, os sulcos entre as sobrancelhas ficando mais profundos.

Estendendo a mão, eu gentilmente puxo os fones de ouvido e dou uma olhada por cima do ombro nos meus amigos, todos estão nos observando.

— Eles acham que você é um morador de rua — digo a ele, virando e

vejo seus olhos vagarem deles para mim. — Mas você não está comendo e não fala. Acho que você é um fantasma.

Eu lhe dou um sorriso travesso e solto os fones de ouvido, colocando a mão sobre o seu coração. Seu calor imediatamente atravessa pela minha mão, sinto um pequeno arrepio me percorrer.

— Não, esqueça isso — acrescento, pressionando. — Sinto um coração bater. E está acelerando.

Masen só me observa, como se estivesse esperando por alguma coisa. Talvez ele quer que eu desapareça, mas não me afastou ainda.

Eu tiro a mão de seu peito e me inclino para trás novamente.

— Eu lembro de você, sabia? Você estava naquela caça ao tesouro em fevereiro. No galpão em Thunder Bay.

Ele ainda não responde, e estou começando a me perguntar se entendi tudo errado. O cara daquela noite era de poucas palavras, mas ele, pelo menos, foi amigável. Como você zomba de alguém que não se envolve?

— Você gosta de ir no drive-in, Masen? — pergunto. — Esse é o seu nome, né? — Olho para baixo e mexo em sua caneta, tentando agir de forma tímida. — O tempo está começando a ficar bom para ir. Que tal vir com as minhas amigas e eu algum dia. Quer me passar seu número de telefone?

Seu peito cede a cada exalação, e sinto a pele começar a vibrar enquanto ele me olha fixamente. Seus profundos olhos verdes claros brilham com um fogo que não consigo compreender direito. Raiva? Medo? Desejo? Mas que merda ele está pensando, e por que não diz nada? Engulo o nó na garganta, com a sensação de que estou prestes a abrir a caixa surpresa com o palhaço de mola.

— Você não gosta de pessoas? — pressiono, eu me inclino e sussurro: — Ou não gosta de garotas?

— Senhorita Trevarrow? — chama uma severa voz feminina que reconheço como a da Diretora Burrowes. — Desça da mesa.

Viro a cabeça para mostrar que a ouvi, mas, de repente, mãos agarram minha cintura e me puxam para baixo.

Ofego assustada quando caio bem no colo de Masen, com uma perna caindo de cada lado seu.

— Gosto de garotas — sussurra no meu ouvido, e sinto o coração bater tão forte que chega a doer.

Então a ponta da língua dele desliza pelo meu pescoço e fico congelada, respirando descontroladamente enquanto meu sangue ferve.

Porra.

— Mas você? — Sua voz profunda e respiração quente deslizam sobre a pele do meu pescoço. — Você tem gosto de merda.

Como?

E então ele se levanta e eu caio do seu colo, indo direto para o chão. Estico as mãos para me equilibrar e não cair de cara.

Mas que merda é essa?

As risadas ecoam, e eu levanto a cabeça, vendo algumas pessoas nas mesas próximas rindo e me encarando.

Paredes se fecham ao meu redor e pego fogo de vergonha.

Não preciso me virar para saber que Lyla provavelmente está rindo, também.

Filho da puta.

Em seguida, vejo Masen Laurent pegar seu caderno e caneta, pendurar os fones de ouvido em volta do pescoço e dar a volta por mim, saindo do refeitório sem dizer mais nada.

Babaca. Mas qual é a porra do problema dele?

Levanto, ajeito a saia e volto para a minha mesa.

Essa não foi a primeira vez que alguém riu às minhas custas, mas será a última.



RYEN

— Estou indo no Banana Republic. — Ten corre até mim e abraça meu pescoço. — Quer ir?

Faço que não com a cabeça, virando à esquerda no corredor.

— Tenho que ir pra casa. É a minha vez de fazer o jantar hoje à noite.

A escola está vazia e acabamos de treinar, mas enquanto todos estão tomando banho e se arrumando apressadamente seja lá para o quê, eu ainda estou de short, top esportivo e regata. Eu só quero sair daqui. Este dia me desestruturou e preciso me reagrupar.

Aquele garoto novo, Masen, é uma pessoa verdadeiramente desagradável, e tive que desligar o telefone para ignorar as notificações do Facebook depois do almoço. Graças a Deus, ninguém teve tempo de tirar uma foto dele me jogando de cara no chão, só que isso não impediu Lyla de postar um “meme” online, tirando sarro da situação e me marcando.

Mas é claro que ela só estava “brincando”.

Tanto faz. Tenho que ir para casa mesmo.

Consegui terminar a lição de Matemática na hora do almoço, mas

ainda tenho de responder algumas perguntas de Literatura e do Governo para fazer hoje à noite.

— Uau. Aquele é o seu armário? — Escuto Ten dizer.

Olho pelo corredor e vejo uma pilha de coisas caídas no chão. Bem debaixo de onde meu armário está localizado.

Ten me solta, e nós corremos até a bagunça, vendo a porta do meu armário encostada aberta e parte dela pendurada como se tivesse sido aberta com um pé de cabra ou algo assim.

Mas que merda é essa?

Eu me ajoelho, sentindo falta de ar conforme verifico minhas roupas, o iPod e um monte de papéis caídos e espalhados das pastas que estavam ordenadamente organizados antes.

— O que diabos aconteceu? — Ten praticamente grita. — Sumiu alguma coisa?

Abro a porta do armário e verifico lá dentro. As pequenas prateleiras cor-de-rosa e a lâmpada suspensa que eu instalei ainda estão lá, assim como meu guarda-chuva e um casaco de lã que deixo aqui por precaução. Eu me ajoelho, examinando os itens no chão e vejo que não falta nenhum livro, assim como os Louboutins e as camisas que escondo da minha mãe.

— Acho que não — respondo sem fôlego, ainda confusa.

Por que arrombar meu armário e não levar nada?

Olho nervosa para todos os lados, e pelo que eu posso ver, percebo que nenhum outro armário foi arrombado.

— Queria saber o que isso quer dizer — comenta Ten.

— O quê? — Eu olho para cima, seguindo seu olhar.

Ele segura a porta do meu armário fechada, mostrando-me a palavra escrita com marcador permanente preto na frente.

Vazia.

Fico olhando, confusa. Como?

Meus pulmões parecem pesados, e me esforço para pensar e tentar descobrir o que diabos está acontecendo.

Vazia? E por que só mexeu no meu armário?

Recolho todos os meus pertences e os coloco na mochila, completamente assustada por alguém ter feito isso enquanto eu estava no treino. A secretaria está fechada agora, mas com certeza farei uma reclamação sobre isso amanhã cedo.

Vestindo o casaco de lã preto, saio para o estacionamento com Ten, e cada um segue para o seu carro. Assim que entro, imediatamente tranco as portas.

Vou precisar arrumar um armário novo amanhã, também. Não dá para carregar toda essa merda comigo diariamente. Mesmo que só tenha mais um mês e pouco de escola.

Droga. Quem mexeria com as minhas coisas? Nem todo mundo gosta de mim – na verdade, Ten é a única pessoa que provavelmente não tem motivos para me sacanear –, mas ninguém em particular me chama a atenção. E se acontecer de novo?

Vou depressa para casa e, ao estacionar na garagem, não vejo nenhum outro carro. Minha irmã provavelmente ainda está na aula, e o carro da minha mãe está no aeroporto, esperando por ela quando voltar amanhã de manhã.

Olho na tela do meu celular e dou uma curta resposta para a mensagem que ela enviou mais cedo.

Vou chegar tarde amanhã. Treinando com as líderes de torcida... na natação.

Digito.

Tá. O jantar estará pronto.

Responde ela.

Não se esqueça de levar mais comida amanhã.

Tá bom, tá bom.

Guardo o celular na mochila. Algumas noites por semana, eu fico até tarde na escola para o treino das líderes de torcida e depois para as aulas de natação por algumas horas. Faço um pequeno intervalo entre as duas atividades para comer alguma coisa, já que não vou para casa jantar e fazer as lições.

Fecho a porta da garagem, pego minhas bolsas e entro na cozinha pela porta da garagem, pegando uma garrafa de água na geladeira antes de subir correndo as escadas.

Eu me sentirei melhor depois de um banho.

Com o que aconteceu com meu armário e o episódio no refeitório hoje, fazia muito tempo desde que me senti assim. As pessoas não riem de mim e caras como ele não me colocam no meu lugar. Não permitirei que ele mexa com a minha cabeça como eu deixei todas aquelas pessoas anos atrás. Sou mais forte agora.

Abro a porta do meu quarto e entro, as bolsas caindo das minhas mãos.

Que porra é essa?!

— Mas que merda você está fazendo aqui? — grito.

Masen, o cara novo, está sentado na minha poltrona, inclinando-se para trás com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Escuto uma música e olho para

o meu iPod no suporte, vendo que ele colocou “Stupid Girl”, de Garbage.

Ele dá um sorrisinho e olha para mim, relaxando como se não tivesse invadido minha casa e plantado a bunda em um lugar que não lhe pertence.

— Oiiii? — berro. — O que você está fazendo no meu quarto, idiota?

Exalando lentamente, ele aponta o queixo para mim.

— Eu fui primeiro, no que eu suponho ser, o quarto da sua irmã. Parece mais com você. Aquelas merdas de princesa rosa-choque com roupa de cama de estampa de zebra.

Fecho a porta depressa, não querendo que minha irmã chegue em casa e o veja aqui.

— Como entrou aqui?

Mas ele me ignora e continua:

— No entanto, acho que não era o seu nome em luz de neon roxa acima da cama. — Ele começa a rir, provavelmente por causa da decoração narcisista besta da minha irmã, e se levanta. — Ryen, não é? — pergunta, olhando ao redor do meu quarto. — Preciso dizer, isso não é o que eu esperava de forma alguma.

Sou muito diferente do que imagina, babaca.

— Saia.

— Me faça sair.

Fecho as mãos.

— Como é que entrou aqui?

— Pela porta da frente. — Ele caminha na minha direção. — Então, onde está?

Franzo a testa, confusa.

— Onde está o quê?

— Minhas coisas. — Sua expressão pronta para briga, o sorriso

ausente.

Suas coisas? Do que ele está falando?

— Saia! — grito. — Não sei de que merda você está falando.

— Você parece nervosa.

— Você acha?! — respondo. — Não gosto de caras estranhos na minha casa, e eu realmente não gosto de ninguém no meu quarto.

— Não tô nem aí — responde, parecendo entediado. — Você pegou algo meu. Duas coisas, na verdade, e eu as quero de volta.

— Não, não peguei. Agora saia!

Ele alcança atrás de suas costas e tira algo de trás da calça jeans, segurando-o. Sinto o sague gelar e o estômago revirar.

Merda. Meu diário.

Um grande diário com capa mole de couro branca repleto de chiliques e autopiedade que senti nos últimos três anos, e algo que não quero que ninguém veja. Jamais. Todo pensamento ou sentimento ruim que eu já tive sobre mim, minha família e meus amigos, que eu não conseguia expressar em voz alta, estava naquele diário.

Como ele o achou?

— Debaixo do colchão não é exatamente uma ideia original, sabe? — ironiza. — E sim, eu li essa parte. E uma outra. E outra.

Sinto as batidas do meu coração nos ouvidos e um grito sobe pela garganta.

Avanço nele.

Eu agarro o livro, mas ele me empurra para trás e eu tropeço na cama, seu corpo caindo sobre o meu.

Berro e grito, tentando pegar o livro.

Ele estica o braço para pegar algo, e então minha tesoura, que estava

em cima da escrivaninha, agora está apontando para o meu rosto. Congelo, olhando a ponta.

— Não se preocupe — zomba com uma voz sombria. — Garantirei que isso não caia nas mãos da sua mãe. Vou arrancar cada porra de página e as espalharei por toda a escola, então ouça com bastante atenção, sua filha da puta. Estou de saco cheio de falar com você e já cansei de olhar para a sua cara. Eu quero o medalhão e quero o papel que você pegou no Cove.

— Cove? — Ofego sob o peso do seu corpo. — Mas que por...

Mas do que ele está falando?

E, então, eu paro quando me dou conta. O Cove. Noite passada. O papel.

Quero te lamber enquanto ainda sinto seu verdadeiro gosto.

Depois hoje... Você tem gosto de merda.

Olho para ele, perplexa.

— Puta merda.

Aquele era o quarto dele?

Eu tinha razão. Havia alguém no túnel. Ele viu a gente.

Meus olhos se arregalam. Foi ele quem arrombou meu armário! É por isso que não sumiu nada. Ele não encontrou o que estava procurando.

Ele passa a tesoura perto da minha cabeça num piscar de olhos, e eu estremeço quando sobe a tesoura, alguns dos meus fios de cabelo castanhos claros flutuam no ar.

— Pare! — grito. — Eu não... eu...

Seus olhos verdes escuros se estreitam para mim, ameaçando e atravessando minha alma.

Resmungo, e com dificuldade pego meu travesseiro e enfio a mão por dentro da fronha, tirando um pedaço de papel gasto dobrado.

Empurro o papel no peito dele.

Ele o pega.

— Agora o colar.

— Eu não peguei um colar! — grito. — Só o papel.

Ele passa a tesoura no meu cabelo de novo e eu grito.

— Droga! Eu já disse! Não peguei ele! Eu...

Ten. Ten estava comigo. Ele pegou.

Merda.

— O que foi? — rosna Masen, provavelmente vendo a constatação no meu rosto.

Respiro fundo, flexionando o queixo.

— Meu amigo estava comigo. Vou pegar de volta. Tá legal? Vou pegar com ele. Agora sai de cima de mim!

Ele para, olhando para mim. E por fim, ele se levanta da cama e joga a tesoura na escrivaninha, colocando o poema no bolso de trás.

Eu levanto rapidamente, puxando meu cabelo amarrado e vejo o pequeno pedaço de cabelo que foi cortado. Poucos centímetros de alguns fios.

Olho feio para ele.

— Imbecil.

— Amanhã — exige, ignorando o meu insulto. — No estacionamento depois da escola. — E segura o meu diário no alto. — Vou ficar com isso como garantia.

— Não. Eu não confio em você.

— Quem diria, hein, Patricinha? — Ele sorri. — Temos algo em comum. Eu também não confio em você. — Ele enrola o diário em um punho fechado, apertando-o com força. — Agora não me faça perder mais tempo com você. Amanhã, na escola.

Ranjo os dentes, observando-o caminhar até a porta. Ele para antes de sair e se vira, dando uma última olhada no quarto.

— Sabe... eu realmente gosto do seu quarto — reflete. — Talvez se fosse mais parecida com ele na escola, as pessoas não falariam tanto pelas suas costas.

Ele sai, batendo a porta, e fico arrasada.

Olho a palavra escrita em letras grandes de giz na porta, uma que eu não escrevi.

Farsa.



Na manhã seguinte, vou até o armário de Ten, mas só depois de passar pela secretaria e denunciar o arrombamento do meu e conseguir um novo. Com os corredores lotados de alunos, abraço meus livros e viro de frente ao armário, tentando evitar chamar qualquer atenção.

— Está com você? — pergunto sem dizer oi primeiro.

Ele olha para cima da porta do armário e suspira, parecendo um pouco envergonhado. Mandei mensagem para ele ontem à noite, exigindo que trouxesse o medalhão hoje.

Enfiando a mão no bolso da bermuda que vai até o joelho, ele tira uma longa corrente com um medalhão de prata pendurado.

Eu o pego, instantaneamente me sentindo um pouco aliviada por ter nas mãos o que aquele idiota quer. Agora posso pegar meu diário de volta.

— Por que pegou isso? — pergunto rispidamente. — Achou que combinaria com suas camisetas da J. Crew?

Mas Ten apenas dá de ombros.

— Parecia uma antiguidade. Pensei que talvez valesse alguma coisa.

Deslizo o colar no bolso.

— Cleptomaníaco.

— Como você sabia que eu peguei mesmo assim?

Porque o cara novo e gostoso, que também está morando escondido em um parque de diversões abandonado, invadiu meu quarto ontem à noite, cortou meu cabelo e ameaçou expor minhas abomináveis reflexões a respeito de todos os meus amigos se eu não o pegasse de volta.

É, deixa quieto.

— Te vejo no almoço — respondo, ignorando a sua pergunta e saio para a aula de Arte.

Andando, eu tiro o colar do bolso e o viro, estudando a prata envelhecida e os detalhes intrincados ao redor da grande pedra azul do meio. Ten está certo. Parece uma antiguidade. Está com vários arranhões, e o metal parece bem grosso, mais maciço do que as típicas joias vendidas nas joalherias comuns.

O que esse colar significa para Masen Laurent? Abro o medalhão, subindo as escadas devagar, as pessoas correndo e rindo ao meu redor formando um eco distante.

Mas assim que eu o abro, franzo a testa, e não vejo fotos como imaginei, mas um pequeno pedaço de papel dobrado.

Tirando-o, eu o desdobro e viro, lendo o que está escrito.

Feche os olhos... Não há nada para se ver ao redor.

Paro de andar lentamente, encarando a nota e repetindo as palavras novamente.

Parece familiar, como se já tivesse ouvido essa frase antes. Ou tivesse dito, algo assim...

O segundo sinal avisando que devemos ir para a primeira aula toca, e eu dobro o papel, guardando-o no medalhão, fechando logo em seguida.

Todos se apressam, subindo e descendo as escadas, e eu corro para a minha classe, colocando o colar de volta no short.

De quem é esse medalhão? De um membro da família? Uma namorada? Talvez ele tenha roubado. Ele está morando no Cove, afinal, e a julgar pelo estado de suas mãos e jeans, não está com cara de que tem um pai ou mãe cuidando dele. Provavelmente não tem dinheiro, e se consegue invadir minha casa sem deixar rastro, é certeza que já fez isso antes.

Fico tentada a procurá-lo agora e pegar meu diário de volta, mas é provável que esteja em seu armário ou carro, e não confio que ele seja capaz de fazer uma troca rápida sem que os outros me vejam conversando com o esquisito que me jogou de cara no chão ontem. Não quero ser vista com ele outra vez.

E, felizmente, ele não aparece na aula de Artes. Talvez tenha saído dessa aula.

Ou – sinto um desânimo total – talvez não esteja na escola hoje. Meu corpo ferve de raiva. Se eu tiver que voltar naquele ferro-velho de novo para procurar por ele, ficarei puta da vida. Vou recuperar meu diário, custe o que custar.

Depois de Artes, vou para a aula de Inglês, levando meu livro, caderno e uma cópia de “Lolita”. Mas assim que entro na sala, eu o vejo sentado na fileira à esquerda da minha, uma mesa atrás.

Alívio e uma pitada de aborrecimento me atingem. Ele não estava nessa aula ontem. Ele vai frequentar mais alguma aula minha?

Mas parece que ele não me vê. Igual à aula de artes ontem, o cara simplesmente fica sentado na carteira, olhando para a frente com uma pequena carranca no rosto, como se toda essa situação fosse uma inconveniência para ele.

Sento-me no meu lugar, notando que seus jeans e camiseta preta estão limpos hoje.

Sr. Foster liga o projetor, a tela de seu laptop aparece no grande quadro branco à frente da turma e ele começa a andar pela sala, devolvendo o último trabalho que fizemos para cada um. O último sino toca, e as vozes na classe abaixam, murmurando enquanto o professor caminha pelas fileiras.

— Vou me arriscar e perguntar de uma vez — diz Foster, parando na minha mesa e segurando meu trabalho enquanto olha para mim. — Você leu mesmo o livro ou leu resenhas?

Ouço um bufo atrás de mim – JD, certeza – e sorrio.

— Você pediu uma análise da história, portanto, assisti ao filme — explico, puxando meu trabalho sobre “Anna Karenina” de sua mão. — Alerta de spoiler, tem bastante sexo nisso.

Gargalhadas explodem pela sala, e eu sinto adrenalina correr pelas veias, animando depois da pequena humilhação de ontem.

O Sr. Foster e eu sempre nos confrontamos, e mesmo que a aula de Artes seja a que mais gosto, Foster é meu professor favorito. Ele nos encoraja a usar nossa voz e é um dos únicos professores a conversar com seus alunos como adultos.

— Eu pedi uma análise do livro, Ryen.

— E eu tentei — respondo. — Eu tentei, sinceramente. Mas foi deprimente e inútil. O que eu deveria aprender? Na Rússia, mulheres não traem seus maridos no século XIX, ou serão banidas da sociedade e forçadas a se jogar na frente de um trem? — Eu me endireito na cadeira. — Já entendi. E da próxima vez que eu estiver na Rússia no século XIX, vou me lembrar disso.

Eu ouço JD rir de novo e mais risadas soam pela sala.

Mas Foster abaixa a voz, olhando-me profundamente nos olhos.

— Você é melhor que isso — sussurra ele.

Eu o olho por um momento, enxergando o apelo em seus olhos. Vendo o quanto ele pensa que sou inteligente e como ele está zangado por eu não fazer melhor uso dela.

Ele se afasta, indo para o próximo aluno, mas ainda falando comigo.

— Leia “Jane Eyre” e refaça — exige.

Eu deveria aceitar meu castigo de boca fechada e ficar agradecida por ele me dar outra chance em vez de aceitar o C que está escrito no meu trabalho sobre “Anna Karenina”. Mas não consigo resistir em fazer mais um pouco de graça.

— Posso pelo menos ler algo escrito nos últimos cem anos? — pergunto. — Tipo um em que um homem de meia-idade não está ludibriando uma garota de dezoito anos a cometer bigamia?

Ele vira a cabeça com uma expressão severa no rosto.

— Acho que você dominou a atenção da classe por tempo suficiente, Srta. Trevarrow.

— Na verdade — eu continuo. — Estou percebendo uma tendência neste semestre. “Anna Karenina”, “Lolita”, “Moça com o brinco de pérola”, “Jane Eyre”... todas as histórias com homens mais velhos e mulheres mais novas. Gostaria de nos dizer alguma coisa, Sr. Foster? — Pisco duas vezes, provocando o senhor.

A risada na classe fica mais alta desta vez, e vejo o peito de Foster subir com uma profunda e exasperada respiração.

— Aguardo o trabalho para amanhã — diz ele. — Entendeu?

— Perfeitamente — respondo e, em seguida, murmuro: — Tem um monte de filmes de “Jane Eyre”.

Os alunos ao meu redor riem baixinho, porque é claro que não consigo

ler um romance inteiro e escrever sobre ele tendo que treinar e dar aula de natação hoje à noite. Acabo com a provocação, satisfeita por ter vencido esse argumento. Aos olhos deles, de qualquer maneira.

Sinto o ar fresco e limpo enchendo meus pulmões.

— E quanto ao “Crepúsculo”? — alguém diz.

Paro ao ouvir uma voz profunda atrás de mim. Sr. Foster está na frente de sua mesa e olha para cima, concentrando-se sobre a minha cabeça.

— “Crepúsculo”? — pergunta ele.

— Isso. Patricinha? — Masen chama a minha atenção. — Você gostou de “Crepúsculo”?

Meu coração começa a bater mais forte. O que ele está fazendo?

Mas viro a cabeça de lado, encarando-o com uma expressão indiferente.

— Sim. Quando eu tinha doze anos. E você?

O canto de sua boca sobe, e mais uma vez sou atraída para o piercing em seu lábio.

— Aposto que adorou — diz ele, a sala inteira ouvindo. — Aposto que foi o que fez você querer ler. E aposto mais ainda que foi assistir a sessão de pré-estreia no cinema. Você tem uma camiseta do Edward, também?

Algumas risadas soam do meu lado e a pequena exaltação que eu senti um instante atrás é tragada para longe com a visão de seus olhos cheios de satisfação. Como é que poderia saber daquilo?

Comprei um livro de “Crepúsculo” quando era mais nova porque Robert Pattinson estava na capa, mas qual é, eu tinha doze anos, então...

Mas imediatamente depois de lê-lo, pedi a minha mãe que comprasse todos os livros da trilogia, e passei as duas semanas seguintes lendo a cada momento livre que tinha.

Arqueio uma sobrancelha, olhando para o professor.

— Embora seja fascinante que ele finalmente esteja falando e tudo mais, volto a querer saber qual é o objetivo disso.

— O objetivo é... — responde Masen. — Edward não era cem anos mais velho do que a Bella?

Oitenta e seis.

— Olha só — continua ele. — Você está julgando histórias sobre homens mais velhos e mulheres mais novas como uma espécie de perversão superficial e doentia por parte dos homens, quando na verdade, era bastante comum durante aquela época que os homens esperassem até terminarem seus estudos e tivessem uma carreira sólida antes de estarem prontos para sustentar uma esposa.

Ele pausa, e depois continua:

— Uma esposa, quase sempre mais nova porque precisava ter muitos filhos. Como a sociedade ditava. E, no entanto, seu precioso Edward Cullen tinha mais de cem anos de idade, ainda no colegial, morando com os pais e tentando transar com uma menor no século XXI.

A turma toda explode em gargalhadas e eu entro em desespero.

Eu vejo Masen pelo canto do olho, inclinando sobre a mesa, chegando perto da minha e sussurrando:

— Mas ele era bonitão, então acredito que é tudo o que importa, né?

Continuo olhando fixamente para frente, meu estômago revirando cada vez mais. Óbvio que Edward era décadas mais velho que Bella. Mas ele ser bonito não tinha nada a ver com o amor dela por ele.

Masen continua seu ataque:

— Agora, se ele tivesse a aparência da maioria dos homens de cem anos de idade — diz em voz alta, e eu o vejo ficar de pé. — Não teria sido

romântico, seria? Não existiria Bella e Edward. — Ele caminha até a frente da sala e dá a volta na mesa do professor, gesticulando para o laptop. — Posso?

O professor concorda, com ar cauteloso, mas permitindo.

Masen se inclina, e eu me recuso a olhar enquanto ele digita algo na barra de pesquisa. Só que quando mais risos explodem, desta vez mais alto, não consigo me segurar.

Olho para a tela e instantaneamente sinto raiva fazer meus dedos se fecharam em um punho.

Uma imagem enorme de um velho, mirrado, cheio de rugas, sem dentes e careca, com grossos pelos brancos brotando no alto do nariz, sorri para nós. E eu olho para Masen, que sorri de volta.

— O velhote Edward é um cara feliz — diz ele todo orgulhoso. — Porque está prestes a ficar pelado com a Bella.

— Aí, simmm! — grita JD e todo mundo se descontrola. Os alunos se dobram rindo, e a diversão deles me rodeia como uma parede se fechando. Está tudo ficando pequeno, e começo a sentir meus pulmões encolherem enquanto puxo o ar com mais força para conseguir respirar.

Cerro o maxilar. Filho da puta.

Masen cruza os braços, olhando para mim como se eu fosse uma refeição que ele está morrendo de vontade de comer de novo.

— Balance seus pompons, Patricinha — diz ele. — Você acabou de lembrar a todos nós que o amor só existe quando há beleza.



Ando o mais rápido possível, suor frio espalhando pelo meu pescoço e

costas enquanto entro depressa no vestiário feminino. O peso no peito aumenta, e eu passo as meninas se trocando para Educação Física. Deslizo em um dos chuveiros, fecho a cortina e abro a torneira.

Dou um passo à esquerda para não ser atingida pela água. O barulho me protege de ouvidos curiosos, e eu pego minha bombinha no bolso, dando duas rápidas bombeadas e encosto na parede, fechando os olhos.

Quatro anos. Não tive um maldito ataque provocado pelo pânico em quatro anos. É sempre provocado por exercício. Meus pulmões começam a se abrir e eu lentamente expiro e inspiro, esforçando-me para ficar calma.

Mas que merda tem de errado comigo? O cara não é uma ameaça. Eu dou conta de resolver isso. Ele estava me desafiando. E daí? Vou pirar toda vez que isso acontecer? Mais cedo ou mais tarde, deixarei a segurança de Falcon's Well, e não serei mais a "rainha" da escola. Estou parecendo uma criancinha.

Mas, então, tudo escurece. Lentamente, o mundo diante de mim começa a diminuir cada vez mais como se eu estivesse recuando em um túnel. A luz à minha frente – Masen, Sr. Foster, os outros alunos – tornam-se minúsculos conforme a escuridão engole a sala, e me senti completamente sozinha.

Exatamente como antes.



— Tudo bem, pessoal! — Sra. Wilkens, minha professora da quarta série, chama enquanto nos alinhamos na porta da sala de aula. — Quem vai ficar no horário do intervalo na sala, nada de conversa. Mãos à obra. — Então ela olha para nós. — O resto, podem ir, por favor.

Quem está na frente puxa a fila, saindo pela porta e todo mundo corre

atrás, indo para o recreio. Alguns alunos correm para os espirobols, outros para as barras e alguns dão uma volta pelo asfalto pintado com jogos, pensando no que querem fazer.

Todo mundo passa por mim, e eu caminho devagar, inquieta e observando enquanto cada um encontra sua turma e começa a brincar. O sol está quente, e eu lentamente entro no caos, olhando em volta, sem saber aonde ir ou com quem conversar.

Isso acontece todos os dias.

Meninas correm para outras garotas, sorrindo e conversando. Meninos brincam com outros meninos, jogando bolas para lá e para cá e subindo nos brinquedos. Alguns dos alunos da minha sala sentam-se na grama e brincam com pequenas coisas que trouxeram escondido para a escola, e todos se encontram, formando duplas.

Mas ninguém está me procurando.

Eu arrasto meus pés, sentindo um mal-estar por dentro. Odeio a hora do recreio. Devia ter ficado na sala, pintando ou escrevendo no meu diário ou algo assim.

Quero que eles saibam que estou aqui, no entanto. Eu quero que eles me vejam.

Não gosto de ser esquecida.

Olho para Shannon Bell e algumas outras garotas da classe, seus cabelos e roupas são sempre tão legais e bonitos. Por que jamais consigo me parece assim? Passo as mãos pela saia até o joelho e camisa Polo, com a aparência de uma garota tão boa. Minha mãe sempre amarra meu cabelo para trás em um rabo de cavalo, mas quero cacheado igual ao delas.

Molho meus lábios, engulo o grande nó na garganta e caminho até elas.

— Oi — eu digo, sentindo muita dificuldade para respirar.

Elas param de falar e olham para mim, sem sorrir. Aceno para a mão de Shannon.

— Gosto da cor do seu esmalte.

Na verdade, eu não gosto. Acho amarelo horroroso, mas minha mãe disse que elogiar as pessoas é uma boa maneira de fazer amigos, portanto...

Shannon solta um bufo curto, com cara de envergonhada por suas amigas me verem conversando com ela. Ela dá uma olhada para elas.

Sinto uma mão invisível me afastando delas. Elas querem que eu vá embora, né?

Mas eu forço um sorriso e me esforço mais.

— Ei — digo a outra garota, vendo seus sapatos Mary Janes. — Nossos sapatos são iguais. — E olho para o meu, mostrando a ela.

Ela ri, revirando os olhos.

— Credo.

— Meninas — outra garota repreende as amigas, mas elas não param de rir.

— O que é isso? — Shannon aponta para a protuberância no bolso da minha saia.

Eu me sinto um pouco desapontada. Ninguém na sala tem uma bombinha, e agora isso me torna ainda mais diferente.

— É só a minha bombinha — respondo, falando baixo. — Tenho alergias e asma e outras coisas. Nada demais.

Mantenho os olhos para baixo porque não quero ver a troca de olhares entre elas. Entorto os lábios, sentindo vontade de chorar. Por que não consigo ser legal?

— Você acha o Cory Schultz bonito? — Shannon fala.

Pisco, ficando em estado de alerta.

— Não — respondo rapidamente.

Cory Schultz está na nossa classe, e ele é muito bonito, mas não quero que ninguém saiba que eu acho isso.

— Bem, eu o acho bonito — diz ela. — Todas nós. Acha que tem algo de errado com ele?

Olho para cima, fazendo que não com a cabeça.

— Não. É só que... Sim, acho ele meio bonitinho.

Uma garota atrás de Shannon cai na gargalhada e Shannon, de repente, se afasta em direção à quadra de basquete.

Meu coração começa a acelerar. Ela caminha até Cory e sussurra algo em seu ouvido, e ele se vira para olhar para mim, fazendo cara de nojo.

Não.

Todo mundo começa a rir e eu me viro e corro, ouvindo:

— Ryen gosta de Cory. Ryen gosta de Cory.

Começo a chorar, lágrimas escorrem pelo rosto e eu tremo com os soluços. Corro por trás da parede do prédio e me escondo enquanto desmorono.

— O que você tem agora? — minha irmã, que está na quinta série, pergunta se aproximando de mim. Ela deve ter me visto fugindo.

— Nada — eu choro. — Vá embora.

Ela resmunga baixinho, soando brava comigo.

— Encontre logo algumas amigas, assim eu posso brincar com as minhas e a mamãe para de me fazer brincar com você. Pode fazer isso?

Choro ainda mais quando ela se afasta. Ela tem vergonha de mim. Não sei o que há de errado comigo.

Seco as lágrimas e volto para a minha sala. Tenho certeza de que meu rosto está todo vermelho, mas posso me esconder atrás das pastas e deitar a

cabeça na mesa.

Entro em silêncio, vendo alguns alunos que queriam trabalhar em seus projetos, sentados em suas mesas enquanto Sra. Wilkens está sentada em seu computador de costas para mim. Deslizo na minha carteira e pego duas pastas, e as levanto, formando uma cerca ao meu redor. Abaixo a cabeça e me escondo.

— Quer me ajudar? — uma voz diz.

Olho para a minha direita e vejo Delilah trabalhando em um grande pedaço pardo no chão. Ela segura um canetão, as unhas sujas e a franja loira caindo nos olhos. Ela sempre fica na sala durante o intervalo. Ao contrário de mim, ela parou de tentar se encaixar há muito tempo.

Eu pego o canetão, sentando no chão com ela.

— Obrigada — respondo, olhando sua Torre Eiffel desenhada à mão que é quase do meu tamanho.

Ela sorri, e começamos a pintar, colorindo-a conforme meu peito começa a ficar mais leve.

Ela é sempre legal. Por que me importo tanto com o que as outras garotas pensam? Por que eu quero ser amiga delas?

Tento ser legal, mas nunca é o suficiente.

Mas elas são más e todo mundo as adora.

Por que é assim?



Eu me inclino para frente, descansando as mãos nos joelhos e afastando a lembrança da cabeça. Não sou mais assim. Estou bem. Tenho tudo sob controle. Ele pressionou, eles riram e eu sufoquei. Fui complacente. Só

preciso retrucar da próxima vez. Sou boa nisso.

Ou simplesmente ignorá-lo. Não é nada demais mesmo. Nenhuma dessas pessoas será importante em alguns meses.

Porcaria de “Crepúsculo”. Como ele pôde adivinhar isso? Inspiro e expiro, meus músculos finalmente relaxando. Masen Laurent está consistentemente um passo à frente.

Guardo minha bombinha no bolso, fecho a torneira e saio do chuveiro, deixando o vestiário. Estou atrasada para a aula de Matemática, mas sigo em frente e ajo como se o episódio na aula de Inglês nunca tivesse acontecido.

Ninguém está falando nesse assunto. Ninguém trocando mensagens sobre isso. Masen Laurent ainda é um completo desconhecido, e ninguém acredita que sou a criança mimada e superficial que ele está me fazendo parecer.

Absolutamente ninguém.



O resto do dia passa impiedosamente devagar; enfrento o almoço e todas as aulas, sentindo que a qualquer segundo algo vai acontecer. Mas assim que o sinal da saída toca, guardo meus livros no armário, pego a bolsa com as coisas para o treino de torcida e da aula de natação e saio, apressando-me para o estacionamento do lado oeste.

— Ryen? — Escuto Lyla gritar atrás de mim.

Mas continuo andando.

— Já volto! — respondo por cima do ombro.

Ela sabe que temos treino e provavelmente está querendo saber por que estou saindo.

Andando no estacionamento, vejo alunos se empilhando dentro dos carros e motores acelerando, meus olhos percorrendo entre as pessoas à procura do novo cara. Eu finalmente o vejo entrando em uma caminhonete preta, sem carregar nada. Nenhum livro ou pasta, absolutamente nada.

Andando em direção a ele, noto alguns caras cumprimentando-o enquanto minha amiga Katelyn se aproxima dele, timidamente passando a mão na lateral de sua caminhonete e agindo toda tímida e essas merdas todas.

Minhas esperanças são despedaçadas. Ele já chamou a atenção de todo mundo.

Eu hesito, vendo-a abraçar seus livros e conversar, rindo de algo que ele disse, tudo isso com ele a olhando, calmo e tranquilo, do mesmo jeito nada amigável que me tratou.

Por que isso me agrada?

Acho que é um alívio saber que talvez eu não seja especial. Ele é rude com todos, exceto os caras que passaram por ele agora pouco.

Ou, talvez, não teria gostado de vê-lo sorrir para ela e não para mim ou...

Respiro fundo, ficando impaciente. Não quero que ela me veja conversando com ele, mas preciso daquele diário.

Caminho até eles, erguendo o queixo e acenando para Katelyn.

— Eu te vejo no treino.

Ela fica parada com ar de surpresa. Seguro a alça da minha bolsa pendurada no ombro e a encaro, esperando que ela saia.

Por fim, ela revira os olhos e sai, deixando-nos sozinhos.

Com certeza vai fofocar com a Lyla.

Coloco a mão dentro da bolsa e tiro o medalhão e entrego para ele.

Ele pega o colar, com delicadeza, e olha para ele por um momento

antes de enfiá-lo no bolso. Ele ergue os olhos para mim e algo cede. Por uma fração de segundo vejo algo diferente. Como se ele estivesse... desapontado ou algo assim.

— Agora me dê o diário — exijo.

— Eu sinto muito — diz, encarando-me —, mas infelizmente não estou com ele aqui.

— Para de me irritar — resmungo. — Eu te dei o que você queria.

— O que eu quero... — Ele ri baixinho consigo mesmo como se existisse alguma coisa que eu não sei.

Ele abre a porta do motorista e entra na caminhonete. Mas antes que ele possa fechá-la, eu a alcanço e seguro aberta.

— Nós tínhamos um acordo.

Ele concorda.

— Tínhamos. Mas agora o que eu gostaria de fazer é te irritar. — E puxa a porta da minha mão, fechando-a com força.

Ligando o motor, ele pisa no acelerador, e passo a mão no cabelo, o desespero me invadindo. Mas hesito apenas um segundo antes de largar a bolsa no chão e correr até ele, pulando no estribo da caminhonete.

— Seu babaca — brigo, e ele pisa no freio e olha para mim.

É bem provável que eu esteja chamando atenção, mas não vou aturar as merdas dele.

— Desce da caminhonete.

Nego com a cabeça.

— Não sei quem é você ou de onde vem — digo rispidamente —, mas não sou intimidada por ninguém. Caso não tenha percebido.

Ele gesticula com o queixo para algo atrás de mim, sorrindo.

— Veremos.

Eu me viro e vejo Lyla e Katelyn sentadas no degrau no topo da escada, nos observando. Que ótimo. Como vou explicar isso?

— Cuidado. Você está sendo julgada — insulta Masen. — Não gagueje.

Desço do estribo e ele engata a marcha de novo. Mas antes que ele saia, eu digo:

— Você está vivendo em um parque de diversões abandonado.

Ele volta a parar o carro e levanta o queixo. Vou até sua janela, sentindo um pouco do meu poder retornar conforme dou um sorrisinho para ele.

— Eu só estaria sendo piedosa — digo —, avisar para um adulto sobre sua situação sem moradia.

Ele fica tenso com a minha ameaça e dou um suspiro compreensivo.

— Os agentes do Serviço Social viriam, e descobriam de onde você é e se alguém está procurando por você... — continuo, colocando o dedo no queixo fingindo contemplar. — Eu me pergunto se Masen Laurent tem uma ficha criminal. Será que é por isso que está se escondendo? Você definitivamente quer ficar invisível. Apostaria dinheiro nisso.

Sua cara amarrada é sexy e vejo a mandíbula flexionar. Sim, ele pode ter dezoito anos e ser perfeitamente capaz de se esconder onde quiser, mas isso também não quer dizer que ele esteja disposto a chamar atenção. Talvez seus pais estejam procurando por ele. Ou uma família adotiva.

Quem sabe, a polícia.

Além disso, poucos alunos transferem de escola seis semanas antes do final do último ano. Ele está fugindo de alguma coisa.

Ele engata de novo a marcha e finalmente fala:

— Eu trago hoje à noite.

— Vai trazer agora.

Ele vira e me olha.

— Se continuar me enchendo o saco, nunca o terá de volta — ameaça. — Tenho coisas para fazer. Eu te vejo à noite.



MISHA

Cara Ryen,

Seguro a caneta sobre o papel, congelado, as milhares de coisas que eu quero dizer para ela todos os dias se perdem assim que eu me sento para escrever. O que ela sempre me disse? Basta *começar*. Não se preocupe com o que vai dizer. Basta começar e tudo vai começar a sair.

Não sabia escrever músicas antes de Ryen. E agora, desde aquela noite há três meses, não consigo escrever nada.

Fico observando o galpão vazio, a fuligem preta das antigas fogueiras cobrindo as paredes e a brisa morna atravessando as janelas quebradas pegando nas minhas costas.

Uma corrente pendurada em algum lugar no vasto espaço sobre mim chicoteia com a rajada e bate na viga enquanto um arrepio sobe pela minha espinha.

Parece diferente aqui. À noite este lugar fica lotado, mas durante o dia é quieto e vazio. Meu lugar favorito para vir quando preciso disso.

Olho para o seu nome, tentando lembrar como era fácil sempre me

abrir com ela.

Odeio isso, digo a ela. *Tudo doí pra caralho. Eles não deveriam tê-la enterrado. Eu não deveria ter deixado. Ela viu um filme quando era criança, sobre uma mulher enterrada viva, e aquilo a deixava apavorada. Ela não queria ficar debaixo da terra, mas meu pai disse que precisávamos de um lugar para visitá-la, como se seus desejos não fossem o mais importante.*

Fecho os olhos, umidade cobrindo as bordas das pálpebras. Raiva se agita dentro de mim, e flui pelos braços enquanto entalho as palavras no papel.

Não consigo te escrever. E quando escrevo, não consigo enviar as malditas cartas. Eu quero te machucar. Não sei porquê. Provavelmente porque é a única pessoa que me resta para machucar. Cada carta que me manda e eu não respondo é a única coisa que ainda me faz sentir bem. Você quer a verdade? É isso. É bom mexer com você desse jeito. Me dá prazer, saber que está pensando em mim, mas querendo saber se eu estou pensando em você.

Não estou. Nunca penso.

Continuo escrevendo, permitindo que cada coisa feia saia, porque ela me ama, quer que eu seja feliz, e quer que eu sorria e faça coisas banais como conversar sobre Star Wars e música e qual faculdade vou fazer. Quem diabos ela é para assumir que não há coisas mais importantes do que ela vivendo no mundo?

Todas as suas cartas, ao longo de todos os anos, foram imediatamente para o lixo depois que as li. Não percebeu como parecia ridícula? Enviar cinco cartas para cada uma das minhas? Aposto que você também se iludiu. Imaginou que eu as guardei? Talvez com um pequeno laço vermelho amarrando a pilha enquanto me masturbo por causa delas, porque amo tanto suas lindas palavras?

Não. Porque depois que eu finalmente te fodesse, eu ficaria

entediado. Não é nada além disso.

Respiro profundamente, cerrando o maxilar ao mesmo tempo em que pressiono a caneta no papel. Sinto a culpa me infiltrar.

Ryen.

A mentirosa. A impostora. A megera superficial que não é diferente de todas as outras.

Mas, então, abaixo meu olhar, lembrando...

Ryen.

A garota que, na quinta série, colocou cinco dólares em uma carta quando eu disse a ela que meu pai tirou minha mesada.

A garota que me faz sorrir quando discute comigo dizendo que a salsicha domina o sabor da pizza e me manda uma torta vegetariana no meu aniversário para provar que estou errado. Ela não estava. Torta de carne é muito melhor.

A garota que entende todas as minhas referências de cinema, sabe quando algo está errado, diz tudo o que preciso ouvir e faz o mundo parar de girar ao meu redor.

Ryen. A garota linda e perfeita que é tão diferente de todas as outras.

Passo a mão pela testa e através do cabelo, sentindo um nó apertado na garganta e meus olhos ardendo.

Porra. Coloco a caneta no papel e rabisco o que meu maldito coração só pode sussurrar.

Sinto sua falta todos os dias, escrevo. Você é meu lugar favorito.

Depois solto a caneta e arranco o papel do meu caderno. Pego uma caixa de fósforos no bolso da calça jeans, a que eu uso para acender a lamparina no meu quarto no Cove, e risco um fósforo, observando a ponta brilhar laranja e amarela. Eu o levo até a carta, colocando fogo no canto. Rapidamente as bordas

ficam pretas e queimam conforme a chama se espalha pelo papel, comendo cada palavra enquanto as linhas azuis desaparecem lentamente.

Solto um suspiro, puxando meu piercing entre os dentes. A garota que eu vi ontem na sala de aula – ela me desapontou. Minha Ryen, a que eu achava que conhecia, nunca trataria alguém do jeito que ela tratou aquele garoto, Cortez. O jeito que simplesmente ficou parada e deixou aquele filho da puta mexer com ele. Eu esperei por sua reação. Fiquei ali sentado e esperei que ela levantasse a bunda da cadeira e o defendesse, dissesse alguma coisa, fizesse qualquer coisa, mas...

Nada.

Tudo faz sentido agora. A líder de torcida que falou em suas cartas e tudo o que odiava – ela estava falando de si própria.

Deixo a pequena chama cair no chão de cimento e me levanto, esfregando o sapato no pó, pisando nele.

Olho no meu relógio e vejo que já passa das sete. Passei em casa depois da escola, antes do meu pai chegar, para verificar minha correspondência e pegar algumas coisas, peguei um pouco de comida e vim para cá. Eu me lembro de Ryen dizer em suas cartas que dá aulas de natação de terça a quinta à noite na piscina da escola. É onde provavelmente a encontrarei agora.

Devia ter devolvido o diário dela. Ela encontrou o medalhão de Annie, e eu não quero começar merda nenhuma com ela, principalmente porque não é por causa dela que eu estou aqui, e estou caindo fora da cidade assim que conseguir pegar o que vim buscar.

E ela e eu nunca mais teremos que nos cruzar outra vez.

Mas, preciso admitir, tirar com a cara dela na aula de hoje foi a primeira vez que eu sorri depois de tanto tempo. É difícil resistir.

Saio do galpão e vou até minha caminhonete e entro, batendo a porta.

E do nada vejo a porta do lado do passageiro se abrir, e eu dou um pulo, assustado.

Dane sobe e me lança um sorriso tranquilo enquanto se senta, parecendo à vontade.

— Netflix e relaxar?

Bufo e viro as chaves na ignição.

— Saia.

O motor ressoa com um ronronar suave que trabalhei arduamente para manter. Meu primo me deixou esta caminhonete quando ele ficou “indisponível” por três anos, mas agora que ele voltou, não apareceu para reivindicá-la, portanto, acho que é minha. Fiquei agradecido quando ele me passou as chaves anos atrás. Não queria pedir ao meu pai um carro quando chegasse a hora.

— Eu saí com uma menina ontem à noite, né? — continua Dane, ignorando o meu pedido. — Você se lembra daquela garota da Sigma Kappa? Ela estava no show na noite passada, e estava tudo indo muito bem, um comendo o outro com os olhos por quatro horas do caralho... — Ele pausa e se vira para mim, sua voz ficando impaciente. — Ela me levou para casa, cara, e eu, sentado na sala enquanto ela estava no banheiro, e tão excitado, porque ela é muito gostosa, né? E quem entra?

— Dane. — Fecho os olhos, querendo que ele cale a boca.

— A mãe dela, cara! — solta exaltado. — A mãe de camisola rosa claro com pernas fantásticas. E deixa eu te dizer, cara... A mãe da Stacy é a maior gata!

Não consigo me segurar. Começo a rir da referência da música “Stacy’s Mom”, de Fountains of Wayne, e aperto a ponta do nariz, cansado, mas me sentindo um pouco mais relaxado, mesmo que jamais admitiria isso para ele.

Mas que idiota.

Dane tem vinte e um anos, mas nunca descobriu o que queria da vida depois do colegial. Ele ainda mora na casa dos pais, adora tocar música, mas não tem pressa de ser alguém até estar mais velho. Gostaria de desapegar das coisas tão fácil quanto ele.

Respiro suavemente e olho para ele, sentindo-me culpado por ele ainda ser um bom amigo, enquanto que eu tenho sido um péssimo ultimamente.

— Sinto muito sobre a banda.

Depois que Annie morreu, não consegui ver nada além disso. Comecei a faltar à escola, saí da banda, parei de tentar ter um relacionamento com meu pai...

Ele ficou destruído ao perder Annie, e eu segui com a rotina por alguns meses, ficando por perto, mas não tinha condições de passarmos o luto juntos, e eu não era capaz de ficar e ver aquilo. Ele estava triste. Eu estava com raiva. Perdê-la só serviu para quebrar o pequeno elo que tínhamos um com o outro.

E meu lixo de mãe não compareceu no funeral. Penso nisso todos os dias e fico mais lívido.

Mas Dane apenas dá de ombros.

— Estamos passando o tempo até que esteja pronto para voltar — comenta. — Você sabe que não somos nada sem você.

— É, bem... Não escrevo há meses. Acabou, então não esperem por mim.

Depois que eu saí da banda, os caras assumiram tudo e continuaram só os três. Eles ainda tocam aqui e ali, e a turnê de verão ainda está programada. Eu sei que Dane está esperando que eu esteja de volta aos eixos, mas tenho zero vontade. Quando perdi Annie, também perdi Ryen e agora nada está falando comigo. Não sei se algum dia terei alguma coisa para escrever ou algo mais a dizer.

— O que é isso?

Dou uma olhada para Dane, que segura o diário branco de Ryen, folheando as páginas, lendo-as.

— Você está escrevendo, afinal? — pergunta, mas depois para em uma página. — Não. Isso é letra de garota. — Ele continua a ler e depois solta uma risadinha. — É de uma garota muito malvada. Quem é ela?

Tiro o diário da mão dele e jogo no banco.

— Minha musa.

— Ela quer o diário de volta?

Sorrio.

— Mais do que tudo.

Ele puxa o cinto de segurança e prende.

— Bom, então vamos nessa.



Entrando na escola, ouço o zumbido distante de um aspirador de pó, provavelmente vindo da biblioteca, já que é a única sala da escola que eu reparei que tem carpete.

Olho para a esquerda. Deve ter um zelador daquele lado. Não sei quantos são, mas tem que haver mais de um com uma escola deste tamanho.

Minha escola, Escola Preparatória de Thunder Bay, é um pouco menor, mas, em muitos aspectos, muito melhor. A de Falcon’s Well quase não tem segurança – olho para as câmeras que estão sendo instaladas, mas ainda não estão funcionando – e os esportes daqui são péssimos.

Os corredores estão escuros, as portas das salas de aula estão fechadas

e, como percebemos que o estacionamento estava quase vazio quando entramos, isso significa que os treinos de lacrosse, das líderes de torcida e atletismo devem acontecer durante a noite.

Talvez alguns professores estejam rondando no segundo e terceiro andares, mas além dos zeladores, só a Ryen está aqui, dando aula na piscina.

Vou até as portas da Secretaria, olhando ao redor para me certificar de que estamos sozinhos, e entrego o diário para Dane.

— Segure isso.

— O que estamos fazendo? — Ele coloca o capuz de sua blusa preta, e nervoso, olha para uma das câmeras desativadas.

Puxo uma chave inglesa do bolso da calça jeans e volto a mão no bolso, sentindo o clipe que eu tirei de uma página do diário de Ryen. Abro o clipe e o endireito, dobrando só um pouco uma das pontas.

Dane observa quando insiro a chave, aplicando pressão e sentindo o vão que cede mais, antes de enfiar o clipe na fechadura e mexer com os pinos, pressionando todos os cinco até que dão um clique. Aumento a pressão na chave e...

Clique.

A fechadura gira e a porta abre.

— Onde aprendeu isso? — sussurra, parecendo surpreso.

— YouTube. Fica quieto.

Nós deslizamos para dentro da secretaria, examinando rapidamente a área para ter certeza de que está vazia. As mesas atrás do balcão estão vazias, e dou uma rápida olhada à esquerda, vendo “Sra. Burrowes” escrito em uma porta. Ando e mexo na maçaneta, também a encontrando trancada. Inserindo a chave, trabalho rapidamente e fico aliviado quando a maçaneta finalmente cede, abrindo a porta.

Encaro a sala, espantado que isso deu mesmo certo. Nunca abri uma fechadura antes, até pesquisar no Google esta tarde e praticar em algumas portas velhas e enferrujadas no Cove.

— Sala da Diretora. — Dane entra, parando na porta comigo. — Passei muito tempo numa dessas. Acho que me deram meu diploma só para se livrarem de mim.

Sua voz é carregada de humor, e eu coloco a chave e o clipe de volta no bolso.

— Shhh.

Entrando, imediatamente vou até os arquivos e começo a abrir as gavetas, em busca de algo parecido com o que estou procurando.

Vasculho os arquivos de alunos, orçamentos, recibos, ficha de professores, registros disciplinares...

— O que está procurando?

Abro gaveta atrás de gaveta, arrastando os dedos sobre os arquivos enquanto percorro os olhos por eles rapidamente. Tem que estar aqui. Uma vez, Annie me contou que enviou as coisas para cá.

— Cara, a gente deveria sair daqui — pede Dane, parecendo nervoso.

E então eu acho. Uma pasta grossa marrom com uma etiqueta escrito “Pessoal” e um elástico enrolado em volta.

Eu a pego, abrindo-a depressa e dando uma olhada dentro. Está cheio de envelopes cor de rosa e um pequeno álbum de fotografias, e uma dor estremece no meu peito enquanto forço um nó descer pela garganta.

Annie.

Fecho a pasta e passo o elástico nela, fechando as gavetas e saindo do escritório. Ainda tem pessoas no prédio e não quero ser pego.

Dane me segue quando me viro e aperto o botão, puxo e tranco a porta

atrás de nós.

Infelizmente, as portas duplas na frente são trancadas com chaves, então não posso encobrir meus rastros nelas. Espero que os funcionários da secretaria pensem que esqueceram de trancá-las ao saírem esta tarde.

Dane olha para a pasta na minha mão.

— O que isso tem a ver com o diário? — Ele segura o diário de Ryen.

— Nada. — Ando pelo corredor em direção aos vestiários na parte de trás da escola, tirando o diário de sua mão. — Nada mesmo.

Ryen não é o motivo de eu estar em Falcon's Well, mas sabia que a encontraria aqui. Algo que eu temia.

Ela não merece minha atenção. Annie é tudo o que importa. Mas depois de meses sem dar a mínima para nada – para a minha família, amigos ou para a música – ter Ryen perto é uma espécie de distração. De um jeito quase que agradável.

Não importa, porém. Peguei a pasta, e assim que conseguir a outra coisa que vim buscar, vou embora. Tenho créditos suficientes para me formar em janeiro e não vou voltar para casa. Vou assumir meu nome e documento falso, e tentar esquecer.

Esquecer que estava tirando selfies com a Ryen naquela noite, ignorando meus instintos e responsabilidades, enquanto minha irmã morria sozinha em uma estrada escura e fria.

Entramos no vestiário, sabendo que dava para acessar a piscina através dele. Passando pelos escritórios e a área dos armários, vejo algo pelo canto dos olhos e pego o vislumbre de dois corpos no chuveiro.

Entro no corredor e paro lentamente... Será que acabei de ver... ?

Indico com o queixo para Dane seguir em frente.

— Tem uma piscina naquela direção. Vá na frente. Eu vou em seguida.

Ele acena com a cabeça vagarosamente e sai do vestiário. Volto e, mantendo o corpo perto da parede, espio com cuidado naquela direção.

Diversão faz os cantos da minha boca subirem. Bem, parece que nem todo mundo dos treinos de líder de torcida e lacrosse foram para casa durante a noite, no final das contas.

Trey Burrowes, o cara que pensa que a Ryen é dele, está no chuveiro, segurando sua melhor amiga – Lyla, né? – contra a parede do banheiro, os dois pelados, molhados e trepando enquanto água espirra em cima deles.

Típico.

O cabelo preto de Lyla está amarrado em rabo de cavalo e molhado, seus braços e pernas estão enrolados em volta dele, segurando firme enquanto ele agarra sua bunda e mete com força, os dois respirando com dificuldade e gemendo baixinho.

Esse é o cara com quem a Ryen quer ir ao baile de formatura? Ela escolhe seus namorados tão bem quanto seus amigos. Eu me pergunto quanto tempo estão fodendo sem ela saber.

Mas quem sabe, se ele está comendo essa garota, então pode ser que não esteja conseguindo nada com a Ryen.

Uma gota de satisfação me atinge.

Eu viro e saio do corredor, empurrando a porta do vestiário e vejo a impressionante piscina coberta de dez raias.

Os pais sentados na arquibancada olham e tiram fotos, enquanto Dane está encostado na parede. Eu me aproximo e paro ao lado dele, acompanhando seu olhar.

Ryen está na piscina com quatro alunos – crianças, provavelmente menos de dez anos – e move os braços em grandes círculos enquanto mergulha o rosto na água.

Os alunos contam.

— Um-dois-três-respira! — gritam elas, e Ryen vira a cabeça de lado, respirando antes de mergulhar outra vez. Ela circula os braços de novo, simulando nadar na água, dando três braçadas enquanto contam. — Um-dois-três-respira!

Ela levanta a cabeça e fica de pé, tirando o cabelo do rosto.

— Tá legal, agora é a vez de vocês!

Todas as crianças começam a imitar seus movimentos conforme ela conta.

E só a observo. Ela dá um grande sorriso, claramente orgulhosa quando todos entram em sincronia, completando as braçadas e respirando quando deveriam, e tenho que me esforçar muito para não rir quando um dos meninos espirra nela sem querer. Ela finge ficar brava e solta um grunhido, espirrando de volta nele.

— Tudo bem, mais uma vez! — grita ela. — Um-dois... — E então ela para, seus olhos caindo em mim.

Eles se estreitam e a olho fixamente, vendo a raiva começar a ferver, acabando com seu sorriso.

— De novo! — diz vigorosamente para as crianças, seu olhar descendo para a minha mão segurando o diário.

— Aquela água parece gelada — comenta Dane, dando uma risada baixa, e sei ao que ele está se referindo.

Meus olhos vagam para seus seios, vendo os pontos duros dos mamilos pressionando contra a blusa de Neoprene preta. Um feito bastante impressionante, considerando que o material úmido está agarrado à sua pele, e consigo ver que também está usando um biquíni por baixo, acrescentando preenchimento extra.

Algo pelo qual eu agradeço. Olho para as arquibancadas, vendo alguns pais olhando para baixo, e mesmo que provavelmente estejam olhando para os filhos, não gosto que possam estar olhando para ela. Ela não precisa dar um show para eles.

Volto o olhar para ela, vendo-a sorrir para as crianças.

— Ótimo trabalho, pessoal! — Ela anda na frente deles, dando um "toca aqui" com cada um antes de parar na frente do último, perguntando: — Máquina de lavar roupa ou bala de canhão?

— Máquina de lavar! — a menina com sardas grita.

Ryen a pega, a embala nos braços, e gira na piscina, chicoteando para a esquerda e, depois para à direita com a criança apertando os olhos fechados e rindo.

— Shoo, shoo, shoo, shoo — faz Ryen, imitando o som da máquina.

Eu me mexo e respiro fundo, percebendo que tinha esquecido de respirar por um momento.

— Eu, eu! — O próximo garoto acena com a mão no ar e grita: — Bala de canhão!

Ryen o pega. Ela joga o menino no ar, e ele flutua por alguns metros acima da água e, afunda, fazendo um grande "splash".

Afasto os olhos bruscamente, lembrando a mim mesmo que não me importo. Fico ao lado de Dane e espero ela terminar de brincar com todas as crianças, e assim que os libera para seus pais, caminho até o banco onde ela está se secando.

— E eu aqui pensando que você comia criancinhas — ironizo, entregando-lhe o diário.

Ela joga a toalha de lado e pega o diário, abrindo e, imediatamente o verifica.

— É que eu gosto de brincar um pouco com a minha comida antes de comê-la.

Ela folheia o diário, provavelmente olhando para ver se está faltando alguma coisa.

— Não tirei nenhuma página — eu asseguro a ela.

— Como vou saber que não tirou cópias?

— Porque eu não brinco com a minha comida antes de comê-la.

Dane pigarreia ao meu lado, falando baixo:

— Vou para o estacionamento. E não precisa ir correndo, eu te espero.

Ele acompanha os pais e seus filhos para fora do ginásio pela porta lateral. Ryen guarda o diário em sua bolsa e pega a toalha, voltando a secar as pernas. O biquíni preto, ao contrário da camiseta, não é tão conservador quanto eu gostaria. As pernas dela tonificadas são firmes e suaves, e as gotas de água em suas coxas fazem meu coração disparar.

Ela vê que ainda estou aqui e franze a testa.

— Bem? — diz rispidamente. — Já pode ir agora.

Enfio as mãos no bolso.

— E por que eu faria isso, Patricinha? Quando sua presença é tão acolhedora.

— Por que continua me chamando de Patricinha?

Eu ignoro a pergunta, mantendo os olhos fixos nos dela. Mas então eu a vejo estremecer e, sem pensar, olho para baixo, vendo que os mamilos estão mais duros do que antes. É obvio que ela está com frio, e imagens dela no chuveiro, tomando um banho quente invadem minha cabeça. Nua, vapor, calor...

Espera...

Chuveiro. Olho para a porta do vestiário masculino. Sua amiga e aquele filho da puta ainda poderiam estar por lá. E se ela ouvir alguma coisa? Ou

se vir os dois juntos?

Volto a atenção para ela. E daí? Ela deveria descobrir que porra de pessoas cretinas são aquelas cujas opiniões ela se importa tanto. Deveria descobrir exatamente o que era um investimento ruim. Ela pediu por isso.

Mas, por alguma razão, não quero que ela veja aquilo. Não despreparada. Se vir seu par do baile de formatura e melhor amiga juntos, ninguém ficará ao lado dela quando a merda bater no ventilador.

Ninguém se surpreenderá com o comportamento de Lyla, e Trey será o cara.

Ryen será apenas a garota boba que foi enganada.

E não sei por que me importo.

— Vem — eu digo. — Está escuro. Vou com você até lá fora.

— Não me enche.

Ela veste um short, amarra o pequeno cordão na cintura e, em seguida, coloca um boné de beisebol, não olhando nem uma vez na minha direção.

— Tem alguém invadindo a escola à noite — aponto, minha voz ficando brava. — Você não deveria ficar aqui sozinha.

Ela ri, inclinando-se para fechar a bolsa.

— Sim, e talvez seja você, e só quer me ver fora daqui, assim pode continuar escrevendo baboseiras estúpidas nas paredes.

Eu hesito.

É, tudo bem, arrombei a escola algumas vezes. Ela está certa sobre isso. Mas não sou eu que anda invadindo e pichando o lugar. Definitivamente não sou eu.

Não me arrisquei vindo aqui para ser pego fazendo idiotice.

Ela se endireita e vira para mim, olhando-me firme.

— Você me chamou de filha da puta e cortou meu cabelo. Acha que eu

confiaria mesmo em você para me proteger? Não se esforce demais, seu miolo-mole. Pode acabar matando as poucas células cerebrais que ainda tem.

Arregalo os olhos, e cada músculo do meu corpo aperta tão forte que chega a queimar. Que merda é essa que ela acabou de dizer?

Antes que eu me dê conta do que estou fazendo, eu a pego nos braços e a carrego para perto da piscina.

— Bala de canhão ou máquina de lavar roupa?

Seus olhos se arregalam.

— Mas que por... ?

— Bala de canhão! — grito. E a jogo na piscina, ouvindo-a gritar quando todo o seu corpo atinge a água, e ela afunda completamente.

Eu saio do ginásio sem olhar para trás. Tomara que a professora de natação saiba nadar.

Tiro minhas chaves do bolso e caminho até a caminhonete. Miolo-mole? Se esforçar demais?

Ela é bocuda demais e tem resposta para tudo. Será que alguma vez fica de boca fechada?

Entro na caminhonete, batendo a porta.

— Droga! — rosno. — Mas que porra... — Mas paro, respirando com dificuldade. Estou tão furioso que quase gostaria que tivesse um show hoje à noite. Ou um treino. Quero extravasar o que estou sentindo em alguma coisa.

Ouço um bufo ao meu lado, e de repente, eu me lembro que Dane está comigo.

— Eu te disse — diz ele. — Ela parecia meio fria. Aposto que é gostosa quando está quentinha, no entanto.

— Não me interessa.

Coloco a chave na ignição, engato a marcha e piso no acelerador.

— É, estou vendo — comenta Dane, sarcasticamente.



RYEN

Cara Ryen,

O que acha desta parte para substituir o final do refrão de Titã? Aquela música que te enviei da última vez, sabe?

“Nem perca seu tempo, porque não foi a primeira! Alguém teve que construir as escadas que você sobe.”

Eu estava no galpão ontem à noite, e isso simplesmente me veio à cabeça. Acho que se encaixa muito melhor na música, e com a batida, acredito que vou gostar do jeito que vai sair. O que você acha?

E sim. Antes de me encher o saco, eu estava em uma festa na noite passada, sentado sozinho, e escrevendo músicas. E daí? Acho que isso ajuda minha credibilidade nas ruas, para ser sincero. Sabe, né... O solitário calado? O rebelde misterioso e sexy? Tipo isso? Talvez?

Tanto faz. Foda-se. Você sabe que não gosto de pessoas.

Enfim, você me perguntou do meu lugar favorito na última carta. O galpão é um deles. Durante o dia, quando ninguém está lá, dá para ouvir os pombos batendo as asas nas vigas, e você pode ver melhor todos os grafites sem todo mundo atrapalhando. Alguns são incríveis.

Mas acho que o meu verdadeiro lugar favorito é, além de você, é claro, a minha casa. Eu sei, eu sei. Meu pai está lá, então por que eu quero estar também? Mas na verdade... Depois que meu pai e minha irmã vão dormir, quando tudo está escuro, escapo pela janela e vou até o telhado. Tem um pequeno espaço escondido entre as telhas onde eu me sento contra a chaminé, às vezes por horas, mexendo no celular, observando a cena, ou às vezes, escrevo para você. Amo lá em cima. Posso ver o topo das árvores, soprando no vento da noite, o brilho das luzes da rua e as estrelas, o som das folhas farfalhando... Acho que isso me faz sentir que tudo é possível.

O mundo nem sempre é o que está bem à sua frente, sabe? Está abaixo, acima, está lá fora em algum lugar. Cada luz acesa, queimando dentro de cada casa que vejo quando olho para baixo do telhado tem uma história. Às vezes precisamos apenas mudar nossa perspectiva.

E quando olho para tudo, lembro-me de que há mais coisas lá fora do que o que está acontecendo na minha casa – a baboseira com o meu pai, minha escola, meu futuro. Olho para todas as casas cheias, e lembro que sou apenas um entre muitos. Não quer dizer que não somos especiais ou importantes, mas é reconfortante, acho. Você não se sente tão sozinho.

Misha

Seguro sua carta na mão, a última que ele me enviou em fevereiro antes de parar de escrever, e olho a caligrafia que provavelmente só eu consigo ler. Os traços ásperos e marcas abruptas cruzando os “tês” e pontos nos “is”, e o jeito que ele nunca coloca a quantidade apropriada de espaço entre as palavras, de modo que suas frases acabam parecendo uma grande e longa hashtag.

Acho engraçado. Nunca tive problema em ler sua caligrafia, no entanto. Além do mais, cresci lendo-a.

Li esta carta tantas vezes. Procurando por pistas – qualquer uma – para descobrir por que ele parou de escrever depois dela. Não tem nenhum indício de que ela foi um adeus, nenhum sinal de que ia ficar mais ocupado do que o de costume ou de que se cansaria de mim...

O vazio está ficando cada vez maior e mais largo e mais profundo. Eu sento na cama, “Happy Song” tocando no iPod, e analiso suas palavras que sempre iluminam perfeitamente qualquer coisa.

Não estou preparada para começar o meu dia.

Por que não quero me levantar ou nem mesmo tenho ânimo para me preocupar com o que vou usar?

É só ele que eu quero. A única razão pela qual volto depressa da escola para casa, assim posso ver se tem carta para mim.

Eu olho para cima e olho para as palavras que escrevi na minha parede de giz na noite passada.

Sozinha.

Vazia.

Farsa.

As palavras de Masen estão na minha cabeça agora. Não as de Misha.

— Ryen! — minha mãe chama e bate na porta do meu quarto. — Está acordada?

Meus ombros cedem um pouco e me obrigo a responder:

— Sim.

Não estou mentindo por completo. Estou acordada e sentada na cama, de pernas cruzadas e lendo.

Mas quando ouço seus passos recuarem no corredor e descerem as escadas, olho para o relógio e vejo que já procrastinei tempo demais. Dobrando a carta, coloco-a no envelope branco e guardo na gaveta do criado-mudo. O resto

das cartas de Misha estão debaixo da cama, todas próximas, no caso de eu precisar delas.

Levantando-me, arrumo a cama e minha mochila antes de caminhar até o armário e pegar um short branco e um top preto. Pode ser que já tenha usado essa roupa esta semana. Não tenho certeza. De repente já não me importo.

Depois de vestida, vou para o banheiro arrumar o cabelo e fazer a maquiagem, pois já tomei banho depois da aula de natação na noite passada.

Não acredito que aquele idiota me jogou na piscina. Era a minha vez de enfrentá-lo, e estava fazendo um ótimo trabalho, mas igualzinho a um cara, quando não sabe vencer com inteligência, usou os músculos.

Palmas para Masen.

Ele pode ter tido a última palavra, mas teve que improvisar para isso. Sinto um pouco de orgulho e sorrio ao entrar no banheiro.

Escovo o cabelo, livrando-me da cabeleira espetada, e começo a passar a maquiagem, escondendo as olheiras porque precisei ficar acordada até tarde fazendo lição ontem. Eu também adiciono um pouco de blush para dar uma aparência saudável e alegre.

Alguém entra e joga algo na minha frente. Olho para baixo e vejo meu envelope preto endereçado a Misha. Eu o pego.

É a carta que escrevi há alguns dias. Sei dizer, porque tem os selos de planetas que acabei de comprar nos correios na semana passada.

Olho para minha irmã, vendo seu cabelo em um coque bagunçado e usando um vestido florido com minhas sapatilhas pretas que ela não perguntou se poderia pegar emprestado.

Franzo o cenho.

— Por que está com a minha carta?

— Tirei da caixa de correio quando saí para a aula no outro dia.

— Por quê?

— Porque ele não te escreve há meses — responde de forma grosseira. — Você precisa esquecer isso.

Sinto a raiva ferver por dentro, observando-a girar em direção ao espelho e mexer em seu coque.

— Me fala de novo o que você tem com isso — retruco, e não me preocupo se nossa mãe vai ouvir.

— Ryen, isso é patético — responde, olhando para mim como se eu fosse uma criança. — Parece que você está perseguindo o garoto. Quando ele resolver as merdas dele, sabe onde te encontrar.

Jogo a carta na pia e pego meu batom, encarando o espelho novamente.

— Ele não é meu namorado para ter que dar satisfações, e eu não tenho que me explicar para você. Não toque nas minhas correspondências de novo.

— Beleza. — Ela vira e vai até a porta, mas para e olha para mim. — Ah, e a mamãe está esperando por você na mesa da cozinha. Ela viu sua nota online.

Ela sai, e eu fecho os olhos, me divertindo com a ideia de seguir o exemplo de Masen por uma incrível fração de segundo.

Bala de canhão ou máquina de lavar roupa, Carson? Talvez um corte de cabelo?



Saio de casa e passo meu jipe, segurando a alça da mochila por cima

do ombro enquanto levo a carta de Misha de volta à caixa de correio. Eu a coloco dentro e levanto a bandeira para que o carteiro a leve.

Mas então meus olhos caem nas latas de lixo ao lado da caixa de correio, e eu paro.

Parece que você está perseguindo o garoto. É patético.

Patético.

Engulo um nó amargo na garganta.

Talvez ela esteja certa. Quem sabe eu não seja mais uma prioridade. Ou ele tenha uma namorada e ela o obrigou a parar de me escrever. Talvez ele tenha se cansado. Além do mais, suas cartas foram diminuindo ao longo dos últimos dois anos. Não me preocupei porque também estava mais ocupada na escola, mas ainda assim...

Misha nunca me escreveu tanto quanto eu escrevi para ele. Nunca tinha pensado nisso, até agora.

Tiro a carta da caixa de correio, amasso o envelope jogo no topo da pilha na lata de lixo. Ele que se dane.

Piso duro na direção do jipe, meu coração começa a bater forte conforme o orvalho frio da grama molha meus pés através da sandália.

Mas então eu paro, sentindo uma onda de angústia me invadir. Não. Não é patético. Misha não ia querer que eu parasse de escrever para ele. Ele me fez prometer. Eu preciso de você, sabe disso, né?, ele disse. Me diz que sempre teremos isso. Me diz que não vai parar de me escrever. Isso estava em uma de suas raras cartas, onde tive um vislumbre de tudo o que ele mantém escondido. Ele parecia com medo e vulnerável, então eu prometi. Por que eu pararia? Não quero perdê-lo jamais.

Misha.

Eu me viro e corro até a lata de lixo, tirando o envelope amassado e o

endireitando. Eu o aliso o máximo que posso e coloco de volta na caixa de correio, fechando a tampa.

Sem me dar tempo para pensar muito, pulo no carro e vou para a escola. Maio está chegando, e mesmo que esteja um pouco frio, eu o enfrentei de short e blusa fina, sabendo que a tarde estará mais quente. Com dez minutos de sobra, paro no estacionamento, vendo um monte de alunos ao redor enquanto ando pela calçada até a entrada da frente.

Música toca dos celulares, pessoas mandando mensagens por ele, e eu sinto um braço me envolver, um cheiro familiar atingindo meu nariz. Ten usa o perfume do Jean Paul Gaultier todos os dias e eu adoro. Eu fico toda arrepiada só de sentir.

— O que é isso — pergunta, levantando minha mão direita.

Eu olho para baixo, vendo tinta azul no dedo indicador e um pouco debaixo da unha.

Merda.

Puxo a mão, meu coração acelerando.

— Nada. Minha mãe está pintando o banheiro e eu estava ajudando — respondo.

Fecho a mão em um punho, escondo o dedo sob a alça da bolsa. Parece que preciso me limpar muito melhor no banho à noite.

— Olha. — Ele gesticula à minha direita.

Viro a cabeça, vendo as pessoas em volta do gramado, e vamos até a beira da calçada, lendo a enorme mensagem pintada de spray na grama com letras grandes e prateadas.

“Lyla se perdeu, pegaram sua salada e jogaram
No vestiário masculino ontem à noite.
Alguém ficou extasiado, fodendo-a pra valer,

Mas quem poderia ser? Não foi o JD.”

— Ah, merda — Ten sussurra, e surpresa estampa em sua voz.

Encaro as palavras na grama, e me dá uma vontade louca de rir.

Uh, tá. Mas quem fez... ?

Os estudantes se aglomeram, ofegando e rindo, alguns tirando fotos enquanto Ten e eu nos afastamos.

— É a primeira vez que ele leva para o lado pessoal, citando alguém — diz Ten.

— Quem?

— Punk — responde como se eu devesse saber. — Agora sabemos que é alguém que estuda aqui. Que é alguém que nos conhece.

Eu gemo por dentro. Sim, mas “Punk” sempre assina suas mensagens. Isso está ficando fora de controle.

Ouço um barulho e olho para cima e vejo um dos zeladores arrastando uma lavadora de pressão, tentando manobrá-la pelas escadas.

— Vamos — digo a Ten.

Entramos na escola e passamos por grupos de estudantes vendo mais mensagens nas paredes, estas assinadas.

“Você beijava meu cabelo, ao mesmo tempo em que apunhalava meu coração.

Mas sua casa cairá, antes que me veja desfeito no chão.

Punk”

Vejo algumas garotas pegando canetas e acrescentando mais coisas, falando mal de antigos namorados e escrevendo coisas como: É isso aí, Jake.

Seguro a risada.

— Isso está me matando! — exclama Ten enquanto seguimos para nossos armários. — Quero saber quem é Punk e quero fazer isso também.

Bufo. Vou deixar essa tarefa para Ten. É claro que Lyla é nossa amiga, mas Ten sabe tão bem quanto eu que o que está escrito no gramado não é mentira, e tenho certeza de que ele está ansioso para ver o confronto com JD.

— Tenho que ir atrás daquela vadia e descobrir com quem ela estava no vestiário — diz Ten, parando na frente de seu armário.

Eu continuo andando, falando por cima do ombro.

— Te vejo no almoço.

Tenho certeza de que ninguém vai descobrir com quem Lyla estava se pegando ontem à noite. Ela provavelmente nem vai admitir que é verdade.

Chegando na frente do meu novo armário, coloco a senha e o abro; olhando à esquerda observo outro zelador esfregar outra mensagem na parede. Ele já apagou as primeiras palavras, mas sei o que diz.

"Você me amou, nós éramos melhores amigas, eu te emprestei minha maquiagem.

Mas algum dia, será apenas mais um na paisagem.

Punk"

E embaixo tem uma colagem de fotos arrancadas do anuário escolar do ano passado, mostrando equipes dos times e grupos de estudantes sorrindo em ralis e jogos, abraçando e rindo uns aos outros.

Penduro a bolsa no armário e retiro o removedor de esmalte de tamanho extragrande da prateleira. Verificando ao redor para ter certeza de que ninguém está olhando, caminho e o seguro na frente do Sr. Thompson, o zelador.

— O removedor de esmalte vai tirar tudo — sugiro, vendo seu rosto suado e vermelho pelo esforço de esfregar com tanta força.

Ele franze a testa, provavelmente surpreso por eu ser legal pela primeira vez. Não que eu tenha falado com ele, mas posso ter errado o lixo algumas vezes quando joguei fora meus copos da Starbucks. No entanto ele

aceita o tubo, acenando em agradecimento.

Felizmente, nada usado para escrever nas paredes é permanente, mas ainda é um incômodo para o pessoal da limpeza. Não que eu me importe, mas...

Eu me viro para voltar para o armário, porém meus olhos imediatamente se encontram com os de Masen, e pauso. Ele está encostado nos armários do outro lado do corredor, me observando com os braços cruzados e uma expressão curiosa nos olhos.

Ele estava ali o tempo todo?

Eu me obrigo a ignorá-lo e começo a pegar os livros do armário para a primeira aula.

— Aí está você.

Viro e vejo Lyla, parecendo um pouco esquisita. Está suando na testa e as bochechas estão coradas. Escuto seu telefone apitar.

— O que aconteceu com o outro armário? — pergunta ela.

Ergo as sobrancelhas. Ela vai mesmo agir como se não houvesse um enorme e gritante insulto sobre ela no gramado da escola bem nesse instante?

Táááá bom.

— Alguém o arrombou — respondo, virando para o armário. — Foi você? Atrás do meu top preto?

Ela me olha feio.

— Como se fosse servir. Sou bola de vôlei e você é de handebol, querida.

Eu me seguro para não revirar os olhos enquanto enfio tudo o que preciso na bolsa, não esquecendo a garrafa de água. Dou uma rápida olhada para trás e vejo que Masen foi embora.

O telefone de Lyla continua apitando, e eu não sei se são notificações do Facebook ou JD louco atrás dela, mas eu realmente não estou preocupada.

Algumas garotas passam cobrindo a boca com as mãos, e Lyla olha feio.

— Vão se ferrar, vadias — xinga. E elas olham para longe, levando seus sorrisos corredor afora.

Manny Cortez vem atrás dela e tenta abrir seu armário, mas ela vira e fica encarando a nós dois.

— Ora, ora, ora, talvez tenha sido o Manny quem arrombou seu armário. Estava precisando de um pouco de batom para combinar com esse delineador?

Percebo sua expressão endurecer enquanto fica de costas para ela sem responder.

— Não — eu me intrometo, fechando meu armário. — Duas paletas de cores diferentes. Eu sou o pôr do sol da montanha. Ele é a noite esfumaçada.

Lyla ri, mas depois para quando ouvimos um grito.

— Cuidado!

Nós duas olhamos para cima e vemos uma bola de futebol vindo direto para nós. Nós nos afastamos depressa, mas não precisou. A bola bate no lado esquerdo da cabeça de Manny, e ele bate do outro, no armário, a mão subindo na hora para cobrir a orelha ao mesmo tempo em que se encolhe de dor.

— Ah, merda. — Trey corre até nós, rindo. — Desculpa, cara. Eu realmente não quis fazer isso. Desta vez — acrescenta ele.

Observo Manny respirar com força, as sobrancelhas escuras enrugando de dor. Ele tira a mão do ouvido e vejo sangue. Meus olhos se arregalam e eu ofego.

Minha nossa. Está saindo do ouvido ou da parte externa da orelha? Antes que eu consiga descobrir, Manny bate à porta do armário e sai, desaparecendo no banheiro quando o sino toca.

— Que legal, imbecil — repreendo.

— Ei, foi um acidente.

Percebo a rápida olhada que dá em Lyla, e então JD aparece atrás dele enquanto todos os estudantes se apressam para a aula.

— Vá para a aula — JD diz a Lyla, cerrando a mandíbula.

— Como é que é?

— Você me ouviu. Termino de falar com você mais tarde.

Ela fica lá, com cara de irritada, mas não fico por perto para ver o que vai dar.

Passando por eles, sigo para a aula de Artes, mas não vejo Masen na sua mesa. E quando o sinal toca, ele ainda não chegou na sala.

Acabei de vê-lo no corredor. Como ele é capaz de ir e vir quando quer e matar aula?

Tenho sorte, porém, porque Trey também não está cabulando aula, então, aproveito e passo a aula toda trabalhando na capa de Misha e completamente em paz.

Até Manny sumiu, é bem provável que ele tenha ido à enfermeira para ver o ouvido. Espero que ele esteja bem. Aquilo deve ter doído.

Depois que a aula termina, vou para o Inglês, desviando de outros alunos enquanto entro na sala. Masen está sentado em sua mesa e eu paro, pega de surpresa.

Jesus. Como ele faz isso? Aparece só quando está a fim?

Sem livros de novo, nada de lápis, e passa a impressão de que só veio porque não tem nada melhor para fazer. Ele não está preocupado em se formar?

— Tudo bem, peguem seus questionários e guardem o resto de suas coisas — instrui Sr. Foster conforme entramos na sala e ele distribui os papéis. — E não se esqueçam de pegar um lápis. Quando eu chamar seus nomes, podem

formar os grupos, levem suas coisas para a biblioteca e comecem a trabalhar.

Ah, é verdade. É dia de pesquisa.

De vez em quando, Foster nos manda para a biblioteca e deixa a gente trabalhar em nossas habilidades. Ele forma os grupos, entrega uma relação de informações para encontrar, e então ficamos por conta própria durante todo o período. É um motivo para sair da sala. Eu nunca reclamo.

— Lane, Rodney e Cooper — Foster chama de sua lista.

Três alunos se levantam, pegam seus materiais e saem da sala.

— Jess, Carmen e Riley.

Ele continua, um grupo após o outro, enquanto a sala lentamente se esvazia, e meus nervos começam a ficar agitados quando percebo que só tem mais um pouco de alunos restando, incluindo Masen e eu.

Por favor, ele não.

Mas Foster chama o próximo grupo.

— Ryen, JD e Trey.

Solto um suspiro de alívio.

— Beleza — JD se gaba, e eu o vejo comemorar com Trey com um "toca aqui". Começo a me levantar, pegando o que preciso.

— E os últimos dois... — anuncia Foster — Lyla e Masen.

Hesito por apenas um segundo e então jogo a bolsa sobre o ombro, correndo para fora da sala.

Lyla e Masen. Maravilha. Ela não será capaz de se controlar.

Saio da sala, com a expressão rígida. Por que ainda ligo? Eu não gosto dele. Não dou a mínima se ela der em cima dele, o que ela definitivamente vai fazer. Ela pode ficar com ele. Legal.

De qualquer forma, ela é o problema do JD.

E não importa. Alguém já tem meu coração e não é Masen Laurent.

Ele nunca será o Misha.

— Meus pais viajarão em algumas semanas — Trey corre até mim e me abraça pela cintura enquanto andamos. — Vou dar uma festa, e eu quero você lá.

— Sim, a piscina é aquecida — complementa JD atrás de nós.

Olho para trás, vendo Lyla e Masen nos seguindo, os olhos de Masen em mim.

— Sim, eu sei — respondo ao JD — Já fui lá. Lembra?

— Ótimo — Trey volta a falar. — Então traga um biquíni. Ou não. Tanto faz.

O calor cobre as minhas costas e de repente eu me sinto cercada. Olho rapidamente para trás mais uma vez, e vejo Masen olhando para longe ao mesmo tempo em que Lyla conversa alguma coisa, mas ele deve me sentir olhando para ele porque seus olhos encontram os meus de novo.

Trey segue meu olhar, percebendo que minha atenção não está nele. Antes mesmo de perceber meu erro, ele vira com tudo e pega Masen pelo colarinho, empurrando-o nos armários.

— Oi — diz ele com uma voz excessivamente amigável. — Acho que não nos conhecemos. Eu sou Trey Burrowes. Você é Masen Laurent.

JD, Lyla e eu ficamos observando Masen permanecer imóvel, só encarando Trey.

— Agora que já nos apresentamos — Trey continua, se aproximando e ficando na cara de Masen. — Vamos esclarecer algumas coisas.

— Mas que diabos você está fazendo? — Eu chego mais perto deles.

— É, Trey, vamos — JD diz com o tom de voz mais alto. — Ele é um cara legal.

Mas Trey apenas levanta as mãos.

— Relaxa. Estamos apenas conversando. Prometo.

Olho para baixo e vejo as mãos de Masen fechadas em punhos, mas não se move conforme Trey e eles se encaram, nariz a nariz.

— Você já se divertiu um pouco com a minha garota na sala de aula, e também ouvi dizer que a incomodou no estacionamento ontem — declara Trey. — Qualquer merda que esteja armando, acaba agora. Deixe-a em paz.

O olhar de Masen desvia para mim e um peso me atinge no peito. Seus olhos estão aguçados e irritados a princípio, mas depois parecem mudar para decepção junto com outra coisa. Tristeza, talvez?

O que está se passando na cabeça dele? Por que está me olhando desse jeito?

— Não olhe para ela — rosna Trey, quase encostando no rosto de Masen. — Qual é o problema? Não sabe falar?

— O que está acontecendo?

Todos viramos e encontramos a Diretora Burrowes parada no meio do corredor, o terno preto e a blusa de cor vinho passada e engomada.

Trey se endireita e afasta-se de Masen.

— Nada, Gillian. — Tira onda com sua madrasta e olha para Masen. — Estamos de boas. Né?

Os olhos de Masen estão voltados para o chão e ele não diz nada.

— Onde deveriam estar? — Burrowes pergunta a Trey.

Mas quem responde sou eu:

— Foster nos mandou para a biblioteca para pesquisar.

— Então, mexam-se.

Aceno, e todos nós rapidamente começamos a andar pelo corredor.

— Você também. — Eu a ouço dizer por trás de nós, provavelmente para Masen.

Por que ele não fez nada? Não que Trey fosse um cara pequeno e pudesse ser facilmente derrubado, mas tenho a impressão de que Masen já brigou antes. Ele é volátil e impulsivo, então por que se conteve?

Subimos as escadas e entramos na biblioteca. Todos os demais alunos já estão aqui, sussurrando, movendo-se e recolhendo os materiais necessários. Alguns estão nos computadores e alguns estão nas estantes. Nossa biblioteca é composta de dois andares e uma bela vista da varanda acima para o andar principal. Jogo minha bolsa em uma mesa dos fundos e vejo Lyla e Masen pegarem duas mesas depois.

JD e Trey sentam nas cadeiras da nossa mesa, e Trey coloca os pés para cima.

Ah, pode esquecer.

— Vocês dois vão no computador e pesquisem “Listas de Bibliografias” — oriento. — Imprimam alguns exemplos e eu vou procurar algumas fontes secundárias.

Não vou fazer esse trabalho sozinha.

Trey solta um suspiro, e JD ri, ambos levantando as bundas das cadeiras.

Viro na direção oposta e sigo para a seção de não-ficção.

As prateleiras estendem-se para o alto, e dou a volta por uma escada deslizante virando à esquerda, mergulhando nas profundezas da biblioteca, longe das mesas com os alunos e seus sussurros abafados.

Estendo a mão e passo pelas lombadas dos livros conforme caminho. Minha mãe vai querer saber por que nem sequer comecei “Fahrenheit 451”. Não que entrarei em encrenca, mas vai querer saber o que está me distraindo.

— Sabe, aquele garoto... — eu ouço alguém dizer, e viro a cabeça no susto, olhando para trás.

Masen se aproxima e meu batimento cardíaco acelera.

— Aquele que escreve nas paredes à noite? — continua. — Nós temos algo em comum. Eu também gosto de escrever sobre as coisas. — Ele para na minha frente e pega a minha mão. — Mas você sabe disso, né?

Minha pele aquece onde ele toca, e tento me soltar, mas ele segura firme.

Ele também gosta de escrever sobre as coisas? Como assim? Daí, eu me lembro da parede no Cove, a lousa do meu quarto, meu armário naquele dia...

Puxo a mão com mais força, soltando-a.

— Que foi? Achou Trey um pouco grande e assustador demais, e resolveu continuar a briga, mas comigo?

Ele me dá um largo sorriso e pega minha mão de novo, tirando um marcador permanente do bolso com a outra livre..

— Solta.

Ele enfia o marcador na boca, tira a tampa com os dentes e a encaixa nos fundos da caneta.

— Mas pensei que você queria o meu número de telefone. Para ir no drive-in, lembra?

Ele olha para mim com uma expressão inocente no rosto, e não sei o que ele está fazendo, mas tenho que admitir que estou com medo de brigar dessa vez. Ele me jogar em uma piscina quando ninguém está por perto não é tão vergonhoso, mas duvido muito que vai ligar se não estamos sozinhos agora, caso ache necessário me colocar no meu lugar outra vez. Não quero a porcaria do número dele.

Ele segura meu dedo indicador esquerdo e começa a escrever por dentro dele enquanto ranjo os dentes e olho feio.

— Sabe, eu me lembro de tanta coisa que tinha naquele diário — pondera conforme escreve. — Posso dizer o que eu quiser. Não preciso de provas. Não com eles. — Ele aponta com o queixo na direção de todos os alunos sentados na área das mesas por trás das estantes e que não conseguimos enxergar daqui.

Tento me soltar novamente, mas ele me aperta mais forte.

— Não se preocupe. — Ele sorri, olhando meu dedo conforme rabisca. A ponta aveludada faz cócegas na minha pele. — Não tenho interesse em te atormentar. Não é desse jeito. Só tenho uma pergunta. — E então para de desenhar e olha para cima, encarando-me profundamente. — Quem é Delilah?

Eu congelo e olho fixo nele, esquecendo que está segurando minha mão enquanto os pelos na minha nuca se arrepiam.

— O que você disse?

— Tinha o nome dela rabiscado por todo o diário — diz. — Quem é ela? Namorada secreta? Um segredo sórdido? — Ele abaixa seus olhos e continua escrevendo. — Um arrependimento?

— Você leu meu diário. Já deveria saber.

— Não li nada — responde.

Olho para ele. Não leu? Mas...

— Folheei as páginas e vi o nome dela do lado de dentro da capa — explica. — Acha que ligo para o que se passa na sua cabeça? Tenho coisas melhores pra fazer.

Então por que está perguntando, se não liga?

Arranco a mão da sua, dizendo entredentes:

— Você é um idiota.

Mantenho a voz baixa, apesar de não ver ninguém por perto.

Mas antes que eu possa ir embora, ele coloca as mãos nas estantes de

livros, me encurralando.

— Você sabe que eu podia ter enfrentado ele e o amigo dele com as mãos nas costas àquela hora. O que eu estava esperando?

Ele me encara, à procura de alguma coisa.

— Talvez a mesma coisa que o garoto Cortez espera quando seu namorado o intimida — murmura, seus lábios a centímetros dos meus. — Talvez que alguém com seu rabo de cavalo empinado — ele balança meu cabelo — e shortinho “venha me foder” crie coragem e enfrente o idiota.

Bato em seu braço afastando-o, raiva fervendo por dentro. Mas ele me prende de novo, inclinando-se para baixo.

— Era isso que Delilah ficou esperando, também? — pressiona. — Ela esperou por você? E você nunca se manifestou?

Ele pega a minha mão e vira o dedo, mostrando o que escreveu.

Olho para as letras pretas e grossas escritas na parte interna..

Vergonha.

— Não se preocupe — diz. — Não vou contar nada pra ninguém. Seus segredos são seus. Você é que vai ter que viver com eles.

E então levanta o dedo até seus lábios, fazendo o sinal de shh.

Puxo a mão para longe e bato com as mãos em seu peito, empurrando-o.

— Da próxima vez que ele encostar a mão em mim, acabo com ele — avisa, curvando os lábios em um sorriso malicioso. — E depois, levarei sua garota ao baile de formatura.



MISHA

— Estava começando a me sentir um pouco solitária — ronrona Lyla, recostada na cadeira com os braços e as pernas cruzadas. — Demorou tanto pra voltar.

Solitária? Duvido que ela saiba o significado dessa palavra. Não que eu tenha alguma opinião sobre uma garota que trai o namorado – a menos que o namorado seja eu ou um dos meus amigos –, mas não gosto dela por outras razões. Ela é uma versão mil vezes pior que a Ryen.

Pelo menos minha Ryen ainda está em algum lugar lá no fundo. Enxergo no jeito como ela fica desconfortável quando aquele Cortez é intimidado. Vi isso hoje cedo quando ela deu o removedor de esmalte ao zelador para ajudar na remoção da pichação.

E vejo isso em seu quarto inteiro. As colagens, a poesia, as letras que enviei para ela ver o que achava, as citações e cores em todos os lugares... Essa é a Ryen que eu conheço.

Mas em dez anos ela poderia ser Lyla. Oportunista, falsa e transando com todos para esquecer o quanto se odeia.

E tudo o que sempre achei incrível nela terá desaparecido.

Puxo a cadeira e me sento, sabendo muito bem que não tenho intenção alguma de fazer esse trabalho. Misha Lare já concluiu o colegial, então não estou aqui para isso.

— Aqui. — Ela se endireita, empurrando alguns livros na minha direção. — Descobri algumas fontes originais para começarmos.

Mas antes que eu possa dizer a essa garota que ela está por conta própria, sou empurrado por trás, um corpo bate nas minhas costas e um braço pressiona meu pescoço.

— Mas que merda! — Jogo os braços para frente a fim de evitar que a cabeça bata na mesa, e então sinto uma respiração no ouvido.

— Ryen! — Escuto alguém chamar. Acho que é a Lyla.

— Não se mexa — sussurra Ryen no meu ouvido, e eu sinto uma ponta afiada afundando na nuca. — Eu odiaria que a caneta escorregasse.

Tremo ao rir assustado. Ela não gostou de ser humilhada lá atrás e agora está puta. Excelente.

Faço exatamente o que ela pede, mesmo sentindo o coração disparar e a virilha latejar com a pressão.

Sinto a caneta deslizar sobre a minha pele em movimentos longos e lentos, e na verdade, estou achando divertido. Sei que as pessoas estão assistindo. Todo mundo ficou quieto de repente, até a Lyla.

A caneta afunda mais e eu me encolho ao sentir dor. Ela termina e se levanta, tirando o peso de mim e jogando a caneta na mesa. Eu a sinto sair e me endireito. Todo mundo está olhando para mim, e eu vejo Ryen passar pela minha mesa com a bolsa no ombro, pisando duro ao sair da biblioteca.

— Você está bem? — pergunta Lyla.

— Sim. — Aceno e olho para trás, vendo JD sorrindo e balançando a

cabeça, enquanto Trey se inclina para frente na mesa e me olha furioso.

Ela fez isso na frente dele. Boa garota.

Viro para minha parceira.

— O que ela escreveu?

Lyla se levanta e dá uma olhada. Eu ouço um bufo.

— Hum, tem certeza de que quer saber?

Ah, que maravilha.

Afirmo com a cabeça.

— Um... — ela começa, lendo palavra por palavra, lentamente. — Cretino Babaca do Pau Minúsculo.

Eu começo a rir. Maneiro. Ryen Trevarrow está aprendendo a brincar direito, e sinto um pouco de excitação percorrer por minhas veias.

— Quer que eu vá buscar algumas toalhas de papel molhadas? — Lyla põe a mão no quadril, pairando em cima de mim.

No entanto dispenso sua ajuda.

— Que se foda. Deixa quieto.

Por que eu ligaria para isso?

— Masen Laurent? — alguém chama.

Fico ali sentado por um segundo antes de piscar e olhar para cima, lembrando que é o meu nome. A bibliotecária está segurando o telefone do balcão da entrada, entre a orelha e o ombro, olhando em volta.

— Sim?

Ela segue minha voz e encontra meus olhos, desligando o aparelho.

— A diretora gostaria de ver você. Leve suas coisas, por via das dúvidas.

Mas não me mexo. A diretora? Sinto o sangue gelar, e um peso me prende na cadeira.

Por que diabos ela quer me ver? Ela sabe?

Minha respiração acelera, e eu me levanto, não pegando nada porque não trouxe nada e sigo em direção às portas. Ignoro os olhares curiosos e risadinhas, provavelmente porque, quando passo por eles dá para ver a merda que Ryen escreveu na minha nuca.

Eu deveria simplesmente ir embora. Sair pelas portas da frente agora mesmo. Mas quando chego em sua sala, me vejo abrindo as portas, e minha determinação se fortalecendo. Ainda não consegui tudo que vim buscar aqui. Não vou fugir, então vamos ver o que ela tem a dizer.

Se ela sabe, paciência. Ou se ela descobriu que meus dados são falsos, fornecidos por um dos misteriosos contatos do meu primo – Masen Laurent é um nome que eu inventei, e moro em um porão caindo aos pedaços e entro escondido na escola para tomar banho à noite –, então precisarei enfrentar isso.

De qualquer forma, não vou embora. Ainda não.

Entrando na recepção da sala da diretoria, aceno para uma das secretárias.

— Masen Laurent — digo a ela.

— Pode entrar. — Ela gesticula à esquerda, mas eu já sei para onde ir.

Caminhando até a porta, bato duas vezes, sentindo as mãos tremerem um pouco quando eu a abro.

— Oi, Masen — cumprimenta a diretora, olhando para mim sorrindo.

Ela empilha um monte de papel de lado, limpando um espaço na mesa, e se levanta, estendendo a mão para me cumprimentar.

Cerro o maxilar e endireito as costas. Seus olhos são acolhedores e, de repente, não quero estar aqui.

Eu me obrigo a dar um passo à frente, levanto lentamente a mão e seguro a dela, mas a solto quase imediatamente. E olho para o lado.

Ela fica em silêncio por um momento, mas sei que ela está me observando.

— Por favor, sente-se — diz ela, finalmente.

Eu me sento na cadeira à frente de sua mesa e mantenho o olhar desviado, fazendo contato visual apenas brevemente.

— Não se preocupe — avisa, humor envolvendo sua voz. — Você não fez nada. É que eu gosto de tentar conhecer todo mundo quando se matriculam, mas você acabou passando despercebido por mim.

Bom. Isso é uma boa notícia, acho.

— Então, está gostando de Falcon's Well até agora?

Relaxo o queixo, respondendo curto e grosso.

— Está bom.

— E as aulas? — persiste. — Está achando a transição fácil?

Ela não para de me olhar, e eu me mexo na cadeira, acenando afirmativamente com a cabeça enquanto olho para os porta-retratos que ela tem na mesa. Eu me lembro de vê-los na outra noite. Fotos de sua família.

— Bem — ela continua, começando a soar pouco à vontade. — Tem tão pouco tempo para o ano letivo acabar, mas a julgar por seu histórico escolar, você não deve ter problemas para passar nas provas. — Ela folheia papéis e fichas, do meu arquivo falso, sem dúvida. — Você está pesquisando faculdades?

Nego com a cabeça.

— Bem, temos um ótimo centro de carreira universitária aqui. O conselheiro pode ajudá-lo a tomar algumas decisões sobre o lugar que vai depois do colegial e ajudar com as inscrições.

Aceno, e nós dois ficamos sentados ali, o silêncio cada vez mais estranho. Ela claramente está querendo ser atenciosa, mas é provável que esteja querendo saber se eu mereço algum esforço quando deixarei sua escola em seis

semanas. Mais cedo, na verdade, mas ela não sabe disso.

Ela respira fundo e diz com a voz calma:

— Trey Burrowes é meu enteado — esclarece. — Ele pode ser difícil de lidar, mas... ele é responsabilidade minha. Me avise se tiver qualquer problema, tudo bem?

Ele é minha responsabilidade. Cerro os punhos, finalmente erguendo meus olhos para olhar nos dela. Não se preocupe, senhora. Sei muito bem como resolver os meus problemas. É bom que seu “filho” não se meta comigo ou vai se arrepender.

Ela sorri e eu me levanto, não esperando para ser dispensado. Saio de sua sala, sentindo o estômago embrulhar e com a respiração acelerada conforme a adrenalina finalmente me atinge, percorrendo os braços e pernas. Quando estou do lado de fora da secretaria, no meio do corredor vazio, eu paro e sorrio sozinho.

Ela não descobriu sobre mim. Eu não só posso sair quando bem entender, como posso ficar o tempo que quiser.

Ninguém sabe.



MISHA

— Você está só manchando a pele — uma voz divertida diz atrás de mim.

Giro a cabeça e vejo Ryen virada de costas para o seu armário aberto, sorrindo. Tiro a mão da nuca, jogando a toalha de papel molhada no lixo ao lado do bebedouro. Embora eu tenha pensado que não ligaria por ter Cretino Babaca do Pau Minúsculo escrito na nuca para todo mundo ver, eu me enganei. Eu me sinto um otário.

Ela se vira e estende o braço dentro do armário, puxando um longo tecido.

— Quer um cachecol emprestado?

Ela ri e arqueio uma sobrancelha, não achando graça. Olhando em seu armário, vejo o tubo que ela emprestou ao zelador hoje de manhã na prateleira e me aproximo.

— Removedor de esmalte. Agora.

Mas ela simplesmente cruza os braços e fica na frente, sem se mexer.

— Não brinque comigo. — Estendo a mão. — Temos mantido nossa

provocação de merda light. Posso pegar pesado, se quiser.

Ela remexe os lábios e solta um pequeno suspiro.

— Tá. Acho que posso escolher o que vale ou não a pena brigar.

Ela vira e pega o tubo, jogando-a para mim. Pego e abro a tampa, puxando rapidamente o lenço de suas mãos, também.

— Ei!

Mas é tarde demais. Despejo um pouco da acetona no tecido bege macio e uso para tirar a caneta da nuca.

— Desgraçado! — grita. — Isso é de cashmere!

Paro de esfregar e tiro o cachecol da nuca, vendo a tinta preta agora em seu lenço e fora da minha pele. Pelo menos a maior parte, acho.

— É. — Jogo o cachecol de volta para ela e tampo o tubo. — Funcionou muito bem. Obrigado.

Seu rosto repuxa em angústia e segura o lenço nas mãos, inspecionando o estrago.

Coloco o tubo de volta em sua prateleira e saio antes que tenhamos tempo de ter outra discussão. Eu a escuto soltando um pequeno grunhido atrás de mim antes de fechar o armário com força enquanto caminho para a frente da escola.

Preciso parar de desafiá-la, apesar da diversão que sinto. Atraí-la é fácil demais. Por que quando entro neste lugar, ela é o primeiro pensamento que vem à minha cabeça e não a verdadeira razão pela qual estou aqui?

Se ela não tivesse aparecido no Cove e roubado minhas coisas naquela noite, poderia nunca ter cruzado o caminho dela aqui. Talvez tivéssemos algumas aulas, juntos, ao mesmo tempo em que ficava discretamente disfarçado, aguardando para tomar minhas providências, mas nunca pretendi...

Não. Está errado. Sabia muito bem. Eu meio que sabia que isso

aconteceria, e sabia que estava me aproximando de uma tentação. Sabia que Ryen estaria aqui, que iria vê-la e ouvi-la, e que minha atenção seria atraída para ela, porque apesar de tudo que estava na minha cabeça, eu não seria capaz de conter a curiosidade.

E então, quando descobri que ela era popular, não uma pária e figura comum, nada original, fiquei puto. Ela me levou a acreditar naquelas coisas, e minha musa era uma mentira.

Até ontem no estacionamento quando provoquei e ela revidou.

Essa é a minha Ryen.

E eu quero ver mais.



Pego as chaves e olho em volta, verificando as janelas da casa principal. Não vi o carro do meu pai na entrada, mas também poderia estar na garagem. Como ele lida com antiguidades e arte, possuindo algumas lojas ao longo da costa, sua agenda é flexível. Ele pode ficar o dia todo fora ou chegar em casa a qualquer momento.

Destranco a porta da casa de hóspedes e entro, fechando-a atrás de mim. Não é nem meio-dia, então ainda está bem claro lá fora, mas cobri a maioria das janelas com blackout quando me mudei para cá depois da morte de Annie. Pego a pequena lanterna e a acendo. Não quero acender as luzes por precaução, não quero que meu pai veja.

A maioria das minhas roupas e pertences ainda estão aqui, e já que Dane quer me interrogar cada vez que eu uso sua lavadora e secadora, decidi voltar aqui e pegar mais algumas coisas para evitar seu interrogatório dessa vez.

Saí da escola depois do lance com o cachecol da Ryen, deixando minha caminhonete no estacionamento e pegando a balsa para Thunder Bay. Não queria que meu pai ou qualquer outra pessoa que conhecêssemos vissem meu carro.

Ele não sabe onde estou e queria que continuasse assim. Não é como se ele tivesse me procurado, também.

Pegando uma bolsa de academia do armário, esvazio as gavetas e enfio as roupas dentro, trazendo uma camiseta dobrada até o nariz. O cheiro faz minha garganta se fechar.

Amaciante que a Annie usava. Ela era boa em lavar a roupa porque meu pai estava ocupado e eu sempre fazia errado. Reclamava dos aromas florais que ela usava nas minhas roupas, mas agora fecho os olhos, só me sentindo em casa. Fiz questão de continuar usando depois que ela se foi. Nada mudaria. Jamais mudaríamos qualquer coisa que ela fazia.

Annie. Pisco, sentindo os olhos lacrimejarem. Termino de pegar as roupas que eu preciso e mais um par de calçados, bem como as fotos de Annie comigo que eu preguei com fita na parede acima da escrivaninha.

Passo na frente da minha guitarra, descansando no estande, e uma pilha de cartazes da nossa banda que nunca foram usados. Três meses atrás, eu tinha três coisas que amava. Minha música, minha irmã e...

Sinto todo o ar deixar meus pulmões, e eu me afasto da guitarra, incapaz de olhar nessa porra. Não importa o que eu tinha. Annie se foi agora. Minhas palavras se foram, e Ryen... Não sei o que ela é.

E é quando eu me lembro. Recebi uma carta dela na semana passada. Provavelmente já me enviou mais uma a essa altura, já que ela escreve na velocidade que eu respiro. Não que achasse ruim, no entanto. Elas eram as melhores razões de se voltar para casa.

Saio da casa de hóspedes, carregando a bolsa e trancando a porta atrás de mim. Noto que está mais escuro aqui fora e olho para cima, vendo nuvens carregadas e trovejando bem baixas. Merda. Será que deixei as janelas da caminhonete abertas? É melhor eu voltar para a escola. Pode ser que a chuva não chegue em Falcon's Well, mas é possível.

Eu me apresso até a porta dos fundos da casa principal e a destranco, correndo para dentro. A cozinha está escura, então meu pai não deve estar em casa. Indo até o balcão, encontro a pilha de correspondências, tudo meu, e imediatamente procuro por um envelope preto opaco com um selo de caveira.

Mas não encontro nenhum. Não há nada além de folhetos universitários e pedidos de cartão de crédito. Será que então ela parou de me escrever?

Relaxe, cara. Você passou em casa na semana passada e verificou, e tinha uma carta dela. Faz só seis dias.

Mas estou curioso para saber se ela vai falar de Masen. O que ela dirá sobre ele?

Ryen raramente menciona outro cara em suas cartas. Depois do que ela me contou quando tinha dezesseis anos – quando reduziu seus padrões – parece ter mantido os caras longe. Na verdade, é quase como se ela tivesse perdido o interesse, porque em uma carta depois dessa, ela me falou que as preliminares são superestimadas.

Eu disse a ela que poderia considerar aquilo um desafio. Afinal, sete anos escrevendo cartas são preliminares épicas, e ela é viciante.

Seis dias. Minha última carta dela foi há seis dias. A última carta minha que ela recebeu foi há mais de três meses. Eu a fiz prometer que nunca parasse de me escrever, e ela nunca parou. Continua mandando, mesmo que a essa altura ela já deve ter deixado de acreditar que escreverei novamente para

ela.

Meus ombros cedem um pouco, pensando em como ela sempre esteve ao meu lado. Ela me irrita com suas bobagens, mas para Misha, ela é uma amiga. E uma muito boa.

Annie ficaria decepcionada comigo se eu tratasse mal a única pessoa que me amava como verdadeiramente sou.

Droga. Porra.

Solto um suspiro e entro no corredor, contornando o corrimão e subindo as escadas. Chegando no quarto da minha irmã, giro a maçaneta da porta devagar e entro, seu cheiro e o que restou da essência do seu limpador de tapete flutuando até mim de repente.

Meu coração dói, vendo tudo do jeito que ela deixou. Arrumado e pronto para ela voltar para casa de sua corrida naquela noite. Uma cama em que jamais dormiria de novo, maquiagem que nunca mais tocaria, tarefas que estavam inacabadas na escrivaninha...

Uma dor se aloja na garganta e sinto vontade de gritar. Annie, o que você estava pensando? Mas daí, também sinto raiva de mim. E do meu pai. Como não enxergamos isso? Por que não cuidamos melhor dela?

Ando devagar até a cômoda e abro as gavetas com cuidado e em silêncio, como se ela fosse entrar a qualquer momento, repreendendo-me por estar em seu quarto. Quando abro a primeira gaveta, vejo seus cachecóis, perfeitamente dobrados e arrumados em duas pilhas. Eu sinto o cheiro do perfume dela, e meu peito treme com um soluço que eu me obrigo a engolir enquanto me sento ao encontrar um que se parece com o de Ryen. Não é bege, mas é de cashmere. Sinto uma pontada de culpa, mas minha irmã ia preferir que Ryen ficasse com ele do que deixá-lo guardado em seu quarto vazio, esquecido.

Pego o cachecol azul claro e fecho a gaveta, enfiando-o na bolsa.

— Olá? — Escuto um grito abafado vindo do corredor.

No susto, viro a cabeça na direção da porta, reconhecendo a voz.

Meu pai.

— Merda.

Olho em volta, sabendo que não há outro jeito de sair daqui. Deslizo por trás do biombo, que minha irmã colocou como decoração, perto da parede e tranco os dentes para acalmar a respiração.

Vejo uma sombra bloquear a luz do corredor que atravessa pela porta aberta, e aparecer no tapete.

— Misha? — meu pai pergunta hesitante. — Você está aqui?

Ele sabe que estou aqui. Deve saber. Deixei a porta de Annie aberta quando entrei e ela sempre fica fechada.

Mas não me movo. Não posso falar com ele.

Olho através dos buracos no biombo, tentando vê-lo, mas não consigo. Ele não está no meu campo de visão.

Ele não diz mais nada, mas vejo quando sua sombra entra no quarto, minha pulsação batendo nos ouvidos.

Ele entra no meu campo de visão ao se sentar na beirada da cama, vestindo o traje de sempre: camisa, gravata e colete de suéter. Ele costumava me vestir assim quando eu era criança. Até que fiz nove anos e comecei a ter uma opinião. Foi quando nossas discussões começaram.

— Você foi sempre tão diferente — diz ele, olhando para frente.

Quase não consigo respirar direito.

— Camisetas e jeans nos eventos familiares, aulas de guitarra em vez de violino ou piano, sempre tão difícil de se motivar para qualquer outra coisa além do que você queria fazer... sempre tão difícil. Ponto final.

Meus olhos lacrimejam, mas não cedo. Ele tem razão. Em sua cabeça,

brigava por causa de tudo. Discutia por nada.

Na minha cabeça eu só queria que ele me aceitasse. É por isso que eu me agarrei tanto a Ryen por muito tempo.

— Parei de ser capaz de falar com você — diz quase em um sussurro. E depois abaixa os olhos, se corrigindo. — Parei de procurar uma maneira de falar com você.

Ele pega o cobertor de minha irmã na beirada da cama e lentamente leva ao nariz, e então seu corpo imediatamente treme quando solta um soluço.

Pego meu piercing entre os dentes e dou um puxão até sentir dor. Tudo dói e eu odeio isso. Odeio que o quarto de Annie esteja vazio. Odeio que nossa casa esteja escura. Odeio não saber aonde devo estar – não pertenço a lugar nenhum. E odeio mais ainda odiar que ele esteja sozinho. Ele não me confortou depois da morte de Annie. Por que eu deveria querer estar aqui por ele?

E por que sinto uma necessidade repentina de contar tudo a Ryen? Para que ela saiba porque não disse nada e para que me diga a coisa certa, exatamente como faz em suas cartas. Para esquecer Falcon’s Well e o que estou fazendo lá.

Para voltar, simplesmente porque é onde ela está.



Volto para a escola assim que o último sinal está tocando. A chuva tinha começado em Thunder Bay logo que peguei a balsa, mas não choveu aqui. As nuvens estão carregadas, mas não cederam ainda.

Meu pai deixou o quarto de Annie assim que começou a chorar e, no instante em que ouvi o zumbido de “Brahms” vindo de seu escritório, soube que estava seguro para sair de casa. Ele passaria o resto da noite lá, bebendo uísque e

trabalhando em sua maquete do campo de batalha da Segunda Guerra Mundial.

Consigo ver o time de futebol treinando no campo à minha direita, e passo a alça da bolsa sobre a cabeça, pendurando-a contra o peito. Tiro o cachecol de dentro da mochila e o coloco no banco do motorista do jipe de Ryen. Pego minha caneta do bolso e olho em volta, puxando um pequeno pedaço de papel que vejo no porta-copos. Deixo uma mensagem na parte de trás do recibo.

Azul ficará melhor em você. (E, não, eu não roubei isso.).

Eu o jogo em cima do cachecol enquanto os estudantes começam a encher o estacionamento e a entrar em seus carros. É sexta-feira à tarde, então duvido que Ryen tenha algum treino, mas fico de olho em seu jipe de qualquer maneira conforme caminho até a minha caminhonete, observando para que ninguém o pegue de dentro do jipe aberto.

Jogo minha bolsa na caçamba na caminhonete, mas de repente olho para cima, vendo as pessoas se aglomerarem em torno do capô do meu carro. Eles olham para alguma coisa, e inquietação serpenteia pelo meu corpo. O que será agora?

Suspiros e sussurros enchem o ar, e mais pessoas se aproximam. Ando a passos largos até na frente da caminhonete e paro, encontrando uma zona do caralho.

Grandes círculos de tinta branca estão espalhados pelo capô, indo em todas as direções e escorrendo pelas laterais, como se alguém tivesse pego uma arma de Paintball e praticado tiro ao alvo com meu carro. Um pouco de tinta já está seca, o que significa que foi feito há algum tempo, provavelmente logo depois que saí.

E bem no meio, em cima do capô, em grandes letras brancas, está a palavra GAY, gritante e reluzente, me encarando.

Raiva aquece cada músculo do meu corpo. Filho da puta.

Levanto meu olhar, raiva e determinação fervem por dentro enquanto percorro o estacionamento com os olhos, lentamente. Vejo Trey Burrowes perto do que suponho ser o seu carro – um Camaro azul que sua amada madrasta provavelmente comprou para ele. Ignoro as pessoas se aproximando e estreito os olhos, vendo-o andar todo arrogante, mastigando um canudo e lançando um olhar lascivo para Lyla, que sua melhor amiga provavelmente não vê.

Eu disparo. Indo diretamente até ele, recusando-me a ficar calado, pronto para arrebentar a porra da sua cara no capô do seu maldito carro. Estou quase agradecido por ele arrumar briga agora. Quis bater em alguma coisa o dia inteiro.

Escuto alguém gritar “Masen”, mas não paro para ver quem foi. Pulo em cima dele e o agarro pelo colarinho, sacudindo e o jogando contra seu carro.

Ele rosna, segurando meu queixo, tentando me empurrar, só que me desvencilho dele e jogo o punho para trás, descendo um soco no seu estômago.

Ouço gritos e berros ao meu redor, sentindo um monte de gente se aproximar, e rapidamente o agarro de novo, batendo-o contra o carro.

— Vá se foder, bicha! — ele explode, arma um soco e me atinge no rosto. Sinto gosto metálico do sangue por dentro da bochecha, mas ainda não o solto. — Não aceita brincadeira? — berra.

Trago o joelho para cima, acertando sua barriga. Ele se curva e eu levanto o punho no alto, batendo atrás de sua cabeça duas vezes.

— Masen, pare! — Escuto alguém gritando, e acho que é Ryen.

Eu o pego pelo colarinho outra vez e o jogo no chão, suor escorrendo pelas minhas costas e meus pulmões implorando por ar. Mas antes que possa alcançá-lo e acertar outro golpe, mãos seguram meus braços e me puxam para trás. Eu luto contra o aperto, e o cara me segurando tropeça para frente, tentando me conter enquanto olho para Trey.

— O que está acontecendo? — uma mulher grita.

— Você demorou demais! — Trey reclama alto para o cara atrás de mim, e penso que deve ser JD, seu amigo, que está me segurando.

A diretora aparece entre nós, olhando para mim enquanto Trey se levanta do chão.

— Acalme-se! — manda.

Respiro com dificuldade, sugando o ar pelo nariz. Cada músculo do meu corpo está tenso, e mantenho os olhos em Trey quando os braços ao meu redor finalmente me soltam.

— O que aconteceu? — pergunta Burrowes, olhando entre nós.

— Eu não fiz nada! — grita Trey. — Esse idiota apareceu e pulou em cima de mim!

Ela me olha à procura de uma resposta, mas não digo nada. Todo mundo está em volta, com a atenção focada na cena, algumas pessoas guardam os celulares agora que a diretora está aqui, e não consigo evitar o pequeno sorriso, vendo uma gota de sangue no canto da boca de Trey.

— De quem é aquele carro? — pergunta a diretora, apontando para a minha caminhonete à direita.

Mas Trey e eu estamos presos encarando um ao outro, ambos recusando a dizer qualquer coisa.

Ela parece tirar suas próprias conclusões, porque olha para Trey, sua voz ficando severa.

— Você vai pegar um balde e a mangueira, e vai limpar cada centímetro. Os dois! É melhor não ser tinta permanente.

— Mas...

— Agora! — ela o interrompe. — E eu te avisei o que aconteceria se aprontasse mais uma...

— Não foi ele, Sra. Burrowes.

Eu pisco, ouvindo a voz de Ryen. A diretora para e se vira para ela.

— Trey está apenas tentando me encobrir — diz Ryen. Escuto sua voz em algum lugar ao lado, mas me recuso a olhar para ela.

Que diabos ela está fazendo? Posso até acreditar que ela vandalizaria meu carro, mas escrever GAY no capô? Nem pensar.

— Como é que é? — Burrowes pergunta a ela.

— Sim — Ryen continua. — Foi uma brincadeira idiota. Desculpa.

Vozes soam ao nosso redor quando todos começam a sussurrar e eu pisco sem parar. Seu par para o baile de formatura estava prestes a ter problemas, e ela não podia deixar isso acontecer, podia? Seria humilhante demais aparecer no baile sozinha.

Que garota besta.

— Você fez isso com o carro dele?

— Foi uma brincadeira. — A voz de Ryen é calma e convincente. — Vou resolver isso. Vou levar o carro em um lava a jato e pagar a limpeza. Agora mesmo.

— De jeito nenhum — Trey entra na conversa.

— Só fecha a boca — Ryen diz rispidamente para ele e então abaixa a voz. — Eu já volto.

Não espero ser dispensado. Dou uma última encarada em Trey e vou embora, o mar de alunos abrindo passagem conforme ando até a caminhonete. Pego minhas chaves do bolso, abro e entro.

Isso não acabou.

Ryen entra pelo lado do passageiro, largando a bolsa no chão, e sinto seus olhos em mim.

Eu me esforço para não abrir a boca, estou com raiva demais para lidar

com ela agora.

Ligo a caminhonete e afundo a mão na buzina, praticamente não esperando os merdinhas intrometidos se mexerem antes de pisar no acelerador. Os alunos gritam e se apressam para sair da frente quando acelero para fora do estacionamento, colocando a maior distância possível entre mim e todos eles.

Todos, exceto Ryen.

Entro na rua ao mesmo tempo em que gotas de chuva caem no para-brisa, e vejo fixamente a tinta e toda essa merda no capô; minhas mãos apertam o volante. Eu vou matá-lo.

— Aqui — diz Ryen. — Não quero isso.

Estou olhando para frente, mas dou uma espiada, vendo-a segurar o cachecol azul de Annie. Ela deve ter visto em seu jipe antes de a briga começar.

— Fique com ele — respondo rispidamente. — Foi uma coisa idiota que fiz, estragar o seu. Eu te devia.

—Não quero — ela insiste e o joga em mim. — Tem perfume de outra garota nele, portanto, deveria avisar para sua putinha que ela o esqueceu no banco de trás.

Balanço a cabeça.

Mas que megera.

Pego o cachecol e o enfio no console central.

— Tudo bem — grunho.

Estava na ponta da língua dizer tudo a ela. Contar que era da minha irmã e que de alguma forma eu gostava da ideia de Ryen ficar com algo dela, mas que ideia besta era, por que, afinal, eu iria querer que uma mimada desprezível feito ela colocasse as mãos em algo que pertencia a Annie?

Porém jamais mostraria fraqueza. Não quero sua piedade nunca.

Viro à esquerda na Whitney e dirijo pela rua, sem muito movimento

com alguns postos de gasolina e árvores, e entro em um lava a jato com autoatendimento, estacionando em uma das vagas vazias.

Na verdade, estão todas vazias, já que está chovendo. A chuva leve agora ficou mais pesada, nuvens escuras pairam no céu, rolando uma por cima da outra e despejando água constantemente. O barulho de chuva é gostoso, na verdade. Meu coração e respiração começam a se acalmar, e fecho minha janela ao desligar o motor, mas deixo o “Mudshovel” tocando no rádio.

Ficamos sentado ali em silencio, nenhum dos dois se mexe.

Eu olho para Ryen.

— Bem?

— Bem o quê?

Eu me inclino para trás cruzando as mãos atrás da cabeça, e relaxo.

— Quem ferrou com meu carro foi você.

Ela franze a testa.

— Você sabe que não fui eu.

— Sim, eu sei — respondo com a voz divertida. — E é bonito de verdade e tudo mais, esse lance de você assumir a culpa por seu homem, mas quem vai lavar é você.

Seus lábios torcem dando um pequeno grunhido e vejo a metade de um revirar de olhos. Ela abre a porta, desce e a fecha com uma pancada, dirigindo-se para o visor na parede, enfiando a mão no bolso. Fecho os olhos, inclino a cabeça apoiada nas mãos e tento silenciar minha cabeça.

De repente, me sinto tão cansado.

Desde que me lembro, escuto a voz de outras pessoas na cabeça tentando me dizer o que fazer. Eu briguei, me defendi, e tenho orgulho das decisões que tomei, mas isso não significa que não tive dúvidas. Meu pai e o porquê de ele não poder me amar tanto quanto minha irmã. Os caras da escola

que achavam que era mais legal jogar algum esporte e pegar cinco garotas em um fim de semana. Minha mãe e como ela foi embora quando eu tinha dois anos e a Annie um, e talvez a razão pela qual ela tenha ido foi porque não nos queria.

Estou feliz por nunca ter escutado as vozes dos outros na minha cabeça, mas... ainda os ouço. Ainda são barulhentas e continuo andando contra o vento.

"Não mude." Ryen escreveu uma vez em uma das cartas. "Não há ninguém como você, e não posso te amar se parar de ser você mesmo. Acho que não deveria dizer isso, mas estou um pouco bêbada agora – acabei de chegar de uma festa quando vi sua carta –, mas que diabos? Eu não me importo. Você sabia que eu te amava, né? Você é meu melhor amigo.

Então, nunca mude. Este é um mundo grande pra caralho, e quando deixarmos nossas cidadezinhas, vamos encontrar nossa tribo. Se não nos mantivermos fiéis a nós mesmos, como nos reconhecerão? (Nós dois, porque você sabe que somos da mesma tribo, né?)

E mesmo que seja apenas nós dois, será a melhor."

Nossa, eu a amava. Sempre que minhas preocupações ou raiva me venciam, ela sempre dizia a coisa certa para colocar tudo em outra perspectiva. Houve momentos em que me senti irritado ou torturado por suas cartas, especialmente quando ela falava sobre "Crepúsculo" ou como Matt Walst era um vocalista tão bom quanto o Adam Gontier no Three Days Grace – quero dizer, como assim? –, mas nunca me senti mal depois de ler uma carta dela.

Nunca.

Ouço o jato bater no carro, e abro os olhos, encontrando-a na frente da caminhonete, embaçada pela água que está espirrando no para-brisa.

Por que ela nunca aceitou o conselho que tão prontamente me deu?

Continuo com as mãos cruzadas atrás da cabeça e a observo, movendo-se ao redor do capô e balançando a mangueira para cima e para baixo, jogando água em cada centímetro. Vejo um pouco da tinta subindo e descendo enquanto ela tenta remover aquela porcaria o máximo possível com a mangueira.

Ela então para de apertar o esguicho, cortando a água e o solta no chão. Pegando a bainha de sua blusa preta larga, ela a tira, revelando uma regata branca e os contornos do sutiã rosa escuro por baixo. Calor inunda minha virilha e me sinto começar a inchar. Merda.

Ela caminha até a porta do passageiro, abre, e mal olha para mim antes de jogar a blusa dentro e fechar a porta novamente. Pegando a esponja com a longa haste da parede, ela se mexe como se estivesse tirando as sandálias, e vai para a frente da caminhonete, subindo no para-choque.

Não pensei nisso. Ela provavelmente é muito pequena para alcançar o meio do capô para esfregá-lo do chão. Talvez eu devesse ajudá-la.

Mas olho pelo para-brisa, escorrendo água, e vejo seu belo corpo inclinado para a frente sobre a lataria, esfregando com tanta força que seus seios tremem a ponto de me fazer vacilar. Essa ideia foi péssima.

Não consigo afastar os olhos dela. Suas coxas bronzeadas balançam contra a grade enquanto a blusa sobe com o esforço, e posso ver centímetros de abdome tonificado; o cabelo cai ao redor dela e seus seios são uma visão perfeita. Meu pau começa a ficar duro, e eu a quero aqui, não lá fora. Eu a quero montada no meu colo, perto e nas minhas mãos.

Ela pula e vem do meu lado, subindo de novo só que desta vez no pneu. Inclinando-se no capô, bem na minha frente, esfrega a tinta, os pequenos músculos em seus braços flexionam e sua cara fechada fica mais intensa quanto mais esforço ela faz. Meus olhos descem rapidamente para seu abdome outra vez, e minhas mãos imploram para tocar sua pele.

É uma espada de dois gumes. Sinto raiva por ela ser uma falsa, fraca e mentirosa? Sim. Mas também estou feliz por ela ter o corpo de uma atriz pornô? Claro que sim. Ela não precisa conversar para eu olhar.

De repente eu a vejo virar a cabeça, e meus olhos encontram os seus; parece que ela quer me matar. Ela me mostra o dedo do meio ao me ver observando-a, e começo a rir sozinho.

Trey está praticamente esquecido. Por enquanto.

Ela desce e leva a escova de volta para a parede, e então pega a mangueira do chão novamente. Jogando água na caminhonete, tira toda a tinta, a água esbranquiçada escorrendo do capô e pelo chão. Volto a fechar os olhos, apreciando o som da chuva e da água lavando meu carro.

No entanto, algo frio e molhado de repente atinge meu rosto, e dou um pulo, abrindo os olhos. Ryen está do lado do passageiro, jogando água na lateral da cabine e pega na pequena fenda aberta da janela da porta do passageiro.

Droga!

Ela sacode a mangueira, jogando mais, e resmungo quando a água espirra por dentro e molha os assentos de couro.

— Merda! — grito, abrindo a porta e descendo. — Pare com isso!

Minha camiseta preta fica molhada e dou a volta na caminhonete, olhando para ela. Ela casualmente joga água no capô, fingindo assobiar.

— O quê? O que foi que eu fiz?

— Me dê a mangueira. — Estendo a mão.

Ela dá de ombros, fingindo inocência.

— Não sabia que a janela estava um pouco aberta. Água seca. Relaxa.

Caminho na direção dela, porque quem está com uma arma é ela.

— Me dê... a mangueira.

Ela aperta os lábios, claramente tentando esconder um sorriso.

— Venha pegar.

Eu me aproximo, sabendo que ela vai esguichar água em mim, mas talvez, se eu for rápido, eu consiga...

De repente, vira o esguicho na minha direção e espirra, a água gelada bate nos meus braços, mãos, e faz minha camiseta grudar no peito.

Eu rosno, pulando sobre ela, que grita e joga o esguicho em mim, antes de abrir a porta de trás. Pego o esguicho do chão e viro para a porta. Eu a vejo deitada no banco de trás com a cabeça inclinada, respirando com dificuldade e com mãos erguidas em sinal de rendição, me observando.

Ela lambe os lábios, sem fôlego e com o vestígio de um sorriso no rosto.

— Não, por favor — implora ela. — Desculpa.

Seu corpo treme com uma tensa risada silenciosa, mas não consigo me mexer. A visão dela ali no banco, seus seios subindo e descendo e as coxas ligeiramente abertas com um pé no chão e a outra perna arqueada, faz meu corpo cambalear.

Puta merda.

Suor – ou a água, não tenho certeza – brilha em seu peito, e suas bochechas coram.

Dou um passo para frente e coloco a mangueira, ainda travada, no teto. Água escorre em um amplo e constante fluxo no para-brisa.

Eu a olho fixamente.

— Você me molhou — ressalto. — O que é justo é justo.

Sua respiração vacila e ela olha para mim, imóvel. Ela vai correr?

Eu me inclino, curvando a cabeça dentro da cabine e pairo sobre o corpo dela, apoiando-me sobre as mãos. Seus olhos disparam para o para-brisa; ela provavelmente está nervosa pensando que alguém pode ver a gente. Mas a

água embaça a vista, criando um borrão.

Ela se arqueia, se erguendo, encontrando-me no meio do caminho conforme suas respirações curtas e quentes sopram meus lábios. Seus olhos descem para minha boca.

— Qual é a sensação? — ela pergunta baixinho, esticando um dedo tímido e tocando meu piercing.

Solto um gemido, desafiando-a.

— Me diz você.

Seus olhos travam nos meus como se estivesse com medo, mas depois o olhar dela volta para o piercing. Abrindo a boca bem ligeiramente, ela aponta a língua e agita a argola.

Eu gemo de novo, incapaz de manter os olhos abertos. O calor úmido daquele pequeno toque se espalha pelo meu rosto, pescoço, e desce pela barriga, fazendo meus dedos afundarem no banco de couro.

Sinto sua respiração na pele de novo, e abro os olhos para vê-la me observando atentamente enquanto volta por mais. Sua língua traça um suave rastro sobre a argola antes de avançar e morder meu lábio com o piercing, puxando-o inteiro na boca.

Minha pele queima e formiga por toda parte, e quase perco a porra da força para me segurar. Seus olhos ficam abertos, observando-me ofegar e gemer com tudo o que ela está fazendo. Ela suga, morde, lambe e puxa comigo por cima dela, sem me mover e sem beijá-la de volta enquanto a deixo explorar.

Uma buzina berra, mas quase não percebo.

— Masen — sussurra ela, passando os lábios na argola sem parar, circulando a mão pela minha nuca.

Masen.

Estendo a mão e toco seu abdome, finalmente, tendo-a em minhas

mãos. Eu quero que ela diga o meu nome, caramba. Quero ouvir meu nome de seus lábios agora mesmo.

— Ei, babaca! — A buzina berra de novo, e eu pisco, percebendo que alguém está aqui. — Onde está a minha garota?

Ah, merda.

Ryen se afasta, ouvindo a voz de Trey também, e olha para mim com um pouco de medo em seus olhos.

Eu olho pela janela, vendo o borrão azul de seu Camaro parado na vaga da frente. Não consigo enxergá-lo, portanto, não dá para ele ver a gente. Se pudesse, tenho certeza de que o teria sentido antes de vê-lo.

Eu olho para Ryen, ainda sentindo o desejo sair dela.

— Ela está bem aqui, Burrowes — digo baixinho para que apenas Ryen ouça conforme passo a mão em seu abdome. — E ela está muito bem.

Ryen morde o lábio inferior e sacode a cabeça, implorando.

— Oi! Acorde, idiota! — Trey esbraveja novamente.

Eu olho para Ryen.

— Está molhada agora? — E me afasto dela, descendo da caminhonete, sorrindo. — Fique abaixada.

Fechando a porta, vejo Trey sentado no carro dele com a janela abaixada. A chuva ainda está caindo e as nuvens estão mais escuras.

Pego a mangueira e a fecho, colocando-a no lugar.

— Ela saiu fora — digo bravo. — Foi a pé pra casa. Agora, vaza daqui.

Ele ri, balançando a cabeça.

— Não se preocupe, cara. Você pode ficar o tanto que quiser com ela depois do nosso jogo de beisebol contra Thunder Bay na próxima semana. Gosto de uma bocetinha depois que eu ganho, então até lá, espere a sua vez.

Que porra é essa que ele acabou de dizer? Observo-o acelerar e desaparecer na rua, cerrando os punhos.

Não vou esperar a minha vez.

Ele não pode tê-la.



RYEN

Lambo os lábios, sentindo o metal quente roçar minha língua.

Misha.

Mas então eu pisco acordada, meu quarto aparecendo e a névoa na cabeça lentamente se dissipando. Misha? Eu estava beijando Masen no sonho. Por que eu o chamei de Misha?

Droga.

Puxo meu travesseiro debaixo da cabeça e cubro o rosto. Estou uma confusão. Eu tinha fantasiado com Misha antes, em uma das minhas realidades alternativas perversas, onde ele me escreve cartas safadas e finalmente entra sorrateiramente no meu quarto, e é a primeira vez que o encontro, quando ele está deslizando dentro de mim.

Mas ele nunca tem rosto. Sempre tive a impressão de que era alto e moreno, mas não tinha certeza. Acho que depois de tudo que aconteceu na noite passada, e o jeito que esse cara novo está na minha cabeça agora, meu cérebro fez uma conexão.

Minhas fantasias finalmente encontraram um rosto para Misha.

Tirando o travesseiro do rosto, eu o deixo de lado, os acontecimentos de ontem passando na minha mente. Levanto a mão, virando-a para ver os restos de sua caneta no dedo. Olho para a lousa à minha frente e vejo onde acrescentei Vergonha ao final da lista.

Sozinha

Vazia

Farsa

Vergonha

As palavras machucam, mas ontem à noite percebi uma coisa. Existe mais que não estou vendo. A primeira palavra, Sozinho, estava escrito em seu quarto no Cove. Isso não é sobre mim. Tem a ver com outra coisa. Essas palavras significam outra coisa.

E então teve o lance da caminhonete e a briga... Saí para o estacionamento depois da escola, imediatamente vendo Masen colocar algo no meu jipe. Desci correndo os degraus, pronta para repreendê-lo, principalmente depois do que fez com o meu cachecol, mas quando vi o que estava no banco do meu carro, parei.

É claro que foi de mau gosto me dar o cachecol de outra mulher, mas fiquei um pouco desconcertada por ele ter se sentido culpado a ponto de querer compensar o que fez antes de mais nada. Era lindo e macio e eu queria ficar com ele.

E depois no lava a jato. O quanto fiquei excitada quando ele me perseguiu como se eu fosse uma presa. Como era suave a curva do piercing quando escorreguei a ponta da língua pelo aro. Como foi tão paciente e nada ganancioso ou egoísta, apenas me deixando explorar.

O jeito que a mão dele se moveu possessivamente por baixo da minha regata, me deixando zonza.

Levo os dedos até a boca, roçando a ponta de um deles com a língua. Sinto um pouco de cócegas, mas também atiça. Ele gostou quando fiz isso? Eu queria que me achasse gostosa, mesmo que só fosse admitir isso para mim mesma.

Deslizo a mão pelo rosto e pescoço, desejando que fossem suas mãos. Queria poder voltar à noite passada e não o ter interrompido para que me levasse para a escola, a fim de pegar meu carro e fugir.

Mas a verdade é... Estou começando a pensar nele. Muito, e não sei o porquê. Principalmente porque está direto na minha cara, dizendo o que estou fazendo de errado.

Nunca estive em perigo de perder meu coração para caras como Trey, mas com Masen, eu o encontro consumindo minha atenção. Estou sempre ciente da sua presença.

E quanto mais eu me aproximo dele, mais longe me sinto de Misha. Quase parece que estou o traindo. Não que tivéssemos um relacionamento amoroso, mas meu coração é dele, e não quero dar para mais ninguém. E sinto que Masen ameaça isso.

Eu disse que daria alguns dias a Misha, mas preciso saber. Ele está bem? Está vivo? Acabou seguindo com sua vida?

Afastando as cobertas, me sento e jogo as pernas para fora da cama. Olho para o relógio e vejo que já passa das nove.

É sábado. Tenho o dia inteiro livre. Podia apenas passar na porta da sua casa.

Não é como se eu fosse uma perseguidora obcecada que simplesmente não consegue entender a indireta. Não, vou só passar na porta. Verificar se a casa não pegou fogo ou está vazia porque seu pai cometeu algum assassinato terrível e saiu da cidade, fugindo com Misha e a irmã no meio da noite.

Vai saber! Talvez eu veja um jovem entrando na garagem e na casa, e serei capaz de dizer que é ele, e então saberei que está vivo e bem. Não preciso de mais respostas do que isso, preciso?

Levanto e coloco um short, camiseta e um moletom. Amarro o cabelo em um rabo de cavalo frouxo, não vou me preocupar com a aparência. Se eu tomar banho e arrumar o cabelo e fazer a maquiagem, ficarei tentada a bater em sua porta. Se estiver um desleixo, não saio do carro.

Depois de escovar os dentes, desço as escadas e dou a volta no corrimão, indo para a cozinha.

— Bom dia — cumprimenta minha mãe.

Ergo os olhos e vejo Carson e ela sentadas à mesa, olhando uma revista juntas. Provavelmente alguma revista de decoração, porque mamãe quer expandir a garagem. Abro a geladeira e pego uma garrafa de água.

— Bom dia — respondo.

— A diretora ligou ontem à noite — diz minha irmã em voz alta.

Eu hesito, lentamente fechando a porta da geladeira sem olhar para ela. Merda. É mesmo.

Ela contou o que eu fiz na caminhonete de Masen? Ou o que eu disse a ela que fiz?

Droga!

Mas não. Minha mãe teria me dado um sermão ontem à noite quando cheguei em casa. Não teria esperado até hoje cedo.

Além disso, duvido que a diretora realmente acreditou em mim, mas não tinha nada que ela pudesse fazer.

— Ela disse que você vai ao baile com Trey — diz minha mãe, andando até mim em seu roupão de banho e o cabelo num coque. Ela despeja seu café na pia. — Ela queria saber sua cor preferida para seu acessório de flor. Por

que não contou para nós que ele te chamou para ir ao baile?

— Eu esqueci. — Dou de ombros, relaxando um pouco. — Você viajou e estava bastante ocupada.

Na verdade, não achei que valesse a pena contar. Garota popular vai ao baile com cara popular. Meu lugar no anuário está garantido.

Mas, de repente, eu já quase não ligo mais. Gostaria de saber como isso aconteceu.

Ela balança a cabeça, seus olhos azuis sorrindo para mim enquanto afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Você anda muito ocupada. Vai para a faculdade em breve. Eu quero te ver.

Eu a beijo no rosto e pego uma maçã da tigela no balcão do meio.

— Vou sair e à tarde estou de volta.

— E aonde está indo agora?

— Ver uma amiga — respondo, caminhando para a sala. — Volto mais tarde.

— Ryen? — argumenta mamãe.

— Ah, deixa ela ir — resmunga minha irmã, levantando-se e colocando seu prato para a pia. — Ryen é tão ocupada e importante agora. Deveríamos ficar agradecidas quando ela nos prestigia com sua presença.

Pego minha carteira e chaves da mesa da entrada, apertando o queixo. Não me lembro da última vez em que a minha irmã disse algo bom para mim. Ou eu para ela, a propósito.

— Carson — adverte mamãe.

— Que foi? — diz minha irmã. — Estou feliz por ela. Pelo menos não é igual quando estava no fundamental e não tinha amigos, e eu era obrigada a levá-la em todos os lugares comigo para não ficar sozinha.

Engulo o gosto amargo na boca, sem olhar para ela. Carson sempre sabe o que dizer para me rebaixar de novo. O sorriso forçado que geralmente consigo dar, pelo bem de minha mãe, está pressionado no fundo do meu estômago, contido por uma pilha de tijolos, e as palavras agradáveis que sempre solto não querem brincar dessa vez. Estou cansada.

Saio pela porta da frente e pulo no meu jipe antes que ela diga mais alguma coisa. Não ligo se é só a cidade dele, apenas a casa dele, ou o que for. Preciso ver algo de Misha.



Dirijo pelas tranquilas e imaculadas ruas de Thunder Bay, o vento soprando pela cabine aberta do jipe enquanto mechas soltas de cabelo voam descontroladamente ao meu redor. O sol brilha através das folhas nas árvores acima, e o cheiro do mar flutua no ar, enchendo meus pulmões com seu aroma fresco.

“Sk8er Boi” de Avril Lavigne toca no rádio, mas não canto como normalmente faço. E mal noto o leve chiado vindo do meu peito enquanto olho para as casas e gramados de ambos os lados.

Puta merda. Estou completamente fora da minha realidade.

Mansões de dois e três andares, com portões e hectares e calçadas circulares maiores do que a minha casa, estão à minha frente, e os carros que passam provavelmente custam tão caros quanto.

Minha nossa, Misha.

Não que a minha casa seja ruim, claro. É suficientemente grande, e minha mãe fez um belo trabalho decorando-a, mas essas são de alto padrão. Pela

primeira vez, fico muito feliz por estar dirigindo um jipe e poder me misturar. É o único carro do mercado que não revela quanto ou quão pouco você vale. Existem fãs ricos e pobres de jipes.

Continuo dirigindo, olhando para o mapa no GPS, pegando à direita na Birch e depois à esquerda na Girard.

Girard, 248. Conheço o endereço de cor desde os onze anos. No começo, pensei que como morávamos a uma distância de trinta minutos um do outro, é claro que eventualmente nos veríamos. Quando tirássemos nossas habilitações e tivéssemos mais liberdade.

Mas quando essa hora chegou, tínhamos nossas vidas, amigos e obrigações, e parecia ser suficiente saber que podíamos nos ver a qualquer momento que quiséssemos.

Se nós quiséssemos.

Passo pelas casas e leio os números escritos nas colunas, paredes e portões em suas entradas. 212, 224, 236 e então...

Eu vejo. À esquerda, cercada por árvores e duas pequenas colunas de pedra com um portão menor e outro maior para carros, que está aberto agora. É uma casa de três andares, em estilo Tudor, em linda harmonia com a madeira e as pedras. Paro do outro lado da rua para olhar por um minuto.

É singular e pitoresco, mas não tão grande ou pretensioso como muitas casas que vi no caminho até aqui.

Mas tem uma fonte na frente.

Ele cresceu aqui. É aqui que minhas cartas estão chegando.

Não é de se admirar que ele reclame tanto, dou risada sozinha. É uma casa linda, mas não é a cara dele de jeito nenhum. Misha, que foi suspenso duas vezes por brigar, toca guitarra, e pensa que carne seca e bebidas energéticas são um café da manhã saudável, vive em uma casa que parece que tem um

mordomo.

Sinto os pulmões ficando pesados e espessos, e tiro a bombinha extra que guardo em um compartimento secreto no console. A primavera chegou e minhas alergias vão ficar descontroladas.

Dou duas inaladas, sentindo os pulmões lentamente começarem a se abrir de novo.

Verifico meu telefone, vendo que já são quase dez. Não posso ficar aqui o dia todo, posso? Olho para cima, observando algumas mulheres correndo na calçada vindo em minha direção, e escuto uma criança gritar em algum lugar na vizinhança. Encosto o pé no pedal, de repente, indecisa.

Eu disse que não ia sair do carro, mas... Estar tão perto, possivelmente a poucos metros dele... sinto tantas saudades. Preciso saber o que está acontecendo.

Se eu for até aquela porta, nosso relacionamento de antes acaba. Talvez continue de alguma outra maneira quando descobrir o que está acontecendo com ele, mas não será o mesmo assim que eu ver seu rosto. As coisas mudarão e algo que um dia deu certo, estará aniquilado. Será estranho, e ele não terá se preparado para me ver assim do nada. E se nós dois apenas ficarmos sentados, cada um com suas mãos cruzadas no colo e sem dizer nada, porque sou uma perseguidora maluca que foi atrás dele, e agora ele me achar esquisita?

— Foda-se — eu digo, percebendo que estou falando sozinha, mas não me importo.

Confio nele. Tenho o direito de saber. Nós temos esse compromisso há sete anos. Se ele não quer que eu apareça, então podia muito bem ter respondido minha carta dizendo que estava tudo acabado. Tenho o direito de saber o que está acontecendo.

Abrindo a porta, saio do jipe e fecho a porta com força. Com as pernas bambas e a respiração ofegante, corro pela rua, afastando o medo da cabeça.

Não pense. Apenas vá. Ele está me enlouquecendo e preciso que isso acabe. Só preciso saber.

Subindo a calçada, dou uma olhada ao redor, olhando nas janelas para ver se alguém me vê chegando. Ajeito meu cabelo para trás, arrumando meu rabo de cavalo enquanto caminho até a porta.

Deveria ter me vestido direito. Deveria ter feito a maquiagem. E se ele estiver em casa e me ver e começar a rir? Estou horrorosa.

Não, Misha me conhece. Ele é o único que me conhece de verdade. Ele não vai se importar com a minha aparência.

Puxo a gola da blusa e abaixo o nariz, cheirando. Tomo banho duas vezes por dia – à noite, porque geralmente fico suada por causa da atividades com a equipe de torcida e da aula de natação e cedo depois dos treinos –, mas hoje ainda não tomei nenhum.

O cheiro não está ruim, acho. Embora que uma vez minha irmã me disse que a gente não consegue sentir o próprio cheiro.

Levanto a mão e bato na porta várias vezes. Então vejo uma campainha à direita. Droga, devia ter tocado.

Não importa. Cruzo os braços, eu me aperto e mexo os pés, abaixando a cabeça e fechando os olhos.

Misha, Misha, Misha, onde você está?

Escuto a porta abrir e meu coração para de bater.

— Pois não? — alguém diz.

Eu pisco e imediatamente relaxo um pouco, respirando lentamente. É um homem muito mais velho do que o Misha, com cabelo castanho e grisalho e olhos verdes. Será que é o pai dele?

Ele está vestindo um roupão azul escuro, com um conjunto de pijama comprido por baixo, e sinto as bochechas esquentarem de vergonha. É sábado de manhã. Talvez ele tenha acabado de acordar.

— Uh, oi — eu finalmente digo, descruzando e cruzando os braços de novo. — Será... Será que o Misha está? Por um acaso?

Vejo suas costas endireitarem um pouco, como se ficasse mais atento.

— Não, sinto muito, ele não está — responde baixinho.

Ele não está. Então ele mora aqui. Esta é a casa dele. Não sei por que ter essa confirmação me enche de pavor e excitação ao mesmo tempo.

E esse homem deve ser o pai dele.

— Você sabe quando ele vai voltar? — pergunto o mais educada possível. — Sou amiga dele.

Seu peito sobe com uma respiração pesada e o olhar cai. Noto seu rosto fundo, e suas olheiras, como se estivesse doente ou cansado ou algo do tipo.

— Se é amiga dele, tenho certeza de que pode ligar para ele e descobrir — diz.

Eu fraquejo. Sim, se fosse amiga dele, por que não teria o seu número de telefone?

Talvez ele saiba quem é Ryen. Talvez eu devesse dizer a ele quem sou.

— Gostaria de deixar recado? — pergunta, começando a recuar ligeiramente e se preparando para fechar a porta.

— Não — respondo rapidamente. — Obrigada, senhor.

Ele acena com a cabeça e começa a fechar a porta.

Mas estico a mão, impedindo-o.

— Senhor? — Ele olha para cima, parando. — Ele está bem? — pergunto. — É só que... não tenho notícias dele tem um tempo.

Seu pai fica em silêncio por um momento, me observando antes de responder com um tom firme:

— Ele está bem.

E então fecha a porta e fico ali na entrada, imóvel e confusa.

O que isso quer dizer?

Acredito que eu deveria estar feliz, não é? Ele está bem, não está?

Ele mora aqui. Seu pai diz que não está em casa agora, o que significa que ele está em casa às vezes, então não se mudou ou morreu ou foi para o Exército.

Mas não me sinto feliz.

Ele está bem. Ele mora aqui. Não está em casa agora. Tudo está normal. Nada mudou.

Então, se ele não se mudou ou morreu ou foi para o Exército, então por que diabos não está mais escrevendo para mim?

Eu me viro e ando depressa para o meu jipe, sabendo o que a Ryen, amiga de Misha, faria. Ela nunca desistiria. Continuaria escrevendo com lealdade eterna, confiando que ele tenha um bom motivo.

Mas a Ryen que Misha não conhece, a sobrevivente, está tomando as rédeas agora, e ela não gosta que brinquem com ela.

Você sabe meu endereço, babaca. Use-o ou não.

Não vou mais perder o meu tempo.



— Dá pra acreditar no Masen Laurent? — zomba Lyla, parada ao lado do meu armário, enquanto Ten mexe no telefone dele ao seu lado. Ela olha por

cima do ombro para Masen e um grupo de caras do outro lado do corredor. — Ele provavelmente foi expulso de sua última escola por brigar, e estão enchendo o saco do Trey no Facebook por causa dessa briga. — Ela estreita os olhos em Masen. — Definitivamente gostoso, mas um idiota. Ele deveria ser preso.

Estão enchendo o saco do Trey por causa dessa briga? Sorrio internamente. Você quer dizer porque ele levou uma surra.

Olho para Masen, que está cercado por outros quatro garotos, todos rindo e brincando, como se fossem melhores amigos desde sempre. Masen sorri para um deles e sacode a cabeça, sugando um canudo entre os lábios enquanto toma um gole de seu refrigerante.

Sinto minhas bochechas esquentarem. Aqueles lábios. Queria muito mais deles na sexta à noite, e ele nem me beijou.

E se Lyla e Ten descobrissem agorinha que ele estava comigo no banco de trás do carro dele e eu não queria parar?

Acho que ele percebe que o estou observando, porque vira a cabeça na minha direção, e acabamos nos encarando através do corredor lotado. Seus olhos verdes me prendem no lugar, uma espécie de calor brilhando neles, e, de repente, não consigo dar um passo. Viro de uma vez, jogando meus livros no armário.

— É, bem — respondo, obrigando minha voz soar normal e maçante. — Parece que ele encontrou sua turma.

— Sim, só a escória — brinca Lyla, olhando para os garotos que estão com Masen. — Todos esses caras estarão presos em um ano.

Eles parecem desse tipo. Masen está aqui há menos de uma semana e já tem uma grupo de amigos, os quais parecem combinar com seu estilo. Alguns piercings, algumas tatuagens, e provavelmente todos eles bem versados no processo de fiança.

— Ouvi dizer que você saiu fora e deixou ele no lava a jato? — Ten

joga seu chiclete na lata cinza de lixo que fica encostada na parede entre o meu armário e a porta de uma sala de aula. — Você é tão má.

— Isso mesmo. — Pego meu telefone para ir almoçar. — Meu tempo é precioso. É melhor ele se acostumar com o trabalho braçal mesmo.

Lyla e Ten bufam, rindo, e damos olhares divertidos para os delinquentes.

Na sexta-feira, Masen não tinha amigos, e agora... Aposto qualquer coisa que estão indo atrás dele. Não o contrário.

Agora todo mundo conhece ele.

— Ele continua olhando pra você — diz Ten.

Eu finjo indiferença conforme dou uma rápida olhada para Masen.

Meu pulso começa a acelerar.

Ele está parado com as costas encostadas no armário, e seus olhos estão em mim. Desafiantes, divertidos, quentes... como se não tivesse esquecido aonde paramos.

— Ele pode olhar o quanto quiser — comento, fechando a porta do armário e encontrando seus olhos enquanto converso com meus amigos. — Jamais vai conseguir alguma coisa.

O canto da boca de Masen sobe, dando um sorriso do outro lado do corredor, como se soubesse que estou falando merda dele.

— Mas se ele conseguir — provoca Ten —, certifique-se de que eu seja o primeiro a saber, tá? Quero detalhes.

— Vou ao baile com Trey. — Evito olhar para Ten. — Masen Laurent pode admirar de longe e apreciar a vista.

Meus dois amigos riem, só que nesse mesmo instante, alguma coisa bate na lata de lixo e um jorro de líquido claro caí bem em cima de nós. O refrigerante espirra no chão, e eu ofego quando molha minhas pernas e faz com

que Lyla e Ten pulem para trás conforme o líquido pegajoso molha seus tornozelos e sapatos.

— Idiota! — Lyla grita no corredor.

Masen desencosta dos armários, ainda segurando o canudo enquanto mastiga, sorrindo. Seus amigos o seguem, todos rindo.

Ele deve ter jogado o refrigerante no lixo de onde estava.

Babaca.

— Desculpa, Patricinha. — Masen tira o canudo da boca, ele me encara com um olhar arrogante. — Não foi minha intenção te sujar.

Suas palavras são cheias de insinuações e seus amigos riem mais alto do seu lado. Flexiono o queixo, morrendo de vontade de tirar aquele sorriso do rosto dele ao vê-lo se afastar com seus amigos pelo corredor na direção do refeitório.

Ele nunca fica sem causar, não é?

— Idiota — Lyla grita. — Vou no banheiro me limpar.

Ela passa por mim e Ten a segue, balançando a cabeça com um sorriso divertido.

— A gente se encontra no refeitório — avisa ao passar.

Eu viro e abro meu armário de novo, tirando o cachecol de cashmere que Masen estragou. Já está sujo, então o que tem de mais? Seco as pernas e tornozelos e o jogo de volta no armário, pensando que preciso me lembrar de levá-lo para casa hoje à noite para lavar. O sinal toca, e vou para o refeitório; estou com tanta fome que largo meus livros no armário para comer logo.

Mas quando passo pelo laboratório de física, vejo uma sombra escura se aproximar à minha esquerda, e quase não percebo que é Masen antes de me empurrar pela porta. Eu tropeço na sala vazia, ofegando quando ele fecha a porta e avança na minha direção, me fazendo encostar na parede.

Meu coração bate forte no peito e sinto um frio na barriga. Mas abafo essas sensações. Olho para ele com as mãos na cintura e o queixo arrebitado, fazendo o máximo para parecer calma.

Ele me encara sem dizer nada conforme seu peito toca o meu. A sala está escura, exceto pela suave luz que entra pelas janelas, e os sons abafados dos risos e conversas atravessam pela parede vindo do refeitório.

Ele está perto.

Tudo aquece sob a minha pele e sua respiração sopra meus lábios.

— Essa roupa de líder de torcida é ridícula pra caralho — diz ele.

Ergo a cabeça.

— Engraçado... porque você não conseguia tirar os olhos de mim há um minuto.

Seus olhos caem para os meus lábios, e ele se inclina, nossas respirações acelerando, e quase consigo sentir o gosto dele.

Lambo os lábios.

E ele enlouquece.

Ele abaixa, agarra a parte de trás das minhas coxas e me levanta, e eu o envolvo com meus braços e pernas, deixando um pequeno gemido escapar. Isso.

Abro a boca, passando os lábios sobre o piercing e gostando de senti-lo conforme ele geme e afunda os dedos em minhas coxas. Aperto as pernas ao redor dele, precisando senti-lo.

— Megera — sussurra ele.

— Otário.

E quando estico a língua para lamber o pedacinho de metal de novo, ele cansa de ser paciente.

Masen Laurent gruda os lábios nos meus, movendo-se com força sobre a boca e roçando a língua na minha, o calor e o gosto me deixando tonta. Eu fico

sem fôlego. Não estou nem aí. Só quero mais e mais.

Ele morde meu lábio inferior, levando as mãos para minha bunda e aperta. Eu solto um gemido; senti-lo está me deixando louca. Não quero que as pessoas nos ouçam, mas nesse instante não me importo com nada.

Meus olhos se fecham quando seus lábios e dentes descem pelo meu pescoço, fazendo um arrepio descer pelas costas. Sinto um calor se acumular na barriga enquanto aperto as coxas ao redor dele.

Quero mais proximidade.

Ele pressiona a virilha contra mim, e me abaixo, sugando seus lábios e passando a língua, provocando-o desse jeito toda vez que o beijo.

— Continue fazendo isso — ofega.

Ouço risadas do lado de fora e pulo, virando a cabeça em direção à porta. Mas ele não deixa minha cabeça sair do jogo. Estende a mão e tranca a fechadura, em seguida, me carrega até uma cadeira de uma mesa no laboratório e senta-se, comigo montada no colo dele.

Segurando meus quadris, ele me traz para perto, peito com peito.

— Você pensou em mim neste fim de semana? — Ele morde meu lábio e solta. — Hmm?

Sentir seus dentes faz minha barriga estremecer, mas de qualquer maneira, eu solto:

— É o que você queria.

Pressiono o corpo nele e afundo minha boca contra a dele quando puxa meus quadris de novo.

— Estava falando merda para seus amigos idiotas, não estava? — ofega, seus beijos e mordidas rápidos e provocantes. — Nunca quis tanto dar uma lição a alguém como eu queria fazer com você agora. — Ele me puxa novamente, meu clitóris esfregando contra a protuberância no seu jeans. —

Deveria ter me aproximado, levantado sua saia e começado a te tocar ali mesmo, então todos saberiam do que você realmente gosta.

Começo a rebolar os quadris, devagar e provocando, mas quando ele avança e tenta pegar meus lábios de novo, eu me afasto, provocando-o.

— Você não sabe do que eu gosto.

— Acho que não vou te decepcionar.

Sua ameaça permanece entre nós, e olho para baixo, vendo a ponta de uma tatuagem saindo pela gola da camisa e subindo apenas alguns centímetros em seu pescoço. Não dá para ver o que é, mas eu me inclino e beijo, arrastando os lábios lentamente do pescoço até sua orelha.

— Peço desculpas por sair às pressas — sussurro —, mas meus amigos estão esperando por mim.

Não quero ir, mas preciso.

Começo a me levantar, mas ele me puxa para baixo.

— Não é assim que funciona, princesa.

Seus olhos me desafiam e sinto seus dedos apertarem minhas coxas.

Meu coração bate mais rápido.

— Alguém pode entrar — aviso.

— E daí? Descobrir que sou seu pequeno segredo sórdido?

— Ma... — Mas ele se inclina e captura meus lábios, me cortando. Ele me beija profundamente e, de repente, eu só quero envolver os braços ao redor dele mais uma vez.

— Não me chame assim quando estivermos desse jeito — sussurra contra meus lábios.

Não o chamar de Masen?

— Por quê? — pergunto.

— Só não me chame assim. — Ele dá de ombros e levanta, me

obrigando a sair de seu colo. — Agora me faça um favor, vá ao refeitório e sente-se no colo de Trey, tá bom? Quero olhar enquanto a porra do seu par para o baile de formatura não tem a mínima ideia de que acabei de ter essa bunda esfregando meu pau um minuto atrás.

Ele me dá um sorriso cruel, e respiro profundamente, levantando o queixo e tentando não parecer abalada.

Mas meu coração bate igual a uma britadeira. Que imbecil.

Antes que eu possa responder com um comentário engraçadinho, sarcástico ou totalmente infantil, ele passa por mim saindo pela porta e o barulho dos alunos no refeitório entra no laboratório.

Sinto a garganta arder, mas me recuso a chorar. Virando, olho pela janela e vejo meu reflexo no vidro. Pisco para evitar que as lágrimas desçam e dou uma conferida no meu rosto para ver se o rímel e o batom não estão borrados. Verificando se meu cabelo está arrumado e perfeito novamente.

Garantindo para que a garota que apareceu há alguns minutos esteja escondida lá dentro, no fundo.

Respiro fundo e saio, juntando-me aos meus amigos no refeitório.



MISHA

Sentado em um carrinho vazio da roda-gigante, inclino a cabeça para trás e fecho os olhos, sentindo o vento noturno soprar no meu rosto.

As ondas do mar ao longe se enrolam e arrebentam na praia, preenchendo a escuridão com uma presença constante às minhas costas ao mesmo tempo em que um carrinho acima de mim range com o vento, o resto tendo permanecido silencioso há muito tempo.

Com a lamparina que tenho usado no quarto embaixo das minhas pernas apoiadas no banco, seguro a caneta na mão e caderno no colo.

“Cinquenta e sete vezes eu não liguei

Cinquenta e sete cartas eu não mandei,

Cinquenta e sete pontadas para voltar a respirar, e então, apenas fingir.”

Abro os olhos e anoto as duas últimas linhas, mal conseguindo ver o que estou escrevendo na escuridão. Não tem problema, acho. Posso escrever agora e ler amanhã.

Tem dois anos que estou escrevendo essa música, desde que Ryen

começou a falar sobre “líderes de torcida” em algumas de suas cartas. Fiquei preso no meio do caminho porque não tinha certeza de onde ia parar a história, só sabia que precisava contar. Tinha uma ideia de Ryen através de suas palavras, mas não conseguia imaginar mais além disso.

Mas saindo da escola há dois dias, depois de finalmente tê-la em meus braços no laboratório, precisava escrever. Estava sentindo coisas.

Ela sabe como lidar comigo. Como me enlouquecer, agindo como se eu fosse a sujeira da sola do seu sapato, em público, mas como se me quisesse descontroladamente em particular. Sua língua e boca, a pequena obsessão que tem pelo meu piercing, o jeito que se esfregou em mim, e se não fosse por algumas camadas de roupas, poderia ter estado dentro dela...

Sim, aquele teatrinho de puritana desaparece por completo, e ela acaba ficando tão sexy, que tudo o que mais quero é tirar suas roupas – menos aquela saia ridícula –, e descobrir como é sentir cada centímetro dela.

Se toda a sua turma de metidos soubesse como a princesinha deles se derrete por mim...

Mas ergo meu olhar, observando o parque e me dou conta.

Não, não por mim.

Por Masen.

Porra, não posso continuar com isso. Tenho que ir embora, ou contar para ela. Jamais vai me perdoar por traí-la assim. Estar bem debaixo do nariz dela e quase seduzi-la.

— Estou com vergonha por não ter imaginado que esteve aqui esse tempo todo! — uma voz chama, e eu me assusto, olhando para o chão.

Dane está logo abaixo de mim com uma lanterna na mão.

Eu o vejo começar a subir as vigas de aço até onde estou sentado, cerca de cinco carrinhos do chão, e solto um suspiro. Estou trabalhando. Pela

primeira vez em meses, estou escrevendo. Que sorte a minha.

— Você e seu primo amavam esse lugar quando crianças — grita. — Devia saber que estaria se escondendo aqui.

Ele rasteja, passa pelos carrinhos vazios e se ergue sobre a viga do carrinho onde estou. O ferro range com o peso extra, mas não se mexe. Anos de chuva e maresia deram um jeito nisso.

Ele se senta e noto que está vestindo a camiseta preta da banda. Nosso nome, Cipher Core, com alguns desenhos elaborados feitos por Dane, no lado esquerdo do peito. Tenho alguns em casa. Até Annie tem, já que costumava usar para dormir.

Vejo os olhos de Dane descerem para o meu caderno, e então ele olha para mim, sua cabeça girando com milhares de pensamentos, provavelmente.

— Tem algo aí pra mim? — sonda, querendo saber se tenho alguma música.

Dou risada, jogando o caderno para ele. Por que não? Ele bem que pode dizer que é uma porcaria, assim já desisto e podemos ir para o Sticks encher a cara.

Ele mal olha no caderno, no entanto. Dane me olha, hesitante, como se estivesse à procura do que dizer.

— Seu pai não anda muito bem, cara — diz ele, mantendo o tom uniforme. — As lojas estão fechadas e ninguém mais o vê. Ele sente sua falta.

— Ele sente falta de Annie.

— Ele continuou trabalhando depois do que aconteceu com a Annie — ressalta. — Quando você foi embora que ele se afastou de tudo.

Apoio o braço nas costas do assento e esfrego a testa. Ele não está indo às lojas? Para abrir ou algo assim?

Dane está certo. Meu pai estava sofrendo depois da morte de Annie,

mas não abandonou suas responsabilidades. Além de mim, é claro. Não, ele me deu todo o espaço que eu disse que queria.

Mas ainda cuidava da casa, das lojas, fazia a papelada e saía para suas corridas matinais.

Ele não me ligou, no entanto.

Se está sofrendo – se precisa de mim –, ele me diria?

Parei de ser capaz de falar com você. Parei de procurar uma maneira de falar com você.

Culpa faz um pouco da minha raiva dissipar. Annie o amava. Ela não ia querer que ele ficasse sozinho.

Olho para Dane e o vejo segurando a lanterna e lendo a letra que escrevi. Seus olhos se movem atentos, mas lentamente pelo papel, e posso dizer que está lendo cada palavra.

Ele olha para cima e encontra meus olhos, assentindo.

— Estamos prontos para voltar ao trabalho. Você vai pra casa?

Não sei. Havia razões pelas quais saí, mas agora me preocupo porque tenho motivos para ficar. E eles não são as razões pelas quais fui atrás. Esse é o problema.

Nunca deveria ter me aproximado demais de Ryen. Agora ficou complicado. Ou vou embora e continuo com uma amiga ou fico e a perco para sempre.

— Ainda preciso pegar mais uma coisa — respondo. — E então vou pra casa.



Aproximando-me da casa, paro e verifico o relógio no painel. Já passa da meia-noite e a rua está silenciosa, todas as casas estão escuras.

Exceto uma.

Olho na casa de tijolinhos aparentes de dois andares, uma única luz vinda do covil e uma sombra andando lá dentro. Todos os carros estão na garagem, o Camaro do Trey está no meio.

O que preciso está naquela casa.

Uma coisa minha – da minha família –, e que vou pegar de volta. O panaca tem jogo de beisebol sexta à noite, e toda a família estará lá. E então posso pegá-lo e depois dou o fora daqui.

A sombra volta a passar em frente à grande janela do covil, e eu a sigo com os olhos; a luz aconchegante é tão convidativa que faz meu peito doer. Como é bom pensar que seus filhos estão seguros sob o seu teto, aquecidos e dormindo pacificamente, cercados de amor em seu mundo perfeito.

Isso está prestes a mudar.

Acelero a caminhonete e me apresso virando a esquina em direção à escola. A casa de Ryen fica no caminho, e do nada, sinto vontade de vê-la.

Quis conversar com ela nos últimos dois dias, mas é... Eu só me afundaria em um buraco maior, porque parece que é tudo o que sei fazer. Quero entrar furtivamente através de sua janela e somente tocá-la e falar com ela e ver se pode me fazer enxergar o fim disso. Ajudar-me a descobrir como voltar atrás e começar de novo, antes de abandoná-la todos esses meses atrás, quando deveria ter me agarrado a ela e dito o quanto preciso dela.

Mas se pudesse voltar – para antes de conhecê-la pessoalmente –, eu iria mesmo querer isso?

Não. Não trocaria aqueles instantes no laboratório por nada. Ou aqueles na parte de trás da minha caminhonete.

Uma hora ou outra, todos nós temos que pesar o que mais desejamos: querer de volta o que tínhamos ou querer o que poderia ser. Ficar ou arriscar tudo para seguir em frente.

Passo na frente de sua casa. Ela é temperamental e estou cansado hoje à noite.

Além disso, preciso de um banho antes de tentar me enfiar na cama dela.

Estacionando em frente à escola, do outro lado da rua, pego minha mochila com uma muda de roupa limpa e atravesso a rua depressa, de olho nos transeuntes. Não que não esteja completamente deserta a essa hora, mas nunca se sabe.

Corro pelo estacionamento da escola, sem ver nenhum carro, mas dou uma conferida por precaução. Ouvi dizer que iam começar a contratar segurança para fazer rondas com frequência para tentar pegar o vândalo espertinho que está decorando as paredes, mas não vejo nenhum veículo de segurança. E ainda estão instalando as câmeras, então, por enquanto, é seguro.

Pulando a cerca do campo de treinamento, escalo alguns equipamentos de futebol velhos e ergo a grade solta que dá para o vestiário masculino. Abrindo a janela, subo e me sento no peitoril, virando as pernas para dentro. Jogo a mochila no chão e pulo, depois me viro e fecho a janela.

Só me arrisquei assim algumas vezes nas últimas semanas, mas estou cansado de abusar de Dane usando seu chuveiro, também. E mais, eu podia ficar a noite toda aqui, se quisesse. Até os sofás da biblioteca são mais confortáveis que o Cove.

Pego uma toalha e tiro a roupa, entro em um dos chuveiros e abro a água. O jato quente faz meu corpo inteiro se arrepiar, e quase solto um gemido de prazer. Este é definitivamente um privilégio de não morar no Cove. Sinto

falta do chuveiro em casa com meu marcador-texto, que costumava usar para escrever na parede, e de todo o tempo sozinho que eu queria.

Lavo o cabelo e o corpo, aproveitando a temperatura relaxante da água, provavelmente demorando mais do que deveria. Assim que termino, me seco e visto uma calça jeans limpa e uma camiseta térmica preta, colocando as roupas sujas de volta na mochila.

Mas de repente, escuto um apito e, então, chiados curtos e entrecortados. Fico completamente imóvel, aguçando os ouvidos.

— Sim — diz uma voz masculina. — Vou revistar aqui em baixo e te encontrar lá em cima.

— Merda! — sussurro. Enfio o resto das minhas roupas na bolsa e pulo atrás de uma fileira de armários assim que a porta se abre.

Caralho. Tudo bem, meu carro não está no estacionamento da escola, fechei a janela depois que entrei, peguei todas as minhas coisas e... Meus olhos caem no vapor do chuveiro ainda flutuando na altura do teto.

Mas que merda.

Espio de trás do armário, vendo o guarda apontar a lanterna no chuveiro. A porra do meu coração martela no peito, e dou uma rápida olhada na janela, sabendo que não tenho como sair por ali. Voltando os olhos para ele, o vejo verificando o vapor pairando no ar e, em seguida, imediatamente aponta a lanterna ao redor do vestiário, procurando por mim. Ele sabe que alguém está aqui.

Eu corro. Virando, saio correndo entre as fileiras de armários e abro a porta, um enorme rangido enchendo o silêncio.

— Ei! — grita. Depois, eu o escuto falando no rádio, alertando o outro.

Desvio para a escada mais próxima e corro para a próxima, pulando os

degraus enquanto subo até o andar principal, carregando minha mochila. Entro no corredor e olho em ambas as direções; pegando à esquerda, corro mantendo os olhos e ouvidos atentos.

Passo pelas portas fechadas com correntes, e continuo correndo, procurando uma saída.

Mas então atravesso o refeitório e vejo algo escrito do lado de dentro das janelas. Diminuo a velocidade, olhando ao redor para ter certeza de que os guardas não estão vindo.

E leio a mensagem.

“Igual a uma foto em um porta-retratos, eu te vejo,
Mas não posso tocar, e nem ser mais o mesmo.
Punk”

Sorrio. Parece que o sacana do punk atacou de novo.

A mensagem está pintada com tinha spray azul-escura, em duas frases que cobrem as quatro grandes janelas. Ele está entrando do mesmo jeito que eu? E acima de tudo, como consegue passar pelas saídas fechadas com correntes, e sem disparar os alarmes?

Olho ao redor, tentando descobrir por qual janela eu deveria tentar escapar, mas então, escuto outra porta se abrir, e decolo. Corro pelo corredor, girando as maçanetas de porta em porta para ver se encontro alguma sala de aula aberta.

O laboratório de física que Ryen e eu estávamos há dois dias abre, e entro rapidamente assim que vejo o brilho de uma lanterna agitando no chão vindo do outro corredor.

Fechando a porta suavemente, examino a sala, vendo o armário de suprimentos. Vou até ele e abro, me enfiando lá dentro.

Escuto um pequeno ofegar.

Bem atrás de mim.

Todos os pelos nos braços ficam de pé, e eu me viro, sentindo a boca seca de repente.

Não estou sozinho aqui.

Estendendo a mão, pego a corrente da luz, mas uma mão macia segura a minha e a puxa para baixo.

— Não — sussurra uma voz de garota. — Eles verão a luz.

Ryen?

Eu pisco, tentando fazer meus olhos se ajustarem à escuridão, mas ela me puxa para trás, me conduzindo para o outro lado das prateleiras, perto da janela. O luar ilumina o lugar e vejo que ela está de short preto e a blusa de Neoprene. Devia estar nas aulas de natação hoje à noite. Seu cabelo está solto e armado por secar ao natural, e aperta a alça de uma mochila preta na mão.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto a ela.

Ela está perto, sua respiração trêmula e nervosa.

— Nada.

— Ryen...

— Shh! — Ela agarra meus pulsos e me puxa para baixo, os dois se agachando ao mesmo tempo em que ouço o som abafado de conversas vindo do laboratório.

— Não, eu ouvi uma porta fechando — diz um dos guardas.

— Esta era a única porta aberta — diz o outro. — Dá uma olhada aqui. Vou procurar no refeitório.

Eu a escuto ofegando conforme nós dois olhamos para a fresta embaixo da porta, vendo o brilho de uma lanterna. Merda.

Olho para Ryen e bruscamente desço os olhos, parando. Há algo em suas mãos.

Ergo o olhar para ela e, em seguida, para baixo, pegando e virando uma de suas mãos.

Tinta azul.

Ou tinta... de spray azul.

Estudo as manchas espalhadas por seus dedos e palma quando a ficha começa a cair.

Puta merda.

Volto a olhar para cima, diretamente para ela. Ora, ora, ora...

— Você acabou de ficar muito mais interessante.

O medo brilha em seus olhos, e ela afasta a mão, sua respiração soando como se estivesse prestes a chorar.

Sorrio e ela olha rapidamente na porta e depois para mim.

— Por favor, não diga nada — implora em um sussurro.

Por que eu diria alguma coisa? É hilário. Ryen Trevarrow, A Rainha Boa Garota, entra sorrateiramente na escola à noite, quebrando mais de uma lei, para deixar anonimamente mensagens e segredos sórdidos para o corpo discente bem debaixo de seus narizes.

Excelente.

Ouço o bipe do rádio do guarda e uma conversa mais abafada, e escuto, ouvindo-o falar, a voz se afastando de onde estávamos.

Pego minha mochila e vou em direção à porta, escutando.

Sua voz está mais longe agora, e abro apenas uma fresta para espiar lá fora. Se ficarmos aqui, seremos pegos. Esta não é a primeira vez que fujo da polícia, e você não escolhe um esconderijo sem uma saída.

— O que você está fazendo? — pergunta Ryen.

Vejo o feixe da lanterna do lado de fora da sala enquanto o guarda fala no rádio. Dou uma olhada pelo laboratório, atrás da mesa do professor, e

encontro uma porta que dá acesso a uma sala conectada a essa. Agarrando a mão dela, puxo-a rapidamente e a ouço ofegar conforme caminhamos suave e depressa para a sala ao lado.

Atravessando com ela pela porta, dou a volta por trás de dois arquivos altos de aço e a empurro no canto escuro, agachando e nos escondendo.

Nós o ouvimos entrar na outra sala de novo, uma porta se abre e depois fecha, e alguém xinga “merdinha” antes de falar com o outro cara no rádio novamente.

Fico encarando Ryen.

Ela é o “punk”.

Minha nossa. Ela está entrando na escola às escondidas bem debaixo do nariz de todos, levando uma vida secreta à noite. E então, ela apenas observa as reações de todos pela manhã, enquanto correm para lá e para cá, tentando descobrir quem deles é o responsável por isso. Jamais suspeitando dela.

E por que suspeitariam, não é? Nunca deu a impressão de que ela é mais profunda do que uma colher de chá. O disfarce perfeito.

Há quanto tempo ela vem fazendo isso?

— Pare de me encarar — sussurra, seu tom finalmente encontrando força de novo.

— Vou descer as escadas. — Escuto o cara no rádio dizer.

— E eu terminarei de checar aqui e te encontro lá embaixo — responde o outro.

Continuo quieto, nossos corpos próximos enquanto olho para ela.

— Por que faz isso?

Ela olha para cima, a boca aberta a centímetros da minha.

— Você não pode contar a ninguém. Ninguém vai entender.

— Quem liga? — retruco. — Seus amigos são uns otários.

— Assim como os seus.

— Pelo menos não preciso fingir nada quando estou com eles — digo, bravo. Mas então percebo que não é verdade. Os caras com quem tenho saído nem sabem meu verdadeiro nome, não é?

Eu pressiono mais:

— Por que você é duas pessoas diferentes, Ryen?

— Por que quer saber? Você não me conhece.

— Ei, quem está aí? — um dos guardas grita.

Merda! Pego a mão de Ryen e saímos correndo pela porta da sala.

— Ei! — ele berra.

Ryen grita enquanto se esforça para acompanhar, e disparamos no corredor, virando à esquerda.

— Pare! — Eu o ouço dizer, e vejo o brilho de sua lanterna sobre nós.

Seu rádio estala e o ouço falando, mas já estamos virando no corredor. Ao passar por uma das saídas, percebo que não tem corrente e a abro, ouvindo o alarme disparar. Mas nós não saímos. Puxo Ryen na outra direção e subo as escadas.

— Masen — ela arfa, respirando com dificuldade.

Poderíamos fugir, acho, mas minha caminhonete está do outro lado da escola, e não sei onde está o jipe dela. Pode ser que a gente não consiga sair sem ser reconhecidos. Mas espero que com o alarme disparando, eles pensem que nós fugimos.

Eu a puxo para dentro da biblioteca e deixo a porta se fechar suavemente antes de subir as escadas, ouvindo-a se esforçar para subir atrás de mim. Vamos depressa para a parte de trás, escondidos atrás de estantes e pilhas de livros, perto dos sofás e das cadeiras. A biblioteca está escura, iluminada apenas pela fraca luz da lua vinda das janelas acima. Nossos passos são suaves,

graças ao carpete, e eu a arrasto para trás de uma prateleira, para cima e muito distante das portas da frente.

Estamos isolados.

O alarme ainda está disparado, mas é fraco.

Ela desmorona em mim.

— Masen...

Ela respira rápido e forte, apenas capaz de ofegar, e eu a abraço, sentindo-a amolecer.

Que porra é essa?

Preocupação me invade e seguro seu rosto enquanto ela luta para respirar. Suas pálpebras estão semicerradas e ela parece sentir dor.

— Minha mochila — arfa.

O quê? E então meus olhos se arregalaram, lembrando. Oh, porra. Ela tem asma. É mesmo.

Jogo sua mochila no chão e procuro no bolso da frente, tirando uma bombinha vermelha.

Eu me levanto, envolvendo-a nos braços e a seguro.

— Aqui.

Ela se inclina em mim, a cabeça descansando no meu peito enquanto inala uma vez e espera um momento antes de inalar outra.

O peito dela sobe e desce rapidamente, e eu abaixo um braço, abraçando-a pela cintura enquanto a seguro contra mim.

Seu corpo fraco afunda sobre o meu enquanto a respiração começa a desacelerar, ela volta a respirar profundamente.

Droga. Ela tentou me dizer enquanto corríamos pela escola e não a escutei.

O que eu teria feito se ela tivesse deixado a mochila cair em algum

lugar e não conseguisse encontrar o remédio?

Eu a abraço apertado, sentindo, pela primeira vez, como ela é pequena em meus braços. Ryen é sempre tão grande ao meu redor. Nunca recua, sua confiança sempre parecendo maior que a vida.

Com a outra mão, seguro seu cabeça contra o peito e enterro o nariz em seu cabelo.

— Você está bem — eu digo suavemente. — Estou com você.

— Meu coração não vai parar de bater — diz, sua voz frágil começando a ficar normal.

— Eu sei. — Sorrio. — Consigo sentir.

As batidas de seu coração batem contra o meu peito, e sinto seu corpo lentamente se estabilizar conforme sua respiração se acalma.

O que vou fazer com essa garota? Logo quando penso que já saquei qual é a dela, ela me surpreende um pouco mais.

Quando acho que não consigo suportá-la, e posso ir embora, não olhar para trás nunca mais, dou meia-volta e quero ter certeza de que nada a machuque.

Com seu corpo abraçado bem aperto ao meu, seus braços começam a descer, afastando-se de mim.

Ela levanta os olhos, parecendo um pouco envergonhada e sem dizer nada, ajoelha-se para pegar a mochila.

Ficando de pé, franze os lábios e olha ao redor.

O alarme para, e não tenho ideia do que está acontecendo lá fora – se eles pensam que saímos por aquela porta ou sabe-se lá o quê –, mas ela ainda não vai embora.

— Você não vai contar a ninguém sobre esta noite, e não vou dizer a ninguém que você estava aqui, também — avisa. — Entendeu?

Ela vira para sair, mas seguro sua mão.

— Acho que as pessoas vão gostar dessa sua versão.

— Meus amigos me odiariam.

— Eles já te odeiam. Todo mundo odeia.

Por uma fração de segundos, vejo sua testa franzir, mas isso desaparece rapidamente. Ela me encara, uma sobrancelha castanho-claro arqueada, em desafio.

— Por que fingir? — ataco. — Por que competir com as pessoas e fazer joguinhos?

Ela dá um passo, tentando sair, mas a puxo de volta.

— Não dê as costas pra mim.

— Não é da sua conta! — sussurra quase alto demais, soltando a mão e franzindo a testa. — Você não me conhece.

— E alguém te conhece?

Ela olha para longe, seus olhos de repente marejados. Depois de um momento, ela fala com a voz baixa:

— Não quero ficar sozinha — admite. — Eles podem me odiar, mas me respeitam. Não suporto ser invisível ou que deem risada de mim ou... — Ela pausa e continua: — Não sei porquê. É só que nunca tive coragem de ficar de lado. Sempre quis me encaixar.

— Todo mundo quer ser aceito, Ryen. — Ela acha que ninguém nunca teve esses mesmos sentimentos? — Por que você escreve nas paredes?

Ela fica em silêncio, olhando para o nada, como se estivesse se esforçando para saber o que dizer.

— Misha... — começa a dizer, mas para.

Eu fico tenso, o coração acelerando.

Mas então ela balança a cabeça, desistindo do que ia dizer.

— Não importa. É que eu tinha como desabafar antes, um jeito de ser ouvida, e agora não tenho mais. Comecei a fazer isso há uns dois meses.

Há uns dois meses. Pouco depois que parei de escrever para ela.

Eu pisco sem parar.

Os amigos falsos, a pressão da mãe, a preocupação e o estresse de querer se encaixar assim como a maioria das pessoas... Eu era a sua tábua de salvação.

Fiquei tão envolvido com a minha própria perda e raiva que nunca parei para pensar como a machucaria ao abandoná-la repentinamente depois de sete anos. Não que eu seja responsável por suas ações, mas sou responsável pelas minhas. Ela confiou em mim.

— Por que você está aqui? — pergunta, virando o jogo.

Olho para a mochila na minha mão, sem sentir vergonha porque precisava de um banho, mas então essa resposta levaria a mais perguntas. Por que estou morando no Cove? Onde estão meus pais?

— Mmmm — ela se gaba, um sorriso falso no rosto bonito. — Então os outros têm que admitir coisas para você, mas não o contrário, hein? — Ela se afasta em direção às escadas. — Só basta um telefonema e minha mãe estará aqui. Serei levada direto para casa com uma advertência. Espero que aproveite sua longa e difícil noite em uma cela fria — zomba e então grita por cima do ombro. — Ah, Sr. Guarda? Socorro!

Ela vira. Eu a alcanço e a agarro, puxando-a para mim.

— Cala a boca! — rosno, apertando a mão sobre sua boca.

Mas ela imediatamente bate com o cotovelo no meu estômago, tentando fugir, e eu tropeço para trás, trazendo-a comigo. Ela perde o equilíbrio, cai em cima de mim e nós dois caímos no chão.

Solto um grunhido, as costas batendo no chão e os braços ainda ao

redor de seu corpo se debatendo. Ela está em cima de mim, de costas contra o meu peito.

Ela se contorce, tentando fugir, o atrito de sua bunda pressionando minha virilha. Fico tenso, um calor me cobrindo.

Porra.

Ela afasta a minha mão, murmurando rispidamente:

— Me solta.

— Então pare de se mexer.

— Você não pode me julgar — ela continua, virando o rosto para mim, sua respiração soprando na minha bochecha. — Ou gozar com a minha cara ou dar ordens. Não sou da sua conta.

Seu corpo se debate nos meus braços, e a bunda esfrega de novo em mim, fazendo-me gemer.

Mas então ouço alguma coisa.

Seguro seu queixo, forçando-a a ficar parada conforme sussurro em seu ouvido:

— Shhh...

Ela se cala abruptamente e nós dois paramos de respirar quando os guardas entram na biblioteca.

Vislumbro um flash de luz através das estantes e ouço chaves tilintarem. Eles estão conversando, mas não consigo ouvir o que estão dizendo.

Ryen me lança um olhar preocupado, e olho de volta, sem desviar meu olhar.

— O que você vai fazer? — sussurro baixinho para só nós ouvirmos enquanto eu sondo seus olhos. — Vai me entregar?

Ela fica parada, respirando – dentro e fora –, mas não faz qualquer movimento. Meu braço em volta de sua cintura aperta, e não consigo me segurar

e acabo arrastando o polegar sobre a pele de sua mandíbula.

Seus olhos – aqueles olhos azuis – demonstram uma dúzia de emoções diferentes quando olha para mim. Ela pode dizer as coisas mais desagradáveis, mas se eu vir medo ou tristeza neles – já era, acaba comigo.

Na correria, sua blusa subiu um pouco, expondo alguns centímetros de pele. Lentamente deslizo os dedos sobre o abdome, vendo suas pálpebras se fecharem.

— Sim, eu te disse, cara — grita um dos guardas. — Eles saíram correndo pela porta. Vamos procurar lá fora.

Roço os lábios em sua bochecha, o pescoço arqueando mais e mais até que seus lábios estão a milímetros dos meus. Consigo sentir o gosto da sua respiração, cacete.

— Levanta a blusa.

Ela abre os olhos e nega com a cabeça, com cara de assustada.

Eu me inclino, sussurrando contra sua boca:

— Ah, qual é?! Acho que você gosta do perigo.

Meu dedo está pousado sobre a pulsação em seu pescoço, e consigo senti-la acelerar quando pego seu lábio inferior entre os dentes e o arranho suavemente.

Sua bunda se esfrega em mim vagarosamente, e seguro um gemido quando vejo as lanternas recuarem e, enfim, deixarem a biblioteca.

Assim que vejo os dois pares de botas desaparecerem e as portas se fecharem atrás deles, deslizo a mão na frente de seu short e cubro sua boca com a minha, deixando escapar o gemido que estava contendo.

Sua boceta é macia e suave, e estremeço com o calor quando mergulho os dedos dentro dela, sentindo como é apertada.

— Você não é da minha conta, hein? — desafio. — Você está tão

molhada em meus dedos. Isso é da minha conta. — Deslizo mais um dentro dela.

— Nossa... — ela geme. — Masen, não.

— Por que não? — Seguro seu queixo, arrastando beijos por seu rosto enquanto bombeio os dedos dentro dela. — Acha que seus amigos vão te odiar quando descobrirem que é uma vagabunda que ama levar dedadas no chão.

Enfio os dedos até o fim e recuo algumas vezes em movimentos longos e cheios, antes de trazê-los em seu clitóris para esfregá-lo.

Ela geme, arqueando as costas, e meu pau estica contra o jeans, implorando para crescer.

— Sim. — Ela lambe o piercing, esfregando a bunda no meu pau. — Tenho medo de que descubram que gosto disso.

Sim. Eu a beijo com movimentos bruscos, cubro sua boca com força e implacavelmente, porque sinto fome, e ela é a única comida que quero comer.

— Seu segredo está seguro comigo — digo. — Esperei muito tempo por isso.

— Hã?

Mas mergulho de volta dentro dela, ignorando-a e beijando seu pescoço e queixo, puxando o lóbulo da orelha entre os dentes. Provo qualquer pedaço de pele que consigo alcançar, nunca desacelerando os dedos. É claro que ela não entende meu comentário e não vou explicar. Ela não tem ideia de que está na minha cabeça e corpo há anos, e não só por alguns dias.

Meus dedos continuam indo, profundo e constante, saindo para circular seu clitóris de vez em quando, sentindo-a tremer contra mim. Ela abre mais as pernas e retiro os dedos, cobrindo por completo a maldita boceta com a mão, porque só quero provar do gosto dela. Ela inteira nas minhas mãos.

— Masen... — Seu ofegar é devasso e cheio de luxúria.

Masen. Quero que ela diga meu nome. Não de outra pessoa.

— Consigo sentir como estou te deixando duro — sussurra para mim, beijando meu queixo. — Mas que merda é essa que está acontecendo?

Não sei, mas não consigo parar mais do que você consegue.

— Tira a blusa — mando novamente.

Mas ela nega com a cabeça.

— Agora — resmungo, inclinando-se em sua bochecha. — Quero te ver.

Seu sussurro faz cócegas no meu queixo.

— Mas você não vai apenas olhar. Vai tocar.

Ah, pode apostar que sim.

— Tem algum problema com isso? — pergunto. — Porque sua boceta meio que já está na minha mão.

Ela me beija suave e de leve, mordendo e provocando.

— Mas se eu tirar a blusa — provoca —, vai querer que eu tire meu short também.

Eu gemo, meu pau inchando dolorosamente. O pensamento dela nua faz o lugar começar a girar.

Por favor.

Com uma das mãos, ela cobre a minha mão que está sobre a sua boceta e pressiona, esfregando-se contra ela.

— E então suas mãos não serão suficientes, e você vai querer me foder — ela geme, o corpo esfregando no meu. — E meu par de formatura não vai gostar disso.

Aperto sua cintura, mostrando os dentes. Deus, ela sabe como mexer comigo.

— Ele não tem que saber — respondo. — Contanto que você faça o que for dito.

Trago a mão lentamente até o pescoço dela, e um sorriso ansioso aparece em seu rosto conforme alcança a bainha da blusa e começa a subi-la. Eu a solto por alguns instante enquanto ela termina de tirá-la, revelando a parte de cima do biquíni cor de pêssego por baixo. Seus seios bem sobressalentes no peito, as curvas de pele lisa e morena parecendo colinas à minha frente, e seus mamilos duros apontam através do tecido. Minha boca fica tão seca. Quero prová-la em todos os lugares.

— Boa menina — sussurro. — Agora tire isso, também.

Sua respiração acelera, e ela olha para cima, sem desviar os olhos dos meus enquanto timidamente alcança por trás do pescoço e puxa o cordão em um movimento longo e fluido.

As tiras se soltam e eu levanto a mão, lentamente afastando um triângulo de tecido, expondo sua pele bonita.

Jesus. Mais que um punhado firme.

Ela afasta o outro triângulo e eu a encaro admirado. Tão linda. E não é só pelo seu corpo, mas o jeito que ela me trata, dizendo a coisa certa para me deixar maluco e com raiva, excitado, possessivo...

De repente, ela levanta os braços, cobrindo-se.

— Eu disse para fazer isso?

Ela lentamente abaixa os braços, voltando a expor sua pele para mim.

— Quanto tempo quer olhar para eles? — pergunta timidamente.

Coloco a mão dentro de seu short outra vez, e deslizo dois dedos profundamente em seu interior.

— Até você gozar — respondo, bombeando-a e vendo seus seios saltarem conforme o corpo balança para frente e para trás.

Ela fecha os olhos, gemendo.

— Você gosta disso? — provoco.

— Sim.

— Diga.

— Eu gosto disso! — grita.

Seu mamilo duro aponta para o alto, e não consigo tirar os olhos dela enquanto eu a fodo e beijo seus lábios.

— Vamos, Patricinha. Compre o meu silêncio — gemo rispidamente conforme ela rebola a bunda contra mim, fodendo meu pau a seco enquanto eu a fodo com os dedos. — Abra as pernas e goze no meus dedos, e não direi a todos que você é o merdinha que está escrevendo nas paredes.

Ela deita a cabeça no meu ombro e sobe a mão, segurando minha nuca ao mesmo tempo em que trepa com a minha mão. Algo cresce na minha barriga, e a fricção dela esfregando meu pau faz uma necessidade atravessar por mim enquanto nossos movimentos ficam cada vez mais vigorosos. Seus peitos estão pulando, rápido e brutalmente, e eu os observo, imaginando meu pau dentro dela, comendo-a.

— Não conte para ninguém. Por favor? — implora, empurrando contra mim.

O sangue corre para o meu pau, e sinto sêmen escorrer da ponta. Porra, preciso estar dentro dela.

— Só um mais pouco, baby — insisto. — Até que ponto está disposta a dar gostoso pra mim para que eu fique calado? Hã?

— Ah... — geme ela. — Tá, o que você quiser.

— O que eu quiser?

Ela faz que sim com a cabeça freneticamente, gritando.

— Sim! — Ela se move mais e mais rápido, perseguindo seu orgasmo e, finalmente, joga a cabeça para trás e para, gemendo e estremecendo ao gozar. — Meu Deus!

Empurro os dedos profundamente dentro dela, esfregando o ponto G e sentindo as pequenas convulsões de seu corpo enquanto o orgasmo a consome.

Ela respira pesado e rápido, seu corpo tenso, e meu pau está duro e pronto para gozar, doendo dentro do jeans. Eu não gostaria de comê-la pela primeira vez em uma biblioteca, mas também não esperava ficar tão excitado assim.

Seu orgasmo acaba e ela se acalma, o peito subindo e descendo cada vez mais devagar. Olho para seu corpo e belo rosto, uma onda de merdas – que não sei lidar – inunda-me.

Culpa, porque ela ainda não sabe quem sou, e acabei de me enterrar mais fundo ainda.

Saudade, porque sinto sua falta. Sinto falta de conversar com ela sendo eu.

Luxúria, mais do que jamais experimentei, porque quando estamos assim, é a única vez que ela amolece e muda e cede um pouquinho, e é uma necessidade que está na minha cabeça tanto quanto no corpo. Isso me deixa em estado de alerta.

E outra coisa crescendo que não quero nem pensar. Algo que pode tornar muito difícil deixá-la.

E impossível de esquecê-la.

Observo seu rosto, o corpo imóvel e os olhos cabisbaixos, e sinto um mau pressentimento. Ela não está olhando para mim.

Depois de alguns momentos, ela senta e se afasta, levantando e pegando suas roupas. Hesito só um segundo antes de me sentar também, observando-a cautelosamente. Ela se veste e coloca o cabelo atrás da orelha, olhando para qualquer lugar, menos para mim.

O momento se foi.

Mas eu a olho de qualquer jeito, não deixando que escape assim.

Ela pega a mochila e finalmente olha para mim.

— Você começou isso — diz ríspida, de volta à defensiva. — E se está esperando um boquete, então...

— Então eu sei onde conseguir um — respondo, interrompendo-a. — Você não é o meu primeiro boquete.

Frio se instala sob a minha pele e agora estou puto. Seu queixo cerra e ela arqueia uma sobrancelha.

Como ela vai de quente a fria com tanta rapidez.

Ela coloca a mochila nas costas e sai, descendo as escadas. Eu me levanto e caminho até o corrimão, observando-a deixar a biblioteca.

Tudo bem. Ela quer seu jogador e par do baile de formatura para viver uma mentira e conseguir a aprovação de todos? Posso entender isso.

Mas isso não quer dizer que vai dominar todas as rodadas que jogarmos.

O jogo do Trey é no sábado, portanto, tenho alguns dias livre até lá. Se ela quer brincar, eu posso brincar.



RYEN

Não converso com Masen há quase dois dias. Não desde a noite de quarta-feira na biblioteca, e já é sexta-feira à tarde, e ele não estava na nossa primeira aula hoje de novo. Como ele simplesmente vai e vem como se não fosse nada demais? Ele já entregou algum trabalho? Nunca o vi com livros, e estou tentada a ir até o Cove e ver como ele está. Será que ainda está por lá?

Não sei porque me importo. Ele me aborrece constantemente, sei quase nada a seu respeito, e ele é perigoso para mim. Não estou querendo mudar as coisas quando o ano está quase acabando. Cheguei até aqui e não quero nenhum drama. Ele deve ficar longe.

Mas me vejo procurando por ele. Na aula. No refeitório. No estacionamento. Mesmo quando estou indo para casa, uma pequena esperança se acende pensando que ele vai me emboscar no meu quarto assim como naquele primeiro dia da semana passada.

Quero ficar sozinha com ele outra vez. Esses poucos momentos roubados – no carro, no laboratório, na biblioteca – são iguais às cartas de Misha. Algo que aguardo ansiosamente.

Não deixei nenhum grafite na noite passada depois das aulas de natação, em parte porque quase fui pega na noite anterior com ele e era uma boa ideia recuar por alguns dias, mas também porque não queria mais.

Agora tinha Masen para extravasar.

E odiava isso.

Quando Misha desapareceu, e não sabia se ele estava recebendo minhas cartas, comecei a deixá-las na escola para as pessoas lerem. É idiota e infantil, mas um dia, alguns meses atrás, quando as coisas ficaram insuportáveis, fiquei com medo de que começasse a gritar. Então, naquela noite, antes de fechar a piscina, tomei uma decisão no último segundo e peguei minha caneta permanente. Escrevi em um armário – uma mensagem especial para apenas aquela pessoa.

Foi uma casualidade. Aquilo não se repetiria.

Mas na manhã seguinte, quando o vi lendo várias vezes antes de finalmente copiar em um papel e o grudar por dentro de seu armário, e antes que o zelador pudesse limpar, se transformou em algo que eu queria fazer de novo. As mensagens tornaram-se mais frequentes, maiores e mais fortes, mas nunca pessoais. Nunca com os nomes dos alunos.

Não até a semana passada com os problemas de Lyla escritos no gramado da frente. Não fui eu, e era mais um motivo para eu parar. Outros estavam seguindo minha liderança agora, e eu não queria que ficasse fora de controle mais ainda. Eles haviam contratado guardas, então era só uma questão de tempo antes que as câmeras funcionassem e alguém fosse pego.

Principalmente porque eu usava tinta spray lavável e as canetinhas permanentes, só em coisas metalizadas, que podiam ser limpas com removedor de esmalte, e não danificadas. Mas o gramado precisou ser cortado, já que quem fez aquilo usou tinta não-lavável, e a lavadora de pressão não conseguiu tirar.

Quanto tempo antes de ficar realmente destrutivo?

Bem, não levarei a culpa por isso. Não escrevi nada na noite passada, e não vou me esgueirar esta noite, também. Estamos todos indo para o drive-in, e minha mãe colocou horário para eu voltar para casa.

Mas o que aconteceria se Masen não estivesse mais por perto? E se eu decidir que é muito arriscado continuar entrando escondida na escola à noite? Farei algo diferente?

Não. Pessoas fracas têm vícios. Não preciso de Misha, Masen ou de qualquer outra coisa para aguentar até o final do dia.

Mas quando saio para o estacionamento depois que as aulas acabam, não consigo evitar e o procuro de novo. Sua estrutura alta, o cabelo castanho escuro, os olhos verdes que sempre me encontram e fazem com que uma corrente elétrica atravesse pelo meu corpo...

Fui uma garota má, noite passada. Mais uma vez.

No chão, na biblioteca, depois da conversa safada e do insulto e dos toques e beijos... Ele ficou gentil e me abraçou. Depois que me fez gozar, e pude sentir seus olhos me comendo viva, ele não me pressionou por mais. Não tentou tirar o resto das minhas roupas ou subir em cima de mim e me apressar para fazer algo que poderia não estar pronta ainda. Ele só ficou deitado, me segurando.

E eu o afastei e fugi.

Estou atraída por Masen, excitada e intrigada por ele, mas não é para sempre. Não quero ir ao baile com Trey, mas quero ir ao evento, e Masen não me convidou. Eu nem sei se ele estará aqui na próxima semana.

Não vou arriscar perder Trey e meus amigos por alguém que nunca deu a impressão de que realmente me quer.

Não importa o quanto esteja começando a gostar dele.

Lyla e Ten já estão no meu jipe, esperando, já que íamos sair para comer depois da aula hoje. Ela está de pé em cima do pneu do lado do motorista, segurando na barra e gritando de longe para alguém no estacionamento, enquanto Ten está no banco de atrás.

Jogo a bolsa no lado dele.

— Onde você esteve? — escuto uma voz perguntar.

Eu me viro e dou de cara com Trey. Normalmente consideraria sua camiseta azul-marinho e boné de beisebol branco atraentes nele, mas agora só vejo braços nus, sem tatuagens e olhos azuis sem graça, e lábios – também sem graça – sem piercing.

Quero meu delinquente.

Lyla pula do pneu e fica ao meu lado, intrometida demais para o próprio bem.

— Eu liguei, mandei mensagem e não gosto de ser ignorado — avisa.

Olho em volta, levantando os braços para ver se tenho alguma coisa nas minhas roupas.

— Ah, me desculpe. Devo ter perdido minhas dog tags — respondo. — Sabe, aquelas plaquinhas que dizem que sou propriedade sua, e me reporto a você.

Posso ouvir a risada baixa de Ten ao lado. Os olhos de Trey estreitam ameaçadoramente.

— Sabe — ele começa —, uma pequena reciprocidade da sua parte não faria mal algum. Principalmente quando a escola inteira vê você e Laurent mexendo um com o outro.

Eu o encaro, mantendo a expressão neutra. Sim, tenho certeza de que a escola tirou várias conclusões sobre Masen e eu, considerando nossas discussões e o fato de que acham que eu pichei a caminhonete dele. Mas Trey e eu não

somos namorados, e nem por um segundo acredito que ele não está por aí se divertindo um pouco. Não devo nada a ele, exceto ficar bonita nas fotos de formatura.

Um baile de formatura que aceitei quando Masen não era um fator.

— Não é possível que esteja inseguro — comento, tentando o adular. — Você é Trey Burrowes, e Masen Laurent uma dia vai levar seus cães para passear.

Ele olha para mim por um momento e depois bufa, visivelmente relaxando. Lyla ri e solto um suspiro.

— Já arrumou seu vestido? — pergunta.

Mas Lyla me cutuca, respondendo a ele:

— Vamos às compras neste fim de semana.

— Bom. — Ele se aproxima e segura meus quadris, pressionando-se contra mim.

Não quero que ele me beije, então viro rápido a cabeça, mas seus lábios ainda roçam minha testa.

Olho para cima e vejo Masen.

Ele está de costas para mim, conversando com JD, mas a cabeça está virada, me observando por cima do ombro. Seus olhos passam rapidamente de Trey para mim, outra vez, estreitando-se. Sinto a respiração falhar. Ele acabou de chegar aqui? Ou estava por perto e não o vi?

— Te vejo no drive-in hoje à noite. — O polegar de Trey roça meu abdome, e me dá um último olhar antes de sair.

Eu me sinto sufocada. Trey está exigindo, Lyla está na minha cola e Masen está... em todo lugar. Agora sinto sua presença no estacionamento, à minha direita; parece que o sol está queimando este lado do meu corpo.

— Qual é o seu problema? — repreende Lyla. — Se não começar a ser

mais legal, ele encontrará alguém que será.

Meus olhos a encaram fixamente, sentindo-os queimarem.

— Legal, tipo você? — pergunto. — Parece que ser legal não foi nada bom para você. — E faço um gesto para JD, que está rindo com Masen.

Seu namorado quase não tem falado com ela há dias, provavelmente porque sabe que o que foi escrito no gramado na sexta-feira passada era verdade – todos nós sabemos –, não importa o quanto Lyla negue.

Mas então dou uma olhada, finalmente percebendo que JD está falando com Masen. Quando eles se tornaram amigos?

— Sei lidar com meu namorado — diz ela.

— E eu, com Trey. Obrigada.

Eu me viro e abro a porta, subindo no jipe. Lyla dá a volta na frente do carro e entra no lado do passageiro, nossa pequena desavença ainda pesando no ar. Queria que ela fosse para casa. A cada dia fica mais e mais tenso com as coisas que quero dizer a ela, porque sei que me odeia. Quero jogar as cartas na mesa, mas não sei porquê. Quase não a suporto, e existe tanta mentira minha a ser desmascarada. Masen tem feito isso desde que chegou aqui. Lyla e eu somos ambas hipócritas.

— Ei, deem uma olhada na Katelyn — comenta Ten, inclinando-se e gesticulando para fora do para-brisa dianteiro.

Coloquei a chave para ignição e parei, olhando para cima. Katelyn está conversando com Masen outra vez.

JD saiu, e ela está parada perto dele, sorrindo e digitando algo em um telefone. Depois ela entrega para ele, e ele o desliza no bolso, olhando para ela com total atenção.

Como?

Meu coração martela no peito e aperto os dedos ao redor do volante,

querendo pegá-la pelos cabelos e arrastar sua bunda para longe dele. Sério? Por que ele está olhando para ela daquele jeito? Por que ele a deixou usar seu telefone?

— Oh, nossa — Lyla geme. — O que ela está fazendo?

— Mas é tapada demais. Parece a loira burra do filme “As Patricinhas de Beverly Hills”. — Ten ri. — Daqui a cinco anos, terá quatro bebês de pais diferentes. Fica vendo.

Sinto a pulsação latejar nos ouvidos enquanto eles riem, mas eu pisco, baixando os olhos.

Patricinha.

Parece. Aquela. Loira. Burra. Do. Filme. As. Patricinhas. De. Beverly. Hills.

Ergo os olhos, olhando Masen Laurent furiosamente. Filho da puta! É disso que ele está me chamando?

Viro a cabeça, assim eles não podem me ver fervendo de raiva. Babaca.

Katelyn se afasta dele, parecendo toda satisfeita enquanto vem até nós.

— Você acabou de dar o seu número de telefone pra ele? — Lyla pergunta, ajoelhada no assento, uma mão em uma barra e outra no para-brisa.

Katelyn morde o lábio inferior, tentando parecer tímida conforme segura minha porta e se inclina para trás, toda alegrinha.

— Oras, pensei que ele poderia querer depois da noite passada.

— Noite passada? — sonda Ten.

— Sim, encontrei com ele no estacionamento depois do treino ontem — admite, corando ao abaixar a voz. — Ficamos acordados até tarde.

Ela está insinuando muito mais com essas palavras, como se tivesse um segredo. Sinto uma queimação no estômago.

— Como ele é? — Lyla pergunta baixinho, de repente interessada.

— Parece um animal. — Katelyn sorri. — Estou surpresa por não ter nenhuma marca de mordida.

— Mmmm... — Escuto o suave gemido de Lyla.

Jesus Cristo.

Katelyn se afasta, sorrindo, e faço o melhor que posso para agir como se não estivesse sentada aqui, sendo estilhaçada em mil pedaços agora mesmo. Quero acreditar que ela está mentindo. Ele não ficaria com ela. Ele não está atrás de uma rapidinha, está? Ele me queria na biblioteca. A mim. Ele não esqueceria isso. Não tão cedo.

Mas... Ele disse que sabe aonde ir para conseguir o que quer.

Parece um animal. A mordida, a aspereza, o modo como os olhos, mãos e boca tomam o que querem... Ela o descreveu perfeitamente.

Engulo o nó na garganta. Sinto vontade vomitar.

— Bem, acho que há algo a ser dito sobre os maus elementos — diz Lyla, observando Masen entrar em sua caminhonete. — E aquele piercing? Aposto que senti-lo é bom. Em toda parte.

Ten aperta meu ombro por trás, e volto a prestar atenção neles, soltando os dedos do volante. Estão brancos feito a neve.

— Vamos comer e atacar o armário de bebidas da minha mãe antes de irmos para o drive-in — ele me diz. — Lyla é a motorista da vez hoje à noite, então vou encher a cara.

É, acho que não consigo comer nada.

Mas ver Masen sair do estacionamento, provavelmente para traçar sabe-se lá quem, faz com que eu queira tomar uma bebida.



As noites de sexta-feira no drive-in são apenas uma desculpa, para todo adolescente que tem carro em Falcon’s Well, ficar em um só lugar. Principalmente porque acabou de abrir algumas semanas atrás a tempo de aproveitar a primavera. O clima está bom, há uma loja de conveniência, o som dos carros tocando na maior altura, e duvido que até mesmo um quarto das pessoas aqui esteja vendo o filme de hoje à noite.

Um daqueles estúpidos filmes de terror com muito sofrimento e final ambíguo, tenho certeza.

Depois do jantar, fui para casa e vesti short jeans e regata antes de Lyla e Ten passarem para me pegar.

Trey chegou com JD assim que chegamos aqui, todos nós estacionando na primeira fileira. Eles começaram a dar voltas, saindo para conversar com outras pessoas e curtir, enquanto fui para a loja de conveniência. Minha mãe não deixa a gente ingerir muitas calorias, então no drive-in é uma das poucas chances que eu tenho para tomar refrigerante.

Entro na loja e vou para a fila, pegando um copo e enchendo de gelo.

— Você deixou cair isso na outra noite — diz uma voz gentil.

Assustada, ergo a cabeça e vejo Masen, de pé ao meu lado. E, na hora, sinto um frio na barriga.

Olho para baixo e minha bombinha está em suas mãos. Rapidamente, confiro se não tem ninguém olhando. Eu o puxo de sua mão e enfio no bolso. Merda. Devo ter deixado no chão da biblioteca depois que nós...

Volto para a máquina de refrigerante, sem dizer nada enquanto encho meu copo e seguro a tampa.

— Como você está? — pergunta.

Mas eu me recuso a conversar. Tomo minha bebida e ando na fila, pegando um canudo e cerrando o queixo com raiva. Imagens de Katelyn, seminua com as pernas em volta dele, com ele por cima dela no banco de trás de sua caminhonete, inundam minha cabeça. Bato o canudo no balcão, tentando tirá-lo da embalagem, mas escapa e quebra.

Eu o jogo fora na lata de lixo e pego outro. Como ele pode olhar para ela e a preferir em vez de mim? Como ele pôde beijá-la? Ou será mesmo que interessa quem seja? Pensei que ele fosse diferente.

— Você ouviu, não ouviu? — diz, seguindo-me enquanto pego um doce. — Que bom. Queria que você ouvisse.

Eu me abaixo e pego um pacote de jujuba.

— Ninguém se importa com o que você faz, otário.

Ele dá um passo mais perto.

— Você tem namorado — ressalta, dando de ombros. — Katelyn tem um corpaço, é boa na cama...

Meus dedos apertam o copo de papel, a tampa abre e o refrigerante transborda, molhando a minha mão toda.

Droga.

Ele bufa e eu me apresso, pegando guardanapos para me limpar.

Boa na cama? Pensar nele divertindo-se com ela – tocando-a – me dá vontade de enfiar um vibrador em seu nariz.

Idiota.

E eu não tenho namorado. Tenho um par para o baile de formatura.

Ele se inclina, sua voz cheia de presunção:

— Você está com ciúmes.

Tampo meu copo de novo, jogo fora os guardanapos sujos e me viro

para ele, meus olhos pegando fogo de raiva.

— Patricinha? — esbravejo, mudando de assunto completamente para evitar aquele em que estamos. — Burra igual à loira do filme “As Patricinhas de Beverly Hills”? Está de gozação com a minha cara?

Ele começa a rir.

— Demorou pra cair a ficha.

— Nunca mais me chame assim! — E olho para o lado, vendo algumas garotas da escola nos lançarem olhares curiosos. Abaixo a voz. — E não estou com ciúmes. Só não gosto de você me enchendo com essa merda vulgar sua.

Ele dá um passo mais perto, colocando-nos no peito a peito com as duas mãos no balcão ao meu lado, me encurralando.

— E eu não gosto dele tocando em você. — Ele olha bravo para mim.

Ele deve estar se referindo sobre hoje quando viu Trey beijar minha testa no estacionamento.

Estico o braço e pego uma caixa para pipoca, virando-a de ponta-cabeça e sacudindo para mostrar que está vazia.

— Aqui, toma. — Enfio no peito dele. — O tanto que me interessa.

E empurro o braço dele, levando minha bebida comigo.

— Oi. Está tudo bem? — alguém pergunta.

Olho para cima, vendo Ten quando me aproximo do caixa. Eu paro, percebendo o olhar dele entre mim e Masen enquanto segura sua garrafinha prateada, que eu sei que está cheia de rum e Coca-Cola.

Ignorando sua pergunta, volto a olhar para Masen. Ele joga a caixa de pipoca no balcão e caminha na minha direção, sem desviar o olhar irritado do meu. Eu sinto o calor emanando de seu corpo, mas fico firme, desafiando-o a tentar arrumar mais uma briga. Ele é um idiota cujo único prazer na vida é fazer

da minha um inferno.

Ele não diz nada ao passar, saindo pelas portas.

Depois que sai, Ten solta um longo suspiro e se vira para mim.

— Caso ainda esteja tentando descobrir o que está acontecendo... — ele diz. — Ele está louco por você.

Eu me viro, incapaz de me livrar do desejo de provocar outra discussão. Ele está louco por mim? Oras, certamente não parece estar sofrendo com falta de sexo. Nem um pouco.

Pago minha bebida e doces, e saio junto com o Ten. Ele vai até um grupo de garotos em um conversível, e eu ando através dos carros em direção ao BMW de Lyla lá na frente, tentando não procurar por Masen. O céu está escuro agora, mas a tela está iluminando bastante o lugar, e escuto os grilos zumbindo no gramado à distância. Vejo Trey de pé ao lado de seu carro, xavecando uma garota.

Impressionante.

Continuo andando, mas paro quando passo por uma caminhonete grande e preta. A de Masen.

Olho em volta, encontrando-o com seus novos amigos, incluindo JD, conversando e rindo. As pessoas perambulam, batendo papo, e ninguém está olhando para mim. Encaro a caminhonete, subitamente me sentindo inspirada.

Reprimindo um sorriso, coloco o copo e doce no chão, perto do pneu, e abro a porta traseira do lado do motorista, subindo depressa. Fecho-a e imediatamente percebo como é escuro por dentro. Não tinha percebido isso naquela tarde no lava a jato. A película das janelas deve ser a mais escura possível.

O interior de couro preto brilha, assim como a pintura do lado de fora, e o cheiro é inebriante e rico, intoxicante igual a ele. Umedeço os lábios, me

inclinando e abrindo o console entre os bancos da frente, procurando algo para escrever.

Vejo alguns trocados, recibos e ferramentas. Acho uma caneta e a pego, clicando para abri-la; rabisco minha mão.

Preta.

Tudo aqui é preto demais. Em qualquer lugar que eu escrever não vai aparecer. Volto a vasculhar no console, e meus dedos circulam algo longo, eu o puxo, vendo que é um canivete.

Meu coração começa a bater mais rápido. Ele é um babaca, mas não tenho certeza se quero ser tão destrutiva. “Before He Cheats”, de Carrie Underwood, começa a tocar na minha cabeça.

Aperto a saliência do lado opaco e desembainho a lâmina, pulando quando ela se solta. A curva é assustadora e densa, e eu a seguro, estudando-a e me perguntando se realmente quero deixar – o que com certeza será – uma mensagem bastante dispendiosa para ele.

E, então, penso em Katelyn no colo dele neste mesmo lugar, montando-o, e sinto vontade de fazer muito mais do que apenas rasgar sua caminhonete.

Mas, de repente, a porta se abre, e eu pulo, vendo Masen entrar e vir direto para cima de mim, fechando a porta com uma pancada.

Ofego, jogando a faca na frente da cabine e giro, puxando a maçaneta da outra porta.

Ela abre, mas ele a agarra e fecha de novo, abaixando a trava.

A caminhonete escureceu novamente.

Seus braços me envolvem, e arfo quando me puxa contra ele, segurando-me enquanto me debato.

— Sai de cima de mim! — grito, tentando me libertar.

— Você estava com ciúmes? — ele resmunga no meu ouvido e consigo sentir o sorriso em sua voz. — Ficou brava por poder ser substituída tão facilmente? É por isso que está aqui, tentando fazer alguma merda no meu carro?

Empurro, tentando me desvencilhar do seu aperto.

— Supere isso — diz ele. — No fim das contas, boceta é tudo igual e se eu não conseguir a sua, consigo a de outra com muito menos dificuldade.

Babaca. Claro que não sou ninguém para ele. E nem estou surpresa.

Consigo me soltar, mas ele me puxa com força novamente, provocando.

— Se isso não te incomoda, então não deveria querer fugir.

Respiro pesado, suando frio no pescoço. Paro de me debater e acalmo a respiração, obrigando meu tom de voz a normalizar:

— Me solta, agora.

Seus braços relaxam em volta de mim, e eu deslizo para longe dele, segurando a maçaneta.

Mas ele estende a mão e segura a porta, mantendo-a fechada.

— Não pensei em você quando estava na cama com ela ontem à noite — diz. — Ela era gostosa, me deixou excitado, e gostou de minhas mãos nela, e eu gostei de senti-la... — A respiração dele desliza através do meu cabelo, suas palavras cruéis e implacáveis. — Não era medíocre ou sem graça ou convencida. Ela me excitou.

Meu lábio inferior treme e os olhos se enchem de lágrimas. Mas enrijeço todos os músculos do corpo, tentando esconder dele. Convencida. Medíocre.

Sem graça.

— Me diz que está com ciúmes — exige.

— Se isso não me incomoda, por que ficaria com ciúmes?

Ele se aproxima mais, e sinto seu corpo nas costas e os lábios perto da orelha.

— Diz que está tentando não pensar em quanto eu amei trepar com ela. Me diz algo verdadeiro e te deixo ir embora.

Algo verdadeiro? Dizer o quê? O que ele quer ouvir? Que isso dói? Que amei beijá-lo da última vez que estivemos aqui e da outra vez depois disso? Que não quero que ninguém o toque? Ele que se foda. Não vou dizer nada dessa merda.

— Não consegue, né? — Sua voz é baixa e quase triste. — Não consegue conversar comigo.

E então observo através dos olhos embaçados enquanto ele se inclina e exala na janela na minha frente, embaçando-a para escrever uma palavra com o dedo.

TEMOR.

Balanço a cabeça.

Sozinha, Vazia, Farsa, Vergonha, Temor... O que ele está fazendo? O que isso significa? Uma lágrima escorre e resmungo, limpando a palavra da janela:

— Você é um idiota. Fica longe de mim.

Abro a porta, mas ele segura a minha mão.

— Não dormi com ela.

Eu paro, virando a cabeça ligeiramente. O quê?

— Eu menti — diz. — Eu a chamei para comer alguma coisa para te deixar com ciúmes e hoje, quando ela insinuou merdas que não aconteceram, não desmenti. Mas não toquei nela.

O calor de sua respiração atinge meu pescoço, e percebo que sua cabeça está inclinada no meu cabelo.

— Não quero te machucar — sussurra, a voz pesada de emoção. — Não quero mais ninguém. Eu só penso em você. — Ele pausa, a voz agora trêmula. — Penso em você o tempo todo, Ryen.

Em mim.

— Desculpa — continua. — Precisei te pressionar. Eu queria saber.

Viro a cabeça, olhando feio para ele através das lágrimas.

— Você não tocou nela?

Ele nega com a cabeça.

Solto a mão para acertá-lo, mas ele a pega e me puxa para o seu colo, segurando meu rosto em suas mãos.

— Tinha todo o direito disso — diz rispidamente. — Ainda mais depois que você ainda está deixando aquele panaca babar em cima de você, enquanto me deixa de pau tão duro feito uma rocha durante a semana toda.

Mordo o lábio inferior, tentando não chorar. Eu nunca choro na frente deles.

— Você me excita. — Ele segura meu rosto, afastando o cabelo dos meus olhos e uma lágrima da minha bochecha. — Nossa, você me excita. Está me deixando louco. Eu quero que precise das minhas mãos em você. Entende?

Não desvio de seu olhar, percebendo a súplica nele. Vendo, pela primeira vez, a necessidade. Ele está desesperado para me ouvir dizer isso.

E, aqui e agora, eu sei que quero ser a única garota para quem já olhou dessa maneira.

— Você não é sem graça — diz ele gentilmente. — Não é medíocre e não é convencida. Me irrita, mas você me excita.

Seu rosto está envolto pelas sombras, mas posso senti-lo em todos os lugares. Ele encosta a testa na minha, seu sussurro grosso e pesado, girando feito um ciclone dentro de mim.

— Eles não entendem você e eu. Sei que é disso que tem medo. Você é perfeita. Eu nunca ando na linha. Você é linda e eu sou mau, né?

Sua respiração atinge meus lábios, e estico o braço, tocando sua mão no meu rosto, deslizando os dedos frios entre os quentes dele.

— Eles nunca serão importantes para nós, Ryen. Ninguém sabe como é sentir isso.

Lágrimas ardem por trás dos meus olhos e eu respiro fundo, cedendo. Deslizo a coxa sobre ele e sento em seu colo. Puxo sua camiseta pela gola, nossos lábios a centímetros um do outro.

— Se você tiver tocado nela — choramingo baixinho —, a coisa vai ficar feia.

Ele acena.

— Eu sei. Vou manter a faca aqui pra você.

Dou risada e o beijo, suas mãos descendo em meus quadris enquanto pressiono o corpo mais perto. Seguro a parte de trás de seu pescoço, aprofundando o beijo, o calor de sua boca descendo até a terminação de cada membro do meu corpo.

Mas eu me afasto, virando a cabeça para o para-brisa. Merda. Há pessoas andando, e posso ver alguns caras no carro à nossa frente, assim como um casal ao lado.

Masen enterra os lábios no meu pescoço, beijando e mordendo.

— As películas são escuras — murmura contra a minha pele. — Tão escuras que são ilegais.

Volto para ele e mergulho em sua boca de novo, ouvindo música e risadas a poucos metros de distância, ao nosso redor, e não estou nem aí. Vejo alguém de relance passar pela caminhonete, e solto um gemido.

Ele se move da minha boca para o pescoço novamente, ganancioso, e

fecho os olhos, me segurando nele.

Suas mãos seguram meu rosto outra vez, enxugando as lágrimas com os polegares.

— Me conta uma coisa verdadeira.

Molho os lábios, faminta e querendo sua boca de volta, mas seus olhos não se desviam dos meus. Ele não vai me deixar escapar dessa.

Eu me inclino e volto a encostar a testa na dele.

— Não gosto de queijo no lanche — admito, mordendo meu lábio. — "Ponte para Terabítia" é meu livro favorito. — Minha professora da quinta série lia para nós e sempre me prendia a atenção. — Faço pão recheado com pimenta jalapeño às vezes, porque uma vez minha mãe disse que era a comida predileta do meu pai. — Dou uma olhada nele e o encontro com os olhos abertos focados em mim. — Ele foi embora quando eu tinha quatro anos e não o vejo desde então. Mas não faço quando ela está por perto.

Aperto os dentes no lábio com mais força, mas o polegar dele puxa meu lábio para baixo, provavelmente notando como estou nervosa.

— Não me dou bem com a minha irmã — admito. — E não me sinto próxima de minha mãe. Sei que em grande parte é culpa minha. Meu escudo ficou espesso demais e parei de deixar as pessoas se aproximarem. — Eu pauso e depois acrescento: — A maioria das pessoas.

Mais lágrimas se formam e um pequeno soluço me escapa. Ele me beija e se afasta só um pouquinho para esfregar minha boca na dele.

— Eu não me canso de você.

Dou um pequeno sorriso.

— E, às vezes — continuo, capturando seus lábios em outro beijo —, às vezes, tenho vontade de vomitar na Lyla quando a vejo.

De repente, ele bufa, caindo na gargalhada. Um enorme sorriso se

espalha em seu rosto conforme o corpo inteiro treme. Eu o beijo de novo, nossos lábios derretendo um no outro.

— E na última sexta-feira à noite — sussurro, mordiscando seu lábio inferior ao mesmo tempo em que me esfrego nele —, depois do lava a jato...

— Humm? — Ele desce as mãos para os meus quadris, grunhindo enquanto eu me esfrego mais forte.

— Pensei em você — murmuro em seu ouvido. — Pensei em você quando estava na cama naquela noite.

Sinto seus dedos afundando nos quadris, e ele geme baixinho. Volta a me beijar sem parar, respirando com dificuldade.

Seus lábios passam para o meu pescoço, e quase não percebo a alça da minha camisa sendo arrastada pelo braço enquanto o calor de sua boca cobre meu ombro.

Ele agarra a minha nuca, me segurando no lugar conforme o nariz e a boca descem até alcançar o pescoço, inalando meu cheiro.

— Está me sentindo? — sussurra, pressionando meu quadril com força contra ele. Gemo, esfregando o corpo na sua grossura entre as minhas pernas.

— Sim. — Mas então sinto algo solto e o ar acaricia minha pele onde antes estava coberto. Meu sutiã. Ele soltou meu sutiã.

As alças deslizam pelos braços e o lado onde a regata desceu mostra meu seio, agora exposto. Eu levanto os braços depressa, me cobrindo.

— Masen, não.

Mas ele se aproxima, beijando-me e agarra minha bunda, me apertando contra seu corpo.

— Não consigo parar.

— Mas as pessoas irão ver.

Ele me olha nos olhos, mordiscando meus lábios.

— Ninguém vê você, baby. Só eu. E eu quero te beijar.

— Você está me beijando.

Ele morde meu lábio, seu sussurro pesado e quente:

— Quero te beijar em outros lugares.

Ai, minha nossa.

Meu peito esvazia e sinto um calor por dentro, fazendo o clitóris latejar e o corpo desejá-lo, desesperadamente. Nunca me senti tão excitada.

Ele olha para mim enquanto gentilmente afasta meus braços, e desliza a outra alça do ombro, minha regata e sutiã parando na cintura.

— Masen — digo, sentindo-me nervosa e tentando levantar os braços novamente.

Viro a cabeça e olho ao redor, vendo dois caras parados ao lado bem na frente da caminhonete. Mas Masen pega minhas mãos, colocando-as longe e balança a cabeça com um ligeiro sorriso no rosto.

Sinto o medo se apoderar de mim, fazendo o coração bater forte, porém, também me sinto excitada.

— Deus, olhe pra você — arfa, seus olhos se fartando conforme descem para o meu peito e abdome. — Você tem um corpo de matar.

Arrepios se espalham pelos meus braços e sinto os mamilos enrijecerem e apontarem sob seu olhar fixo.

— Me leva para algum lugar — peço, inclinando-se nele. — E eu te deixo me beijar em qualquer lugar que quiser.

— Parece tentador — responde. — Talvez na próxima vez.

Pegando minha cintura, ele me puxa para mais perto, me forçando a levantar mais, assim meu peito fica nivelado com sua boca.

— Masen — ofego quando ele agarra meu mamilo esquerdo entre os dentes, enviando choques pelo meu corpo e entre as coxas. — Ah, meu Deus!

Não podemos fazer isso.

Mas ele chupa a maldita coisa inteira na boca, e aperto seus ombros, meus olhos se fecham e não dou a mínima que metade da nossa sala está do lado de fora.

— Sim — gemo, perdendo o fôlego e envolvendo um braço em seu pescoço, puxando-o para mais perto.

Sua língua, quente e úmida, sai e gira em torno da carne do mamilo, me provocando, e seus dedos afundam na pele quando ele volta por mais, mordiscando o seio inteiro.

Escuto risadas do lado de fora, e tento virar a cabeça, mas Masen se inclina em mim, forçando-me a arquear para trás enquanto se move para o outro seio, beijando e puxando o mamilo com os dentes.

Eu gemo, fechando os olhos e deixando a cabeça cair para trás.

— Masen, vamos ser pegos.

Mas meu pedido é lamentável e ele sabe disso. Ele chupa forte, estica a pele, e quero tanto me esfregar no seu pau, mas é difícil nessa posição.

Sua boca e dentes exploram, puxando e chupando até que eu tenha certeza de que estou vermelha, e me inclino para trás, permitindo que a boca siga seu caminho pelo pescoço e volte para a minha boca.

Rebolo os quadris, esfregando nele enquanto ele beija e mordisca minha mandíbula. Quero sentir cada centímetro seu através do jeans. Estou tão molhada.

De repente, ele se afasta de mim, e o vejo tirar a camiseta por cima da cabeça. Pego um vislumbre do resto das tatuagens subindo pelo braço e por cima do ombro, assim como as poucas no peito e abdome.

Masen me puxa para ele de novo, pressionando seu peito contra o meu.

— Quero sentir sua pele na minha.

Ele espalma meu peito com uma mão ao mesmo tempo em que desliza a outra até atrás do short, apertando minha bunda.

Olho fixamente em seus olhos verdes, ambos com a respiração ofegante, mas noto que ele para, como se, abruptamente, não tivesse certeza de alguma coisa.

E, do nada, não estou preocupada em ser pega. Estou preocupada por ele parar.

Não pare.

Meus olhos ardem com as lágrimas e me sinto cansada. Tão cansada de guardar tudo o que sinto e o que quero dizer. Tão cansada de ser alguém que não sou e de cometer erros que não acho graça nenhuma.

Quero sentir isso. Quero me perder com ele o máximo que puder.

— Masen? — Coloco a mão em seu rosto e inclino a cabeça na dele, falando baixo: — Posso te dizer algo verdadeiro?

Ele acena.

Deslizo a mão entre nós e aperto seu pau.

— Eu quero ser fodida.

Seus olhos se arregalam e mordo seu lábio inferior.

É, ele não estava esperando por isso.

Ele exala profundamente, soando chocado, mas não precisa que eu peça duas vezes. Envolvendo um braço em minha cintura, ele me vira de costas no banco, e solto um pequeno suspiro, sem saber direito se estou excitada ou nervosa. Ele se levanta o máximo que consegue, e paira sobre mim, olhando para o meu corpo. Mordo o lábio, tentando não sorrir tanto quanto quero.

Erguendo os olhos, abro seu cinto, mas quando vou desabotoar a calça jeans, ele me para.

— Eu disse que precisava te beijar em todos os lugares — ele me

lembra, de olho no meu short. — Tire o short.

Lanço um olhar aflito para a janela acima de mim, vendo alguém passar. A umidade entre as minhas pernas aumenta ainda mais, e a onda de calor sob a minha pele parece inevitável.

Meu Deus, isso pode acabar muito mal.

Engolindo o nó na garganta, desabotoo o short e o desço, passando pela bunda e pernas. Masen olha a calcinha de renda vermelha e lentamente desliza um dedo, subindo a coxa, por baixo da borda da calcinha, e a puxa de lado, expondo a minha boceta.

Solto um gemido ao sentir seus olhos em mim. Por favor, me toque.

— Você sempre raspa tudo? — pergunta, ainda olhando fixamente para ela.

— Quer que eu faça isso?

Ele sorri e encontra meus olhos.

Subo as mãos por seu peito e abraço o pescoço dele. É estranho. Às vezes sinto que o conheço. Tipo, como se o conhecesse de verdade. Nós nos envolvemos tão facilmente, e mesmo quando estamos com raiva, ainda parece familiar. E então me ocorre que não sei quase nada sobre ele.

— De onde você vem, Masen? — pergunto. — Onde estão seus pais? Do que você está se escondendo?

Ele olha para mim, sua expressão ficando cuidadosa. Mas daí ele estende a mão e passa os dedos suavemente no meu rosto, forçando minhas pálpebras fecharem.

— Feche os olhos. Não há nada para se ver ao redor.

Como?

Mas então sinto sua língua deslizar pela minha fenda, e arfo, o corpo inteiro ficando tenso.

— Oh, Deus.

Ele me lambe bem devagar, arrastando a língua pela boceta e clitóris e, em seguida, abocanha o broto, sugando-o com força na boca.

Ergo a cabeça, ofegante ao observá-lo. Ele geme, girando a língua ao redor, depois puxa o clitóris entre os lábios e volta em busca de mais – lambendo, chupando e mordiscando.

A pulsação entre minhas pernas lateja, e sinto calor na minha entrada conforme fico mais molhada e preparada para ele.

Ele levanta um dos meus joelhos, me abrindo, e começa a me atacar mais e mais rápido, mais avidamente. Sua língua lambe, os dentes mordem e provocam, e então ele me cobre com a boca, chupando e lambendo meu clitóris até que eu grito.

— Por favor — gemo. — Ah...

Ele estende a mão e cobre a minha boca, ainda me comendo, e dou uma olhada para cima, vendo Trey bem acima de mim.

Eu paro de respirar por um segundo, meus olhos se arregalam. Ele está do lado de fora da porta do passageiro traseiro, chamando alguém.

Ah, Merda.

— Porra, Trey — diz Masen, sorrindo para mim e sacudindo a língua para me lamber. — A boceta da sua garota é tão apertada.

Eu afasto a mão dele da minha boca.

— Cala a boca! — sussurro.

Ele lambe e me chupa outra vez.

— Obrigado por me emprestá-la, cara.

E então mergulha, finalmente deslizando a língua dentro de mim e me penetrando.

Ofego, gemendo, e ele cobre a minha boca de novo enquanto move a

língua dentro de mim e toca o clitóris com a outra mão.

Rebolo os quadris, tentando me aproximar mais de sua língua – tentando com que ela vá mais fundo – ao mesmo tempo em que meus seios balançam para frente e para trás com os pequenos movimentos. Agarro sua nuca, segurando-o contra mim, sentindo o formigamento onde a língua toca e aumenta até que cada músculo do meu corpo se contrai de tanta força que chega a queimar.

— Isso! — gemo por trás da mão dele.

Meu orgasmo explode, espalhando-se pelo meu abdome e coxas, e jogo a cabeça para trás, olhando horrorizada para Trey e um cara, parados bem acima de mim. Coloco as mãos por cima das de Masen sobre a minha boca, gemendo contra elas e esperando que ninguém possa me ouvir através das portas.

Meu peito sobe e desce, a sensação incrível assolando meu corpo, da cabeça aos pés.

Masen abaixa a mão, segurando meu peito antes de o soltar. Ele se levanta e inclina sobre mim, colocando uma mão na porta acima da minha cabeça para se segurar enquanto desabotoa a calça jeans. Meu coração volta a acelerar.

Seus olhos intensos me encaram, cheios de luxúria.

— Tira a calcinha, ou vou rasgá-la.

Volto a olhar para cima, nervosa, com medo de ser pega. E se a caminhonete balançar?

Ele alcança o bolso que fica atrás do banco da frente e tira um preservativo, abrindo-o com os dentes. Ele guarda camisinha aí?

Estreito os olhos, olhando para ele.

Ele encontra meu olhar e apenas ri.

— Não se preocupe. Você é a única garota com quem já fiquei aqui atrás.

Então por que guarda preservativos no banco de trás da caminhonete? Só por precaução?

Ele põe a mão dentro da calça e tira seu pau, duro e preparado. E fico sem fôlego, observando enquanto ele coloca o preservativo.

Coloco as mãos em seu peito, sem saber se é porque quero tocá-lo ou porque estou com medo. Eu só fiz isso uma vez, e foi há dois anos. Foi um erro.

Mas parece a primeira vez de novo e estou nervosa.

Ele para, olhando para mim.

— Tira isso — sussurra. Seus olhos suplicantes.

Molho os lábios, a respiração ofegante e a pulsação acelerada.

Devagar, estendo o braço sentindo o corpo estremecer de nervoso enquanto tiro a calcinha e a solto no assoalho. Eu o quero. Não faz mal nenhum em deixar que ele me sinta só um pouquinho, certo? Logo eu o farei parar e me levar para outro lugar.

— Só um minuto, tá? — imploro, subindo as mãos para acariciar seu peito. — E então nós temos que parar.

Um sorriso curva o canto de sua boca conforme ele levanta meu joelho, o pau grosso pressionando entre as minhas pernas.

— Só um minuto — promete. — E eu paro.

Empurrando os quadris vagarosamente, mas firme, ele se abaixa e coloca o pênis dentro de mim. Eu gemo, sentindo-me esticar ao mesmo tempo em que ele afunda em mim, indo mais e mais profundo e enterrando-se até o fim.

— Oh, porra — ofega. Seu rosto contorcido de dor enquanto para. — Ryen...

Ele respira fundo, abaixando o corpo, e meus mamilos roçam seu

peito. Estremeço, adorando sentir a ponta dele me esfregando por dentro, e sem pensar, subo os joelhos e abro mais as pernas.

Só um minuto.

Ele me beija, e mal tenho tempo de me ajustar a ele conforme sai e empurra de volta, me esticando de um jeito tão gostoso.

— Puta merda. — Os sons do filme soam à distância e escuto as vozes das pessoas, abafadas, não muito longe.

Mas tudo que vejo é ele. Seus lábios pairando sobre os meus, sua respiração aquecendo minha pele, ele me fodendo cada vez mais forte e rápido enquanto empurra entre minhas coxas.

Olho para cima, vendo sua mão ainda segurando a porta, os músculos nos braços salientes e tensos.

— Olhe pra mim — sussurra ele.

Olho para ele conforme lambo seu piercing e o escuto gemer e ofegar.

A caminhonete range com o nosso movimento, e solto um gemido, enfiando os dedos em seus quadris enquanto ele entra e sai de mim.

— A caminhonete vai balançar — digo, preocupada. — Precisamos parar.

Mas ele só geme, me fodendo com mais força. Meus seios saltam, e eu ofego de prazer com ele me enchendo. Eu o puxo mais fundo a cada impulso, rolando os quadris para fodê-lo de volta.

— Masen — imploro, lambendo e mordendo seu pescoço e sentindo outro orgasmo me atingir. — Isso é tão gostoso.

Ele desliza a mão debaixo da minha bunda e se encaixa mais fundo, grunhindo enquanto me fode mais brutalmente. Ouço um barulho embaixo de nós, da caminhonete, e dou uma olhada preocupada ao redor.

— Devagar! — imploro. — A caminhonete...

Mas ele geme asperamente e desce, beijando e mordendo meus lábios. Desço as mãos, agarrando sua bunda e segurando-o perto, e ele empurra o pau dentro de mim sem parar.

— Isso, assim — gemo mais e mais, sentindo outro orgasmo se aproximar conforme o provoco com beijos delicados.

— Masen, o minuto já acabou?

— Quase, baby. — Escuto sua voz divertida.

Seu pênis me cutuca lá no fundo, e eu grito, me soltando e gozando enquanto minha boceta se fecha em volta dele, prendendo bem apertado.

— Oh, porra — geme ele, cobrindo a minha boca com a mão e estocando dentro de mim mais rápido.

Ele empurra mais uma vez e para, o corpo estremecendo sob minhas mãos, respiração pesada e gemidos soprando na minha orelha.

Passo a mão em suas costas, sentindo o suor quando fecho os olhos. Eu me sinto zonza e a caminhonete parece estar girando.

O orgasmo penetra por cada membro e me sinto cansada, feliz e triste. Não quero que isso acabe. Mas puta merda. Nós não deveríamos ter feito isso aqui.

Ele relaxa em cima de mim, com a mão ainda segurando a porta e a cabeça deitada no meu ombro. Eu fico ali, imóvel e quieta.

Não quero nem olhar para fora e ver se alguém percebeu. Achei mesmo que a gente ia parar depois que começássemos?

Ele, finalmente, levanta a cabeça e olha para mim. Dou um pequeno sorriso, querendo que estivéssemos parados em algum outro lugar. Em algum outro lugar onde poderíamos passar a noite toda e fazer aquilo mais um pouco.

Suas sobrancelhas franzem e parece que está tentando dizer alguma coisa, mas não sabe como.

— Ryen, eu...

— O que foi?

Mas ele permanece em silêncio.

Toco seu rosto, mas ele só balança a cabeça e olha para longe.

— Nada. Está tudo bem.

Está tudo bem? Um calafrio percorre minha pele.

O que é que está tudo bem?



RYEN

Sento-me no banco da frente colocando o cabelo por cima do ombro e o ajeito. Depois que terminamos, ele foi para a frente e nos levou do drive-in, enquanto fiquei escondida atrás, me vestindo.

Mordo o canto da boca, preocupação se apoderando de mim. A caminhonete estava definitivamente em movimento.

Qualquer um poderia ter me visto subir antes, e todo mundo sabe que é a caminhonete dele. Sem mencionar que agora ele está quieto, dirigindo e sequer olha para mim.

Típico de um cara. Fale todas as coisas que você precisa para conseguir traçar a menina, mas todos aqueles fortes sentimentos e sussurros excitantes desaparecem quando consegue o que quer, não é?

Que seja.

Travo o cinto de segurança. O drive-in fica para trás e a rua à frente está escura e deserta.

— Deixei minha bolsa no carro da Lyla — digo, mais para mim mesma. — Terei que inventar algum motivo pelo qual fui embora e como

cheguei em casa.

— Bem, o bom é que mentir não é difícil pra você.

Eu o olho, horrorizada. Mas então o vejo dando um sorriso de brincadeira para mim, e imediatamente relaxo um pouco.

Talvez eu nem precise mentir. Apenas dizer que deixei Masen Laurent me levar para casa. O que poderia acontecer?

Confiro o visor do rádio, vendo o nome da música que está tocando no iPod e começo a sorrir, subindo o volume.

Masen olha para mim, provavelmente se perguntando por que estou feliz.

— Que foi?

Gesticulo para o rádio que está tocando “Without Me” de Eminem.

— Eu tenho um amigo. Ele odeia meu gosto musical — conto. — Eu falei dessa música para ele uma vez. O que resultou em uma briga eterna que ainda não foi resolvida.

— Ele?

Eu me recosto no banco.

— No primário, nossos professores nos organizaram em pares, para sermos amigos por correspondência — explico. — Quando as aulas acabaram, continuamos escrevendo, e não paramos. Ele mora em Thunder Bay, mas nunca nos conhecemos pessoalmente.

Masen olha para a rua, seu peito subindo e descendo de forma rítmica. Ele não está com ciúmes, está? Misha e eu não somos assim.

— Você conta tudo pra ele? — pergunta, ainda sem olhar para mim.

Estreito os olhos nele. Talvez suspeite que Misha é importante para mim.

Ou talvez queira saber se meu amigo por correspondência é mais

importante que ele.

A verdade é que Misha é insubstituível. Mas mesmo com ele, não conto tudo.

Viro a cabeça, olhando pela janela.

— Eu conto pra ele mais do que eu digo a qualquer outra pessoa.

— Você mente para ele?

— Sim — respondo com honestidade. — Ele recebe a versão que eu quero ser.

Por alguma razão, não sinto vergonha em admitir isso para Masen. Com minha mãe, irmã, professores e amigos, eu me sinto julgada. Como se precisasse superar às expectativas de alguma coisa.

Mesmo em se tratando do Misha, eu me sinto culpada por nunca mostrar quem realmente sou e ficar torcendo para que jamais descubra como posso ser horrível às vezes. Quero que ele pense o melhor de mim.

Mas com Masen, sinto como se pudesse fazer quase qualquer coisa e ele não ia me querer menos por isso. O jeito que minhas imperfeições o divertem, meus problemas complementam os dele, e como dois negativos se tornam um positivo, e tudo mais.

— Você vai escrever pra ele e contar sobre esta noite?

Eu me viro para ele, com um ligeiro sorriso.

— Provavelmente. Você se importaria?

Ele nega com a cabeça, olhando a rua.

— Não ficaria com ciúmes?

— Vai precisar de seus amigos — responde.

Arqueio uma sobrancelha. Que diabos quer dizer isso?

Ele entra na entrada de casa e segue o círculo até a porta da frente e para. Solto o cinto de segurança e olho para a mão direita parada em seu colo.

Nem meia hora atrás, aquela mão estava na minha bunda.

Ninguém sabe como é sentir isso.

Fecho os olhos, me sentindo sozinha agora. Por que ele está tão distante? Não sou idiota a ponto de pensar que agora somos um casal – não tenho expectativas fantasiosas quando se trata de pessoas, jamais –, mas isso é estranho. Sua energia está uma droga, como se esta noite foi um erro ou algo assim, e dói um pouco.

Não que eu fosse admitir isso para ele.

— Bem... — Suspiro, abrindo a porta. — Então... a gente se fala depois.

Eu saio e bato a porta atrás de mim, caminhando para casa. Escuto outra porta bater, e me viro, vendo Masen correr na minha direção.

Eu paro.

Ele toca meu rosto, aproximando-se e olhando para mim.

— Qual é o nome dele?

— De quem?

Ele paira bem perto, seus lábios a um centímetro dos meus.

— Seu amigo por correspondência.

Sua respiração permanece sobre os meus lábios e abro a boca só um pouco, me sentindo ansiosa para senti-la. Nossa, o cheiro é bom.

— Misha — sussurro.

Ele me beija, seus lábios caindo nos meus e fecho meus olhos.

— O que você disse? — ele provoca, mordiscando meus lábios. — Não consegui te ouvir.

— Misha — ofego antes de mergulhar nele e roçar a língua na dele. Aperto o corpo no seu, sentindo a protuberância no jeans me esfregar.

Ele finalmente se afasta, sem fôlego e excitado de novo, exatamente

como aconteceu no drive-in.

— Obrigado. — Ele me beija uma última vez nos lábios e se vira, voltando para a caminhonete.

Mas que diabos?

Observo, confusa mais uma vez quando ele liga o motor e se afasta, as lanternas traseiras brilhando na escuridão conforme sai pela rua.

Eu o conheço muito pouco, mas depois de cada encontro, sinto que o conheço um pouco menos.



Não vi Masen no fim de semana inteiro. Sábado chegou e passou. Minhas amigas e eu passamos o dia todo no campo de futebol, orientando as líderes de torcida novatas para o próximo ano na escola, e no domingo fiquei trancada no quarto, ouvindo música, fazendo lição e escrevendo para Misha.

Três cartas.

Duas eram só cheias de coisas chatas e bobas, e a terceira – a que falei sobre Masen – amassei e joguei fora. Não sei porquê. Não sei nem porque escrevi isso para começo de conversa.

Andando pelo corredor da escola na segunda de manhã, paro no meu armário e começo a colocar a senha, mas tem algo escrito com caneta preta na frente, e paro.

“Qualquer coisa para não precisar de você,
Qualquer coisa para não me apaixonar por você,
Qualquer coisa para olhar para uma garota que não seja você,
Mas, baby, não há nada além de você.”

Sorrio. Masen.

Pelo menos espero que ele seja o responsável. Minhas bochechas esquentam, odiando como aquilo acabou de me deixar feliz. Por que é tão bom saber que ele estava pensando em mim neste fim de semana quando se esgueirou para escrever isso?

Tento me segurar para não sorrir, mas ele aparece mesmo assim quando abro o armário e enfio minhas coisas na mochila, pegando o que preciso para a manhã.

Ando até a aula de artes e entro na sala, imediatamente olhando para o seu lugar e fico aliviada ao vê-lo sentado lá. Não sei por que, mas tenho a sensação de que a qualquer hora será a última vez que o verei.

Ele conversa com Manny sentado ao lado dele e, como sempre, não me vê ou age como se não tivesse visto.

Caminho até a minha mesa e me viro para colocar as coisas em cima, mas alguém esbarra em mim e vou com tudo para frente.

— Desculpa — diz uma voz profunda, e algo é empurrado na minha mão.

Eu me endireito e viro a cabeça, vendo Masen passar por mim e ir para a frente da sala, dando um sorrisinho enquanto joga o chiclete na lata de lixo.

Aperto o pedacinho de papel na mão e me sento, agindo como se nada tivesse acontecido. Ele volta e se senta de novo, retomando a conversa com Manny.

Seguro o papel no colo e olho para baixo, desdobrando-o e lendo.

"Não vejo a hora de te beijar."

Sinto minha pele formigar, e guardo o papel no bolso, tentando mostrar que porcarias românticas como essa não me afetam. Não. De jeito nenhum.

E nem reprisei mil vezes na cabeça o que aconteceu no drive-in neste

fim de semana, lembrando como seus beijos são realmente incríveis.

Mas então olho para cima e vejo Trey entrando na sala de aula.

Eu me sinto péssima na hora. Estava ansiosa para ficar perto de Masen, mas Trey acabou com meus planos de novo. Eu deveria dispensá-lo logo de uma vez.

— Acho que você realmente gosta de arte — comento quando ele puxa a cadeira ao meu lado. — As pessoas vão começar a falar.

— Irão me perdoar quando descobrirem que só me sento aqui para olhar através da sua camiseta. — Ele descansa uma mão no encosto da minha cadeira e desce os olhos para a minha camiseta folgadinha. Não dá para ele ver nada no decote, mas um pedaço da minha barriga está aparecendo, logo acima do cós da calça jeans justa. — Você é uma vista fantástica.

— É, tá...

Mas paro, ouvindo um arranhado. Viro a cabeça, vendo Masen girar um transferidor com a mão, a agulha afiada cravando na madeira da mesa e fazendo um círculo lentamente conforme a arrasta. Subo os olhos até o rosto dele, vendo que está prestando atenção à frente, mas quando olho para baixo, percebo que o acabamento preto da mesa agora está marcado, mostrando a madeira marrom debaixo.

Sinto um sorriso puxar meus lábios. Ele não está feliz.

Bom. Se ele quer que eu encontre um novo par para o baile de formatura, pode criar coragem e me chamar.

— Ah, então — continuo, empurrando o envelope e olhando para Trey, mas falando alto o suficiente para Masen ouvir. — Tinha que ver meu vestido para o baile. Você vai amar.

— Não vejo a hora. — Ele sorri.

Abro o caderno de desenho e continuo trabalhando no meu projeto,

enquanto a Sra. Till começa a vagar pela sala para verificar os alunos e como estão progredindo.

— Ei, Manny... — escuto Trey chamar, sussurrando. — Não tem o seu cão de guarda na educação física hoje.

Abaixo os olhos, nervosa. Manny permanece imóvel, encolhendo-se quase que por inteiro do outro lado de Masen.

— Sabe, Laurent? — Trey diz para Masen, por cima da minha cabeça. — Não tem como você ficar de olho nele o tempo todo.

Continuo ouvindo o arranhar do transferidor e olho para cima, percorrendo o olhar pela sala. Till precisa tirar Trey daqui. Se Masen o atacar não ficará impune novamente.

— Quando você dá um soco em alguém, essa merda não vai ficar por isso mesmo — Trey ameaça. — Portanto não vire as costas, também. Não estarei sozinho da próxima vez.

— Jesus, cansei — murmuro para Trey. — Não quer ir pra sua aula de química, não?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Eu te vejo no almoço — aviso, forçando para que entenda a indireta. — Tenho que fazer meu trabalho agora.

Ele bufa como se estivesse se perguntando que possível “trabalho” eu poderia ter para fazer na aula de artes. Por fim, revira os olhos,me dá um beijo no rosto, levanta-se e sai da sala.

Eu me abaixo, fingindo pegar algo na mochila enquanto sussurro para Masen.

— Me diz que você está com ciúmes.

Devolvo as mesmas palavras que ele me disse no drive-in. Não quero ir no baile com Trey. Não quero nem conversar com Trey.

Mas Masen não me deu nada e não vou colocar minha vida em modo de espera nesse meio tempo.

— Diz que sou sua — peço.

Ele deixa o transferidor cair na mesa e olha para baixo, continuando em silêncio.

Meu queixo dói e sinto lágrimas arderem nos olhos.

— Tenho a sensação de que você vai desaparecer a qualquer minuto. Como se você não fosse realmente de verdade.

— Vou te contar tudo — ele sussurra. — Prometo. Só que ainda não.

Limpo a umidade no canto do olho e a garganta. Eu gosto de Masen. Muito. Mas ele não tem laços aqui, e assim que as aulas acabarem, nada o prende aqui. Estou tensa com isso.

Um grunhido baixo chama minha atenção, e viro a cabeça, percebendo que está vindo do estômago de Masen. Ele se mexe, parecendo um pouco envergonhado.

— Você comeu hoje?

— Estou bem — responde. — Só não queria comer comida de conveniência de posto de gasolina de novo.

Eu o observo, a ficha caindo sobre a sua situação. Ele vai para o Cove depois que sai daqui? Fica sozinho o tempo todo? Quanto dinheiro poderia ter para comer e abastecer e lavar roupa?

Tristeza me invade. Ninguém está cuidando dele.

Ele deve sentir meu olhar, porque aponta o queixo para o meu desenho, mudando de assunto.

— O que é isso?

Engulo, olhando para a minha terceira tentativa de um desenho com carvão, que mais parece o borrão do teste de Rorschach.

Como sou ruim nisso.

— É a capa de um álbum — digo a ele. — Aquele amigo que eu te falei? Misha? Ele escreve músicas. Estava fazendo uma surpresa como presente de formatura.

Seus olhos se estreitam e sua respiração fica ofegante.

— Que foi?

Ele se afasta, piscando rapidamente.

— Nada.

Deixo um suspiro escapar e volto para o meu trabalho. Nada, nada, nada. Posso até mentir demais, mas pelo menos eu disse alguma coisa.

Pego uma barra de granola da minha mochila, jogando-a na frente dele antes de pedir licença para ir ao banheiro.

São só oito horas da manhã e já acho que já deu de garotos por hoje.



Espremendo o pacote no copo, coloco a tampa de plástico e agito a salada. A salada Caesar se mistura, e eu pego um garfo de plástico e uma garrafa de água, andando na fila do refeitório até o caixa.

— Vai comer? — Lyla se aproxima de mim e pega um pote de fruta.

— Sim. — Entrego meu cartão do almoço no caixa e a atendente cobra. — Tá quente. Preciso muito de algo para refrescar. Não consigo me concentrar nas aulas hoje.

Ou pelo menos não na escola. Minha cabeça está em Masen o tempo todo. Ele está aqui? Está por perto? Vai me empurrar dentro de uma sala, me tocar e me beijar enlouquecidamente?

Por favor. Deus. Diz que sim?

— Sabe, devo te dizer — fala Lyla, dando dinheiro no caixa. — Sair com Masen do drive-in, sexta à noite, foi bem feio.

Paro e olho para ela, com o coração na mão. Eu realmente não me importo se ela sabe que fui embora com ele, mas ela sabe o que estávamos fazendo dentro da caminhonete no drive-in?

Ela sorri sarcasticamente.

— Ele saindo bem no meio do filme, e você desaparecida? Não foi difícil descobrir, e aposto que Trey também percebeu.

Respiro, um pouco mais tranquila. Tudo bem, ela não sabe muito mais que isso.

— Sabe de uma coisa? — digo. — Você não deveria me dizer nada mesmo. Não me viu sair com ele, não sabe o que está acontecendo entre nós, se é que tem alguma coisa acontecendo. E você deu “voltinhas” com mais caras do que um ônibus dá. Quando você for perfeita, podemos conversar. Entendido?

Seus olhos pegam fogo, me olhando com raiva ao abrir a boca para falar de novo.

Mas eu a interrompo.

— Já chega — eu digo a ela. — Eu estou com fome. Vamos comer.

Eu me viro, mas vejo Trey e JD se aproximarem e pararem na nossa frente.

Filho da p...

— Quer se divertir um pouco? — pergunta Trey, colocando as mãos na minha cintura.

O quê? Solto uma risada, um pouco exasperada. Não consigo acompanhar as fofocas nesse momento.

Mas pisco, tentando me concentrar novamente e achar meu raciocínio

rápido.

— Claro. — Eu desisto. — Estava me perguntando quando você começaria a ficar interessante.

JD ri, e Trey ergue uma sobrancelha, parecendo divido entre achar engraçado e com cara de quem quer me ensinar como manter a boca fechada.

— Laurent não consegue tirar os olhos de você — diz ele.

Ele olha por cima do ombro e eu sigo seu olhar, encontrando Masen sentado em uma mesa cheia com os piores delinquentes da escola. Ele está inclinado para trás, as longas pernas esticadas e as mãos cruzadas atrás da cabeça, rindo com o cara com quem está conversando.

— E daí? — Eu olho de volta para Trey.

— E daí que eu acho que ele quer você — responde. — Quero que você use isso a meu favor.

E então ele se inclina, segura o outro lado do meu rosto e sussurra no meu ouvido:

— Convença ele a ir à festa na minha casa, na semana que vem.

Franzo as sobrancelhas, lembrando-me vagamente de ele mencionar sobre seus pais irem viajar em breve. E ele quer que eu leve Masen. E para você poder fazer o que? Dar uma surra nele depois que eu o atrair para uma armação igual àquelas que acontecem nos filmes dos anos 80?

É, até parece.

Trey se afasta e obrigo meu tom a ficar neutro.

— Isso não parece nada divertido pra mim.

Trey desvia o olhar, claramente irritado com a minha falta de cooperação. Ele se vira para Lyla, dando um sorriso sexy para ela.

— Lyla, querida — diz ele, e vejo JD ficar tenso. — Você tem um pouco de coragem, né?

Ela sorri timidamente e eu balanço a cabeça.

Se eu não fizer o que ele quer, Lyla fará. Percebo a olhada de desdém que JD dá entre os dois, e depois para mim antes de desviar o olhar.

Eu suspiro.

— Masen não é idiota, Trey. Ele vai se ligar que ela está mentindo.

Empurro minha salada para Lyla e passo pelos garotos, caminhando em direção à mesa de Masen.

Quando me aproximo, paro ao lado dele. Todos os seus amigos param de conversar e olham para mim, mas ele não se dá ao trabalho de olhar na minha direção.

— Oi. — Coloco a mão na cintura, sabendo que ele está ciente da minha presença.

Um sorriso curva os seus lábios, e os olhares curiosos de seus amigos se movem entre nós.

— Princesa — diz ele. — O que posso fazer por você?

Ah, faça-me o favor. Deslizo entre ele e a mesa, sentando na beirada e apoiando minha mão para trás, inclinando um pouco, bem consciente de que minha camiseta está subindo enquanto seus olhos olham rapidamente para a minha barriga.

Algumas bufadas soam de seus amigos e eu o provoco com meus olhos.

— Seu par para o baile de formatura está observando — avisa.

— Ele me mandou aqui — respondo. — Acho que ele está pensando que vou conseguir te levar em uma de suas festas.

Escuto alguns resmungos ao redor da mesa, enquanto Masen simplesmente parece se divertir. Nós dois sabemos o que o Trey está armando, e consigo sentir meus próprios amigos nos observando.

— Você não quer que seus amigos pensem que você é covarde, né? — entro no jogo.

O sorriso de Masen se alarga e ele olha de lado, provavelmente para ver se Trey está prestando atenção.

Não que qualquer um de nós se importe, na verdade. Gosto desse jogo. Ninguém acreditaria que estamos realmente a fim um do outro. Posso enganá-los contanto que não estejamos enganando um com o outro.

Ele olha para mim e desliza as mãos sob os meus joelhos, puxando-me para fora da mesa, lentamente me abaixando em seu colo, montando-o. Risadas baixas soam ao redor da mesa e, de repente, sinto uma necessidade crescer entre as pernas.

Inclinando meu corpo sobre o dele, colando nossos peitos, sussurro em seu ouvido:

— Eu não quero que você vá — confesso. — Ele não estará sozinho.

— Por que você se importa? — responde baixo, mantendo o tom neutro. — Você ainda vai com o “Machista Otário” no baile, não vai?

— Mais alguém me convidou?

— E você aceitaria?

Roço o nariz em sua orelha, sentindo a pele macia.

— Pergunte e descubra.

— Trevarrow!

Pulo de susto, ouvindo chamarem meu nome. Não preciso me virar para saber que é a diretora. Que maravilha. Eu me mexo para sair de seu colo, mas ele aperta as mãos nas minhas coxas, me segurando.

— Masen — insisto. Ele vai me criar problemas. Em público.

— Saia do colo dele — a diretora Burrowes ordena. — Agora.

Coloco as mãos nos ombros de Masen, e me mexo para levantar, mas

ele agarra meus quadris de novo, me mantendo no lugar.

— Ela sai do meu pau quando eu disser para ela sair — ele diz à diretora.

Fico boquiaberta e com os olhos arregalados. Que porra é essa?

A expressão de Burrowes fica furiosa, e escuto várias risadas e bufos nas mesas atrás de mim.

— O que é que você disse?! — ela exclama.

Mas Masen apenas se inclina e diz no meu ouvido:

— Te vejo mais tarde.

E então se levanta, cuidadosamente permitindo que eu deslize de seu colo até ficar de pé.

Ele não se dá ao trabalho de olhar para ninguém e sai do refeitório com os saltos da diretora clicando atrás dele.

Não sei como, porém, duvido que ela seja capaz de detê-lo.



MISHA

Eu vou para o inferno. Tenho certeza de que ela própria vai me arrastar até lá.

Ryen tem um temperamento terrível, e é a única coisa a respeito dela que eu não conhecia, mas fiquei feliz em descobrir.

Isso me excita.

Inclino o vaso de flores e pego a chave que está escondida por baixo. Destrancando a porta da frente, coloco a chave de volta no lugar e entro na casa enquanto o relógio de pêndulo badala para indicar que são cinco da manhã. Espero que todos ainda estejam dormindo.

Vou contar tudo para ela amanhã. Eu a levarei para a casa do meu pai – minha casa – e mostrarei...

Não, deveria escrever uma carta. Onde consigo expressar minhas palavras corretamente.

Não.

Porra! Ela não aceitará. Não será capaz de superar isso. Vai me odiar

e terminar tudo, e minha vida ficará vazia sem ela. Preciso contar tudo, ou terei de ir embora.

E a possibilidade de que eu faça justamente isso – amarelar, deixar tudo para trás e fugir –, é a única razão pela qual eu não a reivindico. A única razão pela qual não arranco as malditas mãos de Trey de cima dela e o encho de porrada.

Não posso privá-la da formatura e de amigos quando sei que não estarei aqui para recolher os pedaços. Eu vou embora ou ela vai me fazer ir.

Como você conta para sua amiga – sua melhor amiga – que estava bem aqui, bem debaixo do seu nariz, brincando com ela feito um fantoche? Que ela não tinha ideia de que o cara que a estava fodendo na sexta à noite era o menino com quem ela cresceu?

Tudo saiu completamente fora de controle.

Fecho a porta, soltando cuidadosamente a maçaneta para evitar que alerte a qualquer uma que esteja acordada, que alguém está invadindo a casa delas.

Olhando no andar de baixo, não vejo e nem ouço ninguém, então corro para o andar de cima, com cuidado para manter os passos suaves e rápidos. Virando para a direita, giro a maçaneta do quarto de Ryen e abro a porta.

Mas escuto um suspiro ofegante e olho para frente, vendo-a se atrapalhar na cama, puxando o lençol sobre o peito ao mesmo tempo em que se senta.

Estreito os olhos, surpreso por ela já estar acordada. Fecho e tranco a porta. Só tinha planejando me deitar ao seu lado, aproveitar para senti-la mais um pouquinho.

Nossos dias podem estar contados.

— O que está fazendo? — murmura rispidamente. — Como entrou

aqui?

— Do mesmo jeito que da última vez — respondo, caminhando em direção à cama. — Tem uma chave reserva debaixo do vaso de flores do lado de fora.

Ela revira os olhos, provavelmente por causa da estupidez de sua mãe.

Permito que meus olhos desçam por seu corpo, notando a perna nua arqueada, mas quando subo meu olhar novamente, vejo a curva do quadril, completamente nua, e o lado de seu torso, exposto pela camiseta minúscula.

Mas que merda é essa?

Alcançando o lençol, o levanto, vendo que ela está pelada da cintura para baixo. Sem short de pijama, sem calcinha...

Ela arranca o lençol da minha mão, cobrindo-se, um rubor rosado pintando suas bochechas.

— Por que está pelada? — Eu me endireito, desconfiança me deixando incomodado.

Não espero por uma resposta. Ando até o armário e abro as portas, querendo saber quem diabos está aqui com ela. Estava obviamente acordada e assustada quando abri a porta.

— Não tem ninguém aqui — diz. — Estou sozinha.

Olho ao redor do quarto, percebendo que não há outros esconderijos. Exceto...

Eu me ajoelho e jogo a colcha por cima da cama, olhando debaixo.

Nada.

Por que diabos está pelada então?

Eu me levanto, erguendo uma sobrancelha conforme ela se mexe, nervosa.

E então a ficha cai.

Segurando o lençol, eu a descubro, ignorando seu gemidinho quando meus olhos ficam travados no pequeno vibrador oval preto.

Meu pulso acelera e sinto o pau inchar instantaneamente.

Ela coloca as mãos para trás, apoiando-se nelas com os joelhos arqueados para cima e morde o lábio, afastando seus olhos envergonhados.

Não consigo resistir e dou um sorriso divertido. Eu me inclino e engancho um dedo no cordão, levantando-o, a cápsula preta balançando no ar.

— Pensando em mim, né?

Um pequeno rosnado marca seu rosto limpo e amassado do sono.

— Vai sonhando, otário.

Meu peito ressoa com uma risada. Soltando o brinquedo erótico, deslizo a mão entre suas pernas, toda dúvida e medo de um minuto atrás dissipando enquanto escorrego a ponta do dedo por seu calor úmido.

— Já gozou?

Ela faz outra cara feia para mim, ainda sem me olhar.

Inclinando-se em seu ouvido, eu sussurro:

— Tem alguma ideia de como você é perfeita?

Sua respiração para e finalmente vira o rosto para mim. Passo a mão por sua boceta, pelo abdome liso e tonificado, e bem sob a camiseta minúscula, roçando a parte inferior do seio.

— Me mostra o que você faz com isso — imploro.

Seus olhos piscam, preocupação e nervosismo estampados em seu rosto.

Deslizo os dedos sobre seus mamilos duros.

— Vou amar tudo que você faz. Prometo.

Ela nega com a cabeça.

Aperto seu peito com mais força, ela solta um pequeno gemido.

— Faça. Agora — rosno, exigente.

Sua cabeça cai para trás, e ela se contorce um pouco, claramente excitada, e eu gemo no seu ouvido, meu pau duro feito pedra.

Ouço o barulho do vibrador e do controle remoto, e me levanto, recuando para poder vê-la. Imagino que ela vai deitar, colocar o vibrador entre as coxas e começar a se esfregar nela, mas não faz isso.

Faz o contrário, ela vira de barriga para baixo lentamente e desliza a cápsula entre ela e o lençol, até alcançar a boceta.

Eu me sento na poltrona ao lado do criado-mudo, sem piscar nem uma vez. Não quero perder um segundo.

Dobrando um joelho para se abrir, ela posiciona o vibrador exatamente onde precisa, e permito que meus olhos percorram seu corpo. A camiseta branca sexy que termina na metade das costas, a bunda perfeita, as pernas sexy e bronzeadas e quando o zumbido começa...

Eu gemo, meu pau esticando contra o jeans.

Ela vira a cabeça para mim, o corpo apoiado nos cotovelos, e vejo seus quadris começarem a esfregar na cama, a boceta roçando na pequena cápsula vibrante embaixo dela. Quase não consigo respirar de tão hipnotizado.

Sua bunda se move, rebolando em pequenos círculos enquanto dá prazer a si mesma, e ouço sua respiração ficar mais pesada. Olhando para cima, encontro seus olhos, um quase escondido atrás do cabelo.

Seu olhar é intenso, como se sua imaginação tivesse tomado conta e fosse a mim que ela estava fodendo ao invés do brinquedo.

— Fode muito essa bolinha? — pergunto, minha voz rouca.

Ela acena com a cabeça lentamente.

— Gosto de ver essa bunda se mexer, querida.

— Estou percebendo. — Seus olhos divertidos caem na minha virilha,

provavelmente notando o quanto estou duro.

Ela arqueia o pescoço para trás, passando a mão pela coxa e por cima da bunda, gemendo e grunhindo mais rápido conforme começa a se esfregar mais forte. Caralho. O movimento gostoso de seus quadris, o jeito que sua bunda empurra para frente e para trás é a coisa mais sexy que já vi.

Seus olhos aquecidos me olham de novo, atraindo-me.

— Já fodi muito nessa cama. Apenas nunca com outra pessoa.

Bem, está na hora de batizá-la.

— Oh — ela geme, o rosto contorcido de prazer. Ela esfrega a boceta com mais força, afundando na cama e tentando esfregar o clitóris para gozar.

Eu me inclino para frente, com os cotovelos nos joelhos, hipnotizado.

— Estou tão molhada — geme. — Consigo sentir escorrer sobre o meu clitóris.

Cerro o punho.

— Gosto quando você me observa — sussurra. — Me dá vontade de chupar seu pau.

Meus olhos se arregalam e me levanto, caminhando até ela. Segurando seu queixo, eu me inclino para baixo, forçando sua cabeça para trás e seus olhos para mim.

— Você é uma mimadinha gostosa — rosno em seus lábios. — Mas só para mim, entendeu?

Agarro seu seio, apertando-o com força e a faço gemer. Isso é meu.

Ela estica a língua, balançando meu piercing.

— Consigo sentir você na garganta.

Gemo baixinho, o sangue escorrendo para o meu pau. Já chega.

Alcanço por baixo dela, pego o vibrador e o jogo no chão.

— Mas q... — briga, mas eu me ajoelho na cama atrás dela, agarro

seus quadris e a puxo para cima, deixando-a de quatro e dou um tapa em sua bunda.

Ela grita, mas solta um gemido logo depois, afastando os joelhos e arqueando as costas, me dando as boas-vindas. Tiro a camiseta e a jogo no chão. Pego um preservativo do bolso e abro a calça jeans, puxando meu pau para fora.

Ela está tomando pílula? Nossa, o que eu não daria para senti-la sem isso agora.

Coloco a camisinha e encaixo o pênis na sua entrada, empurrando forte de uma vez, me enterrando profundamente dentro dela.

— Ahhhh — ela geme.

Fecho os olhos, seu calor apertado ao meu redor e envolvendo todo o meu maldito corpo.

Agarrando seus quadris, entro e saio, puxando sua bunda em forma de coração para mim com força e rapidez.

— Porra, você é tão gostosa.

Ela se segura com as mãos, o cabelo comprido caindo pelas costas e balançando enquanto eu a como. Passando uma mão por sua coluna, sinto o corpo dela se mover e descer no meu pau, ávida para me encontrar na metade do caminho toda vez que entro nela.

Deslizo a mão até o pescoço e entremeio os dedos por seu cabelo, apertando-o no punho. Eu a puxo para trás, viro sua cabeça e a beijo, a língua me provocando conforme se afasta e volta em busca de mais.

Empurro com mais força e a cabeceira da cama começa a bater na parede.

— Precisa ir devagar. — Ela inclina a cabeça para trás, fechando os olhos com o prazer. — Minha mãe e irmã vão ouvir.

— Que se foda — rosno em seu ouvido. — Não vou me segurar de

novo.

A última sexta-feira à noite foi angustiante, e ao mesmo tempo em que gostei, foi torturante tentar me conter para que a caminhonete não balançasse e ninguém a ouvisse gemendo.

Estoco nela, o som de pele contra pele enchendo o quarto conforme grunho e tensiono cada maldito músculo do corpo. Sei que estou golpeando profundamente, porque seus gemidos estão ficando mais rápidos e altos.

— Farei uma coisa um pouco ilegal hoje à noite — eu digo a ela, puxando o lóbulo de sua orelha com os dentes. — Tá dentro?

— E o que é? — ofega.

— Uma surpresa. Não confia em mim?

Ela zomba.

— Por que eu confiaria? A única coisa que sei a seu respeito é que você tem um corpo bonito e me dá muito prazer.

Não consigo evitar o prazer idiota que enche meu peito. Não quero ser apenas uma trepada para ela, mas fico feliz por agradá-la nessa área. Ela é dona da minha cabeça e do meu corpo. Quando descobrir quem sou, ela se lembrará de como somos perfeitos?

— Você me conhece mais do que isso — sussurro. — Não vou deixar que nada te aconteça. Você é minha tribo, Ryen.

Ela pausa e me olha nos olhos.

— O que você disse?

Cada parte do meu corpo fica tenso.

Porra. Tribo. Ela escreveu isso em uma carta.

Por que eu disse aquilo?

Desvio o assunto o mais rápido possível. Eu me inclino para frente e desço sobre ela, empurrando-a na cama e estocando mais fundo e mais forte.

— Eu disse que não vou colocar você em perigo. — Estico a mão e seguro seu rosto, virando sua cabeça e a beijo. — Venha comigo hoje à noite enquanto todos estarão no jogo.

Ela geme, seus olhos se fechando, e a sinto apertar meu pau.

— Vem criar um pouco de confusão comigo — eu digo.

— E ter uma ideia de quem diabos você é? — rebate, sua respiração ficando ofegante e áspera.

— Talvez.

Ela acena, as sobrancelhas franzindo. Parece que ela está prestes a gozar.

— Tudo bem.

Empurro para dentro dela, fodendo-a implacavelmente, conforme choques elétricos percorrem minha barriga e fluem até o meu pau.

— Assim, assim — ofega, arqueando a bunda para acompanhar meus impulsos.

Cubro sua boca com a minha, nossos gemidos se abafando quando gozamos, a boceta me apertando feito um torno. Empurro mais algumas vezes, desejando poder me derramar dentro dela enquanto o prazer atravessa pelo meu corpo todo, e finalmente paro.

Porra, ela é perfeita.

Dou suaves mordiscadas em sua boca. Amo seus lábios e o ligeiro suor que consigo sentir em sua pele.

Uma porta se fechando soa no corredor, e percebo que sua família está começando a acordar. Minhas pálpebras parecem pesadas de repente, e respiro com dificuldade, tentando me acalmar.

É melhor eu sair daqui.

Olhando para baixo, vejo o rosto dela descansando na cama, os olhos

fechados, com uma cara bastante satisfeita. Deslizo a mão entre ela e a cama e aperto seu seio, dando um último beijo em sua bochecha.

— Obrigado, Pompons. Te vejo na escola.

Ela solta um pequeno resmungo pela garganta, mas seus olhos permanecem fechados, e dou risada sozinho enquanto me limpo e me visto.



RYEN

— Acha que alguém vai adivinhar que essa porcaria é da padaria? — pergunta Lyla, segurando uma pilha de cookies embrulhados.

Pego o saco de plástico transparente dela, amarro com um laço vermelho e coloco de volta na grande mesa de plástico.

— Não é porcaria. Porque é da padaria.

As aulas acabaram há quatro horas, mas o estacionamento está lotado de carros enquanto ficamos atrás da nossa mesa, cumprimentando as pessoas antes de entrarem no campo. O sol já se pôs, e as luzes do campo brilham sobre nós, iluminando o lugar conforme o resto dos torcedores atravessa pelos portões.

Lyla e eu fomos escolhidas pela treinadora para trabalhar vendendo os bolos e doces de hoje à noite e, como exigência, temos que usar nossos uniformes de líder de torcida. Captação de recursos é um dos nossos muitos deveres, e já que não estamos ocupadas animando a torcida durante o jogo de beisebol que está prestes a começar, estamos tentando ganhar dinheiro para o time e ambientar algumas das novatas que começarão no ano que vem.

Tecnicamente, deveríamos preparar tudo que estamos vendendo – com

a ajuda das mães dos jogadores e líderes de torcida –, mas vacilamos porque não nos organizamos com antecedência. É primavera, a escola está quase terminando e já estou sobrecarregada demais. Então, compramos um monte de coisa da Lieber’s Bakery durante o horário da escola e fomos dispensadas da última aula para embalar tudo em nossas próprias sacolas com fitas das cores da escola.

— Venham, calouros! — Lyla bate as mãos. — Sorria. É a nova moda. Prometo.

Dou uma risada sarcástica. Não os invejo nem um pouco. A vontade de colocar um sorriso– que não sinto vontade de dar –, no rosto é quase impossível.

Substituo os pacotes de cookies e brownies que foram vendidos. Olhando para cima, vejo Masen de pé perto de sua caminhonete com um grupo de garotos da escola. Sinto um frio na barriga.

Ele está me observando com um olhar divertido no rosto. Hoje, na aula de artes, avisei que ficaria na barraca para angariar fundos, então concordamos em nos encontrar depois para fazer o que quer que ele tenha planejado – que Deus me proteja.

Depois de entrar sorrateiramente no meu quarto esta manhã, me pegar com o vibrador e quase acordar a casa inteira – porque ele precisava transar –, o resto do dia passou relativamente calmo. Tudo foi moleza comparado a isso.

Resisto à vontade de puxar o enorme laço preto, que fomos obrigadas a usar como parte do uniforme, de cima da minha cabeça. Consigo sentir a risada que ele está segurando daqui.

Vejo ele e seus amigos se aproximarem.

— Nossa, parece que o “Disney Channel” vomitou nessa mesa — brinca ele, olhando a variedade de sacolas com bolinhas e a toalha de mesa florida.

Coloco as mãos na cintura.

— Laço legal. — Ele aponta com o queixo, olhando no topo da minha cabeça. — Se eu o puxar, tem uma corda que vai fazer você falar e se mexer?

Um ronco explode em uma gargalhada, e olho para Ten, de pé atrás de Lyla. Ele se inclina um pouco, o corpo tremendo.

Ele olha para mim, vê meu olhar bravo e tenta se segurar.

— Desculpa, tá? Foi engraçado.

Arqueio uma sobrancelha e volto os olhos para Masen. Ele inclina a cabeça, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Agarro a gola de seu moletom de capuz preto e trago o rosto dele para perto, encostando no ouvido e cobrindo meu sussurro com a mão.

— Você deixou meu peito todo marcado hoje cedo — digo. — E se não for legal, mais tarde não vou te deixar dar beijinhos pra sarar.

Ele respira fundo.

— Agora compre alguns cookies — mando, empurrando-o para longe.

Sua boca forma um sorriso, mas ergo o meu queixo, observando-o pegar sua carteira.

Ele entrega a Lyla uma nota de cem dólares e eu pisco, tentando não parecer que fui pega de surpresa. Está certo. Acho que ele tem dinheiro, afinal.

Onde conseguiu tanto assim? Sinto uma sensação desconfortável de repente.

— Quanto dá pra comprar com isso? — pergunta a ela, mas mantém os olhos em mim.

Ela pega o dinheiro e encara a nota por um segundo. Depois pega um pacote com dez cookies e entrega para ele.

— Isso.

Uma risada fica presa na minha garganta. Esse pacote de cookies custa cinco dólares, mas não me importo que ela o esteja enganando. Ele merece.

Ele dá uma olhada no pacote, obviamente sabendo que está sendo enganado, mas fica quieto e o joga para um amigo atrás dele. Guardando a carteira no bolso, ele não desvia os olhos de mim por mais alguns instantes antes de ir embora, sua turma indo atrás.

— Legal. — Lyla agita a nota de cem na minha frente. — O que você disse a ele?

— Esqueci.

Eu não tenho medo do julgamento de Lyla a respeito de Masen, e uma parte minha quer que as pessoas vejam ele me tocando, mas por algum motivo, ele ainda parece ser uma aventura, e não quero tentar explicar isso para os outros. Ainda estou tentando descobrir quem ele é.

E uma parte minha gosta de dar essas escapadas. Amo ter algo que me deixa feliz e que não tenho que dividir com mais ninguém.

Assim como era com Misha.

Misha. Por que sinto como se eu o estivesse traindo? Ele me abandonou.

Depois do hino nacional e primeiro arremesso, Lyla, Ten e encerramos as vendas, mandando as outras garotas para casa e guardando as coisas. Lyla pega o que sobrou, avisando para darmos para o time de beisebol quando acabar o jogo, e Ten entra no campo, provavelmente para encontrar JD e o resto dos nossos amigos.

Jogo a mochila sobre o ombro, pego minha garrafa de água e sigo para o estacionamento em vez de ir para o campo.

— Aonde você vai? — pergunta Lyla, saindo com a caixa de cookies nas mãos.

Aponto para a mochila.

— Vou guardar isso no carro.

Eu me afasto, não esperando por uma resposta, e vou direto para o meu jipe, vendo a Raptor preta de Masen estacionada do outro lado da fileira.

Seus olhos estão em mim enquanto está encostado na porta e dois de seus amigos, que estão na frente dele, viram as cabeças e me observam, também.

Jogando a bolsa no banco de trás, subo as mãos na cabeça para soltar o laço e puxar o elástico que segura a parte de cima do meu cabelo para trás. Penteio as mechas com os dedos e dou uma ajeitada no cabelo, deixando-o solto. Eu me viro e encosto no jipe, apoiando os cotovelos na beirada do carro, olhando diretamente para ele.

— Não sei, cara — Finn Damaris reflete, sorrindo —, mas parece que ela quer alguma coisa. O que você acha?

— É. — O de moicano, cujo nome não sei, balança a cabeça e morde o lábio inferior, descendo os olhos pelo meu corpo. — Ela definitivamente quer alguma coisa.

Masen observa por trás deles, divertimento brilhando em seus olhos.

— Ela é tão limpa — comenta Finn com o amigo. — Mas aposto que ela gosta de se sujar.

O moicano ri.

— Ah, pode crer.

Reviro os olhos, esperando. Tenho certeza de que estão amando isso. A convencida dando mole para um deles...

— Se mandem, caras — diz Masen. — Eu cuido disso.

Vou até ele, inclinando suavemente em seu peito enquanto seus amigos desaparecem, rindo.

— Então, para onde estamos indo? — Pairo sobre seus lábios.

Ele respira fundo e me beija no rosto rapidamente, endireitando-se.

— Vamos. Entre.



Cruzo os braços para não me mexer.

— Devia ter trocado de roupa.

Masen dá uma olhada para mim, passando pelo meu bairro e indo na direção da saída da cidade.

— Por quê?

— Porque se formos vistos fazendo seja lá o que for — explico —, não será difícil me identificar com o uniforme de líder de torcida do Falcon's Well.

Ele sorri e olha para a rua.

— Você não será vista.

Respiro profundamente e aumento o volume do rádio, tentando abafar a preocupação na cabeça conforme "So Cold", de Breaking Benjamin, toca.

Tento parecer durona, mas sinceramente, estou muito nervosa.

Devia ter dito não a ele esta manhã. Parei de escrever nas paredes, e fazer qualquer coisa mais ilegal seria arriscar demais. Fui aceita nas faculdades de NYU, Cornell e Dartmouth. Até parece que vou arriscar isso simplesmente porque tenho uma paixonite por ele e usaria qualquer desculpa para ficar perto dele.

Na verdade, era difícil recusar qualquer coisa enquanto ele estava dentro de mim. Eu teria dito que tatuaria o seu nome no pescoço, se quisesse.

Ele provavelmente amaria isso. Olho para ele, rindo por dentro dessa ideia. Seu cabelo castanho, fino e um pouco espetado, está para frente. Olho sua boca, lembrando do calor do piercing liso raspando as dezenas de lugares quando beijou meu corpo.

De repente eu quero saber tudo. Como ele era quando criança. Quais são seus estilos de música favoritos? Para onde vai quando quer paz e sossego e quem ele procura quando quer conversar.

Quem ele ama? Quem está ao lado dele? Quem o conhece mais? Quem o conhece mais do que eu? Não consigo me controlar e sinto ciúmes quando penso nisso. Ele tem uma vida e história inteira com pessoas que não são eu.

Mordo o canto da boca, sentindo tantas coisas que sei que não deveria dizer.

Mas quero.

— Eu gosto de você — digo a ele, olhando para baixo, minha voz calma.

Vejo que ele vira a cabeça para mim, sem dizer nada.

— Disse algumas coisas legais na sexta-feira à noite — continuo — e eu queria que você soubesse, caso ainda não saiba, que eu realmente gosto de você. — Levanto os olhos, vendo-o me observar com algo passando por seus olhos que não consigo identificar. — Sei que posso ser... eu. Não sou sentimental e não desisto fácil do que penso. É difícil pra mim. — Paro, me sentindo um pouco mais determinada. Eu quero que ele saiba. — Mas, é, eu gosto de você.

Sei que não é grande coisa, mas é muito para mim e espero que ele saiba disso. Admitir que gosto dele me deixa vulnerável, e normalmente não é um lado meu que revelo. Não mais.

Porque, para ser honesta, não é só o fato de gostar dele. É mais do que isso. Eu penso nele.

Sinto falta dele quando não está por perto.

Vai machucar se ele tiver que ir embora tão depressa quanto apareceu.

Ele está quieto e o calor da vergonha cobre minha pele. Que maravilha. Bom trabalho, Ryen. Talvez tudo que tenha gostado em você foi que

não era pegajosa, e agora você está agindo como se estivesse apaixonada por ele.

— Quando vamos estar lá? — pergunto, o tom seco ao tentar mudar de assunto.

Observo enquanto ele lentamente encosta na estrada e estaciona ao lado de um muro de árvores.

— Chegamos — responde ele.

Dou uma boa olhada entre as árvores e ao redor, olhando direito e observando a região enorme e silenciosa.

— Esta é a casa de Trey — indico, ficando em alerta total.

Ele concorda com a cabeça, soltando o cinto de segurança.

— Tem uma coisa minha lá dentro. Uma herança de família. — Ele gesticula para a casa de Trey à direita. — E preciso dela de volta.

— Do que você está falando? Por que Trey teria algo seu?

Ele sacode a cabeça.

— Não está com o Trey.

— Como?

Ele pega meu telefone e aperta alguns botões na tela enquanto tento descobrir o que diabos está acontecendo. Tem alguma coisa dele lá dentro? Algo que ele quer de volta? Trey e sua família estão no jogo de beisebol, então ninguém está em casa.

Iremos invadir a casa?

— Masen, não vou invadir a casa dele.

— Você não precisa. — Ele me devolve o telefone. — Salvei meu número. Acho que já passou da hora de ter meu número mesmo. Me ligue se alguém chegar ou se você vir qualquer coisa estranha.

O quê?

Olho para ele, horrorizada, mas ele simplesmente sai da caminhonete e

corre para a casa.

Como é que é?

Abro a porta, desço e fecho, correndo atrás dele.

— Não acredito no que está fazendo! — sussurro rispidamente, alcançando-o no meio do gramado de Trey. — Você não me diz nada, e agora vai arrombar e invadir uma casa, e me envolver nisso? Eu poderia me encrencar, e sim, não quero parecer hipócrita, sendo “Punk” e tudo mais, mas não quero fazer isso.

Ele para e eu aperto o celular na mão, meio querendo jogar isso nele. Como ele ousa? Ele tem amigos. Por que não pediu ajuda de um deles?

— Por que me pediu para fazer isso? — exijo saber.

— Porque é importante.

Ele me olha diretamente nos olhos, mas não penso que esteja com raiva.

Soltando um suspiro, sua expressão suaviza ao se aproximar de mim.

— Porque preciso do que está lá, e porque... você é a única em quem confio. Eu quero só você aqui.

— Caramba, valeu.

— Estou falando sério, Ryen. Confia em mim, tá?

— Eu confio em pessoas que não me colocam em perigo deliberadamente — retruco. — Pensei que fôssemos fazer algo no Cove ou subir em uma torre de água ou algo assim. Não invadir a casa da diretora.

— Você invade a escola da diretora — ele me recorda.

Olho feio para ele, cruzando os braços. Babaca.

Ele me observa por um instante e depois abaixa os olhos. Pegando a minha mão, ele coloca as chaves na minha palma.

— Você está certa. Vá embora e leve a caminhonete pra sua casa. Te

encontro lá — ele me diz, concordando. — Fica a pouco mais de um quilômetro. Posso ir a pé.

O quê? Não...

Mas ele vira e caminha para a casa de Trey, não me dando chance de argumentar. Não quero arranjar problemas, mas também não quero que ele se meta em apuros.

Algo dele está na casa. Portanto não estamos pegando algo que pertença a eles então. Tudo bem.

Solto um suspiro e corro atrás dele.

Apenas vá. Não pense.

Gostaria de saber quantas pessoas que receberam sentenças de prisão disseram a mesma coisa quando cometeram seus crimes.

Eu o vejo indo até a porta da frente, tirando algo do bolso, mas olho a portinha do cachorro no portão da garagem e depois, em volta. Qualquer um poderia passar de carro ou um vizinho poderia ver Masen na porta, tentando entrar.

— Pela portinha do cachorro é melhor — digo, sabendo que os pais de Trey provavelmente levaram o Husky com eles no jogo.

Ele vira a cabeça rapidamente, olhando para o buraco retangular na porta.

— Não consigo passar por lá.

Claro que não. O cachorro deles é grande, mas não tão grande.

Balanço a cabeça, hesitando por um momento. Mas então respiro fundo e vou até o portão.

Posso tentar me convencer de que conheço esta casa, já que estive aqui antes, e posso ajudá-lo a encontrar o que precisa muito mais rápido do que ele. Mas a verdade é que quero saber o que ele está procurando e por quê. Até agora

ele é como um fantasma e estou curiosa.

Agachando-me, empurro a mão pela portinha do cachorro, prestando atenção para ver se escuto passos ou um latido. Mas tudo que ouço são folhas farfalhando ao vento.

Mason vem atrás de mim, e enfio a cabeça, vendo só a garagem escura por dentro. Deslizando o braço para dentro, viro de lado, manobro os ombros pelo espaço apertado, e coloco as mãos no chão de cimento frio, contorcendo o corpo através do pequeno buraco.

Respiro o ar úmido e noto o pontinho verde brilhante ao lado da porta da cozinha, supondo que seja o botão que abre o portão.

Andando cautelosamente no escuro, estendo as mãos e me movo em direção à porta, tentando evitar a mesa de sinuca, o sofá e outros móveis que sei que estão no lugar convertido para os homens.

— Não acenda nenhuma luz — avisa Masen.

— Dã! — Meu pé bate no degrau e estendo a mão, apertando o botão para abrir. O motor começa a girar e o portão da garagem começa a subir. Masen se abaixa e desliza por baixo do portão, e eu aperto de novo, fechando.

Giro a maçaneta da porta da cozinha e a abro, imediatamente vendo a luz da lua atravessando a grande janela da cozinha. Masen vem atrás de mim, fechando a porta, e eu inalo, sentindo o cheiro de Trey. É engraçado como as pessoas cheiram iguais às suas casas. Ou vice-versa.

Combinações de móveis de couro e madeira, aromatizadores, sabão em pó, os diferentes perfumes e fragrâncias que seus pais e irmãos usam, a comida que sua família cozinha... Todos se unindo para criar um perfume único e solitário em sua casa.

Menos Masen. Ele cheira igual ao couro de sua caminhonete com um toque de sabonete. E só.

— Vamos lá.

Ele me conduz pela casa, olhando em volta como se estivesse tentando descobrir para onde ir, coisa que poderia dizer a ele se soubesse o que estava procurando. Mas pegando as escadas, ele sobe correndo e eu o sigo.

— Está indo para o quarto de Trey? — pergunto.

— Se for o caso, eu vou achá-lo — responde bravo. — Não preciso saber que você sabe onde fica.

Sorrio.

— Não sei. Só estava perguntando.

Ele abre uma porta e olho na escuridão, vendo paredes cor de rosa e balões divertidos pendurados no teto.

Deve ser o quarto da Emma. A meia-irmã de Trey. Eu sei que a diretora Burrowes se casou com o pai do Trey quando ele tinha cerca de quatro anos. Mesmo que a chame de Gillian e não a trate como mãe, ela praticamente o criou e teve uma filha que é bem mais nova que Trey.

Eu olho para Masen, me perguntando por que ele não está fechando a porta. O que ele precisa não pode estar aqui. Emma só tem seis anos. Ela não roubou nada dele.

Mas ele fica parado ali, percorrendo o quarto com o olhar. Seu peito subindo e descendo com a respiração ofegante.

— Masen? — tento chamar sua atenção.

Mas ele não responde.

Eu toco seu braço.

— Masen? — chamo mais alto. — O que você está procurando? Quero sair daqui.

Ele pisca, se afastando, quase como se estivesse com raiva.

— Tudo bem, vamos.

Ele sai do quarto e fecho a porta, pegando o vislumbre de um movimento. As sombras das folhas do lado de fora da janela do corredor dançam sobre o tapete, e meu coração quase sai pela boca de susto.

Caminhando até a próxima porta, Masen entra e para, olhando em volta por um instante. Indo no armário, ele abre uma gaveta e tira uma pequena lanterna do bolso. Ele a acende e começa a procurar no porta-joias.

— Você só pode estar de sacanagem? — murmuro brava, ficando atrás dele. — A diretora roubou seu colar de pérolas preferido?

— É uma longa história, querida. — Ele abre gaveta atrás de gaveta, rapidamente verificando o que tem dentro e bagunçando tudo, à procura do quê? Eu não sei.

— Estou curiosíssima — retruco. — Mas se roubar alguma coisa, vou te matar.

— Segure isso. — Ele empurra a lanterna para mim. — Não vou levar nada que não seja meu.

— O que é seu? O que estamos procurando?

— Um relógio.

Um relógio?

— Por que os Burrowes estariam com o seu relógio? — pergunto confusa.

— Mais tarde eu te explico — responde. — Agora segure a lanterna.

Aperto a boca fechada, ficando impaciente. Mas ergo a lanterna e ilumino as gavetas que ele está vasculhando. Eu o acompanho quando ele passa para a cômoda, enfiando as mãos entre as blusas e camisas, tateando por dentro.

— Então, que tal um banho hoje à noite? — Ele olha para mim.

Franzo o cenho. Ele está flertando? Sério?

Ele ri.

— Na verdade não preciso tomar um, mas adoraria limpar essa pequena carranca do seu rosto, e aposto que você fica gostosa, molhada.

Balanço a cabeça, tentando parecer séria diante do péssimo momento que ele escolheu para falar sacanagem.

Apesar de que um banho quente com ele, beijar e o tocar, parece muito bom.

— Só anda logo — sussurro, mexendo as pernas, inquieta.

Ele procura no resto do quarto – algumas caixas menores no armário e as gavetas dos criados-mudos – enquanto seguro a lanterna, esperando que ele desista, assim podemos cair fora daqui. Mas ele para por um breve segundo ao pé da cama, pensando.

E então, antes que eu tenha a chance de pressioná-lo mais uma vez para sairmos daqui, ele vira e sai do quarto, atravessando o corredor.

O quarto do Trey. Finalmente. Pensei que fosse procurar nele primeiro. Não sei porquê Trey teria qualquer coisa dele, mas era mais provável que ele tivesse roubado algo de Masen do que os pais.

Olhando em volta do quarto da diretora, confirmo se está tudo de volta no lugar – armários e gavetas fechadas – e fecho a porta do quarto, correndo pelo corredor seguindo-o até o quarto de Trey.

Dou uma olhada pelo lugar. Deveria me sentir culpada por estar entrando escondido no quarto do cara com quem vou ao baile, mas acabo olhando sua cama queen size, um edredom azul-marinho com lençóis cinzas, e sinto um calafrio descer nos braços.

Jamais vou querer deitar ali com ele.

Vejo Masen abrir a gaveta do criado-mudo e pegar uma caixa de camisinha, mostrando-a por cima do ombro.

— O que acha? — provoca. — Ele está estocando para o baile?

Sei lá.

— Sabe de uma coisa, você sempre comenta sobre o baile — ressalto, ficando atrás dele e sussurrando em seu ouvido: — Se está tão preocupado com o que pode acontecer com essas camisinhas, talvez devesse fazer algo a respeito.

Sinto seu corpo tremer com uma risada baixinha, jogando a caixa de volta na gaveta.

— Me convide — sussurro, correndo o lábio pelo lóbulo de sua orelha. — Me convide e eu direi sim.

Ele se inclina e me olha.

— Talvez amanhã.

Eu me afasto, descontente.

— Babaca.

Ele ri nas minhas costas. Passo a lanterna ao redor do quarto ao mesmo tempo em que Masen caminha até a cômoda e abre a gaveta esquerda, bagunçando as meias ao vasculhar.

Mas noto algo no escuro e franzo o cenho. Eu me aproximo e toco sua mão.

— Esta gaveta deveria ser mais profunda — comento, meus dedos batendo em uma tábua de madeira. Percebi que sua mão e pulso deveriam ter sumido dentro da gaveta até a metade do antebraço.

Tateamos por dentro, e ele estreita os olhos, encontrando alguma coisa e puxando-a.

Ele levanta a tábua, as roupas escorregam para o fundo e vejo outro compartimento por baixo.

Masen sonda lá dentro e tira o que parece ser um monte de cartões. Ele os vira para cima e olha, mas então coloca a mão de volta na gaveta, os enfiando no compartimento.

— O que foi? — pressiono, estendendo a mão para pegar os cartões dele.

— Não é nada. — Ele tenta colocar a tábua no lugar. — Não é o que estou procurando.

Mas avanço e arranco o monte da sua mão.

Olhando feio para ele de brincadeira, viro os cartões e olho para eles.

Sinto o sangue gelar. Oh, meu Deus.

Não são cartões. São fotografias. Quatro por seis pelo jeito, e fico olhando cada uma; passando foto após foto, meu estômago embrulha.

Lindsey Beck, uma veterana que se formou no ano passado.

Fara Corelli, aluna da minha turma esse ano.

Abigail Dunst, outra veterana.

Sylvie Lanquist, uma caloura.

Georgia York. A irmã mais velha de JD. Ele provavelmente não tem ideia alguma disso.

Garotas e mais garotas, nuas e em uma variedade de poses diferentes. Algumas delas são selfies, algumas são tiradas por outra pessoa, e em uma delas, Trey tem uma garota escarranchada nele. Com um sorriso sacana no rosto.

Enojada, aperto as fotos nas mãos.

Brandy Matthews está nua e de quatro, a câmera pegando seu rosto de lado enquanto Trey, presumo, está ajoelhado atrás dela tirando a foto.

Meu coração dispara e sinto que vai atravessar pelo peito. Passo para a próxima foto e vejo Sylvie com a boca aberta e...

Abaixo as mãos, desviando o olhar. Nojento.

Meu Deus. Qual é o problema dele? Quem tira fotos de muitas mulheres – garotas – fazendo sexo? Sabiam que ele estava fazendo isso com todas elas? E Sylvie é uma menina tão meiga. Por quanto tempo ele a seduziu

para conseguir o que queria?

— Sinto muito, querida.

Eu desdenho, jogando as fotos na cômoda.

— Acha que não sei o que ele está fazendo?

— Oras, você ainda vai ao baile com ele.

Eu o olho feio por cima do ombro, irritada por ele continuar tocando nesse assunto.

Não. Não vou ao baile com Trey. Não vou mais. Se ele trata as garotas que ele pega fácil, desse jeito, imagina como ele vai tratar alguém que não consegue levar para a cama?

Mas não vou contar isso a Masen. Ele só vai se gabar.

Olho para baixo e vejo outra foto em sua mão e me aproximo.

— O que é isso?

Ele desvia o olhar do meu, balançando a cabeça como se fosse melhor eu deixar quieto. Avanço nele e puxo a foto, segurando-a na minha frente.

Lyla está nua e molhada, com os cabelos encharcados e grudados no rosto e pescoço, e está posando contra o que deve ser a parede de um banheiro, os braços acima da cabeça e os seios expostos. Seus olhos provocam a câmera – ou quem está por trás dela.

Trey. Mesmo podendo não ser ele com a câmera, ainda tem a foto dela.

Mas não me iludo. Eles transaram. E recentemente, também. Lyla está usando a pulseira de bronze que ela comprou quando fomos às compras há três sábados.

Não estou nem aí para ele, e realmente não gosto dela, então por que sinto os olhos arderem e a garganta doer com vontade de gritar?

Não estou com ciúmes que ele conseguiu dela o que não estava conseguindo de mim, e não estou com ciúmes por terem transado. Mas por que

pensaram que podiam fazer isso pelas minhas costas?

Sinto uma mão carinhosa tocar meu rosto.

— Você sabe o que ela é tanto quanto ele — diz Masen. — Isso não é novidade pra você.

Balanço a cabeça, piscando através das lágrimas grossas que não consigo impedir de surgir.

— Não — sussurro e é quase inaudível, olhando na foto.

Não, não estou surpresa. Eu me sinto péssima por algum motivo. Pensei o tempo todo que estava ganhando. Que estava no topo. Mas por trás, as pessoas que achei que fosse capaz de lidar estavam me manipulando. No final das contas, elas pensam que sou idiota. Alguém que acham ser fácil de humilhar.

Exatamente como antes.

Sabia que Trey não estava esperando por mim, portanto, não liguei. Mas achei que conhecia Lyla. Pensei que tinha o respeito dela.

Como ela deve ter se divertido, ficando do meu lado e sabendo que está pegando um pedaço de alguém que acha que eu poderia querer.

Muitas lágrimas transbordam e sinto um peso nos ombros. Não é Trey. Não é a Lyla. Sou eu. Não sei quem eu deveria ser.

— Sabe, eu me transformei nisso — digo, a voz falhando e sentindo uma dor no fundo dos olhos. — Porque eu era criança e achei que existia mais. Troquei amigos que não achei que eram bons o bastante por amigos que não são realmente bons o suficiente.

Fecho os olhos e os aperto, meus cílios molhados grudando no rosto.

— Até o Misha desistiu de mim.

Masen segura meu rosto com delicadeza.

— Tenho certeza de que ele tem um motivo — diz ele com tristeza. — Porque não há nada de errado com você.

— Tem tanta coisa errada comigo. — Um soluço faz meu peito sacudir e choro mais forte. — Não tenho nenhum amigo, Masen.

Não tenho. Não de verdade. Entendo as pessoas na escola. Tive o que merecia. Escolhi o fútil, agi superficialmente e não consegui nada que durasse.

Não sei se Ten vai ficar comigo e agora Misha também se foi. Não sei o que fiz, mas alguma coisa foi feita, porque quando se descobre que todo mundo odeia você, não é culpa deles. É sua.

— Você tem um amigo — diz Masen, seu tom firme e seguro. — O resto daqueles otários não valem nada. Me ouviu? — Ele passa os polegares pelo meu rosto, enxugando as lágrimas. — Você é linda e inteligente, e tem esse fogo dentro de você que sou viciado.

Meu peito enche de calor e ergo os olhos até os dele.

Ele se inclina, encosta a testa na minha.

— Você é irritante pra caralho, mas Senhor, eu amo vo... — Ele para, e eu fico sem fôlego. — Isso — ele conclui. — Eu amo isso. Nunca me canso disso. Eu penso em você o tempo todo.

Eu fungo, respirando profundamente algumas vezes e enxugo as lágrimas. Meu coração parou de bater por um segundo. Tive a impressão de que ele ia dizer outra coisa.

— Vamos sair daqui, tá legal? — Eu me afasto, recolocando a tábua na gaveta e a fecho. Sei que ele não encontrou o que precisa, mas tenho que sair daqui. Preciso de um banho depois dessas fotos, ou quero fazer alguma coisa com Masen e esquecer que vim aqui.

Recolhendo as fotos, saio do quarto e viro à esquerda para descer as escadas. Mas ele agarra meu braço, me parando.

— O que vai fazer com essas fotos?

— Queimar — respondo. — Ele provavelmente as imprimiu, porque

não queria que seus pais as vissem em seu telefone, então não tem cópias. Não me admira nada que ele tenha mostrado isso para os amigos.

Mas Masen faz que não com a cabeça. Tirando-as da minha mão, ele dá meia-volta e abre a porta do quarto dos pais de Trey.

— O que você está fazendo? — sussurro quase alto demais.

E então ele solta a mão no ar, jogando as fotografias pelo quarto, elas caem no chão e até na cama.

— Puta que pariu. — Uma gargalhada me escapa e cubro a boca.

— Vamos deixar que os pais dele resolvam isso — diz Masen, pegando minha mão e fechando a porta atrás de nós.

Dou risada baixinho, mas continuo rindo. Não consigo parar. Os Burrowes definitivamente saberão que alguém esteve em sua casa hoje à noite, mas a julgar pelas fotos, é bem provável que pensarão que é uma garota descontente e brava com Trey.

Saímos da casa, do mesmo jeito que entramos, e rapidamente entramos em sua caminhonete, olhando em volta para confirmar que não tem ninguém por perto.

A rua está escura e silenciosa. Masen liga o motor e nos tira de lá.

— Sinto muito que não conseguiu pegar o que queria.

Ele me dá um sorriso fraco.

— Consegui o que quero.

Sinto um calor por dentro, e levanto a mão passando as pontas dos dedos por cima da mão dele que está parada no console.

Depois de alguns minutos, ele para na frente da minha casa e puxa o freio de mão, deixando o motor ligado.

Eu sento direito e me inclino nele, não querendo me despedir.

Não querendo que ele jamais vá embora, na verdade.

— Tem uma casa na árvore no quintal. — Eu o provoco com meu olhar. — Está a fim?

Ele sorri.

— Adoraria. Mas preciso fazer uma coisa agora — responde, sussurrando no meu ouvido.

Fico desapontada, mas enfrento isso e coloco uma expressão neutra na cara como sempre faço.

— Porém me faz um favor? — pergunta, beijando meu rosto devagar e suavemente. — Não esqueça de verificar se a chave está embaixo do vaso. E não se toque esta noite. Guarde para a manhã quando eu puder assistir.

Meu corpo aquece de excitação e eu sorrio. Se não estivesse tão escuro na caminhonete, tenho certeza de que ele seria capaz de me ver corar.

— Venha cedo — imploro. — Pode ser que eu não consiga esperar.

Ele me beija e eu demoro mais um pouco antes de me afastar. Saindo da caminhonete, olho para ele uma última vez, e então, destranco a porta e entro em casa.

Assim que a porta fecha, eu o escuto se afastar.

Como é fácil me perder com ele. Alguns minutos atrás, eu estava chorando, e agora nada disso parece importar. Eu quero amigos, com certeza. Queria saber se Ten vai ficar ao meu lado, e quero Misha de volta, mas...

Masen faz tudo parecer pequeno. Como se eu tivesse uma nova perspectiva. Ele está se tornando parte do meu coração e eu me sinto bem quando ele está por perto.

Quase como se nenhum dos meus medos tivesse importância, contanto que ele estivesse comigo.

Amanhã ele disse que me contaria tudo, mas, honestamente, parte de mim não tem mais certeza se quer saber. É claro que quanto mais o conheço,

mais real ele passará a ser e eu passarei a fazer mais parte de sua vida, ao invés de só ele ser uma parte da minha, mas eu gosto dele. Muito.

Subo os degraus e ando pelo corredor, entrando no meu quarto. Acedendo a luz, eu tiro os sapatos e desabo na cama, pendurando a cabeça na beirada e olhando de cabeça para baixo em todos os meus rabiscos na lousa.

Meus olhos estão pesados de exaustão, mas não estou cansada.

As minhas palavras e as de Misha se misturam, encontrando-se uma na outra pela lousa, e nem consigo mais me lembrar de quem é qual. Seus pensamentos e letras, meus sonhos e reflexões, sua raiva, e minha confusão sobre tudo na minha vida... Misha está em toda parte, e sinto saudades dele. Por muito tempo ele foi meu salvador.

Mas Masen fez eu me sentir corajosa, também.

Não preciso dele para preencher o vazio que Misha deixou, mas gosto de como ele me pressiona e fica na expectativa de mais. Ele é um lembrete do que quero sentir todos os dias, seja com ele ou sozinha. Ele me ensinou que ser quem sou quando estou com ele é bom demais para sacrificar pela aprovação de todos os outros. O jeito que me visto, os caras com quem converso, dos meus jogos mentais... é tudo de plástico, e quando estou com ele, sou ouro.

Meus olhos caem na lista de palavras que desenhei nas últimas duas semanas.

“Sozinha
Vazia
Farsa
Vergonha
Temor”

E embaixo, acrescentei o que ele falou para mim no banco de trás da caminhonete no drive-in.

“Feche os olhos... Não há nada para se ver ao redor.”

Amei essa frase. Como se tudo que precisássemos saber, não desse para ver. Estava tudo dentro de nós.

Pisco, lendo na lista internamente, sem parar.

“Sozinha, Vazia, Farsa, Vergonha, Temor,

Feche os olhos... Não há nada para se ver ao redor.”

Hmm. Repito as palavras na cabeça e mais uma vez em voz alta.

Rima. Igual uma música.

“Sozinha, Vazia, Farsa, Vergonha, Temor,

Feche os olhos... Não há nada para se ver ao redor.”

Eu me viro e analiso as palavras de novo. É meio estranho como elas se encaixam assim.

É claro que ele tinha dito as palavras separadamente, e nunca indicou uma conexão entre elas, mas eu sabia que havia algum tipo de significado diferente do que ele estava me dizendo. E afinal de contas, a primeira palavra estava no Cove, não era para mim. Tinha a sensação de que as palavras vinham de algum lugar específico.

Pulando da cama, eu me sento na cadeira e ligo meu laptop. Digitando as palavras no mecanismo de busca, aperto “enter” e espero.

Imagens e vídeos do YouTube imediatamente são carregados na tela, e me recosto na cadeira, olhando as músicas mais tocadas para ver se é de alguma e, caso seja, de qual. Vejo um vídeo no YouTube com o nome de “Pérolas”, e clico nele.

O vídeo está embaçado e escuro, mas consigo ver o palco e as luzes do pequeno lugar, e escuto uma plateia gritar e berrar.

E então olho mais de perto para os caras no palco, sem piscar e com o coração acelerando. Uma banda com sua bateria e guitarra e...

Masen?

Respiro mais e mais rápido. Como é que é?

Todo mundo está posicionado, um cara sentado atrás da bateria, dois outros flanqueando Masen com as guitarras, e Masen parecendo tranquilo com uma mão no bolso e sem instrumento. O sangue ferve e meu peito dói. Que porra é essa?

A música começa, forte e alta, o baterista toca com batidas firmes e o público pula enquanto Masen balança a cabeça. Olho rapidamente para baixo do vídeo, e vejo o nome da banda.

Cipher Core. Ele tem uma banda?

A caça ao tesouro. Puta merda. Pensei que ele fosse só alguém como qualquer pessoa naquela noite. Um cara aleatório curtindo, mas não era. Aquele era o evento da banda dele.

Minha mão treme conforme movo o cursor e clico em “mostrar mais”. As letras estão postadas lá, e vejo Masen fechar os olhos e segurar o microfone no suporte enquanto sua voz suave e profunda começa a cantar as palavras que estou lendo.

Uma imagem pode mais que mil palavras valer

E da profundidade das minhas mil eu venho a ter

Se aquilo que não nos mata serve para nos fortalecer...

Foda-se... quero ser um caçador e um esconderijo ser.

Trate os outros da maneira que quiser ser tratada.

Mas e se nesta noite o que eu mais quiser é arder...?

Dizem que a dor é melhor quando prevenida do que remediada.

E, irmãzinha... esta ouviu. Fui eu aquele que teve que aprender.

Semeou, semeou, semeou... e você nem ao menos ligou,

Tudo aquilo que sofreu, é aquilo que plantou!

Necessitar, medicar, erradicar, ressuscitar.

Engula suas pérolas, porque para mim agora já era.

Faça melhor, seja mais, demais, além

Não consigo respirar, sufocado em não ser ninguém.

Enrole os pequenos conselhos e torsa tudo ao meu redor

Vou me sufocar com aquilo que você tem de melhor.

A letra parece familiar. Eu a repito na cabeça. Semeou, semeou, semeou... e você nem ao menos ligou...

Misha e eu escrevemos essa música juntos. A porra da música inteira é de Misha. Eu me lembro disso, e algo terrível e forte me atravessa quando paro de respirar e leio a pequena biografia na parte inferior.

"Cipher Core é uma banda de rock americana de Thunder Bay."

Uma banda de Thunder Bay. Não... Engulo, bile subindo na garganta.

"Membros:

Dane Lewis – guitarra e segunda voz

Lotus Maynard – baixo

Malcolm Weinburg – bateria

Misha Lare – vocalista, guitarra"

— Meu Deus — desmorono, caindo da cadeira e afundando no chão, soluçando e balançando a cabeça. — Oh, meu Deus. — E choro.

Passo as mãos pelo cabelo, segurando a cabeça e meu peito fica pesado. Ofego, a respiração ficando arquejante. Não consigo respirar.

Masen é Misha.

— Que porra é essa?! — grito.

O tempo todo. Esse tempo todo sentindo falta dele, preocupada com ele, pensando onde diabos ele está e por que não escreveu, e ele esteve bem na minha frente o tempo todo!

Eu grito, batendo as mãos no chão e curvando os dedos no tapete.

Não acredito. Ele não faria isso comigo. Ele não me faria de boba e brincaria comigo desse jeito.

Levantando com tudo, limpo o nariz com as costas da mão e olho para ele na tela. Ele canta a nota final, longa e lamuriosamente, no microfone, e de longe, consigo ver ele abaixar a cabeça como se ainda estivesse perdido na música depois que termina. As pessoas aplaudem, os últimos acordes da guitarra soando e escuto algumas garotas gritando por ele.

Gritando por Misha.

Está tudo tremendo, e a sala está girando ao mesmo tempo em que minha cabeça acelera.

Masen. O misterioso e quieto Masen que ninguém conhece e que surgiu do nada. O cara que sabia que eu amava “Crepúsculo”, onde eu morava, e exatamente o que tirar da minha mochila quando tive o ataque de asma sem eu dizer nada.

Meu Deus, como eu não soube? Fecho os olhos, lágrimas furiosas escorrem pelo meu rosto.

Misha, meu melhor amigo que me levou para cama e me fodeu com uma mentira.

Você tem um amigo, ele disse mais cedo.

— Não — sussurro, raiva crescendo conforme fecho o laptop com uma pancada e saio do quarto para pegar as chaves do carro da minha irmã.

Eu não tenho amigos.



MISHA

Está tudo escuro, nenhuma luz brilha através das janelas. No entanto, meu pai tem que estar em casa. Está bem tarde.

Coloco a minha chave na fechadura, sempre apreensivo em descobrir que ela não vai funcionar. É claro que meu pai não teria nenhum motivo para me manter fora de casa – afinal, ele nunca me pediu para sair –, mas também não sei se ele me quer aqui.

Entrando, fecho a porta atrás de mim e guardo minhas chaves de volta no bolso. Um cheiro forte me atinge e eu estremeço, olhando ao redor.

Apreensão se alastra. A casa está uma bagunça. Meu pai sempre foi um maníaco por limpeza, e com minha irmã e eu ajudando nas tarefas, mantivemos uma casa bem arrumada.

Mas olho em volta, vendo correspondências e jornais no chão, algumas roupas na escada, e sinto o cheiro de algo que é uma mistura de comida velha e roupas sujas.

Passando pela sala de estar, percebo luz vindo da sala e vejo a televisão ligada. O volume está baixo e meu pai está deitado na poltrona

reclinável, de pijama e roupão. A mesa está cheia de xícaras de café, guardanapos e um prato de comida quase intocado ao lado de sua cadeira.

Eu me aproximo e olho para ele adormecido, e sinto o peso da culpa. Dane estava certo. Meu pai é um cara ativo. Mesmo depois de Annie, ele ainda cuidava das coisas por aqui. Mas dá para ver o tom pálido em suas bochechas magras e como suas roupas estão amarrotadas, como se as tivesse usado por mais de um dia.

Meus olhos começam a queimar e, de repente, eu quero a Ryen.

Eu preciso dela. Estou com medo e não sei o que fazer agora.

Não consegui recuperar o que eu precisava em Falcon's Well, mas não sei se me importo mais.

Porém ainda não quero deixar a cidade. Eu quero a Ryen, mas também sinto que se eu for embora agora e deixar meu pai para sempre, vai significar que Annie realmente se foi. Qualquer semelhança da vida que tivemos antes seria uma lembrança.

Eu me sento no pufe, observando-o. Sua cabeça está virada de lado e dou uma espiada num frasco de comprimidos na mesa.

Não preciso olhar para saber que é um ansiolítico. Meu pai sempre deixa um por perto há anos, algo para acalmar os nervos quando se cria dois filhos sozinho. Honestamente, acho que ele começou a fazer isso porque minha mãe foi embora. Ele a amava e ela se foi. Sem cartas, ou ligações, nada de contato. Ela deixou os filhos e nunca olhou para trás.

Eu soube lidar com a situação, meu pai se enterrou nos filhos, trabalho e hobbies para não pensar nisso, e Annie esperou. Parecia que ela sempre pensava que nossa mãe ia voltar e que queria nos ver, um dia. Estaria pronta para ela.

Ainda sinto a presença da minha irmã nesta casa. Como se ela fosse

entrar pela porta, suada e sem fôlego por causa dos exercícios, e bradando ordens, me lembrando de que era a minha vez de fazer o jantar e de dizer ao papai para colocar as roupas na secadora.

— Eu sinto falta dela, pai — digo baixo e calmo, o desespero me dominando. — Ela me ligou naquela noite.

Eu olho para ele, querendo que ele estivesse acordado, mas também feliz por não estar. Ele sabia que ela me ligou, provavelmente só um minuto antes de ela cair na estrada, mas ele não ouviria mais nada. Ficaria furioso porque sabia que era culpa minha.

— Não atendi porque estava ocupado — continuo. — Presumi que não fosse nada demais. Você sabe como ela sempre pegou no meu pé por não lavar meus pratos ou roubar suas batatas, né? — Sorrio com as lembranças. — Pensei que era algo sem importância, e que ligaria de volta em um minuto, mas cometi um erro.

Solto um suspiro e fecho os olhos. Se eu tivesse atendido... podia ter chegado a tempo até ela. Podia ter conseguido uma ambulância antes que fosse tarde demais.

— Quando liguei de volta, ela não estava atendendo — digo, mais para mim mesmo, revivendo a noite na cabeça enquanto as lágrimas se formam. — Eu ainda acordo, assustado, e por um momento, acho que foi tudo um pesadelo. Agarro meu telefone, com medo de ter perdido uma ligação dela.

Apoio a cabeça com as mãos.

Nas semanas que se seguiram à morte de Annie, meu pai e eu brigamos ou nos ignoramos. Ele me culpou por não estar lá quando ela precisou de mim. Afinal de contas, ela ligou para mim, não para ele.

E eu o culpei, também. Se tivesse parado de pressioná-la e a convencido de que nossa mãe jamais voltaria, ela poderia não estar destruindo

seu corpo para tentar ser a aluna perfeita, a atleta perfeita, a criança perfeita... E, então, seu pobre corpo não teria parado de funcionar naquela estrada escura e deserta.

Se não tivesse tomado os calmantes quando fosse conveniente, então, talvez Annie nunca tivesse tido a ideia de tomar anfetaminas para dar um impulso para fazer mais do que deveria e ser perfeita.

Annie seria a melhor pessoa. Lutava pelo que queria na vida. Tanto talento desperdiçado.

— Às vezes, eu também queria que tivesse sido eu. — Olho para cima, vendo-o dormindo ainda.

Ele disse isso para mim uma noite, quando nós brigamos e criticando um ao outro, e isso me machucou, mesmo agindo como se eu não tivesse ficado. Sabia que ele não queria dizer aquilo, mas sei que ficaria mais contente se ainda tivesse a filha com quem tinha um bom relacionamento.

O que ele tem comigo?

Mas não posso abandoná-lo. Annie está nele, ela está nesta casa e somos sua família. Nós temos que ficar assim.

— Nós nunca vamos ter um relacionamento como você e ela tiveram, mas estou aqui.

Levanto e, em silencio, começo a limpar a mesa bagunçada, indo para a cozinha lavar a louça.



— Oi — chama Dane. Eu olho para cima, vendo-o passar por um dos portões do Cove e vir na minha direção. — Tenho mandado mensagens para

você — diz ele.

— Sim, eu vi. — Bato a porta do caminhonete e tiro algumas caixas da caçamba.

Depois de limpar a cozinha em casa, abri algumas janelas para arejar a casa enquanto lavava uma máquina de roupa suja, verifiquei a correspondência, tirei o lixo e limpei meu quarto. O que é impressionante, porque nunca faço isso.

Cobri meu pai com um cobertor, e espero que quando eu levar as compras para casa amanhã, ele fique bem com a minha volta.

Creio que descobrirei.

— Fiquei repassando aquela música que você me deu com os caras. Nós ficamos acordados até as três da manhã hoje — comenta. — Acho que conseguimos alguma coisa.

Aceno, não muito interessado nisso agora. Minha cabeça está em um milhão de outros lugares. Ainda não tenho ideia de como vou confessar tudo a Ryen.

Meu Deus, ela vai me matar.

Dane caminha comigo enquanto atravesso o estacionamento na direção da entrada do portão.

— O que está fazendo? — pergunta. — Vai voltar para casa?

— Voltarei em breve — respondo. — Só tenho que esclarecer algumas coisas aqui primeiro.

— Precisa de ajuda?

Viro a cabeça e digo por cima do ombro:

— Vá buscar mais caixas se quiser.

Ele corre de volta e traz o resto das caixas que peguei da garagem em casa, e andamos pelo antigo parque.

Não trouxe muita coisa quando decidi me esconder aqui, portanto, não

vai demorar muito para arrumar minhas coisas. Mas não estou com pressa.

Eu realmente não quero sair, só que não posso mais ficar aqui como Masen Laurent – um nome que escolhi aleatoriamente há um mês quando pedi ao meu primo para me ajudar a conseguir a carteira de motorista falsa e inventar alguns registros escolares. Só mantive minhas iniciais.

Uma vez que as pessoas – duas pessoas, em particular – descobrirem que sou Misha Lare, a brincadeira acabou.

E não posso mais mentir para ela. As coisas nunca deveriam ter ido tão longe.

Não tenho nenhum amigo. Ouvir suas palavras e ver seus olhos esta noite, naquele momento em que ela desabou, fez com que eu me odiasse. O que ela vai pensar amanhã quando descobrir que seu melhor amigo a apunhalou pelas costas e a olhou nos olhos enquanto fazia isso?

Dane e eu descemos as escadas do pavilhão dos funcionários, e me aproximo da parede oposta, apertando alguns interruptores. Luzes se acendem, iluminando os longos corredores enquanto seguimos em frente, para o quarto que tenho usado.

— Não sei como consegue dormir aqui — murmura. — É igual a um filme de terror.

Dou uma risadinha. É definitivamente assustador, mas...

— Não estava pensando muito na época, na verdade.

Imaginei que por estar perto de Falcon’s Well, provavelmente não seria descoberto – pelo menos foi o que pensei – e tenho boas lembranças de ter vindo a este lugar com Annie quando era criança.

Abro a porta do quarto, Dane vindo atrás, e eu ando a curta distância até a mesa ao lado da cama e acendo a luz.

— Uau — diz Dane.

— O que foi? — Olho para cima e sigo seu olhar, mas rapidamente percebo a que ele está se referindo e paro de respirar por um segundo.

Mas que...

— Que merda é essa que você tem feito por aqui?

Giro ao redor do quarto, vendo a enxurrada de papéis espalhados por quase todos os centímetros do lugar. Cartazes estão arrancados das paredes, minhas roupas estão espalhadas, e uma mesa com algumas velas está derrubada, todas as minhas posses pessoais estão no chão.

De repente, sinto minha pulsação latejar no pescoço como se a veia estivesse tentando atravessar a pele.

— Eu não fiz isso.

Inclino-me e pego um punhado de papéis do chão, vendo meu nome no final de cada carta, algumas com data de um ou dois anos atrás e uma da época do primário. Tenho certeza disso porque assinei meu nome Mish durante um período extremamente idiota que estava passando para soar menos feminino.

São todas as cartas que foram enviadas para Ryen. Estava com ela. Como vieram...

Sinto o estômago revirar, e estremeço, sabendo que não existe outra maneira de essas cartas terem chegado até aqui.

— O que isso quer dizer?

Eu me sinto um pouco tonto, mas olho para cima, acompanhando para onde ele está apontando. Na parede, escrito com tinta spray preta, letras enormes nos encaram.

“Você me enganou? Fica esperto, e me aguarde.”

— Ah, merda. — Caralho, não consigo me mexer. É a letra de uma das minhas antigas músicas que Ryen me ajudou a escrever.

Corro na prateleira sobre a mesa de cabeceira, vendo que os poucos

itens que estavam escondidos lá foram retirados. Agarro a pasta onde guardei algumas de suas cartas – minhas preferidas que releio –, mas assim que a pego já a sinto mais leve.

— Não, não, não, não... — Abro-a e olho dentro.

— O que é isso?

— Porra! — grito. Todas sumiram. Jogo a pasta longe. — Merda!

— Que foi? Quem?

Puta que pariu. Eu chuto e esfrego as mãos pelo rosto. Ela sabe quem eu sou, encontrou as cartas e as pegou de volta.

Eu giro e corro porta afora.

— Misha! — grita Dane.

Mas eu não paro. Corro pelas escadas subindo para o andar principal e disparo para fora, correndo pelo parque.

Ela vai me ouvir. Vai entender. Não era para tudo isso ter acontecido.

Enfio a mão no bolso da calça à procura das minhas chaves e subo na caminhonete, saindo do parque e pegando a estrada.

As cartas. Droga! Conhecendo o temperamento de Ryen, é bem provável que estão despedaçadas no fundo de uma lata de lixo a essa altura. Porra!

Aperto o volante, esfregando os olhos com a outra mão. A estrada fica embaçada e tento acalmar a respiração.

Aquelas cartas são tudo. Elas são ela e eu, as crianças tentando apenas descobrir quem são e passando por todas as nossas dores do crescimento. Foram por elas que comecei a me apaixonar e precisar dela. Elas são minhas malditas músicas e uma parte de mim.

Nossa história está naquelas cartas. Cada coisa bonita que ela me disse para girar meu mundo de cabeça para baixo.

Meu estômago revira. Se elas não existirem mais, juro por Deus que...

E se Ryen não me ouvir, não sei o que vou fazer.

Depois de dez minutos, finalmente estou estacionando na rua em frente à casa dela. Desligo o motor e pulo da caminhonete, correndo até a porta da frente.

A casa está escura e tranquila, o que é esperado a uma hora da manhã. Mas quando levanto o vaso de flores, a chave não está lá. Fecho as mãos em punho.

Dou a volta na casa, verificando as janelas para ver se abrem, mas então vejo uma escada apoiada na lateral da casa e paro. Olhando para cima, não vejo luz vindo pela janela de Ryen.

Que se foda. Se ela não estiver em casa, vou esperar.

Eu começo a subir.

Subindo a escada, piso no telhado e caminho até a janela. O quarto está um breu total, mas quando escuto uma música, “True Friends”, de Bring Me the Horizon, não hesito. Levantando a janela, jogo uma perna e me abaixo, deslizando para dentro.

E eu a sinto na hora.

Eu me endireito, ouço uma respiração ofegante e viro, observando sua sombra escura sentada com os joelhos dobrados no canto do quarto.

Ela pula do chão e avança em mim.

— Saia.

Vejo seus olhos vermelhos e úmidos, o short do pijama amarrotado e a regata rosa encharcada de lágrimas; seu cabelo solto e bagunçado ao redor dela. Parece que está chorando há horas.

Mas ainda assim, a fúria dela está lá.

Dou um passo em sua direção.

— Onde estão as cartas?

— Vá se foder! — ela explode. — Queimei as cartas!

Eu me viro e dou um murro na parede.

— Pare! — choraminga. — Minha mãe vai te ouvir!

— Não tô nem aí — respondo, girando e ficando na cara dela. — Você pertence a mim mais do que já pertenceu a elas.

Ela sacode a cabeça, os olhos se enchendo de lágrimas novamente.

— Como pôde fazer isso? Era pra eu confiar em você, e esse tempo todo, estava bem aqui, me observando. Você estragou tudo!

— Não vim para Falcon›s Well por sua causa! — grito de volta, aproximando-me dela. — Mas acredite em mim, eu não me arrependo. Que desperdício de tempo que tive com você todos esses anos. Agora eu sei.

Ela arfa com um soluço.

— Saia.

Mas não posso ir embora.

Nunca pensei que faria Ryen Trevarrow chorar, mas nas duas vezes que fiz, foram nas últimas duas semanas.

Continuamos escrevendo porque precisávamos um do outro, porque melhoramos a vida do outro. Mas mesmo depois de conhecê-la há anos, não demorou para eu acabar com o que tínhamos.

Nós éramos perfeitos um para o outro.

Até nos conhecermos.

Eu percebo agora, enquanto estou olhando em seus olhos furiosos que mostram a dor que ela está tentando esconder de mim, que existe muito mais nela do que o que estava em suas cartas. E muito mais em suas cartas que ela me deixou ver, só a mim e mais ninguém. Eu quero tudo isso.

— Você é tão egoísta — ela chora baixinho. — Você toma e toma e

toma, e nem pensou em mim, não foi? Nunca fui algo verdadeiro pra você.

O desespero atravessa por seus olhos, e o ódio serpenteia pela minha pele. Odeio que ela esteja me olhando como se eu fosse um deles.

Andando em direção a ela, eu a forço encostar na parede, tirando minha camiseta, e a segurando na mão.

Ela olha para mim, confusa.

— Que diabos você está fazendo?

— Veja. — Não desvio meu olhar do seu, querendo que ela olhe para o meu corpo. Nós estávamos muito consumidos no drive-in, e na cama esta manhã comigo por trás dela, então ela não deu uma boa olhada.

Acendo meu telefone e o seguro, iluminando minha pele.

Seus olhos descem, parecendo incertos, mas lentamente, ela deixa seu olhar vagar sobre mim. E sei exatamente o que está vendo.

Seus olhos caem sobre a fita cassete no alto do meu peito, notas musicais saindo dela, e o rótulo da fita está escrito: “A mão que governa o mundo”. Foi um jogo de palavras de um poema que Ryen citou uma vez em uma carta quando estava me encorajando a começar uma banda.

Seu olhar desce até os pequenos pássaros pretos que voam ao lado do meu abdome e sobre o quadril. Palavras flutuam junto com o desenho: “voos de anjos cantam para o teu descanso”. É de Hamlet, a peça preferida de Ryen de Shakespeare. Eu fiz a tatuagem depois que a Annie morreu.

Ela pega meu telefone e me circula lentamente, iluminando meu peito e costas, “As Pérolas de Sabedoria” no meu braço – outra carta sobre nossos pais –, o coração se despedaçando no ombro, costurado no meio e reconectando as palavras: “Você é minha tribo” – inspirada por suas palavras, que até serviram de inspiração para uma música que escrevi. E depois há as inúmeras outras pequenas citações e desenhos, as cenas de coisas sobre as quais falamos,

sonhamos e rimamos.

Não estava totalmente coberto, e tinha os braços todos tatuados, mas era muito para absorver. E quase tudo isso, era por causa dela.

Ela volta a ficar na minha frente, sua respiração trêmula e os olhos brilhando com lágrimas.

— Você era a única coisa verdadeira para mim — digo a ela.

Ela olha para mim como se não tivesse ideia de como processar tudo isso. Quero dizer, claro né. O que eu esperava? E mesmo que tivesse sido amanhã, quando eu pretendia contar tudo, como estava planejando fazer isso? Tinha como ela descobrir de alguma forma e que fosse entender?

— Misha? — sussurra, e de repente, está me percorrendo com os olhos de cima a baixo, olhando para mim como se finalmente estivesse me enxergando.

Pego o telefone dela e coloco no bolso. Eu me aproximo, levanto as mãos para segurar seu rosto, mas ela recua.

Eu as desço imediamente.

— Você tem que me ouvir.

— Ryen? — alguém chama, batendo na porta.

É uma mulher. Provavelmente a mãe dela.

— Livre-se dela — sussurro.

Ryen pisca para mim, enxugando os olhos.

— Si... sim? — gagueja, respondendo. — Estou deitada.

— Tudo bem — responde sua mãe. — Pensei ter ouvido a TV ou algo assim. Está tarde. Precisa ir dormir.

— Tá, boa noite.

Eu visto minha camiseta e abaixo a voz, ouvindo a porta do quarto de sua mãe fechar.

— Nunca pretendi deixar que isso fosse tão longe — explico. — Tinha coisas para resolver aqui, e eu queria... — Eu paro, procurando pelas palavras certas, porque estou com medo. — Parte de mim não conseguiu resistir a ficar tão perto de você. Acho que parte de mim precisava de você. Nunca pensei que conversaríamos novamente depois da festa da caça ao tesouro. Não queria estragar o que tínhamos, mas depois vim para cá e...

Ela passa as mãos no rosto, começando a chorar de novo, e posso sentir que estou perdendo-a.

— Mas então você roubou minhas coisas — continuo. — E vejo você assediando Cortez. E depois você tenta mexer comigo no refeitório, e uma coisa leva a outra, e nós estávamos constantemente criticando um ao outro. Era como... Era como, mesmo que nunca tivéssemos sido amigos por correspondência, nós ainda teríamos nos encontrado, sabe?

— Por que não me contou? — ela chora. — A qualquer momento você poderia ter dito: “Oi, eu sou Misha!” — Ela balança a cabeça, olhando para mim. — Eu te beijei. Fui para a cama com você! O tempo todo sabia quem eu era, e eu não tinha ideia. Você me humilhou! Esteve bem aqui na minha frente o tempo todo. Tem alguma ideia do quão repugnante é isso?

— Não tinha porquê te dizer! — sussurro rispidamente. — Eu nem sabia se gostava mais de você naquele primeiro dia! E definitivamente não tinha razão para confiar em você. Você era uma garota mimada e arrogante, e você sabe disso. Por que você mentiu para mim? — Fecho a cara. — Por que eu pensei, por sete anos, que você era forte e legal pra caralho? Alguém que tem coragem de se defender e mostrar seu valor?

Seus ombros tremem, e pequenos suspiros escapam conforme ela se esforça para respirar. Rapidamente olho ao redor, irritado e culpado ao mesmo tempo. Vendo a bombinha em sua mesa, eu a pego e entrego a ela, mas ela bate

na minha mão.

— Eu menti sobre as pessoas da minha vida e as partes que eu finjo para os outros — ela explica. — Todas as outras coisas eram verdade. Os filmes e a música, minhas ideias e sonhos, tudo era verdade. O resto não era importante.

— Eu confiei em você, também — eu a lembro. — Acreditei em você.

— Sou tudo o que eu disse que era.

— Você pode dizer o que quiser — retruco. — Não significa que é verdade.

Sua cabeça cai e ela inala pelo nariz de forma instável, claramente tentando se acalmar e controlar o corpo. A bombinha está no chão. Só queria que ela pegasse a porra do negócio. Ela está me deixando nervoso.

— Quando escrevi as cartas pra você, era o meu eu verdadeiro — diz baixinho. — Eu era tudo que queria ser.

E consigo entender isso. Com certeza há algumas coisas mais insignificantes que não contei a ela, porque queria ser livre com ela, como não podia ser em casa. Mas ela tem que saber disso, embora o que fiz tenha sido uma loucura e as coisas tenham saído do controle, também me machucou ser enganado. Descobrir que a pessoa com quem você se importa e tem em um pedestal é superficial e cruel para o resto do mundo.

— E quando você me escrevia — pergunto a ela. — Dizendo para eu enfrentar meu pai, acreditar em mim mesmo, permanecer fiel sem arrependimentos... Por que me falar essas coisas quando você mesmo não as segue?

Ela olha para longe, mas não recuo. Eu a encaro, mantendo-a como refém. Por que pregar para mim todas as coisas que não teve coragem de fazer você mesma?

— Hmm? — pressiono, abaixando a cabeça até encontrar seus olhos.

— Porque... — sussurra, evitando meus olhos. — Porque você quer coisas boas para as pessoas que você... — Ela respira rápido, quase sussurrando: — Ama.

Minha respiração fica ofegante. Deus, o que ela está fazendo comigo?

Eu daria qualquer coisa – qualquer coisa – para segurá-la em meus braços agora.

Eu me aproximo, segurando seu rosto, a boca a menos de um centímetro da sua.

— Ryen, por favor...

As lágrimas e os soluços voltam, e eu tento consolá-la, mas ela me afasta.

— Meu Deus, saia. — Ela chora, levantando as mãos para me afastar. — Não consigo olhar pra você agora. Não consigo pensar nisso agora. Acho que vou passar mal.

— Ryen, por favor — imploro, sentindo a dor no meu peito se espalhar. — Eu te amo...

— Meu Deus! — ela me corta. — Saia!

Eu estremeço, meus olhos ardendo de lágrimas. Sinto que meu coração está se despedaçando.

Eu a vejo colocar a cabeça nas mãos, parada ali, completamente despedaçada.

Não há como voltar atrás e mudar isso. Embora ela possa ter sido cruel para os outros, ela sempre foi uma boa amiga para mim e eu não posso dizer o mesmo. Ela me irritou e me deixou puto, mas eu acabei com tudo. Eu sou responsável.

Eu me abaixo e pego a bombinha, colocando-a na mesa, caso ela precise.

E depois volto pela janela e para o Cove. Não vou para casa.

Eu não vou a lugar nenhum até que ela seja minha.



RYEN

— Onde você esteve esta manhã? — Ten pergunta, com o tom de voz ligeiramente preocupado. — Lyla disse que você faltou ao treino.

Ando pelo corredor da escola com ele ao meu lado, quase sem tempo suficiente para passar no meu armário e subir as escadas para a sala de artes antes de a primeira aula começar. Ele caminha do meu lado.

— Estava cansada. — Puxo um pouco mais para baixo o boné de beisebol para proteger os olhos vermelhos.

— Perdeu hora? — Seu tom é confuso. — A treinadora vai te fazer correr por causa disso.

Tenho certeza de que ele está certo. Mas não consigo ligar para isso agora.

Enquanto tomava banho, secava o cabelo e fazia a maquiagem esta manhã, meu cérebro continuava voltando para Misha, e comecei a chorar de novo. Não consegui ficar sem borrar o rímel, então desisti e peguei um boné.

Meus olhos estão ardendo e as pálpebras só querem se fechar para sempre. Fecho os olhos com força com a dor intensa perfurando meu crânio e

aperto a alça da mochila com mais força, na esperança de que ele não esteja aqui hoje. Se não consigo pensar nele sem chorar, certamente será impossível olhar para ele.

Indo em direção ao meu armário à direita, vejo um grupo de alunos à frente, alguns parando para ler alguma coisa na parede e outro tirando fotos dela. Olho para cima, reconhecendo imediatamente a letra de Eminem.

Sinto pontadas na garganta e desvio o olhar. Ele que se dane. Ele não gosta desse rapper, e mesmo que eu goste, citar suas músicas não vai contar pontos a seu favor.

— Ora, ora, ora — tagarela Ten. — Pensei que ele tivesse sido pego ou algo assim. Não tem deixado mais mensagens.

Ando até meu armário e começo a colocar na senha. Ten me segue, mexendo em seu telefone.

— “Love the Way You Lie”, do Eminem — comenta ele. — Ei, ele está falando sua língua agora.

Forço um pequeno sorriso por causa de Ten. Ele é o único na minha vida que é fácil, e não quero que ele saiba que alguma coisa está errada. Nossa amizade é descomplicada.

E com toda a honestidade, ele tem sido bom comigo. Posso não ter certeza de onde sua lealdade realmente está, mas ele está aqui agora. E por isso estou agradecida.

Esvazio a mochila, guardando os livros que levei para casa no fim de semana e tirando os que preciso para hoje. Não vi ou falei com Misha desde a nossa briga, e ainda estou em choque. Estou com raiva, mas também estou triste. Eu teria pensado que a realidade de Masen ser Misha, a essa altura, teria se fixado e cristalizado em ódio.

Mas isso não aconteceu. Estou machucada.

— Você está bem? — pergunta Ten, pairando sobre mim, seus olhos no meu rosto. — Parece que ficou acordada a noite toda, sem dormir.

— Estou bem.

Termino de pegar minhas coisas e fecho o armário, e Ten e eu continuamos pelo corredor. Mas, então, eu olho para cima e percebo mais frases na parede.

“Era tudo verdadeiro.”

Ofego, sentindo o peito estremecer com um soluço. Está escrito de preto, cercada por manchas azuis – minha cor preferida – e roxo. Eu paro e olho para a frase, os ombros ficam pesados.

Ele invadiu a escola neste fim de semana e fez isso.

— O que você tem? — sussurra Ten, desta vez parecendo mais preocupado. — Diga-me a verdade.

Enxugo uma lágrima antes que ela tenha a chance de cair.

— Nada — respondo, forçando minha voz a ficar normal. — Minha irmã está só me perturbando porque misturei as roupas brancas e coloridas na máquina de lavar de novo, então já sabe...

Ele zomba, mas dá para perceber que não acreditou nessa desculpa.

Viro rapidamente na escada à direita.

— Te vejo no almoço, tá?

— Ryen?

Mas continuo andando, subindo as escadas e parando brevemente quando vejo outra mensagem escrita na parede, lendo-a quando passo.

“Eu não queria mentir, mas quis cada beijo.”

Mas que desgraçado. E começo a correr.

Não devia ter vindo para a escola hoje. Estava com esperanças de que ele tivesse voltado para Thunder Bay, mas deve ter pintado essas mensagens na

noite passada. Há muitas pessoas na escola no fim de semana e grandes chances da equipe de limpeza ou dos zeladores terem limpado tudo isso pela manhã se ele tivesse feito isso antes.

Não. Ele ainda estava em Falcon's Well na noite passada.

Eu quero que ele vá embora. Não posso evitar meu coração e o que ele quer, apesar da dor, mas posso controlar o que faço com esses sentimentos. Tudo o que eu disse – sobre Misha e como ele não gostava das mesmas músicas que eu e de outras coisas no drive-in e do resto que ele queria saber que eram verdadeiras –, ele já conhecia toda essa merda através das minhas cartas. Mas que alegria que não deve ter sido sentar lá e me agradar para eu tirar a roupa.

Eu me aproximo da porta e fico na ponta dos pés, olhando pela janela. Ele está sentado no seu lugar, um fone no ouvido enquanto gira uma caneta com os dedos e olha para um caderno.

Eu me encolho, me afastando da janela.

Ótimo. Aí você pensaria que ele daria espaço, pelo menos por um tempo. Não é como se ele precisasse mais estar na escola. Misha me escreveu no outono passado e disse que tinha notas suficientes para se formar mais cedo, então se não veio aqui por minha causa, então por que diabos está bancando o aluno quando não precisa?

Por que ele está realmente aqui?

Abro a porta e sigo pelo fileira, tentando não olhar para ele, mas já sentindo seus olhos em mim.

Ele é tudo o que eu sinto, e a lembrança do laboratório de física de repente me atinge, a sensação das minhas pernas envolvendo seu corpo e seu piercing entre meus lábios.

Ele não pode estar aqui. Não posso fazer isso. Meus olhos se enchem de lágrimas.

Mas, então, alguém parado na fileira se vira para mim abruptamente, e algo molhado e laranja cai em mim, cobrindo minhas mãos e camiseta.

— Ugh! — resmungo, verificando minhas mãos e roupas.

Manny Cortez se afasta, levando consigo a tigela de barro recém-pintada.

— Sinto muito! — exclama, parecendo assustado.

— Vai sentir — ameaço, apontando para trás dele. — O forno é daquele lado, seu retardado. Precisa de um mapa?

Ele estremece, seus olhos abaixando conforme os demais alunos ao redor dele riem. Meu estômago revira, e travo o maxilar para engolir o soluço quando passo por ele e saio apressadamente para a minha carteira.

Ele se afasta, enfiando-se na sala de suprimentos.

Jogando a mochila na mesa, sento na cadeira e pego meu bloco de desenho e lápis. Sinto a força da presença de Misha ao meu lado.

— Sim, eu sei — digo ríspida, sem olhar para ele. — Sou uma megera cruel, né?

— Não — responde baixinho, olhando para frente. — Só fraca e idiota. E eu te despedaçaria na frente dessa escola toda, se não tivesse certeza de que você já sente que é um monte de merda por dentro.

Eu estalo, meu queixo tremendo.

— Tudo bem, vamos começar! — diz Till.

Mas minha barriga está tremendo com os soluços que não posso deixar sair. Ele tem razão. Essa é quem eu sou.

E nós dois sabemos disso.

— Ryen, está pronta para falar sobre o seu projeto e como está o andamento dele? — pergunta Till.

Mas só esfrego as unhas conforme minhas mãos estão na mesa à

minha frente. Tudo na carteira está ficando embaçado.

Ataquei Manny porque ele é um alvo fácil. Porque é mais fraco do que eu. Porque ele é a única coisa mais fraca que eu. Todo mundo me enxerga de verdade, e Misha tem asco de mim. Ele me odeia.

— Ryen?

Quem eu sou e como ninguém gosta de mim não é culpa de Misha. Eu fiz isso. Sou idiota, fraca e um lixo.

Sinto as lágrimas, e arfo com um soluço. Esticando a mão, pego a mochila e a penduro sobre o ombro enquanto ando pela classe, evitando os olhares e sussurros conforme saio da sala.

— Ryen?

Mas assim que chego no corredor, deixo as lágrimas caírem e corro para o banheiro.



— Onde esteve? — cobra Lyla, caminhando do meu lado na fila do almoço. — Não estava no treino esta manhã, e Ten disse que te viu antes da primeira aula, mas depois ninguém te viu mais. E há rumores de que desabou chorando na aula de artes?

Seu tom soa aborrecido, e nem me dou ao trabalho de olhar para ela quando pego um pote de salada e um pacotinho de molho. Não estou com fome e meu corpo está cansado e pesado, mas não posso mais me esconder na biblioteca. Sinto que estou perdendo tudo, e preciso me reerguer e superar isso.

— Trey teve problemas este fim de semana — diz ela como se fosse minha culpa.

Bem, acho que é, embora ela não saiba disso.

— Todos nós, incluindo o time inteiro — continua ela. — Fomos para a casa dele depois do jogo na sexta à noite. Sua madrasta subiu, desceu e expulsou todo mundo.

Ouvir sua voz está me irritando tanto.

Mas ela continua pressionando.

— O que você saberia se estivesse por perto, coisa que não faz mais.

— Não tô nem aí — grito, voltando-se para ela, incapaz de me controlar. — Você me entendeu? E estou cansada de você pensar no que eu deveria ou não fazer. Agora me deixa em paz.

Ela dá um passo atrás, me dando um olhar de “que porra é essa?” e depois estreita os olhos, brava.

— Quer ser deixada em paz? — pergunta. — Eu posso fazer isso. Todos nós podemos, porque estamos cansados das suas porcarias. — Seus olhos descem pelo meu corpo, me analisando como se eu fosse um pedaço de bosta. — Sempre desaparecendo, tratando Trey feito merda... e acredito que todos tenham percebido as pequenas trocas olhares entre você e Masen Laurent. Se quer brincar com esse lixo, faça discretamente, porque não vou fingir que gosto disso.

Aperto o pote de plástico na mão e dou um passo, avançando sobre ela. Cadela.

Mas então um cara entra no meio de nós, o amigo de Misha com o moicano, e pega uma uva da tigela de frutas. Ele a joga na boca, olhando para Lyla.

— Oi, gata. Tá a fim de trepar?

Ela franze o cenho e eu quase bufo. Mas que diabos?

Fica boquiaberta, encarando o cara do moicano, mas depois vira – provavelmente tendo perdido a linha de raciocínio – e volta pisando duro de

onde quer que ela tenha vindo.

O cara de moicano vira para mim, dá uma piscadinha e sai.

O que foi aquilo?

Passo as mãos sobre os olhos, ajusto o boné de beisebol e sinto uma súbita necessidade de me enfiar em um banho quente e ficar lá por um ano.

Voltando para a fila do almoço, vejo Misha do meu lado e dou um pulo, o coração quase saindo pelo boca.

— Preciso falar com você — diz ele.

Dou a volta por ele e continuo andando na fila.

— Não quero você aqui, Masen. — E paro, me corrigindo: — Misha. Vá para casa. Volte para Thunder Bay.

— Não posso. — Ele vem atrás de mim, colocando as mãos no balcão, me bloqueando. — Não tenho vida lá se você não estiver nela. Você é parte de tudo de bom que já tive, Ryen. Por favor.

As pessoas se aproximam na fila e contornam a gente, andando até o caixa. Eu quero me afastar dele, mas já sinto os olhos em nós e não quero fazer uma cena. Talvez eu esteja sendo paranoica, mas sei muito bem. Lyla está observando tudo que faço.

— Você está na música. — Sua voz baixa cai no meu ouvido. — Você me fez forte. Eu não farei nada com a minha vida se você não estiver lá. Desculpa. Nunca quis fazer nada disso...

— Você partiu meu coração — eu o interrompo, me virando e olhando diretamente nos olhos dele. — Olho para você e não vejo o Misha. — A tristeza brilha nos meus olhos, e não me importo se ele pode ver. — Todos os anos, todas as cartas, estão ficando cada vez mais longe da minha memória agora. Como se a noite de sexta-feira nublasse tudo.

Seu olhar estreita.

— Você manchou tudo — digo a ele. — Toda a história. E não vai demorar muito para que eu praticamente me esqueça de você ou de como costumávamos ser amigos.

Deixo a comida e afasto seu braço, caminhando até onde Ten está sentado.

Não sei se tudo o que eu disse a Misha naquele momento era verdade, mas minha cabeça está constantemente sob uma névoa. Meus sentimentos estão confusos, e talvez eu só precise tirar um longo cochilo, nadar bastante ou dirigir quilômetros e mais quilômetros para espairecer a cabeça.

Tudo o que sei é que não consigo olhar para ele. Caramba, acho que não consigo nem me olhar a essa altura.

Sento-me à mesa e pego uma das batatas fritas do Ten, mordiscando só para não ficar sem fazer nada.

— E seus pais? — JD pergunta a Trey, obviamente no meio de uma conversa.

— É melhor pedir desculpas do que permissão, né?

— Do que vocês estão falando? — pergunto.

Trey olha para mim e posso sentir a frieza em sua linguagem corporal.

— Vou dar uma festa, lembra? — Seu tom é áspero. — Meus pais estarão fora da cidade esta noite, mas não disseram que eu não podia levar pessoas pra casa. Mas acho que você não conseguira ir mais, né?!

Ele diz isso como se já soubesse a resposta, e escuto Lyla e Katelyn rirem.

Uma festa. Olho por cima do ombro, vendo Misha sentado com todos os seus amigos, e não deixo de perceber o olhar irritado que ele me dá.

— Vai ter bebidas? — pergunto, virando para a minha mesa.

— Opa. Muitas. — Trey dá um sorriso sacana.

— Muito bem. Talvez seja exatamente isso que estou procurando.

Ele sorri e Ten bate na aba do meu boné, brincando.

— Pode apostar que sim.



Ten e eu passamos pelo gramado dos Burrowes, depois de passar pela garagem e rua que já está lotada. Lembranças da última vez que estive aqui fazem meu coração acelerar, e eu me sinto um pouco esquisita andando pela casa.

O que Misha precisava procurar neste lugar? Por que está em Falcon's Well? Fiquei tão consumida pela revelação neste fim de semana, e lidando com as minhas porcarias que nem pensei no porquê de ele estar aqui. Estava muito ocupada me sentindo traída.

O que ele disse? Algo sobre vir aqui para alguma coisa e então nós estávamos brigando toda hora, e as coisas simplesmente saíram do controle, uma coisa levou a outra, blá, blá, blá...

É. Ten e eu pegamos as coisas dele do Cove, e eu que fui para cima dele e o perturbei no refeitório naquele primeiro dia, mas antes de mais nada, ele já estava aqui. Sabendo que eu também estava. E se escondendo na cara de todos. Assim que o beijei na caminhonete no lava a jato, ele deveria ter esclarecido tudo.

— Merda, olhe pra essa gente toda aqui. — Ten ri quando entramos.

O lugar está abarrotado com nossos colegas de classe, amontoados na sala de estar, subindo as escadas, e eu olho para fora, no quintal, vendo a piscina e o deque lotados, também. As pessoas estão dançando e bebendo, e música toca

nos alto-falantes ao redor da sala.

Bastante distração.

Vim com biquíni por baixo da camiseta e do short jeans, mesmo que não esteja planejando entrar na piscina. Mas Ten disse que talvez nadaria, e não vou sair do lado dele, portanto...

Estou tentando não pensar em Trey sendo a merda de um pervertido ou em Lyla e como ela ficaria feliz em me ver cair do meu pedestal hoje à noite. Se eu ficar com Ten, talvez tome uma bebida, dance e ria, e fique sedada tempo bastante para esquecer as últimas semanas por apenas cinco malditos minutos. Eu preciso disso. Preciso fazer algo para me sentir normal de novo.

— Duvido que ele vá ao baile, garota — Ten diz. — Se os pais dele não o proibiram de ir, irão depois disso.

— Não estou preocupada. — Nem sei se irei mais, e com toda a certeza, não vou com Trey.

Nós saímos para fora e pegamos duas cervejas do barril, mas quando Ten levanta uma garrafa de tequila, eu a guardo de volta.

— Não. — Nego com a cabeça.

— Por quê?

— Estou dirigindo — eu lembro a ele. — Você pode beber. Fico com uma cerveja.

Ele dá de ombros e derrama um gole no copinho de plástico. Eu estremeço, sentindo o cheiro forte. Já tomei tequila antes, mas gelada. Como ele consegue beber isso?

Ele lambe o sal da mão, inclina o copo para trás e faz careta antes de enfiar uma fatia de limão na boca.

Dou risada. Eu o conheço há bastante tempo para saber que geralmente gosta de bebida misturada com Coca-Cola ou suco, algo do tipo.

— Vem! — Ele me puxa. — Vamos dançar.

Sorrio, tomando minha cerveja e me sentindo um pouco melhor já que ele me leva até onde a música está mais alta. “Dirty Little Secret” toca, e a cerveja desce esquentando meu corpo até chegar no estômago conforme bebo e me junto aos outros, me perdendo no barulho e na excitação.

Na próxima hora, não fazemos nada além de dançar. Ele substitui meu copo vazio por uma garrafa de água e outra cerveja, e olho atentamente para ter certeza de que ele é quem está enchendo os copos. O ligeiro zumbido que senti ao tomar uma me relaxou, mas acho que é mais por causa da música e da energia de todos ao nosso redor que são embriagantes.

Nós pulamos, rindo e dançando, e Ten se inclina para falar no meu ouvido:

— Está se sentindo melhor agora?

Aceno, gritando sobre a música.

— Sim! Muito mais relaxada, na verdade.

— Sim, dizem que álcool não é a resposta, mas é bom ser capaz de desligar o cérebro por um tempo.

Termino minha bebida e jogo o copo, pegando uma garrafa de água para beber o resto da noite enquanto Ten se junta a mim no bar.

— Outro? — cantarolo, servindo outro shot para ele.

Ele sorri, bebendo sem sal e limão dessa vez.

Eu me inclino nele, cheirando sua colônia inebriante. É boa a sensação de tê-lo ao meu lado dessa vez.

Mantenho todos – meus amigos, irmã, mãe – longe porque comecei a acreditar que ninguém poderia gostar de verdade de mim pelo que realmente sou. É por isso que tive que mudar. E qualquer atenção que minha família ou Ten me dava era simplesmente fingimento.

É por isso que amei tanto o Misha. Não era distante. Era próximo e verdadeiro, e bom.

Mas coisas boas ainda estão ao meu redor, apesar do que fiz para mantê-las bem afastadas. Estiveram à minha volta o tempo todo.

Ten se afasta e pega a garrafa de novo, o saleiro e vira, olhando para mim. Ele me analisa de cima a baixo, dando um sorrisinho de canto de boca.

— O que foi? — pergunto.

Ele gesticula com o queixo para mim, agora com um sorriso brincalhão nos lábios.

— Abra as pernas.

Hein?

— Ah, qual é — ele brinca, sacudindo o saleiro. — Quero ver que gosto você tem.

Bufo, arregalando os olhos.

— Absolutamente não.

— Por favoooorrrrr?

— Não! — grito, quase rindo de seu rosto triste.

De jeito nenhum! Não vou fazer isso.

Sem chance.



MISHA

Malcolm bate através da passagem, o bumbo vibra sob meus pés, e Dane entra lentamente, fazendo a transição enquanto mantenho o ritmo na guitarra, acompanhado por Lotus.

Cantando a letra bem alto, eu me sinto nas alturas conforme fecho os olhos.

Marcado, diz a líder de torcida

Prometo que voltaremos como antes.

Tenho coisas para fazer primeiro. Você não vai esperar demais.

Não posso fazê-la ficar,

E não posso vê-la partir.

Manterei seu coração domado,

E marcado antes que ele fique gelado.

Malcolm é afiado, mantendo a energia fluindo, e o suor desliza pelas costas enquanto volto a sentir o gosto da adrenalina ao tocar. Sticks, o “point” de Thunder Bay, está fechado para reformas há mais de um mês, mas os donos ainda foram ótimos em nos deixar usar o espaço quando precisarmos ensaiar sem

público.

A guitarra de Dane chora quando corta a nota e para de tocar.

— Tudo bem, pare, pare, pare! — ele interrompe. — Acho que devemos dividir isso nesse ponto, adicionar um riff. — Ele aponta para Malcolm na bateria. — Você me acompanha com algo criativo, antes de voltarmos com os vocais.

— Mantenha alta a energia — eu digo.

Mas ele zomba de mim, tipo dã.

— Sim, eu sei do que você gosta.

— Beleza, vamos contar — diz Lotus, mas levanto a mão, tirando a alça da guitarra por cima da cabeça.

— Preciso de uma bebida.

Saio do palco e caminho até uma das mesas, tomando um gole da garrafa de água.

Uma garota está atrás do bar – uma das filhas do dono, acho –, o queixo apoiado na mão, olhando para mim. Ela tem mais ou menos a minha idade. Talvez um ano mais nova.

Ela parece com a Annie. Cabelo loiro, nariz empinado, ombros magros... Porém, Annie nunca me ouviu tocar. Não é que não me apoiasse. Estava ocupada demais para se interessar. Claro, eu poderia dizer o mesmo sobre mim e os hobbies dela. A única razão pela qual assistia tantos jogos de vôlei feminino quanto vi foi porque ela me pediu para ir. Ela precisava de pessoas que se orgulhassem dela, e eu sabia o porquê.

A garota sorri para mim e eu sorrio de volta, depois rapidamente afasto meu olhar.

Houve um tempo em que ela poderia ter sido meu tipo. Bonita, delicada, meiga. Mas só de lembrar da respiração ofegante de Ryen sobre meus

lábios antes de ela me beijar naquela primeira vez na caminhonete, faz meu corpo se agitar. Ela é uma bela bagunça complicada e irritadiça, mas ela me excita.

Pego meu telefone e verifico se tenho alguma mensagem. Espero por qualquer coisa. Uma reclamação. Insultos. Uma mensagem educada, dizendo para eu ir me foder.

Mas nada. Eu sei que deveria deixá-la em paz e dar espaço. Ainda há tanta coisa a ser dita, tanto que ela não sabe, e preciso falar antes que ela me afaste para sempre.

Talvez ela se encontre comigo amanhã na minha casa, e posso contar tudo a ela. Não quero emboscá-la, mas quem sabe ela não me dá uma chance se eu me abrir e colocar tudo para fora.

Clicando no aplicativo do Facebook, digito o nome dela e vou em seu perfil, decidindo mandar uma mensagem para ela e deixar que ela decida. Tenho que tentar. Se ela não quiser ir, vou esperar o tempo que precisar.

Mas quando o perfil dela aparece, vejo um vídeo em que ela está marcada e hesito. Sem me dar tempo para pensar, clico nele, percebendo que acabou de ser postada há alguns minutos.

Ryen está de pé ao lado de uma piscina, cercada por pessoas bebendo e dançando, com uma das coxas estendidas enquanto um cara se ajoelha entre suas pernas.

Que porra é essa?

Assisto ele abaixar a cabeça, dando uma longa lambida por dentro de sua coxa ao mesmo tempo em que ela começa a rir e todo mundo aplaude.

O imbecil, que está de costas para a câmera, bebe o shot de uma vez enquanto as pessoas o incitam. E Ryen dá risada, colocando uma fatia de limão na boca e o convida para sugá-lo dela.

A música está tocando, e Ryen passa os braços ao redor dele, suas bocas se tocam antes de ela se afastar e começa a sacudir o corpo no ritmo da música.

— Filha da puta. — Aperto o telefone, rolando os comentários e descubro que a festa é na casa de Trey. Ela está na casa dele?

E as pessoas também estão compartilhando este vídeo do cara a lambendo.

— O que tá pegando? — pergunta Dane.

Pego minhas chaves da mesa e enfio o celular no bolso. Mas que porra ela está fazendo em uma festa na casa daquele babaca, e com quem diabos ela está de palhaçada?

— Vamos — eu grito para os caras.

— Para onde?

— Explico na caminhonete.

Atravesso o salão de bilhar, ouvindo-os guardar os instrumentos e correr atrás de mim. Assim que saio, entro na caminhonete. Dane sobe no lado do passageiro, e Lotus e Malcolm pulam na caçamba.

Ligando o motor, saio rapidamente do Sticks e pego a rodovia. Piso no acelerador, determinado a fazer o percurso de cinquenta quilômetros em dez minutos. Ela está mesmo bebendo na casa dele? Ela tinha que saber como isso é uma burrice.

Ela quer curtir? Ótimo. Ela quer um pouco de espaço? Tudo bem. Mas ir a qualquer lugar perto daquele babaca ou ser a diversão de algum merdinha excitado que quer tocá-la é ir longe demais. Ryen não faz essa porra de body shot. Ela está tentando me irritar e está funcionando.

E penso em Annie e no que ela fez para si mesma, porque também não estava pensando direito.

Quando chegamos à casa de Trey Burrowes, estou mais puto do que nunca, mas sei que se entrar lá impulsivamente, ela só vai reagir, e eu sairei sem ela.

Nós saímos da caminhonete e consigo sentir as vibrações da música na rua. “Bad Girlfriend” está tocando, e eu olho em volta, vendo casas a uma boa distância uma da outra, mas algumas delas devem estar ouvindo esse barulho. Fico tentado a chamar a polícia, se é que já não foram chamados, só para acabar com isso e mandar Ryen para casa. Mas não. Vou deixar que ela escolha.

Quando entramos na casa, um grupo de garotas passa correndo por nós até as escadas, rindo e caindo contra a parede ao tropeçarem nos degraus.

— Legal — Lotus ri, saindo com a intenção de ir atrás delas.

Mas agarro seu rabo de cavalo preto e o puxo de volta. Nós não estamos aqui para isso.

— E aí, cara — JD aparece, me cumprimentando. — Que bom que apareceu. Veio agitar mais um pouco a festa?

Seguro a risada, consciente de que ele sabe que eu prefiro engolir agulhas do que estar nesta casa.

— Isso não estava nos meus planos. Você viu a Ryen?

Ele nega com a cabeça.

— Não nos últimos quinze minutos. — E então estreita os olhos para mim. — Vai me dizer o que está acontecendo entre vocês dois?

— Não.

Ele bufa.

— Tá bom. — E passa por mim, indo para a sala. — Estarei por aqui. Se precisar de mim.

Aceno e olho de volta para a festa, percorrendo os olhos pelo lugar enquanto vamos para a sala de estar.

— Ora, ora, ora — diz Trey, atravessando entre as pessoas e chegando perto de mim. — Mas que porra temos aqui?

Ele é flanqueado por dois de seus amigos, e me endireito, mantendo a expressão fechada enquanto o encaro.

— Está à procura de problema? — ameaça. — Nós podemos te dar isso.

Sinto meus colegas de banda se aproximarem, e os olhos de Trey correm entre eles, rapidamente, como se só agora percebesse que não estou sozinho.

— Não na casa dos meus pais, no entanto — esclarece, nervoso de repente.

Já chega.

— Onde está a Ryen? — exijo saber.

Ele ri.

— Já verificou em um dos quartos no andar de cima? A “provocadorazinha” de pau tomou um pouco a mais hoje à noite, então... talvez ela ceda aquela boceta. Não vejo a hora de ter a minha vez.

Eu ataco e o agarro pela gola de sua camiseta, nossos amigos partindo para cima.

Mas algo à minha esquerda chama a minha atenção, e olho para baixo, vendo uma pulseira ao redor do pulso de Trey.

E nela, presa por duas correias, está um antigo relógio Jaeger-LeCoultre.

Sinto meu coração batendo nos ouvidos.

— Onde diabos conseguiu esse relógio?

Suas sobrancelhas franzem e eu o sacudo, sentindo uma onda de bile subir na garganta. Ele não conseguiu isso com ela. Ela não teria dado a ele. Não.

— Misha! — alguém grita. Mas eu os ignoro.

Tudo o que enxergo é Trey.

— Misha? — alguém murmura. — Quem é Misha?

A música ainda está tocando, mas eu o encaro, sentindo mais pessoas se aglomerando a nossa volta.

Eu o empurro para longe, soltando-o, e cerro os punhos. Ela deu para ele?

— Saia — exige Ryen, aparecendo do meu lado.

Viro o olhar, pairando sobre ela sem desviar meus olhos.

— Fica quieta e não se mova — respondo irritado, vendo os peitos dela, tão escancaradamente visíveis pela parte de cima do biquíni e da blusa caída no ombro, que está pendurada parecendo a porra de um tecido aos pedaços. — Você está em vários perfis do Facebook, balançando a bunda e fazendo body shots. Não estou feliz.

Seus olhos se arregalam, choque e raiva queimando neles.

— O quê? — ela grita quando duas garotas dão risadinhas.

Mas me viro, avançando em Trey.

— Onde diabos conseguiu esse relógio?

— Qual é o seu problema? — rosna. — Vá se foder!

Eu recuo e dou um soco em seu rosto, derrubando-o no chão. O lugar inteiro explode quando seus amigos e os meus partem para cima uns dos outros e os baladeiros gritam e pulam saindo da frente. Eu mergulho e tiro minhas chaves do bolso, abrindo a faca do meu canivete do chaveiro e me inclino sobre Trey. Todo mundo em cima de mim vai à loucura, e eu agarro o pulso de Trey quando ele se encolhe por cauda da dor no rosto.

— Saia de cima de mim! — Ele tenta puxar o braço.

Mas deslizo a faca cega entre a pulseira de relógio e o pulso e puxo

com força, cortando-a do braço dele.

— Misha! — Escuto a Ryen gritar, e eu me levanto conforme todos tropeçam ao meu redor.

— Todo mundo parado agora! — uma profunda voz masculina grita de trás. — Desligue a música!

Olho trás de mim, vendo dois policiais em uniformes pretos entrarem na casa, um deles segurando as mãos ao redor da boca e gritando.

Merda. Acho que alguém deu queixa do barulho. As pessoas correm, saindo pelas portas de vidro corrediças ou pela cozinha, onde provavelmente há uma porta para os fundos.

Enfio o relógio e o chaveiro no peito de Dane.

— Leva a caminhonete. Pegue os caras e vai!

Ele pega as coisas e avisa Lotus e Malcolm quando os dois policiais ficam ocupados, tentando impedir que a galera saia. Meus amigos saem pelos fundos e desaparecem enquanto continuo parado, olhando tudo e vendo Ryen, surpresa por ela ainda estar aqui.

Suas bochechas estão coradas, mas os olhos estão firmes em mim. Ela não parece bêbada.

Por que caí na provocação de Trey desse jeito? Ryen não faria algo tão imprudente quanto ficar bêbada e seguir alguém para os quartos. Eu só estava procurando uma desculpa para bater nele.

E então vejo um cara em pé atrás dela e percebo que é o Ten. Demora um minuto, mas finalmente faço a conexão. Cabelo loiro, camisa azul... Ele é o cara do vídeo.

Droga. Quer dizer que eu vim aqui para bater em um cara que provavelmente é mais atraído por mim do que pela Ryen. Mas que beleza.

— Ei! — Trey grita, levantando-se. — Ele roubou meu relógio!

Fico plantado no lugar, mas pego o telefone e mando uma mensagem para Dane avisando que provavelmente serei preso. Ele saberá o que fazer.

A música para, e um policial se aproxima, ficando entre Trey e eu.

— O que você está fazendo aqui, filho? — ele me pergunta.

— Só curtindo a festa.

— Ele pegou meu relógio! — grita Trey.

Mas apenas dou de ombros.

— Pode me revistar. Não tenho nada comigo.

Trey chega mais perto, invadindo meu espaço pessoal e me encara, só que o policial o empurra de volta.

— Você já tem muitos problemas — avisa a ele. — Afaste-se.

Porém Trey é uma parede. Ele não se aproxima, mas também não sai do lugar.

— Ele não foi convidado, começou uma briga e roubou meu relógio — Trey volta a dizer.

Meus lábios se erguem, dando um sorrisinho.

O policial olha para mim.

— Qual o seu nome?

— Não sei.

— Onde você mora?

— Esqueci — respondo, ainda olhando para Trey.

Escuto o policial respirar pesado, ficando bravo. Não quero ser difícil, mas o Babaca não pode saber quem eu sou. Não quero chamar a atenção dessa cidade para Misha Lare. Ainda não.

— Coloque as mãos atrás das costas — manda ele.

Eu o obedeço, e ele se aproxima para me algemar.

— Espere, não! — Ryen tenta discutir.

Mas eu olho para ela, tranquilizando minha expressão.

— Está tudo bem. Não diga nada.

Não diga quem eu sou.

— Tá legal, vou levar este aqui — o policial diz para o outro que está ocupado falando no rádio. — Libere a casa e ligue para o Sr. e a Sra. Burrowes.

O policial acena e volta a falar no rádio.

O outro me leva para fora da casa e eu olho para Ryen. Há um milhão de coisas que quero dizer.

Acabei por aqui. Estou indo para casa.

Serei o que você quiser, até mesmo te deixar se for o que precisa.

Eu te amo.

Porém apenas dou uma olhada para Ten e digo:

— Garanta para que ela chegue bem em casa.



Uma hora depois, estou sentado na delegacia, já sem as algemas. Eu me recosto em uma das cadeiras contra a parede, com as pernas esticadas e cruzadas no tornozelo, e os braços cruzados. Uma policial está falando ao telefone atrás do balcão, e eu batuco com o dedo por baixo do braço, tocando mentalmente a música em que estávamos trabalhando no Sticks hoje à noite.

Pelo menos consegui o relógio de volta. Consegui as duas coisas que vim buscar, então eu deveria estar feliz.

Infelizmente, porém, aquelas coisas que pareciam tão importantes há três semanas agora parecem um pouco triviais.

— Por que ele pegou o seu relógio? — Escuto alguém perguntar.

Eu dou um pulo, assustado, e olho para cima. Ryen está encostada na parede ao lado da minha cadeira, provavelmente tendo acabado de vir pelo corredor da entrada.

— Era esse o relógio que estava procurando, né? — pressiona.

— Como você chegou aqui? — Eu me sento. — Você não dirigiu, né?

— Estou sóbria — responde. — Agora responda à pergunta. O que você está fazendo? O que está acontecendo?

Eu volto a olhar para frente, recostando-me na cadeira.

Sei que preciso parar de me esquivar, e não tenho motivos para não contar a ela, mas por onde começo? Quero que ela entenda, mas também quero saber se podemos voltar no ponto onde estávamos em nossas cartas e de quando eu era Masen. Quero isso sem sua piedade.

— Quer que eu confie em você — ressalta —, mas ainda não está me contando as coisas.

Eu me viro para ela, abrindo a boca para falar, só que nesse momento, três caras se aproximam pelo corredor e entram na recepção, parando quando me veem.

Eu começo a me levantar, porém, meu primo me empurra de volta no lugar.

— Sinto muito, cara — eu me apresso em dizer, odiando que precisou sair de onde estava para vir até aqui.

Mas Will apenas sorri para mim.

— Ser preso é um rito de passagem para os garotos de Thunder Bay — brinca, radiante de orgulho.

Eu reviro os olhos. Os dois amigos de Will, Michael Crist e Kai Mori, estão atrás dele, com cara de quem estão se divertindo.

Acho que já imaginavam. Alguns anos atrás, eles mandavam na minha

cidade natal quando eram heróis do basquete no ensino médio, e não deixaram os holofotes desde então. Apenas trocaram notoriedade pela infâmia.

Will cruza os braços, me dando um olhar condescendente.

— Você deveria ter sido capaz de sair dessa sozinho, sabe? — critica. — Olhe e aprenda.

Ele se vira, todos os três indo para o balcão, sem dúvida com seus melhores sorrisos nos rostos.

Ryen se mexe ao meu lado, mas nós dois permanecemos quietos.

— Oi, eu sou William Grayson, III — diz Will para a policial. — Policial Webber, certo? — Ela dá uma olhada entre ele e os outros dois, atentamente.

— Meu avô é o senador Grayson — informa. — E espero muito que ele seja a sua pessoa predileta no mundo. Sempre apoiou policiais.

Seguro a vontade de rir com sua voz suave, que provavelmente está funcionando com ela. Kai se inclina sobre o balcão, quieto, mas com um sorrisinho no rosto, enquanto Michael, o armador do time de basquete Meridian City Storm, continua parado e intimidante.

Ele estende a mão.

— E eu sou Michael Crist.

— Oh, sim. — Ela sorri largamente. — Meu marido é um grande fã seu.

— Só o marido? — brinca.

Um rubor toma conta de suas bochechas e sinto vontade de vomitar.

Ela então aperta as mãos de Will e Kai, exalando um longo suspiro, seu comportamento repentinamente feliz e relaxado.

— Bem, o que posso fazer por vocês, senhores?

Will se inclina no balcão, com uma postura mais íntima.

— Misha Lare Grayson também é neto do senador Grayson, e nosso avô consideraria como um favor pessoal para ele se você permitisse que a família lide com Misha.

Consigo sentir Ryen ficar tensa ao meu lado, e estremeço. Merda. Sim, esqueci que não disse a ela esse detalhe em particular, também.

Will continua, virando a cabeça para mim e a policial segue seu olhar.

— Ele é uma espécie de ovelha negra, tenho certeza de que consegue ver isso — explica enquanto seus olhos deslizam por meus braços tatuados. — Nós o levaremos de volta a Thunder Bay e ele não voltará a Falcon's Well. Você tem a nossa palavra. Nós acompanharemos o merdinha até em casa agora mesmo.

Cerro o maxilar. Posso ver a vontade de rir nos olhos de Will.

A policial me observa.

— Bem, o outro jovem está dizendo que ele roubou um relógio — informa. — No entanto, ele não está com o tal objeto, e nós não temos testemunhas. Íamos liberá-lo mesmo, mas ele não disse onde mora ou o nome de seus pais.

Will assente, endireitando-se.

— Confie em nós. Nós vamos levá-lo para casa.

Ela olha para os três, vendo seus perfeitos ternos pretos, dedos limpos, e nenhuma tatuagem à vista, então é claro que são senhores honrados.

— Tudo bem. — Ela finalmente concorda. — Leve-o para casa e o mantenha longe de problemas.

Eles apertam a mão dela e se afastam do balcão, com cara de presunçosos conforme caminham na minha direção.

Eu me levanto da cadeira e fico na frente de Will, olhando diretamente nos olhos e tentando manter a voz baixa.

— Sou a ovelha negra? — desafio. — Agora sou a ovelha negra? Fui eu que acabei de passar dois anos e meio na prisão? Como ela pôde não saber quem você era? Por que não arregaça as mangas e mostra suas tatuagens a ela?

Will ajusta o colarinho e os punhos, se ajeitando.

— Eu já te falei, nunca deixe ninguém ver todas as suas cartas. Não te disse isso? Sou um lobo em pele de cordeiro. Eles não têm ideia do que sou capaz até que seja tarde demais.

Seu amigo, Kai, ri baixinho ao seu lado.

— Eu te avisei para não fazer tatuagem no pescoço — repreende Will. — Não te avisei? Você viu como conversamos com ela? Você deveria ter conseguido se livrar disso se tivesse um pouco de noção.

— Não tenho tatuagem no pescoço — rebato. — Só tá um... — Gesticulo para o meu pescoço. — Um pouco para cima e...

— Oi. — Escuto uma voz calma e profunda e vejo Kai olhando para Ryen.

Michael segue o exemplo e se aproxima dela.

— Então é essa que estava em uma festa, sem você, fazendo body shots, hein?

Ela faz cara feia e eu retruco:

— Dane precisa calar a boca.

Mas Michael somente ri para Ryen.

— Se fosse a minha garota, sua bunda ficaria vermelha por uma semana.

— É, eu não ameaço fisicamente a minha garota, tá legal?

— E veja aonde ela foi parar.

Will empurra Michael para trás.

— Não liga pra ele — ele acalma Ryen. — Ele não encosta a mão em

sua garota. Ela tem espadas.

Kai ri baixinho de lado, mas o rosto de Ryen está retorcido de repugnância. Ela olha para mim.

— Quem são esses nojentos?

Caminho para a porta, sabendo que todos seguirão.

— Will é meu primo. Estes são seus amigos. Eu liguei para ele para não precisar ligar para o meu pai.

— E como está meu bebê? — Will diz de trás, referindo-se à sua caminhonete. Ele me emprestou quando foi preso há alguns anos. Fiquei com ela o tempo inteiro que cumpriu sua sentença, mas desde que saiu, não veio atrás dela, então torci para que tivesse se esquecido.

— Espero que não a queira de volta — respondo. — Tenho algumas boas lembranças naquela caminhonete.

Dou uma olhada para Ryen, vendo um rubor cruzar suas bochechas.

— É, eu também — responde Will. — Acho que posso deixar você ficar com ela mais um pouco.

Ryen olha para frente, apertando a mandíbula.

— Estou caindo fora daqui.

Ela empurra as portas, mas eu grito atrás dela.

— Não. Eu preciso falar com você!

No entanto ela segue em direção ao jipe, que está estacionado do lado de um prédio à esquerda do estacionamento. Corro atrás dela, esquecendo de Will e seus amigos.

— Pare! — Seguro os braços dela e a paro ao lado da porta do passageiro de seu carro. — O que você quer que eu diga, hein? Que estraguei tudo? Eu sei que estraguei. Desculpa.

Estou de saco cheio de sua resistência e de como não cede um

centímetro. Diga de uma vez que sente minha falta.

Seguro seu rosto com as mãos.

— Olhe para mim.

Mas ela empurra minhas mãos para baixo.

— Eu te odeio. Me solta.

— Por quê? — ataco. — Para você poder voltar naquela festa? Voltar para o seu par do baile de formatura? Vai foder ele, também?

— Talvez! — grita ela. — Talvez eu desça tão baixo quanto você e teremos algo mais em comum. E, quem sabe assim, eu não te odeie tanto.

Olho para ela, furioso.

— Você não me odeia. Você me ama e eu amo você.

Ela me dá um tapa tão forte que minha cabeça chicoteia para o lado e o ardor se espalha pela pele.

— Não diga isso — ela rosna baixo. — Eu quero Masen. Ele não me ama. Mas é bom comigo. — Seu tom incita, ficando ofegante e sedutor. — Muito bom.

Percebo o que ela quer dizer. Fui uma trepada e nada mais. Ela gostava de mim quando eu era somente isso. Quando eu não era Misha.

— Ah, é? — Volto a olhar para ela, entrando no jogo dela. — É isso que você quer? — Eu me aproximo, agarrando suas coxas por trás e a levanto. — Seu segredinho sórdido que vai te foder no banco de trás de uma caminhonete, te escondendo para que seus amigos arrogantes e vazios não saibam quanto prazer eu te dou?

Sua respiração para, e ela só hesita um segundo antes de suas mãos subirem e agarrarem meus ombros. Eu desço com tudo, beijando seu pescoço e eu aproveito quando ela inclina para trás, abrindo-se para mim.

Só que então eu vejo algo pelo canto do olho e olho para o lado,

percebendo que os caras ainda estão aqui.

Michael e Kai estão no banco da frente de um SUV, Michael inclinando a cabeça, do banco do motorista para olhar pela janela de Kai, enquanto Will está parado com a porta de trás aberta, achando graça.

— Sério? — digo rispidamente.

Michael e Kai rapidamente se afastam e Will limpa a garganta.

— Tudo bem, estamos indo. — Ele sobe no carro. — Fique longe de problemas e borracha nele. Não existe fúria no inferno que se compare com a de vovô Grayson lidando com uma gravidez na adolescência.

As unhas de Ryen cravam em minha pele, e eu fecho os olhos, voltando e descendo a boca na sua enquanto escuto o SUV se afastar.

Beijo seus lábios, inalando seu cheiro e me perco totalmente pela necessidade que sinto por ela. Sua língua roça a minha, e seus dentes mordem e beliscam, me deixando tão insano que não consigo pensar.

— Ryen — ofego, pressionando o pau nela conforme aperto sua bunda muito forte. Preciso ficar mais perto.

— Nós não deveríamos fazer isso — ela arfa quando tiro sua regata e a toco em todos os lugares não cobertos pelo biquíni.

— Não aja como se fosse me dizer não. — Abro a porta do lado do passageiro. — Eu sei que gosta deste meu lado.

Ela olha em volta, provavelmente nervosa, seremos vistos, mas o estacionamento está deserto. Tiro a camiseta, deixando-a cair no chão ao lado da sua e começo a desabotoar seu short, dando outro beijo nela para silenciar qualquer argumento que ela possa sonhar em dizer.

O short cai no chão, e ela geme na minha boca.

— Senta no meu colo — digo, sentando no banco, puxando-a para dentro.

Ela entra e eu fecho a porta, deixando nossas roupas no chão. Ela alcança por trás dela e puxa os cordões do biquíni, a parte de cima se solta, e eu a pego jogando-a de lado antes de fazer o mesmo com a parte de baixo, puxando os cordões que prendem nas laterais.

— Santo Deus — gemo, beijando-a novamente ao mesmo tempo em que seguro a bunda com uma mão e enfio a outra entre as suas pernas. Ela está tão lisa e molhada.

Ela estende a mão entre nós e desabotoa meu cinto, e faço o melhor que posso para ajudar a descer o jeans e libertar meu comprimento enquanto tento não interromper o beijo.

— Eu quero o seu pau — ela geme. — Eu quero.

— Eu sei.

Tirando uma camisinha do bolso da calça, eu a coloco e seguro firme o meu pênis enquanto puxo Ryen para mim. Eu me ajeito um pouco mais para baixo e me posiciono sob ela. Ela geme, já rebolando os quadris com pequenos movimentos sensuais.

Encontrando sua entrada quente, empurro os quadris para cima, enfiando a ponta, e ela faz o resto. Abaixando-se, ela abre as pernas até onde o banco permite, e eu a puxo contra mim, me enterrando profundamente.

— Puta merda — ofego.

Seus quadris giram em movimentos curtos e rápidos, desenhando pequenos oitos, e ela fica praticamente colada em mim, os seios esfregando no meu peito. Consigo provar sua boca, mesmo que nossos lábios não estejam se tocando.

— Diga meu nome — sussurro. — Quem está te fodendo agora?

Ela mantém o ritmo, sua bunda linda entrando e saindo e o carro enchendo de calor úmido.

— Eu estou te fodendo — ela corrige. — E realmente não me importo de quem é o pau.

— Mentira.

— Poderia ser qualquer um neste jipe — diz, mordendo meu lábio inferior. — Talvez alguém daquela festa mesmo. Se você não tivesse aparecido, ainda ia cavalgar o pau de alguém hoje à noite.

Enfio os dedos em sua bunda.

— Ia ser uma garota má?

Ela geme alto, fazendo que sim com a cabeça.

— Me mostra o quanto, baby. — Levanto uma das mãos, tocando seu seio. — Como você ia trepar com um estranho mais tarde?

Ela acelera o ritmo, inclinando-se para trás para me dar uma bela visão de seu lindo corpo me recebendo. Seus seios balançam com o movimento, e fecho os olhos, deixando a cabeça cair enquanto esfrego seu clitóris com o polegar.

— Você teria feito ele gozar gostoso — provoco. — Com uma bocetinha gostosa feito essa.

Seus gemidos ficam mais altos e rápidos, e eu abro os olhos, vendo que ela está me observando. Mas então, de repente, ela se aproxima bem, envolvendo os braços pelo meu pescoço, e cobre a minha boca com a sua, me beijando profundamente e com força enquanto ela nos leva às nuvens.

Eu gozo, agarrado em seus braços, pernas e boca, e sentindo sua pele suada e macia colada à minha. Ela grita, a boceta me apertando forte quando goza e empurra os quadris, me acolhendo dentro dela sem parar até a exaustão.

Eu a abraço conforme nos acalmamos, o calor quase insuportável. Não tenho ideia de quanto tempo vai demorar para que ela me deixe tocá-la de novo, então vou aproveitar ao máximo.

Ela pode ser um pesadelo, mas isso ainda parece melhor do que qualquer sonho.

Sua respiração se acalma, mas ela permanece com a cabeça enfiada no meu pescoço, como se estivesse dormindo.

— Queria que a gente tivesse se conhecido na escola — digo baixinho, sorrindo comigo mesmo. — Nós teríamos nos dado muito bem juntos. No parquinho, quero dizer.

Ela levanta a cabeça e vejo a dor em seus olhos.

Eu seguro seu rosto.

— Eu conheço você — digo. — Eu te conheço agora. Você não teria desejado isso com mais ninguém. Porque antes de mim, fez sexo uma vez. Dois anos atrás.

Suas sobrancelhas franzem e vejo seus olhos se encherem de lágrimas. Sim, eu me lembro da carta, querida. Você estava arrasada, sentindo-se envergonhada e magoada, e eu queria matar o cara.

— Todo mundo disse para você fazer, e você fez — sussurro. — Ele nunca falou com você, e é por isso que esperou por mim.

— Eu não estava esperando por você.

— Você esperou para sentir o que é certo — rebato, não aceitando mais merda nenhuma dela. — Fiquei com ciúmes quando me confidenciou sobre sua primeira vez. Foi quando percebi que me sentia possessivo em relação a você. — Olho diretamente em seus olhos, nunca tendo tanta certeza de algo. — Eu quero tudo de você, Ryen, e eu sei que você me quer.

Seu corpo treme um pouco e eu me inclino, beijando-a no rosto.

— Mas eu amo o jeito como você mente.



RYEN

No dia seguinte, ele não está na nossa primeira aula.

Eu sei onde ele mora, e isso me leva de volta no tempo quando percebi que ele havia parado de escrever naqueles meses atrás. Posso ir ver como ele está se estou mesmo preocupada. Ele sabe onde me encontrar, se quiser me ver.

Mas espere... Sou eu quem não quer vê-lo mais. Eu que disse para ele ir embora, e se ele foi?

Sei que ele nunca quis que as coisas ficassem tão fora de controle, e acredito que se arrepende, mas isso tudo não entra na minha cabeça. Fingir que é outra pessoa já é muito ruim. Espreitar bem debaixo do meu nariz, sem que eu sequer desconfiasse, é horrível.

Mas dormir comigo? Como ele pôde fazer isso? Ele era Masen ou Misha na caminhonete aquele dia no drive-in? Ele realmente estava planejando me contar?

Não deveria ter cedido na noite passada. As emoções estavam à flor da pele, eu sentia falta dele e quando me abraçou, eu só quis parar de brigar por cinco minutos. Queria me sentir bem de novo com ele e esquecer.

Mas agora, a luz do dia está tão forte que eu quero rastejar de volta para debaixo das cobertas. Todo mundo o ouviu me repreender na festa ontem. Agindo como se eu fosse sua propriedade.

Eles podem não saber o que aconteceu entre nós, mas sabem que algo aconteceu para deixá-lo com raiva de mim. E sabem que tenho mentido a respeito disso.

Engulo o nó na garganta e vou até o meu armário no vestiário, ao lado de Lyla e Katelyn enquanto elas se trocam para educação física.

— Oi — digo, tentando forçar um tom animado.

Mas Lyla não responde. Em vez disso, ela levanta o nariz, cheirando o ar e reclamando com Katelyn.

— Nossa, os faxineiros não limparam aqui ontem de noite? Estou sentindo cheiro de lixo no lugar todo.

Katelyn ri e fico rígida.

— Dá pra acreditar que a piranha nem se deu ao trabalho de aparecer no treino das líderes de torcida hoje de novo? — comenta Katelyn, alto suficiente para eu ouvir. — Não importa, acho. Sua bunda gorda estava ficando pesada demais para pegar.

Sinto o sangue ferver nas veias e escuto minha pulsação nos ouvidos. Eu me viro para elas que ainda estão se vestindo.

— Querem me dizer alguma coisa, digam na minha cara.

Mas ambas me ignoram como se eu não tivesse dito nada.

— JD reservou uma limusine, então? — pergunta Katelyn a Lyla.

— Ah, sim. Uma grande para caber todos nós — responde, e ambas batem as portas dos armários, passando por mim e saindo do corredor. — Esta noite será épica. Especialmente sem Ryen lá para poluir o carro.

A risada contente delas me irrita e sinto meus olhos se encherem de

lágrimas, mas fecho meu armário, recusando-me a ceder.

Durante a aula inteira de educação física, fico longe delas, lentamente sentindo uma bolha crescer e me empurrar para mais longe. Elas são elas e eu sou eu. Daqui, separada, sozinha e excluída. Fico de fora da bolha.

De novo.

Como vim parar aqui? O que eu faço?

Depois da aula, tomo banho e me visto depressa, indo para o meu armário antes do almoço, quando o que realmente quero fazer é ir embora.

É mais fácil, não é? Em vez de encarar as pessoas que não gosto e de estar onde não sinto que pertenço mais?

Já passei por isso antes. A incerteza, o ódio de si mesma, a impotência... É tudo tão familiar. Mas na última vez, peguei esses sentimentos e os pus para fora, fazendo os outros sentirem o que eu sentia. O que não percebi é que esses sentimentos vieram de pessoas fazendo a mesma coisa comigo. Eu sinto e temo exatamente o que eles querem que eu sinta e tema.

Não vou reagir igual desta vez. Sou melhor do que isso.

Eu serei melhor.

Andando na fila do almoço, pego um suco de laranja da geladeira e caminho para o caixa, mas de repente, braços me prendem em ambos os lados, me impedindo de continuar. Meu coração bate forte, pensando que é Misha, mas depois que me viro, vejo Trey atrás de mim.

— Sabe, se gosta de sacanagem, eu podia ter sido sacana — provoca, olhando para mim. — Talvez tenha sido bom que Laurent tenha te domado. Não demora muito para que as vagabundinhas como você se tornem putas assim que sentem o gosto disso.

Respiro com dificuldade. Que merda é essa que ele acabou de dizer?

Ele ri.

— Você deveria ter visto como nós pegamos aquela garota na semana passada. Ela tinha uma fileira de caras para comê-la. Foi bom pra caralho.

Empurro o braço dele e pago meu suco, levando minha bebida e livros para uma mesa vazia o mais longe dele possível. Eu sinto os olhos em mim vindo de todas as direções, como se as pessoas estivessem rindo. Não me sento sozinha em uma mesa há muito tempo.

Abrindo a caixinha de suco e o caderno, eu me concentro no dever de casa de matemática que é para amanhã, usando-o como um escudo para não parecer tão lamentável.

— Ninguém quer você aqui — diz uma voz de garota, e olho para cima, para Lyla. — Não consigo nem comer, olhando pra você.

E ela pega a caixinha de suco e despeja no meu colo. Arfo, a bebida gelada me fazendo pular da cadeira enquanto o suco escorre pelas minhas pernas expostas. Olho feio para ela e avanço com as mãos, empurrando-a para longe.

Ela tropeça para trás, soltando a caixa, mas vem para cima de mim.

— Oh! — alguém grita. — Briga!

O refeitório vira um caos, as cadeiras raspando no chão e as pessoas saindo do lugar para ver melhor.

Lyla tenta agarrar meu cabelo, mas desvio e dou um tapa em seus braços. Minha camisa e short grudam na pele e a raiva se espalha por todos os meus músculos. Ela vem para cima de novo e me preparo para empurrá-lo novamente, mas, de repente, surge uma parede à minha frente.

Uma parede de camiseta branca e tatuagens.

Misha.

Trey dá a volta na frente de Lyla e chega perto demais de mim e de Misha, com um desafio nos olhos.

— Sai da frente — exige.

— Vem me tirar.

Trey zomba, sabendo que Misha não está brincando, mas obviamente sem estar disposto a enfrentá-lo aqui, diante de todos. Principalmente quando apanhou da última vez.

— Se você a quer, vai ter que passar por mim — afirma Misha, e vou para o lado dele, recusando-me a me esconder.

O suco gruda nas minhas pernas e entra dentro do tênis, e eu me esforço para ignorar os murmúrios ao redor. Misha está me defendendo na frente de todo mundo, e contra a minha vontade, meu coração aquece.

— Depois da escola — avisa Trey. — No drive-in.

— Não, estou ocupado hoje à noite — responde Misha.

Trey ri, olhando para os seus amigos, todos muito provavelmente pensando que Misha está com muito medo de aparecer.

— O que acha de fazermos isso agora mesmo? — solta Misha com tranquilidade e, em seguida, dá um soco no rosto de Trey, surpreendendo a todos nós.

Gritos e palavrões soam das pessoas a nossa volta, e Trey tropeça para trás, xingando.

— Porra!

Misha avança, mas JD o agarra por trás, segurando-o quando a diretora Burrowes pisa entre os garotos.

— Parem com isso! — ela grita com os dois. — Parem agora mesmo!

Misha se debate contra o aperto de JD, que está ficando vermelho só pelo esforço de mantê-lo preso.

— Tá legal, se acalme, cara. Se acalme.

— Tire esse idiota de perto de mim! — Trey gesticula para Misha, gritando para sua madrasta.

— Se meta com ela novo — resmunga bravo Misha —, e farei o que acabou de acontecer aqui parecer um sonho. — Ele pausa e depois fala com Lyla: — E, você. Não converse com ela de novo. Só quer que ela se sinta tão feia quanto você.

Ela arqueia uma sobrancelha, cruzando os braços. Ela sabe que é verdade, assim como era verdade comigo, mas ela não vai reconhecer isso com uma resposta.

— Não vou me meter com ela — provoca Trey. — Parece que você já fez isso.

Algumas risadas são ouvidas, e Misha se afasta de JD, olhando para Trey com cara de quem está morrendo de vontade de garantir para que ele nunca mais fale merda de novo. Mas em vez disso, ele vira e pega a minha mão, levando-nos para fora do refeitório.

— Sr. Laurent! — grita a diretora.

Mas Misha a ignora e me puxa para o banheiro masculino, pegando algumas toalhas de papel antes de as molhar.

Ele me empurra contra a pia e se ajoelha, levantando meu pé, colocando-o em cima de sua coxa, e devagar, limpa o suco de laranja da minha perna.

Meus olhos ardem e eu o observo, cautelosa e silenciosamente, cuidando de mim.

Molhando mais toalhas de papel, ele passa na outra perna e, depois começa a desamarrar meu tênis.

— Ainda somos amigos? — pergunto, minha voz embargada. — Porque eu preciso de Misha, não de Masen.

Eu estava errada ontem à noite. Tudo é Misha. Eles não são separados.

E eu preciso do meu amigo.

Segurando meu tênis sujo, ele se levanta e pega minha mão, ainda quieto enquanto me leva para fora do banheiro.

— Onde estamos indo?

— Para longe daqui.

Nós não nos preocupamos em olhar para trás, e eu provavelmente vou ter problemas amanhã, mas ninguém, nem nada seria capaz de me arrastar para longe dele agora. Aperto a mão dele, disposta a segui-lo para qualquer lugar. Pelo menos, hoje.

Nós dirigimos por um longo tempo sem conversar. A música toca, a tarde está nublada e minhas pálpebras estão pesadas, provavelmente porque a noite de quinta-feira foi a última vez que dormi bem.

Não sei se estou pronta para perdoá-lo, mas eu o quero. O cheiro dele, olhar para dele, senti-lo... Ele nem precisa me tocar. Apenas ficar perto dele é reconfortante nesse momento. Talvez eu esteja apenas vulnerável, mas agora não quero estar em outro lugar.

Começa a chuviscar quando entramos em uma calçada que leva a uma casa protegida por um muro de árvores.

Sinto um frio na barriga.

— Sua casa?

Estamos em Thunder Bay? Não pensei que tivesse cochilado tanto assim.

Ele entra na garagem e desliga o motor.

— Você já esteve aqui?

Faço que sim com a cabeça.

— Duas semanas atrás. Fazia tempo que não me escrevia, precisava saber que estava tudo bem com você...

— Não precisa se explicar — ele me interrompe. — Eu deveria ter

escrito. Você tinha todo o direito de se preocupar.

— Por que parou de me escrever?

Ele sorri gentilmente, abrindo a porta e pegando meus sapatos.

— Uma história para outro dia. Mas não tem nada a ver com você — garante.

— Seu pai disse que você estava bem. — Eu saio da caminhonete e dou a volta, acompanhando-o até a casa.

— Meu pai é discreto e não fala dos nossos problemas fora de casa. Disse a ele quem você era?

— Ele me reconheceria?

— Claro que sim — responde, entrando no que tem cara de ser a lavanderia e joga meus sapatos na máquina de lavar. — Ele viu suas cartas durante anos.

Sim, claro. Se eu tivesse dito a ele, talvez poderia ter sido convidada para entrar na casa e poderia ter visto uma foto de Misha. E, então, podia ter descoberto ainda mais cedo quem ele realmente era.

Misha se aproxima de mim e puxa a bainha da minha camiseta, mas eu cruzo meus braços, olhando para ele.

— Não tem ninguém em casa — ele me tranquiliza. — Vamos lavar suas roupas. Você pode tomar um banho e vou arrumar alguma coisa pra você vestir.

Só demoro um instante para pensar. Acho que não preciso ir embora tão cedo, e ainda estou toda grudenta, apesar dos esforços de Misha para me limpar.

Concordo e tiro a roupa, entregando tudo a ele, peça por peça. Ele coloca meu short, camiseta, meias e roupas de baixo na máquina de lavar, acrescenta o sabão em pó e a liga. Depois me entrega uma camiseta da secadora.

Eu a visto e o deixo me conduzir pelo o resto da casa.

Nós passamos por uma grande sala de estar, e eu olho em volta, boquiaberta.

— Nossa — murmuro.

— O que foi?

Balanço a cabeça.

— Nada.

É hilário, na verdade. Ele anda com a pior turma da escola, parece um delinquente, e todos – incluindo Lyla, Trey e até mesmo eu – acreditavam que ele era um pobre órfão ou nada além de um bandido.

Se Lyla descobre que ele mora em uma casa maior que a dela e a minha juntas e tem um “Paul Gauguin” pendurado na parede, ela será a primeira a puxar o saco dele.

A casa está escura, mas mesmo assim dá para ver que é impressionante. Tem madeira polida por toda parte, obras de arte e bibelôs decorando o lugar, e sinto o cheiro encorpado do verniz. O que Misha disse que seu pai fazia nas cartas? Ele é um antiquário?

E se ele é neto de senador, então deve ser bem de vida.

— Você gosta de manteiga de amendoim e geleia? — pergunta Misha, me levando pelas escadas. — É a única coisa que sei fazer sem queimar.

— Pode ser.

Ele me leva a um banheiro espaçoso, com a decoração bem escura e masculina, e abre a porta de vidro, abrindo o chuveiro para mim.

— Fique à vontade. — Ele dá um beijo na minha testa e puxa uma toalha da prateleira, colocando-a no balcão da pia para mim. — Farei alguns sanduíches para nós.

Fico o observando enquanto ele sai, e apesar da altura e dos músculos

de um homem, finalmente o estou vendo como o garoto que idealizei há tantos anos, a quem me apeguei e amei. Aquele que imaginei como sendo bondoso, gentil e carinhoso.

Depois do banho, eu me seco e visto a camiseta de novo, encontrando uma escova no balcão, penteio meu cabelo bagunçado. Por sorte, o ataque de Lyla errou minha cabeça, portanto, não precisei lavar o cabelo.

Entrando no corredor, ouço o zumbido suave da música. Caminho silenciosamente, acompanhando-a –, mas com cuidado, caso seja o pai dele.

Encontro Misha em seu quarto. Ele está andando de lá para cá, pegando algumas roupas, e na cama, tem pratos com sanduíches de pasta de amendoim e geleia e cachos de uvas, junto com algumas caixinhas de suco.

Eu me seguro para não rir. Acho que não como isso desde a quinta série.

Pink toca no volume baixo, e me sinto aquecida por dentro com esse gesto. Ele sabe que eu também gosto dela.

Mas, então, dou uma olhada por seu quarto e vejo quatro caixas de papelão com tampas, empilhadas umas sobre as outras contra a parede.

Vou até elas.

— O que é isso? — pergunto, levantando a tampa.

— Ah, uh...

Porém arregalo os olhos, e pega de surpresa, deixo a tampa cair no chão.

A caixa está cheia de envelopes pretos. Escritos com caneta prateada.

— Oh, meu Deus. — Eu os pego e folheio, vendo minha letra em cada um.

Ele as guardou.

Ele guardou as cartas?

Não sei porquê, mas acho que nunca acreditei que ele fosse mesmo guardá-las. Por que faria isso? Pensando no passado, não consigo nem lembrar o que tem nelas. Não pode ter sido nada muito interessante se não me lembro.

As outras três caixas provavelmente estão cheias de cartas, também.

— Não acredito que escrevi tudo isso — comento, um pouco escandalizada. — Você deve ter ficado tão de saco cheio comigo.

— Eu te adorava.

Eu olho para cima, e o vejo encarando o chão. Sinto uma dor passar pelo peito.

— Eu te adoro — ele se corrige. — Eu li todas pelo menos duas vezes. As minhas preferidas, muito mais que isso.

As preferidas. E então me lembro. As cartas que encontrei no Cove. Quando ficou lá – longe de casa –, ele as levou com ele. O resto ficou aqui.

Agora eu me sinto culpada.

— Elas estão na minha escrivaninha — confesso. — Eu menti. Eu não as queimei.

Ele me dá um aceno curto de cabeça.

— É, eu torci por isso. Tenho as minhas, também, as que você jogou fora no Cove. Caso as queira de volta...

Dou um pequeno sorriso para ele. Sim, eu as quero de volta.

Tampo a caixa, um pouco curiosa para abrir algumas cartas e reviver todas as coisas embaraçosas que dividi com ele ao longo dos anos. Beijar de língua pela primeira vez, a música que eu disse que achava ser tudo de bom, mas que hoje percebo que era meio cafona e todos as discussões que tivemos.

Naquela época, eu era muito dura com ele. Quero dizer, usar um telefone Android não faz dele um introvertido descartável que provavelmente nunca terá um emprego ou uma carteira de motorista válida ao mesmo tempo.

Não foi o que eu quis dizer.

E tenho certeza de que ele não quis dizer o que escreveu quando me chamou de cultista do Steve Jobs que adora tecnologia inferior porque sou muito cabeça-de-vento mexendo com aplicativos para saber a diferença.

Pensando bem, não. Gosto da trégua que temos hoje. As cartas podem esperar.

Ando e me sento com as pernas cruzadas na cama. Ele tira os sapatos e deita de lado, apoiando a cabeça na mão.

Pego o sanduíche e tiro a casca enquanto ele coloca uma uva na boca.

Olho para a comida. Estou com fome, mas também estou cansada e, de repente, sinto que não ligo mais. Um de nós tem que começar a falar.

Ele quer algo verdadeiro? Uma coisa que não sabe?

— Eu não tenho muitos amigos na escola — digo, com os olhos abaixados. — Eu tive uma. Delilah.

Ele fica quieto e sei que está me olhando.

— Ela tinha aquele cabelo loiro desgrenhado que parecia uma tainha, e ela usava saias de veludo cotelê — continuei. — Pareciam bem velhos. Ela não era legal e não se vestia bem. Ela ficava muito sozinha, igual a mim, então brincávamos juntas no recreio, mas...

Estreito os olhos, tentando endurecê-los quando a imagem dela me vem à cabeça.

— Mas eu me cansei de não ficar com as crianças populares — admito. — Eu os via juntos abraçados, rindo e cercados por todos, e sentia... inveja. Deixada de fora de algo melhor. Eu me sentia como se estivesse sendo ridicularizada. — Molho os lábios secos, ainda evitando seus olhos. — Como se eu pudesse sentir seus olhos rastejando sobre a minha pele. Tinham nojo de mim? Por que não gostavam de mim? Não deveria ter ligado. Não deveria ter

pensado que as crianças que me evitavam valeriam a pena, mas eu me importei.

Finalmente ergo os olhos e encontro os seus verdes me observando, sem piscar.

— E na minha cabeça — prossigo — Delilah estava me segurando. Precisava de melhores amigos. Daí um dia, eu fugi. Quando a hora do recreio chegou, eu me escondi em um canto para que ela não me encontrasse, e a observei. Esperando que ela saísse e brincasse com outra pessoa para que eu pudesse fazer o mesmo e ela não viesse me procurar.

Engulo, a garganta se estica dolorosamente.

— Mas ela não saiu — sussurro com lágrimas nos olhos. — Ela ficou parada, encostada na parede, sozinha e parecendo desajeitada e desconfortável. Esperando por mim. — Meu corpo treme e começo a chorar. — Esse foi o dia em que me tornei isso. Quando comecei a acreditar que a adoração inconstante de cem pessoas valia mais do que o amor de uma. E por um tempo pareceu bom. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Eu estava afogada nessa novidade. Sendo cruel, soltando rápidos insultos, fazendo piada dos outros e dos professores... eu me sentia respeitada. Adorada. Minha nova pele combinava comigo.

E então mais imagens aparecem, ainda bastante vivas depois de todo esse tempo.

— Só que meses depois, quando eu via Delilah brincando sozinha, sendo chacota de todos, não pertencendo a nenhum lugar... Comecei a odiar aquela pele em que me sentia tão confortável. A pele de uma covarde falsa e superficial.

Enxugo as lágrimas, tentando respirar fundo. Ele está olhando para mim, mas o calor da vergonha cobre meu rosto e fico preocupada. O que ele pensa de mim?

— E quando comecei a escrever um ano depois — prossigo —, eu precisava tanto de você naquela altura. Precisava de alguém que eu pudesse ser quem eu queria ser. Podia voltar atrás. Ser a garota que era amiga de Delilah novamente. A garota que enfrentou os garotos malvados e não precisava ser exibida, porque era ela mesma.

Fecho os olhos, querendo só me esconder. Eu sinto a cama mover debaixo de mim e, logo, suas mãos seguram meu rosto.

Balanço a cabeça, me afastando.

— Não. Eu sou horrível.

— Você estava na quarta série — diz ele, tentando me acalmar. — As crianças são más e, nessa idade, todos querem pertencer a algum lugar. Você acha que é a única que se sente péssima? Que cometeu erros? — Ele cutuca meu rosto, fazendo-me abrir os olhos e olhar para ele. — Somos todos feios, Ryen. A única diferença é que alguns escondem a feiura e alguns a usam.

Deslizo a comida para longe e rastejo em seu colo, envolvo os braços ao redor dele e afundo o rosto em seu pescoço, abraçando-o apertado. Ele cai suavemente na cama, deitando e me levando com ele.

Por que não fizemos isso há séculos atrás? Por que tive tanto medo de conhecê-lo e mudar as coisas? Nós estivemos juntos durante o funeral de sua avó, longos acampamentos de verão com quase nenhuma comunicação entre nós, e até mesmo algumas namoradas dele que nunca contei que fiquei com ciúmes.

Por que eu achava que todas as palavras e cartas e a amizade desapareceriam tão facilmente?

Seus braços me seguram com força enquanto deito a cabeça em seu peito, ouvindo as batidas do seu coração e a chuva fina caindo contra a janela. Isso é novo para mim. Já me senti à vontade em alguns lugares, mas acho que

esta é a primeira vez que estive em um lugar que nunca quis deixar. Minhas pálpebras se fecham, sentindo o sono me pegar.

— Tenho uma pergunta — ele diz, fazendo eu me mexer.

— Hmm?

— Quando escreve nas paredes da escola, você assina as mensagens como “punk”. Por quê?

Mantenho os olhos fechados, mas solto uma risadinha fraca.

— Você se lembra da carta que escreveu sobre sua primeira tatuagem e seu pai disse que você parecia um punk?

— Lembro.

— Então, foi uma homenagem a você — respondo. — Um grito para os corajosos e infratores de regras.

— Mas por que não usar seu próprio nome?

Franzo as sobrancelhas.

— Porque não quero ser pega. — Dã.

— Tá certo... — ele diz. — Então, o que faz é se esconder no escuro para compartilhar palavras anonimamente, porque quer ser ouvida, mas não virar motivo de piada. É isso?

Abro os olhos, pensando. É isso o que eu faço?

— Você quer ser amada sem se arriscar, então procura a atenção de que precisa, enquanto desfruta do luxo de não se responsabilizar por essas palavras.

Eu começo a me encolher. Não gosto do que ele está dizendo ou do fato de que está dizendo isso, mas não posso negar que está certo.

Não quero ouvir o que acham, porque se soubessem que era eu, as reações seriam diferentes. Mas não é justo jogar as coisas na cara deles e nem se esconder embaixo de seus narizes.

— Sozinha, vazia, farsa, vergonha, temor — murmura, segurando-me mais apertado. — Ainda não entendeu? Não precisa ter medo ou vergonha. Ninguém te torna melhor além de você mesma. Não pode ser substituída. Nem todo mundo vai enxergar isso, mas só você precisa.

Ele beija minha cabeça e o abraço. Ninguém me torna melhor além de mim mesma.

Fecho os olhos novamente, ouvindo o que ele está dizendo. Eu mudei, porque acho que o que fiz não era digno suficiente. Eu permiti que ele me fizessem acreditar, mas quem os transformou em autoridades? Posso não ser mais adorada, mas também não posso ser tão infeliz.

Posso comer sozinha, mas essa não é uma companhia tão ruim, é?

Sinto ele se mexer embaixo de mim e, em seguida, um cobertor cobre minhas pernas e meu corpo, prendendo nosso calor sob as cobertas. Eu lentamente pego no sono com os sons da chuva e das batidas de seu coração.



Sinto algo aveludado fazer cócegas na minha pele e me esforço para levantar as pálpebras. O quarto está mais escuro, o sol se pôs, mas o brilho suave da lâmpada no criado-mudo ilumina a cama, e olho para a janela, vendo que agora está escuro lá fora. A chuva bate forte, ecoando pelo telhado e troveja muito lá fora.

Misha está com o peito descoberto e deitado ao meu lado, com a cabeça na minha bunda.

Que está de fora, porque subiu a minha camiseta.

— O que está fazendo?

— Shh, não se mexa — manda, movendo uma caneta sobre a minha pele. — Você é a coisa mais próxima que eu tenho para escrever.

Sorrio, fechando os olhos de novo. É melhor que não esteja usando um marcador permanente. Porque levaria dias para sair.

O barulho tranquilo da chuva me acalma e dobro os braços sob a cabeça, sentindo a ponta de feltro se mover depressa sobre a pele, parando de vez em quando para colocar o pingo em algum “i” ou pontuar uma frase.

— Queria que a gente pudesse ficar aqui para sempre — penso em voz alta.

— Ah, você não vai sair daí tão cedo. Sua bunda é boa demais de se olhar.

Cruzo as pernas, provocando.

— Isso é tudo que um garoto de Thunder Bay sabe fazer com a bunda de uma garota?

Sinto um leve tapa no traseiro e dou risada.

Mas depois de uma pausa, ele para de escrever.

— Você já... — pergunta e para.

A ficha demora para cair, porém, entendo o que ele quer saber..

— Anal? — especifico. — Bem, considerando que só fiz sexo uma vez antes de você, tenho certeza de que sabe a resposta.

Certamente que eu não teria feito isso na primeira vez, por mais ingênua que fosse. E como Misha e eu não fizemos isso, assim, a resposta é não.

— Portanto somos virgens, então — diz, seu tom dando a impressão de que está gostando dessa ideia.

— Sim, virgens — resmungo. — E estou pensando em morrer assim, porque sem chance de você enfiar *aquilo lá dentro*.

Ele bufa, dando uma gargalhada.

Tampando a caneta, ele vem para cima de mim, tirando minha camiseta. Arqueio o pescoço para trás, encontrando sua boca e o beijo. Seus dentes mordiscam minha pele e enviam um choque elétrico através da barriga, descendo direto entre as minhas coxas.

Acho que tirar um cochilo foi bom. Ele desliza a mão sob o meu peito, apalpando-o e já estou excitada.

— Isso é bom? — pergunta.

Olho para seus lábios, indo atrás de mais. Porra, sim.

Eu gemo, os olhos quase rolando para trás da cabeça conforme sua boca percorre meu pescoço, me devorando com beijos quentes e exigentes. Ele esfrega os quadris em mim e sinto a protuberância endurecida entre suas pernas.

— Fale comigo — sussurra. — Preciso de suas palavras.

Conversar? Agora?

Sua mão desliza pelas minhas costas nuas, afastando meu cabelo e fazendo cócegas na minha pele. Ele segura minha bunda, aperta e, sem pensar, ergo o joelho para o lado, me abrindo para ele.

— Antes de te conhecer — eu digo contra seus lábios. — Tive fantasias com você.

— Mas você não sabia como eu era.

— Sabia que você era Misha — respondo. — Isso bastava.

Ele geme, mordiscando minha orelha e mergulhando a mão entre as minhas pernas, seus dedos deslizando dentro de mim.

Fecho os olhos, o prazer dele me enchendo, me deixando mais molhada.

— Uma noite estava caindo uma tempestade, igual hoje — digo. — As luzes se apagaram e, durante o resto da noite, ficou tudo escuro e quieto.

Seus dedos saem, girando em torno do meu clitóris, e eu estremeço.

Minha respiração fica ofegante, e incapaz de impedir os quadris de tentar esfregar na cama e em seus dedos.

— Reli todas as suas cartas naquela noite — ofego. — Adoro as que você conta que conseguiu seu primeiro carro e como você e seus amigos foram presos por beber em alguma fazenda. Você parecia bastante malvado, tão divertido. — Eu me inclino para trás, ansiando por sua boca de novo. — Mas a carta que eu mais amo de todas é quando disse sobre sua ex-namorada depois que terminaram. Fiquei tão brava no começo. Você tinha uma namorada e não me contou, mas... acho que foi quando eu percebi que...

— O quê? — ele arfa.

— Que eu queria você. Que você era meu.

— Eu era — garante ele. — Não demorou muito para eu perceber que não podia falar com alguém como faço com você.

E eu sinto o mesmo. Sempre senti. Não podia sair com ninguém sem compará-los a Misha. Ele tinha todo o direito de namorar, e tenho certeza de quem quer que ela fosse – ou elas fossem, porque provavelmente foram mais que uma –, não eram pessoas ruins, mas eu ainda me sentia possessiva. Eu o conheci primeiro. Ninguém ia conhecê-lo melhor do que eu. Sei que não tinha o direito de sentir essas coisas, e é por isso que jamais contei isso a ele. Até agora.

— Comecei a fantasiar sobre você naquela noite chuvosa. Foi a primeira vez que sonhei com você.

— O que você fez? — Ele empurra dois dedos profundamente, esfregando meu ponto G e se esfregando em mim. — Você queria ser ela?

Neguei com a cabeça.

— Queria que você me visse. Que me visse e me quisesse muito. Que não quisesse só as minhas cartas, mas meu corpo, também.

— O que você fez? — sussurra no meu ouvido.

Eu gemo, sentindo uma onda de prazer tomar conta das coxas e da minha boceta, e vou de encontro a seus movimentos, querendo ser preenchida.

— Eu deitei na cama — digo. — E não consegui parar de pensar em você. Estava tão escuro e o ar-condicionado não estava funcionando. Quanto mais eu pensava, mais quente eu ficava... até que...

— Até o quê? — Ele bombeia minha boceta mais rápido, esfregando o pau mais forte. — O que você fez?

— Subi minha camiseta...

— Ah, é?

— E imaginei que você estava no canto do meu quarto, escondido nas sombras, observando eu me tocar.

— Não pare.

— Minha pele estava úmida de suor, porque estava quente demais — gemo, levantando a mão e segurando sua nuca. — E deslizei a mão dentro da calcinha...

— Gostava do que estava vendo?

— Sim. Nós sempre fomos apenas amigos. Tão tranquilo, relaxado e uma graça, mas eu queria que você me quisesse. Que você me visse e precisasse estar dentro de mim.

— Você gozou? — ele rosna baixo no meu ouvido conforme rebolo contra ele. — Você gozou, pensando em mim te observando?

Aceno, completamente perdida na lembrança e nos dedos dele.

— Sabia que faria qualquer coisa que você me pedisse. Deixaria você ter qualquer coisa que quisesse.

— Isso é verdade?

— Qualquer coisa.

Ele tira os dedos de dentro de mim e eu o ouço abrir as calças.

— E o que você quer? — pergunta, seus dedos deslizando pela minha bunda outra vez.

Eu sei o que ele quer. Meu coração está martelando descontroladamente e estou tremendo de desejo.

Inclino a cabeça para trás de novo, ofegando sobre sua boca.

— Quero você em todos os lugares.

Eu sinto o sorriso dele se curvar contra os meus lábios antes de me beijar. Ele volta a mover os dedos entre as minhas coxas, esfregando e me deixando mais molhada com a necessidade.

— Em toda parte? — sussurra.

Concordo. Sou sua. Tudo de mim.

Quero ele em cima de mim.

Sua respiração estremece sobre meus lábios.

— Não faça isso porque acha que eu quero — implora. — Eu só quero o que você quer me dar. Preciso saber que confia em mim novamente.

Seu cabelo escuro está caído na testa e seus lindos olhos me dizem tudo o que preciso ouvir, sem dizer uma palavra.

Ele me machucou e eu o machuquei, mas merdas acontecem e o amor não muda. Ele me faz mais feliz, me fortalece, e sabe de tudo e ainda me quer. Se ele sente o mesmo, então é isso. O negócio é pra valer.

Somos nós, juntos.

Minha mãe me disse uma vez: “A vida tem cinquenta desvios errados em uma estrada esburacada. Tudo o que você pode fazer é torcer para que acabe em algum lugar legal”.

— Eu confio em você — digo, mergulhando em sua boca. — Eu quero você.

Ele esfrega a umidade entre minhas pernas mais para cima, e eu

deslizo a mão entre mim e a cama, esfregando o clitóris enquanto ele se posiciona. Estou latejando em todos os lugares, e meu coração bate acelerado quando ele empurra a ponta e para. Eu ofego, sentindo um ligeiro ardor.

Eu me contraio em volta dele, respirando com dificuldade e me esfregando mais rápido.

— Ryen — arfa. — Quer que eu pare?

Sacudo a cabeça, em negativa, me sentindo tão cheia é tão gostoso. Não esperava isso.

— Não. Eu quero mais.

— Caralho...

Ele desliza lentamente por todo o caminho, e eu arqueio a bunda para cima, melhorando a posição para ele.

— Puta merda — rosna baixo. — Você é tão gostosa. Eu preciso...

Fecho os olhos, cada nervo vivo pulsando com desejo. Ele se inclina nas minhas costas, me beijando enquanto sai e entra mais fundo.

— Ahhh — eu gemo em sua boca.

— Está tudo bem?

— Não — choramingo. — Vá mais rápido.

Ele sorri, apoiando-se sobre uma das mãos e segura minha coxa onde a perna e quadril se encontram com a outra.

— Tem certeza?

Aceno com a cabeça, intenso prazer me inunda e me faz apertar os travesseiros conforme arqueio o pescoço para trás para encontrar seus lábios.

— Confio em você — respondo.

E ele morde meu pescoço e começa a me foder mais forte, sem se segurar e com nenhum de nós sem fazer barulho.

Pelo resto da noite.



RYEN

Meu corpo inteiro parece que foi sacudido por um tornado. Os músculos do braço estão doloridos, o pescoço dói, tenho hematomas nos quadris, e minha bunda...

Foi divertido enquanto estava acontecendo na noite passada, mas depois de acordar hoje cedo com dor em todos os lugares, eu disse a ele que não podemos repetir isso.

Ele respondeu que meu corpo não estava acostumado, e que deveríamos fazer mais.

Cara, nossos professores da quinta série ficariam orgulhosos.

Estaciono em uma vaga no estacionamento da escola e gemo ao sair cuidadosamente do jipe. Nós ficamos acordados a metade da noite e, embora não esteja cansada, estou um pouco arrependida de não ter ficado em casa e de molho na banheira hoje. Dou aula de natação hoje à noite, e esqueci o analgésico em casa.

Pego minha bolsa com o maiô e uma muda de roupa, de trás do carro. Depois que acordamos está manhã, Misha me trouxe de volta na escola para

pegar meu jipe, e então, ele foi para o Cove arrumar suas coisas enquanto fui para casa tomar banho e me trocar.

Não sei se ele estará na escola hoje, mas logo sinto mãos circulando minha cintura e começo a tremer quando sinto um sussurro por trás no meu ouvido:

— Está dolorida? — brinca ele.

Arqueio uma sobrancelha e me viro, vendo-o sorrir para mim.

— Está de sacanagem comigo?

— No entanto, foi divertido.

Não consigo evitar o sorriso quando minhas bochechas esquentam. Sim, foi.

Entramos na escola e caminhamos até o meu armário, e noto que ele continua do meu lado.

— Estou bem, viu? — comento. Ontem – Trey, Lyla e o refeitório – parece apenas uma lembrança, a anos-luz. Não estou assustada.

— Eu sei.

— Masen — alguém chama.

Eu me viro e vejo a Sra. Till, professora de arte, carregando um papel rosa. Ela entrega para ele, falando gentilmente:

— A diretora gostaria de vê-lo na sala dela. Ela pediu que eu te entregasse isso na primeira aula, mas acabei vendo você. Acho bom ir agora mesmo.

Ele pega o papel, e ela dá um tapinha no braço dele, indo embora. Misha não lê, apenas o amassa, fazendo uma bolinha e joga no chão.

— O que você está fazendo? — pergunto. — Se ela não conseguir contatar seus pais sobre as brigas, pode acabar chamando a polícia. Quer ser descoberto?

— Acho que nós dois sabemos muito bem o que acontece quando vou preso — retruca, um olhar arrogante em seu rosto.

Reviro os olhos. Sim, tudo bem, Playboyzinho.

Pegando meu caderno de desenho, vejo o cachecol de cashmere ainda pendurado no armário, e algo me ocorre. Ele me deu um cachecol novo na primeira semana. Com cheiro de perfume nele.

— De quem é o cachecol que você tentou me dar aquele dia?

Seus olhos abaixam, parecendo tristes.

— Da Annie.

Annie, a irmã dele?

E então meus olhos se arregalam e me viro para ele, lembrando do que eu disse.

— Ah, meu Deus — solto. — Annie. Desculpa. Não quis dizer tudo aquilo.

Eu me encolho. Eu a chamei de puta, pensando que era uma garota qualquer que deixou as roupas no banco de trás da caminhonete dele. Merda.

— Tudo bem. — Ele dá um meio sorriso. — Eu sei que você não sabia.

Urgh. Eu me sinto péssima. Sou a pior.

— Bem, você não podia me dar isso, de qualquer maneira — repreendo. — Ela ia querer de volta.

Ele fica quieto, evitando meus olhos.

Esqueci completamente da irmã dele com todo o drama. Ela é aluna do terceiro ano. Onde ela estava ontem à noite? Seu pai deve ter chegado em casa durante o meu cochilo, porque Misha teve que trancar a porta mais tarde para que ele não nos pegasse no flagra, mas nunca mencionou a Annie.

— Sr. Laurent.

Viro a cabeça e vejo a diretora Burrowes vindo pelo corredor. Alunos se movimentam, todos indo para a primeira aula.

— Minha sala — manda. — Agora.

Ele se afasta dela.

— Não, obrigado.

Fico paralisada no lugar, observando. Vai logo, Misha. Ela não vai poupá-lo, e isso só piora as coisas.

— Agora.

— Prefiro não deixar minha amiga sozinha enquanto aquele pedaço de merda do seu filho está perambulando pelos corredores — diz rispidamente. — Não existem leis sobre predadores sexuais não poderem ficar a uma determinada distância de uma escola?

A raiva retorce o rosto dele.

— Se eu tiver que pedir de novo, vou chamar a polícia.

— Mi-Masen — eu me corrijo. — Vai, por favor.

Burrowes coloca a mão nas costas dele e gesticula para ele se mexer.

Mas ele se afasta do seu toque, fazendo cara feia.

— Vá se foder. — Ele olha para ela e depois se vira para mim. — Estou indo embora. Já acabei por aqui. Estarei no Cove depois da escola.

— O quê? — pergunto.

Ele me beija na testa e lança um último olhar para Burrowes antes de caminhar pelo corredor e sair pela porta da frente. Olho em volta e vejo que outros estudantes estão assistindo a troca de farpas.

Burrowes encontra meus olhos brevemente, mas não vai atrás dele. Virando-se, ela volta pelo corredor e desaparece no mar de corpos apressados para a aula.

Misha se foi, e fico um pouco aborrecida que ele prefira deixar a

escola e a mim do que lidar com ela. Se ele voltar para Thunder Bay, quase não o verei. Pelo menos até as férias de verão.

Que diabos está acontecendo com ele?

E agora que finalmente paro um pouco mais para pensar nisso, ele ainda não respondeu todas as minhas perguntas.

Por que ele está aqui? Por que Trey estava com o relógio dele? E por que está ficando no Cove?



Todo mundo vai para a próxima aula ou para o almoço, e estou do lado do bebedouro, enchendo minha garrafa de água. Não tenho vontade de enfrentar o refeitório hoje, apesar de estar com um pouco de fome.

Sei que devo entrar. Eu deveria sentar em uma mesa sem a proteção do meu telefone, dever de casa, ou um livro, e simplesmente ficar lá. Se escutar sussurros, então que seja assim. Que falem à vontade.

Mas por algum motivo, não tenho essa disposição em mim hoje para isso. Talvez eu não queira vê-los. Talvez não tenha vontade de ficar coberta de suco a metade da noite, já que ficarei até mais tarde.

Quem sabe hoje, eu esteja apenas me permitindo desistir.

O corredor se esvazia lentamente, os sapatos rangem no chão e os armários se fecham. O barulho das bandejas e a tagarelice das conversas entram no corredor, e ouço uma porta abrir à minha esquerda. Olhando para cima, vejo Trey saindo do banheiro. Ele segura um cordão preto com uma flâmula presa a ele, e caminha até a lata de lixo, ele a estica e rasga, e depois joga fora.

Isso é do Manny, acho. É um dos colares góticos que ele usa com o

nome de alguma banda ou algo assim.

Trey levanta os olhos e me vê, e fecho a minha garrafa de água e passo por ele, ficando bem longe e à direita para subir as escadas para a biblioteca.

Mas ele corre e me para, me prendendo contra a parede.

Solto um suspiro pesado, ficando brava.

— Cadê o seu guarda-costas? — pergunta, inclinando as mãos na parede ao meu lado, bloqueando minha fuga. — Ah, é verdade. Ouvi dizer que ele abandonou a escola. Ele vai voltar?

Empurro o braço dele, tentando escapar, mas ele me empurra de volta, e deixo a garrafa cair.

— Fique longe de mim — resmungo.

— A culpa é sua — responde. — Não deveria ficar sozinha comigo. Você tem pedido por isso.

Olho dos lados, procurando por um adulto. Mas o corredor está quase vazio.

— Sabe o que acho que vou fazer? — Ele me dá um sorriso doentio. — Uma noite dessas, vou te pegar no estacionamento depois das suas aulas de natação, e vou abrir essas lindas pernas e te foder ali mesmo no chão. Gostaria disso, gata?

— Eu não tenho medo de você.

— Mas consegue ser mais rápida do que eu? — Um olhar divertido cruza seus olhos. — Seu namorado foi embora agora. Todo canto que você virar, toda noite quando for dormir, eu estarei lá, e vou descobrir exatamente o que estou perdendo.

Ele se afasta da parede e cerro as mãos, percebendo que estão geladas até os ossos.

— Você é igualzinha a qualquer outra vagabunda nessa escola. Todas

querem isso.

Respiro fundo enquanto o vejo caminhar pelo corredor até o refeitório, tentando desacelerar minha pulsação.

Não estou preocupada se ele pensa que acha que pode se safar. Vou conversar com a minha mãe esta noite e levar ao conhecimento da diretora. Se ela não lidar com ele, então vamos passar por cima dela. Ele não vai me ameaçar outra vez.

Eu saio para subir os degraus, mas vejo a porta do banheiro masculino que Trey saiu e me lembro do colar preto.

Ele deve ter tirado aquilo de Manny. Se Manny está lá, por que ainda não saiu?

Olho ao redor, não vendo ninguém no corredor, e corro até a porta do banheiro, abrindo-a devagar.

— Manny? — chamo.

Por que diabos estou fazendo isso? Ele não vai querer me ver. Tenho certeza de que ele está bem.

— Manny, é a Ryen — eu digo.

Não escuto nada e, por um instante, acho que o banheiro está vazio, mas depois ouço um arrastar e passos lá dentro.

Eu me aproximo das cabines vazias, ando na frente das pias até o espaço escondido onde os secadores de mãos ficam.

Manny está de costas para mim, com a mochila pendurada na mão direita e a cabeça inclinada.

Ele está tremendo.

— Manny?

Ele levanta a cabeça, mas não se vira.

— Saia — exige. — Fique longe de mim.

— Manny, o que aconteceu?

Dou um passo de lado, tentando ver seu rosto, mas então vejo algo, e paro. Sangue escorre de sua orelha e desce pelo pescoço.

O buraco em seu lóbulo onde um alargador preto costumava ficar agora está vazio, e ele está sangrando, embora pareça ter estancado.

Trey. Ah, meu Deus, ele arrancou aquilo da orelha dele?

Dou um passo em direção a Manny, mas ele recua, se afastando.

Claro. Por que ela ajudaria? Ele me enxerga como sendo tão perigosa quanto Trey.

Ele acha que irei discriminá-lo. E por que não o faria? Fiz isso no passado.

Pesar enche meu coração. Quantas vezes eu o fiz se sentir sozinho?

Fico plantada no lugar, não querendo assustá-lo, mas quero ajudar.

— Não será sempre assim.

— Sempre foi assim — retruca.

Eu fico ali, pensando na escola primária. Manny e eu nos demos bem até a quarta série quando eu... mudei. Mas mesmo antes disso, ele estava à margem do que acontecia. Ele era pequeno e magro, nunca escolhido para os jogos e, muitas vezes, se metia em encrenca por não entregar as lições. Eu soube então que ele tinha um pouco de problemas em casa, mas outras crianças não entendem coisas desse tipo. Apenas julgam.

— Quando eu era pequeno — continua ele. — Costumava ir para casa e fugir disso. Mas agora somos maiores. Temos o Facebook, e tudo o que dizem sobre mim durante o dia, eu vejo online todas as noites.

Posso ouvir as lágrimas em sua voz e quero pegar algumas toalhas de papel para limpar o sangue, mas também não quero que ele pare de falar:

— Um de seus idiotas empurra minha bandeja e despeja comida em

cima de mim, e a primeira coisa que todo mundo faz é pegar seus telefones. E daí tenho que reviver isso através das fotos no meu feed toda hora; até mesmo dias e semanas depois. Repetidamente. Não consigo mais escapar disso. Nem mesmo quando saio da escola.

Nunca parei para pensar nisso. Quando éramos mais jovens, a dinâmica de amizades e adaptação só era difícil na escola. Quando íamos para casa, ficávamos livres, e a maioria de nós, com sorte, se sentiu seguro lá. Agora, a única coisa que deixamos na escola é a escola. A pressão, a fofoca, os sentimentos ruins, nos acompanham para casa. Não há como fugir disso.

— É constante. A humilhação...

— Não vai ser sempre assim — eu digo de novo, me aproximando.

— Minha família vê isso, minhas irmãs e os amigos delas. Eu os envergonho. — Ele treme, soluçando de novo. — É por isso que eu fico chapado.

Ele puxa um pano e uma latinha de spray da mochila, e chego mais perto, o nó aumentando na garganta.

— Tão chapado quanto possível e quantas vezes for capaz de ficar — diz ele. — Para poder suportar a porra da dor de respirar e comer e olhar para pessoas como você.

— Manny...

— Quando tudo é doloroso... — Ele deixa cair a mochila e borrifa o spray no pano. — Você começa a se perguntar “qual é o objetivo?” Ninguém tá nem aí, e você começa a se ligar menos ainda. Só quer que a dor pare.

Ele leva o pano até o nariz e eu me jogo nele, derrubando o pano da mão dele e pego a lata.

Eu o abraço e aperto, ambos começando a chorar.

— Está bem. Tudo bem — sussurro.

Largo as coisas no chão e abraço seu corpo frágil, tremendo enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto. Que porra é essa? Como chegamos a esse ponto? Ele não era assim quando criança. Nenhum de nós era.

Ele respira fundo e penso em todas as vezes em que não pensei nele e nas coisas que não estava vendo. Todas as vezes eu ignorei o que estava acontecendo por causa do medo de ficar sozinha, vazia e envergonhada de quem eu era.

Fomos crianças antes e gostávamos de nós mesmos. Éramos felizes. Como isso mudou?

Eu me afasto e jogo as coisas no lixo, molhando algumas toalhas de papel para ele limpar o pescoço.

Entregando-as para ele, eu me inclino na pia e tento acalmar os soluços no meu peito.

Que loucura. Como ele pode se machucar assim? Ele deveria saber que vai melhorar. O mundo se abrirá e não nos sentiremos tão aprisionados. Você só precisa aguentar.

Mas eu olho para ele, vendo as lágrimas cobrirem seu rosto, as olheiras e o olhar distante. Ele distraidamente limpa o sangue do pescoço, parecendo completamente vazio e com o semblante de quem se cansou de tudo.

Limpo minhas lágrimas e tento firmar o tom de voz:

— Não será sempre assim. — Eu quero que ele saiba disso.

Mas ele apenas me olha, como quem está por um fio.

— Quando vai melhorar?

Meu coração dói. É, quando? Quanto tempo ele tem que esperar?

Sempre deve haver esperança – nós mudamos, nosso ambiente muda e nossas comunidades mudam. As coisas vão melhorar.

Mas isso não significa que somos impotentes nesse meio-tempo,

também. Não posso mudar a vida dele, mas posso fazer isso.

Pego sua mochila e entrego para ele, endireitando-me. Segurando a sua mão, eu saio com ele pelo corredor e o vejo jogar o pano molhado no lixo ao sair.

Nós atravessamos o corredor até o refeitório, e relaxo meu aperto em sua mão, caso ele queira soltá-la.

Mas ele não solta. Nós andamos de mãos dadas até a fila para pegar o almoço, já ouvindo o ruído ensurdecedor diminuir um pouco e sussurros vagando pelo lugar.

Eu entrego uma bandeja para ele e pego uma para mim.

— Por que você está fazendo isso? — pergunta em voz baixa. — Você não gosta de mim.

— Sempre gostei de você. — E viro meus olhos para ele. — E eu preciso de um amigo.

Ele levou para o lado pessoal eu ser uma idiota com ele, mas não era. Nunca deixei de gostar de Manny.

Nós seguimos a fila e sinto minhas costas quentes. Espero que seja a minha paranoia, sentindo todos aqueles olhares. Se não for, acho que anunciei um desafio. E sem Misha aqui desta vez para me proteger. Aqui vamos nós.

— Eu sempre como na biblioteca. — Ele olha em volta, nervoso.

Pego um copo de gelatina.

— O refeitório é onde nós comemos.

— Todo mundo está olhando para nós.

— É porque a sua bunda é melhor do que a minha, é por isso.

Uma risada escapa dele, mas rapidamente a desfaz, provavelmente porque não tem certeza se pode confiar em mim. Eu não o culpo.

Nós carregamos nossas bandejas com batatas fritas, macarrão com

queijo e brownies. Também pego refrigerante, porque foda-se, estou com fome e quero beber algumas calorias hoje.

Depois que pagamos, sigo até uma mesa redonda e olho para trás, para confirmar que ele está vindo comigo.

Seus olhos se movem para a esquerda e para a direita, carregando a bandeja e mochila, ele provavelmente está meganervoso. Afinal, não me lembro da última vez em que o vi aqui, e todo mundo está olhando para nós.

Mantenho os olhos para frente e coloco a minha bandeja na mesa, me sentando. Ele rapidamente desliza na cadeira do outro lado, e mesmo que os pelos do meu corpo estejam de pé e eu esteja ciente de cada maldita pessoa aqui, respiro profundamente e dou um sorriso tranquilizador a ele.

— Viu? — digo, orgulhosa e abro meu refrigerante. — Já está melhorando.

Mas então algo cai na minha frente, a comida respinga, e eu arfo, instantaneamente parando enquanto macarrão e queijo espirram no meu braço e cabelo.

Mas que por...?

— Uouuuu! — Uivos soam pela sala, seguidos de risadas, e sei que está vindo da minha antiga mesa. As pessoas ao nosso redor percebem e começam a rir, algumas pegando seus telefones para tirar foto.

Fico ali, congelada no lugar.

Eu olho para cima, vendo um grosso macarrão com queijo pendurado no cabelo, caindo na minha testa, e travo os olhos com os de Manny quando ele se aproxima e pega a maçã que foi jogada na minha bandeja. Ele olha para mim, parecendo surpreso, mas depois seus olhos sobem para o macarrão e ele bufa.

— Ei — resmungo. Isso não é engraçado!

Mas ele está sorrindo mesmo assim, tremendo de rir.

Reviro os olhos, sentindo dor no estômago, mas coloco a bebida na mesa e tiro o macarrão do cabelo. Pegando um guardanapo, começo a limpar onde o queijo espesso está grudando no braço.

— Oi — diz a voz de um garoto.

Olho para cima, vendo JD puxar uma cadeira. Ele pega a maçã de Manny e arremessa pelo refeitório, na direção de onde ela veio. Não olho, mas escuto um estrondo e gritos.

— O que você está fazendo? — pergunto, vendo ele recostar-se na cadeira, relaxando.

Ele dá de ombros, pegando meu refrigerante e abrindo a tampa.

— Bem, quando sua garota trepa com seu melhor amigo, está na hora de uma nova garota e um novo melhor amigo, acho.

— A gente gosta mais de você mesmo — alguém diz.

Viro a cabeça e vejo Ten sentando ao lado de Manny. Ele olha para o garoto.

— Oi.

Manny se retrai, de repente parecendo estar com medo até de olhar para qualquer um deles.

— Oi — murmura ele.

JD toma um gole do meu refrigerante.

— Quando descobriu? — pergunto. Tenho certeza de que Misha não teria contado.

— Um pouco antes de escrever a mensagem no gramado, expondo-a.

Minhas sobrancelhas sobem, e Ten olha para ele, chocado.

— Foi você? — solto.

Puta merda. Se ele sabia, então porque apenas ficou por perto e bancou o burro perto deles o tempo todo?

— Acho que eu estava com medo de ficar sozinho — explica ele. — Até que vi você fazendo isso cinco segundos atrás.

— Você não é “Punk” — sonda Ten, soando mais uma pergunta do que uma declaração.

JD apenas balança a cabeça.

— Ah, não. Foi só daquela vez.

Por um momento, eu me pergunto se devo dizer a eles quem é “Punk”, mas não. Hora errada, lugar errado, e não tenho certeza se “Punk” já acabou com suas mensagens. Não quero me revelar até que eu esteja pronta.

Termino de me limpar e abro o saco de batatas fritas, feliz que todos no refeitório pareçam ter retomado suas conversas. Graças, sem dúvidas, à chegada de JD e Ten.

Acho que o que eu sempre pensei é verdade. Há segurança em grupo.

— Arranjei uma limusine para o baile — JD diz, olhando para todos. — Vamos todos juntos?

Ten concorda, mas Manny e eu ficamos em silêncio. Eu confio em Ten, mas ainda não sei se posso confiar em JD. Tudo o que percebi nas últimas semanas me diz que ele está em ascensão, mas agora sou paranoica. Não quero ser enganada para ir ao baile de formatura e poof... acabo encharcada de sangue de bicho, igual no filme “Carrie, a estranha”.

— Isso não é uma brincadeira, é? — pergunto. — Você está de boas?

Ele me olha pensativo.

— Se Masen não estiver lá, eles terão que passar por cima de mim para chegar até você. — E então ele olha para Manny. — E em você, também. Acredite em mim. Ninguém gosta de me enfrentar.

Não consigo deixar de sorrir. Ele é um futuro jogador de futebol americano da USC[2] de oitenta e dois quilos, e embora sempre tenha sido

inofensivo, as pessoas sabem que não devem brincar com ele.

— Boa ideia. Eu adoraria. — Eu me viro para Manny. — E você?

— Você tem um vestido? — brinca Ten, perguntando a ele.

Manny franze a testa, olhando feio para ele.

— Você tem?

Ten sorri e Manny parece relaxar um pouco.

Ele não responde, mas vou ligar para ele mais tarde. Ele não confia em nós e não quero pressioná-lo agora.

Todo mundo fica ocupado comendo. JD rouba comida das bandejas de todos, e eu pego meu telefone para mandar uma mensagem para Misha. Espero que ele não se importe de ser convidado para o baile.

Mas depois penso melhor e vou no Google para procurar o perfil do Facebook dele. Li muito sobre a sua vida e agora gostaria de ver, eu acho. Penso que a última coisa que ele quer conversar agora seja sobre o baile de formatura, mas gostaria de já dizer logo de uma vez para ele pensar, pelo menos.

Mas quando digito Misha Lare Grayson no mecanismo de busca e desço para encontrar o que preciso, de repente, eu me perco em mais informações do que consigo suportar.

Eu fico sem chão e meu coração dispara.

Ah, meu Deus.

[2] **Universidade do Sul da Califórnia**



RYEN

O Cove paira à frente, grande e imponente sob as nuvens cinzentas. Estaciono do lado da caminhonete de Misha e desço do jipe, indo até a entrada.

Agora eu sei porque ele parou de escrever há três meses.

Nunca deveria ter deixado passar tanto tempo sem procurá-lo. Fui completamente egoísta ao ficar à espera de que ele aparecesse e me escrevesse de volta – supondo que seu problema fosse pequeno e insignificante – e que proteger o estado atual do nosso relacionamento era mais importante.

Claro que ele não teria parado de escrever por causa de qualquer coisa banal. Ele esteve comprometido comigo por sete anos. Por que pensei que ele seria tão arrogante em me deixar do nada?

E agora sei por que está se escondendo aqui, longe também de seu pai. Tudo faz sentido.

Quase.

Entrando no parque, sinto a brisa fresca do temporal roçar nos meus braços. O ar está denso e pesado, e as nuvens ameaçam despejar mais. Eu me abraço, me protegendo do frio.

Olhando em volta, passo pelos brinquedos e antigas barracas de jogos, avistando o pavilhão de funcionários à frente. Entro e sigo até as escadas escuras, na hora vejo uma luz no corredor.

Este lugar me assusta. Ouvi dizer que algumas pessoas de Thunder Bay estavam comprando a propriedade e tinham planos de derrubar o antigo parque e transformá-lo em um hotel com um campo de golfe e uma marina e esses tipos de coisas, mas poderia ter sido apenas um boato.

Ficaria triste em ver o lugar desaparecer, mas... Eu viro os cantos esperando que palhaços assustadores cacarejando no meio da deterioração.

Muitos filmes de terror, acho.

O quarto de Misha está iluminado, e vejo a lâmpada na mesa de cabeceira acesa, bem como algumas velas em outra mesa do outro lado do quarto. Ele está deitado de costas na cama, com os pés no chão e fones nos ouvidos enquanto batuca com um lápis na coxa.

Tem algumas caixas que parecem estar cheias com seus pertences ao lado da porta, mas além da cama, da mesa e da lâmpada, todo o resto está guardado.

Eu sorrio, incapaz de afastar os olhos dele. O jeito que seu pé está batendo no ritmo da batida que escuto tocar nos fones de ouvido, a maneira como o piercing faz sua boca parecer algo comestível, e o cabelo castanho-escuro – quase preto – espalhado como se tivesse acabado de sair de uma ventania.

Meu coração dói, sinto frio na barriga e respiro profundamente, sentindo um arrepio percorrer pela espinha.

Eu o amo.

Eu me aproximo, subo em cima dele, montando em sua cintura e plantando as mãos em ambos os lados de sua cabeça. Ele se assusta e abre os

olhos, seu olhar se tornando gentil e feliz ao me ver.

Ele tira os fones de ouvido.

— Você está bem?

Sei que ele provavelmente ficou preocupado em me deixar na escola sem ele com Trey e Lyla por perto. Eu aceno.

Fico tentada a contar a ele sobre o meu dia. As ameaças de Trey, Manny no banheiro, JD e Ten no almoço. Mas chega de distrações.

— Por que não me contou sobre Annie? — pergunto.

Sua expressão fica triste e ele lentamente se senta. Eu desço do colo dele, deslizando para a cama e me sento ao seu lado.

— Eu ia — diz, evitando meus olhos ao desligar o iPod. — Só estava esperando que nos acalmássemos.

Posso entender, mas não estou falando sobre quando ele veio aqui como Masen. Estou falando em suas cartas.

— Eu ouvi sobre isso e vi o nome online — digo a ele. — Mas... por que me disse que seu sobrenome era Lare?

Quando descobri sobre a garota de dezessete anos que morreu na Old Pointe Road por causa de um ataque cardíaco, li que o nome dela era Anastasia Grayson.

Annie, eu sei que é a abreviação de Anastasia, porém, Misha nunca me contou seu verdadeiro sobrenome?

— Lare é o meu nome do meio — responde. — Um nome de família. Todos em Thunder Bay conhecem os Graysons e meu avô é importante. Sempre houve pressão para ser e agir de certa maneira. Era tão irritante quando criança, e quando comecei a escrever, vi como uma oportunidade de ser livre. Nem pensei que uma criança da nossa idade provavelmente não saberia quem era o senador Grayson. — Ele dá uma risada fraca. — Eu mudei para Lare legalmente quando

fiz dezoito anos, no entanto. Combina comigo muito mais.

Parece que não fui o único fingindo ser outra pessoa.

— Ela era uma estudante brilhante — explica. — Uma atleta, e sempre foi uma figura perfeita. Eu me perguntei como ela fazia aquilo, como arrumava tempo e energia para ser tudo o que era, mas não foi até ser tarde demais, que percebi o que ela estava fazendo com seu corpo. Havia sinais e nós não vimos. Pegando dinheiro da minha carteira, as horas que ela ficava acordada, o apetite diminuído...

Li os detalhes quando a polícia finalmente divulgou o nome dela meses atrás. Ela estava correndo, era tarde e estava sozinha. Seu carro quebrou, então eles imaginaram que ela estava tentando correr até um posto de gasolina ou algo assim.

Ela desmaiou com o telefone na mão e, quando a ajuda chegou, já tinha morrido. Mais tarde, foi constatado que ela estava abusando de drogas há algum tempo.

Não acompanhei a história e não estava muito interessada na época. Ela era apenas uma garota que eu não conhecia. Mas ouvi o suficiente para saber os detalhes, e quero me encolher, pensando nas vezes em que pensei nisso, sem perceber quem ela era.

A irmã de Misha.

— Foi na noite em que nos encontramos na festa da caça ao tesouro — digo, lembrando a data na reportagem.

Ele assente distraidamente, ainda com o olhar distante.

— Você e eu estávamos conversando na festa, e ela estava...

Morrendo. Desvio meu olhar.

— Não consegui aguentar nada depois disso — diz. — Parei de escrever porque não conseguia falar disso, mas também não conseguia falar de

mais nada. Não podia continuar como antes, e não fui capaz de encarar a realidade de ela ter ido embora. Eu me sentia mal pra caralho. — Ele finalmente olha para mim. — Eu precisava de você, mas não sabia mais como conversar com você. Ou com qualquer outra pessoa. Eu mudei.

— Você pode conversar agora.

Ele sorri, me colocando de volta em seu colo.

— É. Não sei se conseguiria desistir de você outra vez.

Encosto a testa na sua, sem saber o que faria sem ele. Odeio que tenha parado de escrever. Odeio que tenha fingido ser Masen. Mas estou tão feliz por estarmos aqui.

E, realmente, odeio que tenha sido a morte de sua irmã que o trouxe aqui.

— Entendo por que parou de escrever e por que veio aqui para fugir, mas... — Olho nos olhos dele. — Por que se matriculou na escola? Se não foi por mim, por que então?

Ele balança a cabeça, soltando um suspiro.

— Por nada.

— Misha...

— Sério, não foi nada — diz ele, me cortando. — Pensei que tinha outro motivo para estar aqui, era alguém que eu conhecia, mas não. Foi uma imbecilidade e me sinto um idiota. Não deveria ter vindo. — E então sorri, envolvendo os braços em mim. — Mas não me arrependo.

Inclino a cabeça de lado, brava. Ele está sendo reservado de novo.

— Eu te amo — diz ele. — É tudo que importa.

E parece tão calmo e feliz, que não quero estragar tudo. Respiro fundo e relaxo contra ele.

— Posso pegar o cachecol de volta?

— Sim.

— Eu te amo — eu digo, meus dedos formigando conforme meus batimentos cardíacos aceleram.

Seus dedos apertam minha cintura.

— Até que enfim, caralho.

Solto uma risada, beijando-o. Ele tem sempre que encher o meu saco.

— E acho que já está na hora de conhecer sua mãe — declara.

— Urgh, nós temos que fazer? — Faço uma trilha de beijos por sua bochecha e pescoço, mais interessada em outra coisa agora.

— Acha que ela não vai gostar de mim?

Suspiro, olhando para ele. Minha mãe é encantadora, mas é rigorosa. Ao me ver apaixonada, avoada e tudo mais, sua primeira preocupação será garantir que eu não desista da faculdade para me casar.

— Bem, você é neto de senador, então... — digo. — Podemos usar isso?

Ele bufa, balançando a cabeça para mim. Acho que é um não.

— Tá, tudo bem — resmungo. — Mas depois, tenho um favor pra pedir.

— Peça agora.

— Eh... — gaguejo. — Eu te conto na caminhonete. É meio que ilegal.



RYEN

Pego a pequena bolsa esportiva e ouço o barulho de algumas latas batendo. Bem, acho que está melhor do que estava. Não quero alertar minha família conforme desço, então enrolei as latas em algumas roupas, na esperança de abafar o som.

Esta noite é minha pequena investida final e Misha está ajudando. Só que desta vez não sinto culpa. Somos rebeldes com um motivo.

Tudo bem, um pequeno motivo, pelo menos.

Dando uma última verificada no espelho, pego a bolsa dou um sorriso ao escutar a campainha. Ele chegou.

Saindo do meu quarto, levanto a bainha do vestido enquanto desço as escadas. Minha mãe e minha irmã estão acampadas na sala hoje à noite, amontoadas em volta de uma tigela de pipoca e filmes de terror, mas na verdade, estão apenas esperando para ver Misha de novo.

Quando eu o trouxe em casa na semana passada, minha mãe imediatamente gostou dele. Muito. Principalmente com a nossa história. Ela sabe o quanto Misha significa para mim, e finalmente conhecê-lo foi incrível.

Minha irmã, creio eu, ficou apenas irritada. Ah, olha só. Ele não me abandonou. Ele gosta de mim. Ele me ama. E é gostoso.

Mas pegou menos no meu pé na semana passada, e tentei me esforçar com ela. Afinal, meu relacionamento com minha irmã é tanto minha culpa quanto dela. Ela pode ter sido uma mimada quando criança, odiando por sempre precisar segurar minha mão para que eu não ficasse sozinha, mas quando crescemos, fui eu quem se afastou. Estou tentando controlar minha boca agora e não construir uma parede toda vez que ela se aproxima. Vai levar um tempo, mas acho que chegaremos lá.

Ela até arrumou o meu cabelo esta noite.

Chego no último degrau da escada, vendo minha mãe já indo para a entrada. Abaixo para colocar a bolsa no chão e assim que me endireito, ela abre a porta.

Misha está ali, alto e vestido com terno preto, camisa branca e gravata preta. Tudo se encaixa perfeitamente nele, e até colocou a gravata direitinho. Seu cabelo foi arrumado, e a única coisa que parece a mesma é o piercing prateado no lábio. O colarinho cobre até o pedaço da tatuagem que sobe pelo pescoço dele.

Eu amo como ele normalmente é e como se veste, mas tem alguma coisa diferente nele usando um terno. Ele parece tão adulto. E muito gato.

Valorizo o esforço que ele faz para impressionar minha mãe. Quando o trouxe para casa pela primeira vez, ele pegou um moletom com capuz na caminhonete e o vestiu antes de entrarmos, puxando as mangas para cobrir as tatuagens. Ele estava preocupado que minha mãe fosse julgá-lo antes que o conhecesse.

Mas isso mudou quando ela mostrou a pequena tatuagem de Kanji – um sinal da língua japonesa – que tinha no ombro e fez na época da faculdade.

Quando aquilo era a última moda. Ele relaxou um pouco.

Seus olhos encontram os meus e depois descem pelo meu vestido, um vestido vermelho sem mangas até o chão, de gola alta e alças finas cravejadas de joias e pérolas, cruzando nas costas nuas. Minha irmã fez a minha maquiagem também, e minha mãe colocou música e fez morangos com cobertura de chocolate enquanto todas nós nos divertíamos me arrumando. Originalmente, o plano era ir com Lyla e as meninas no salão, mas hoje foi perfeito. Estou feliz por ter passado com a minha família.

Levanto as mãos, posando e provocando.

— Então, estou bonita?

Ele entra e caminha até mim, inclinando-se para beijar meu rosto.

— Essa não é a palavra que eu usaria — sussurra.

— Vocês dois estão ótimos — comenta minha mãe.

— Vocês não estão combinando — retruca minha irmã, e eu olho para ela, que está se aproximando de nós na entrada.

Ela está vestida com seu short supercurto de pijama, provavelmente para a alegria de Misha, e eu fantasio em colocar vinagre em seu enxaguatório bucal.

Combinar? Tipo, a gravata dele e meu vestido?

Mas Misha olha para ela e coloca a mão no coração, fingindo sinceridade.

— Nós combinamos aqui.

Eu bufo, soltando uma risada baixinho.

Minha irmã revira os olhos e mamãe balança a cabeça, sorrindo.

— Tudo bem, vamos — eu digo.

Eu me inclino para pegar a bolsa, que minha mãe pensa ter uma troca de roupa para as festas que não vamos mais tarde.

Mas ela grita:

— Fotos! — E eu paro.

Deixando escapar um pequeno suspiro, desço o último degrau e ele me vira, colocando minhas costas contra seu peito.

— A tradicional pose brega de formatura — explica ele.

— Ah, tudo bem, então. Se for preciso.

Minha irmã cruza os braços, parecendo descontente enquanto observa mamãe tirar fotos nossas. Mas é claro que eu quero fotos. Não sou doida por festa. Mas tenho aquela nossa primeira foto na festa da caça ao tesouro, e sinto que Misha está apenas me fazendo um favor, vindo junto com os meninos e eu. Não quero pressioná-lo.

Mas surpreendentemente, parece que ele gosta disso. Virando-me, ele me abraça e olha nos meus olhos, minha mãe tira mais algumas fotos.

Meu coração já está batendo forte, e olho para sua boca, sentindo o corpo esquentar. Eu realmente preferia ficar sozinha com ele hoje à noite.

— Urgh, arrumem um quarto — Carson reclama e vira, voltando para a sala.

Eu continuo olhando para Misha.

— Ryen, esteja em casa às duas — diz mamãe.

— É a noite do baile — ressalto. — É tipo, uma coisa que dura a noite toda.

— Duas — ela repete, olhando entre nós, seu aviso claro.

Mas eu discuto de qualquer maneira.

— Sete.

— Três.

— Três, e Misha pode voltar para o café da manhã — insisto.

Ela concorda com a cabeça facilmente.

— Tudo bem. Mas donuts. Nada de pão recheado com pimenta jalapeño.

— Eu sei.

Pego a bolsa cautelosamente, com cuidado para não fazer as latas se baterem, e sussurro para Misha quando passo por ele.

— Espero que esteja aqui bem mais cedo, porque não vou deixar você sair.

Ele ri baixinho e abre a porta, me levando para fora. Ele provavelmente não quer se arriscar e ter problemas com a minha mãe agora que se conheceram, mas sabe que não será capaz de dizer não para mim.

Nós descemos as escadas, e ele pega a bolsa de mim quando vejo a limusine parada na calçada. Eu me aproximo, paro e espero ele abrir a porta.

— Ei! — vozes flutuam de dentro dela.

Vejo JD, Ten e Manny todos sentados, comendo e bebendo refrigerantes, mas se eu conheço Ten, tem álcool rolando em algum lugar por aqui.

— Ei, por que não entraram? — pergunto enquanto subo na limusine.

— Uma foto de baile de formatura com quatro caras? — brinca JD. — Pense no que a Lyla faria com isso no Facebook.

É, está certo.

Mas, de repente, a porta se fecha, e olho rapidamente para trás, vendo Misha se inclinar e espiar pela janela aberta.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Eu te vejo no baile.

O quê?

Ele começa a se afastar e eu coloco a cabeça pela janela.

— Misha!

Ele se vira, andando de costas, e eu vejo a caminhonete atrás dele. Ele deve ter dirigido até aqui e os meninos chegaram depois.

— Não se preocupe — grita. — E divirta-se. Vou estar lá.

Fico olhando para ele, completamente confusa. Ele está levando a bolsa com ele. Não vai fazer nada sem mim, né?

Droga.

Eu volto a me sentar, franzindo a testa. Agora não vou entrar no baile com quatro homens.

Sinto a limusine começar a se mover e percebo que o interior também está em silêncio. Olhando para cima, vendo Manny, Ten e JD me encarando.

Então JD fala:

— Quem é Misha?



Vemos o Baxter Hotel todo decorado quando chegamos. Luzes brancas brilham nas árvores e lindos lampiões antigos cintilam com pequenas chamas, guiando-nos para o salão do baile. A música agitada vibra no saguão e já consigo sentir o cheiro da comida.

Nós mandamos a limusine embora, esperando que Misha esteja com o veículo dele quando chegasse aqui, mas quando entramos no baile, eu ainda não o vejo.

O salão está primorosamente decorado de preto e verde – as cores da nossa escola – com balões, velas e toalhas brancas de linho. Olho para o palco, onde a banda está tocando um cover.

— Está vendo-o? — grito no ouvido de Ten.

Ele estremece, se afastando da conversa com Manny para me responder:

— Não procurei por ele.

Tudo bem. Relaxe. Acabamos de chegar aqui.

É que as coisas finalmente se acalmaram entre Misha e eu, e estamos nos divertindo. Só não quero que algo besta estrague tudo.

Eu esclareci tudo com os caras na limusine, imaginando que não havia mais nenhum problema em contar o nome verdadeiro de Masen. Misha disse que não voltaria para a escola e tenho amigos de verdade novamente. Eu me sinto estranha mentindo.

— Quer alguma coisa para beber? — pergunta Ten, tocando no bolso do peito.

Eu dispenso.

— Quer dançar? — pergunta JD do outro lado.

Volto a olhar pelo salão, procurando por Misha.

— Sim — respondo, enfim. Por que não? Ele disse para eu me divertir.

JD me leva para a pista de dança enquanto Ten e Manny se sentam em uma mesa. Dou uma olhada para eles, vendo Manny olhando nervoso ao redor como se alguma coisa estivesse prestes a acontecer. Mas do nada... Ten se aproxima e o agarra pela gravata, puxando-o para mais perto para endireitá-la.

Eu quase dou risada. Manny parece surpreso, mas um olhar passa entre eles, e fico um pouco curiosa.

Não. Ten nunca namoraria um gótico.

JD e eu nos juntamos a todos os outros na pista de dança, nos movendo com a música enquanto alguns riem e conversam. A energia e o ambiente são incríveis. Está escuro e lotado, e isso me lembra de uma das coisas que o Misha falou em uma de suas cartas. Sobre perceber que você é um entre

muitos e não se sentir tão sozinho.

Eu quase me sinto invisível – não à mostra – e meio que gosto disso. A música termina e caio em JD, respirando com dificuldade e rindo. A máquina de fumaça e o calor de tantas pessoas ao meu redor estão me afetando. Enfio a mão na bolsinha pendurada no meu pulso e pego minha bombinha. Olho em volta, hesitante. Eu costumo ir no banheiro.

Foda-se. Inalo uma vez, vendo JD dar uma conferida em mim, mas ele só parece surpreso quando repito a inalação e tento respirar.

— Você está bem?

Aceno, mostrando o polegar para cima a ele.

— Estou bem.

Guardo a bombinha de volta na bolsa e espero ele se aproximar. Ele coloca as mãos na minha cintura enquanto dançamos lentamente.

— Não acredito no que estou vendo — diz alguém.

Eu me viro e meus olhos travam em Lyla e Katelyn, que estão com caras irritadas enquanto todos dançam a nossa volta.

Os braços de Lyla estão cruzados sobre o vestido rosa-choque.

— É quase precioso demais para fazer qualquer comentário — ironiza ela.

Katelyn dá um sorrisinho atrás dela e deixo a cabeça tombar para frente, fingindo um ronco.

— Oh, desculpa. — Levanto a cabeça, olhando para JD. — Peguei no sono. O que aconteceu?

Ele ri.

Com toda a honestidade, porém, mereço a animosidade de Lyla. Não fui uma boa amiga. Mas com ela, não tenho certeza se alguém pode ser.

Percebo Trey cambaleando em direção a ela por trás e vejo quando se

apoia sobre ela, colocando os braços ao seu redor. Seus olhos estão opacos e quase não consegue ficar de pé.

— Oi, o que é isso? — insulta, gesticulando entre JD e eu. — Ele também, hein? Você troca rápido, garota. Gosto disso.

Ah, por favor. Eu me afasto, mas não antes de ver Lyla tentando se livrar dele.

— Qual é?! — ele grita atrás de mim. — Amigos compartilham, JD. Você pegou a minha para dar uma voltinha, e eu vou pegar a sua.

Trey agarra meu braço, mas JD o empurra.

— Fique longe dela.

Trey tenta de novo, mas endureço cada músculo dentro de mim.

— Já chega!

Mas então, uma voz soa e eu paro.

— Obrigado por nos deixar invadir a festa — alguém diz, e eu pisco, percebendo que a música parou.

Tirando os olhos de Trey, eu olho para o palco e vejo Misha em pé ao microfone. Ele ainda está usando o terno, mas está com uma guitarra pendurada na frente dele, e nossos olhos se encontram enquanto um pequeno sorriso dança no rosto dele.

Dou um passo, atraída.

— Somos a Cipher Core, e essa música é dedicada à líder de torcida — diz ele.

Meu coração para na garganta, e noto seus companheiros de banda no palco, os mesmos caras que estavam com ele naquele vídeo do YouTube.

— Olha, é o Masen — diz JD, murmurando. — Quero dizer, Misha.

A bateria faz a contagem, a batida começa, e as guitarras lideram, criando uma melodia rápida e forte, mas um tom cheio de alma. A voz de Misha

flutua lenta e assombrosamente, mas rapidamente acelera o ritmo.

Vale tudo quando todos sabem

Onde se esconde quando a exaltação deles são as suas derrotas?

Tão sufocante, tão difícil, tão demorado, tão cansado,

Deixe-os te devorar até que nada mais reste.

Não se preocupe em passar gloss nos seus lábios

O gosto que neles deixam, eventualmente perde o sabor.

Quero te lamber enquanto ainda sinto seu verdadeiro tempero.

Marcado, diz a líder de torcida

Prometo que voltaremos como antes.

Tenho coisas para fazer primeiro. Você não vai esperar demais.

Não posso fazê-la ficar,

E não posso vê-la partir.

Manterei seu coração domado,

E marcado antes que ele fique gelado.

Cinquenta e sete vezes eu não liguei

Cinquenta e sete cartas eu não mandei,

Cinquenta e sete pontadas para voltar a respirar, e então, apenas fingir.

Cinquenta e sete dias para não precisar de você

Cinquenta e sete vezes para desistir de você

Cinquenta e sete passos longe de você

Cinquenta e sete noites só com você.

Seus olhos estão fechados e o rosto dele é tão lindo. Tudo dentro de mim está desmoronando, porque é a música mais perfeita que já ouvi, e eu quero que ele continue.

Quando ele escreveu isso? Quando estávamos brigando? Antes de nos encontrarmos?

Uma supervisora entra no palco depois que a música acaba e inclina a cabeça, com ar de desaprovação para a banda. Eles sorriem e tiram seus instrumentos, saindo depressa de lá, porque, embora possam ter tido permissão para tocar uma música, provavelmente não tiveram permissão para dizer algumas das palavras que estavam na letra dessa.

Dou risada quando Dane faz uma reverência dramática e o público aplaude. Eu nem sei o que aconteceu. As pessoas estavam dançando? Onde estão Trey e Lyla? Não sei e não me importo.

Misha entrega a guitarra para um dos caras, e eu avanço entre as pessoas, esperando que ele venha até mim. Ele pula do palco quando a outra banda assume de novo e começa a tocar.

Ele vem e envolve os braços debaixo da minha bunda e me levanta. Dou risada mesmo com as lágrimas molhando meu rosto.

Eu toco seu rosto, olhando para ele.

— Não queria chorar.

— Muitas de suas palavras estão nessa letra — diz. — Nós fazemos mais do que algumas coisas muito bem juntos, sabe?

— Boas e ruins.

Ele estica o pescoço para cima, roçando meus lábios.

— E eu quero tudo.

Eu o beijo, todo o resto esquecido. Então essa era “57”. Ele me mostrou alguns pedaços da música no ano passado, mas nunca a ouvi inteira.

— Eu te amo — sussurra ele. — E estou pronto para ir assim que você estiver, então, basta me avisar.

— Estou pronta.

Ele sorri e me põe no chão.

— Vamos nos divertir um pouco.

Ele pega minha mão e nós caminhamos através do mar de dançarinos, dando de encontro com JD quando passamos pelas mesas de comida.

— Onde estão indo? — pergunta.

Eu olho para Misha e ele dá de ombros.

Tem uma garota, cujo o nome eu não sei, ao lado de JD. Não quero tirá-lo dela ou da festa de mais tarde, mas...

— Pode sumir com a gente por uma hora?

Ele pensa um pouco e coloca seu prato em uma mesa.

— Estou dentro.

— Lembre-se de que você disse isso — aviso.

Ele sussurra algo para a garota e corre atrás de nós enquanto Misha bate na mesa de Ten e Manny.

— Vamos.

A gente se empoleira na caminhonete de Misha, e vejo minha bolsa no assoalho do passageiro quando entro.

— Então, para onde estamos indo? — pergunta Ten quando Misha liga o motor e sai do estacionamento.

— Para a escola.

Coloco o cinto de segurança e a bolsa no colo, abrindo-a.

— Por quê?

Dou uma olhada para Misha, tudo em sua expressão me dizendo para ir em frente e fazer uma revelação.

Pego uma lata de tinta spray lavável.

— Porque... é quase fim do ano, e tenho mais algumas coisas a dizer.

Levanto a lata e olho atrás de mim, vendo os olhos de Ten quase saltarem de sua cabeça.

— O quê? — solta.

— Você? — JD olha para mim, chocado.

Encontro os olhos de Manny, e posso ver sua cabeça girar com os pensamentos. Talvez ele perceba que fui eu quem escreveu a mensagem em seu armário naquela vez:

"Você não está sozinho. Vai melhorar.
Você é importante e não pode ser substituído.
Aguente firme."

Eu conto tudo. Como começou e o porquê fiz isso, mas também digo o que ainda preciso fazer esta noite. Uma última vez para fazer valer a pena.

E como todos terão algo a dizer sobre o assunto, achei que talvez quisessem participar. Principalmente porque Ten já mostrou que gostaria de um pouco da ação, e JD já fez isso uma vez.

— Então, estão dentro? — pergunto a eles.

— Pode crer — responde JD.

Olho para Manny, que permanece em silêncio.

— Você não tem que fazer nada.

Não estou pedindo a nenhum deles que se envolva em problemas. Eles podem esperar na caminhonete, ou podemos levá-los de volta ao baile agora mesmo.

Mas ele concorda, apontando a lata na minha mão.

— Eu quero a preta.

Tudo bem. Procuro na bolsa, distribuindo as latas e lembrando-os que devem escolher as superfícies que podem ser limpas com facilidade. Longe das TVs, cartazes, obras de arte e uniformes ou roupas nos vestiários.

Chegamos à escola e deixamos a caminhonete no lado sul, entrando pelo portão e correndo pelo estacionamento até a área da piscina.

Entrego a Misha minha lata e tiro a chave da bolsa.

— Você tem uma chave? — pergunta JD, surpreso. — Não acredito que eles nunca pensaram em questionar você antes.

Sim, eu tenho uma chave. Muitas vezes sou a última a sair da piscina e este é o meu trabalho. Sou encarregada de trancar esta porta.

— Sou Ryen Trevarrow — brinco. — A cabeça-de-vento com células cerebrais quase insuficientes para respirar.

Risadas baixas soam por nós, e destranco a porta, apressando a entrar.

— Como você sabe que ninguém vai ver isso amanhã e limpar a tinta antes de segunda-feira? — pergunta Misha.

É sábado à noite, então é possível.

Mas...

— Pedreiros estarão aqui amanhã para consertar os vazamentos — explico. — Foi pedido aos professores que ficassem fora do prédio por segurança. — Olho em volta para todos eles. — Sabem o que fazer?

— Sim.

— Absolutamente.

— Preparado.

Tudo bem, então.

— Vamos lá.



Na segunda de manhã, Misha e eu entramos na escola, olhando para a frente enquanto a tempestade cai ao nosso redor.

Uma grande parte minha sabe que não deveria ter feito isso. Existem todos os tipos de maneiras de lidar com nossos problemas, afinal. Melhores

maneiras de lidar com os assuntos que nos afetam.

Mas o que Misha disse era verdade. Todos somos feios, não somos? Alguns usam a feiura e outros a escondem.

Acho que me cansei de Trey escondendo isso.

E todos permitiram que ele a mantivesse escondida.

Fiz uma coisa muito, muito ruim.

— Ah, meu Deus — um cara murmura ao meu lado, e eu o vejo lendo algo que escrevi no sábado à noite.

— Ei, você viu isso? — uma menina ofega, perguntando à amiga conforme olham, boquiabertos, para a parede oposta.

Olho para o corredor, vendo várias mensagens escritas aqui e ali e as pessoas agitadas, absorvendo tudo.

"Não deveria ficar sozinha comigo. Você tem pedido por isso.

Trey Burrowes"

"Ainda consegue achar o seu pau, seu bicha?

Trey Burrowes"

"Vou transar com ela e depois com a mãe dela. Observe.

Todo canto que você virar, toda noite quando for dormir, eu estarei lá, e vou descobrir exatamente o que estou perdendo."

"Não demora muito para que as vagabundinhas como você se tornem putas assim que sentem o gosto disso."

"Você deveria ter visto como nós pegamos aquela garota na semana passada. Ela tinha uma fileira de caras para comê-la. Foi bom pra caralho.

De cabeça pra baixo, bunda pra cima, é assim que gostamos de foder."

Trey, Trey e mais Trey.

Continuamos andando, passando as citações que todos nós quatro

escrevemos nas paredes, nos armários e no chão na noite de sábado, virando em outro corredor e vendo ainda mais.

Nem todas são sobre Trey, no entanto. Alguns são atribuídos a Lyla, Katelyn, alguns amigos de Trey e até a mim.

Porque é claro, pedir desculpas é fácil. Enfrentar a vergonha é onde a expiação começa.

"Uma noites dessas, eu vou te pegar no estacionamento depois das suas aulas de natação, e vou abrir essas lindas pernas e te foder ali mesmo no chão.

Gostaria disso, gata?

Trey Burrowes"

— Que nojento — diz uma caloura, estremecendo.

Outra garota pega um lápis e escreve embaixo da mensagem "Todas querem isso".

Não, nós não queremos, ela escreve.

Os corredores estão agitados, e tentamos manter as citações nos dois corredores principais, principalmente porque todos passam por aqui quando entram na escola.

As pessoas estão hipnotizadas, no entanto. Algumas garotas parecem irritadas e com nojo. Alguns caras estão surpresos.

— Todos os alunos devem se apresentar ao auditório — a voz do vice-diretor soa pelo alto-falante. — Todos os alunos devem se apresentar ao auditório.

Ten nos interrompe no corredor, parecendo nervoso, mas achando graça.

— Parece que nós arrebentamos.

— Sim. — Dou um sorriso tenso e vejo mais alunos escrevendo sob as

mensagens na parede. — Olhe para eles, no entanto.

Fale o que tem em sua mente e dará permissão aos outros para fazer o mesmo.

Eu me viro para Misha, suspirando.

— Você deveria ir embora. Não precisa estar aqui, e ela vai te levar se te encontrar.

Desde que ele deixou Burrowes falando sozinha mais de uma semana atrás, ele não voltou para a escola, mas acho que estava preocupado com tudo que se desenrolaria hoje e queria estar aqui.

Ele nega com a cabeça.

— Não ligo.

— Bem, a polícia acabou de chegar — Ten nos informa.

— A polícia? — sussurro. — Não achei que o que fizemos foi tão ruim assim.

— Não, não é pela pichação. É pelo Trey. Um grupo de garotas, várias garotas, está na secretaria, denunciando-o. Acho que as citações fizeram elas reagirem.

— Você deveria ir mesmo, então — digo a Misha.

Mas nesse instante, a diretora Burrowes se aproxima de nós e meu coração para.

— Sr. Laurent? Venha comigo agora.

Ele olha para ela por um momento.

Mas eu entro no meio.

— Por quê?

— Acho que ele sabe o porquê.

Ele hesita por um segundo, e acho que ele vai discutir como da última vez, mas não briga. Ele dá um passo à frente.

— Não, não, não... — grito. — Ele não fez nada.

— Está tudo bem — ele me assegura em voz baixa.

Mas Burrowes interrompe, olhando para mim.

— No registro de entrada e saída mostra você sendo última pessoa, além do zelador, a sair da escola na sexta à noite — ela informa. — Agora isso não é incomum, já que fica até tarde para dar aulas de natação, mas então me ocorreu que você tem uma chave. E me lembrei da companhia que tem mantido, repentinamente. — Ela olha para Misha. — Você pegou a chave dela?

— Não! — respondo por ele.

— Sim — diz ele.

Ai, Jesus.

— Está tudo bem — diz ele de novo. — Vou ficar bem.

Ela o leva embora, e jogo as mãos para o alto, me sentindo impotente. Por que ele simplesmente não foi embora como da última vez?

Ele não precisa me proteger e sabe que não vou deixar que leve a culpa.

O que ele está fazendo?



MISHA

— Sente-se.

Prefiro ficar de pé, mas acho que posso muito bem me acomodar. Eu sento na cadeira de frente para sua mesa.

— Depois das brigas e do seu comportamento nas últimas semanas, tenho ligado para os números de telefone em seu arquivo — ela diz, fechando a porta da sala. — Nenhum deles funciona ou são números errados. Quer me dizer o que está acontecendo?

Fico olhando-a fixamente enquanto ela se senta atrás de sua pequena mesa arrumada. Desabotoando o terninho, ela chega para frente e abre um arquivo, sem dúvida o meu. Está quase vazio.

Mas fico quieto.

— Se você tinha um problema com Trey, deveria ter vindo até mim — reclama. — Não entrar na escola e escrever acusações horríveis na parede.

Acusações? As fotos que encontrou no quarto dele não foram suficientemente claras?

— Onde ele está? — pergunto.

Ela se endireita.

— Mandei meu enteado para casa hoje enquanto resolvemos essa bagunça.

Sinto vontade de rir, mas não sorrio. Eu simplesmente olho para ela. Com a quantidade de estudantes revoltados do lado de fora de sua porta agora, suponho que a bagunça vai demorar um pouco para ser resolvida.

— Onde estão seus pais? — pergunta ela.

— Meu pai mora em Thunder Bay.

— E a sua mãe?

— Foi embora.

Ela solta um suspiro e cruza as mãos sobre a mesa. Ela sabe que não vai chegar a lugar nenhum assim.

Estendendo a mão, ela pega o telefone e o segura no ouvido.

— Me dê o número de telefone do seu pai.

Meus dedos se curvam, mas eu não me entrego. Chegou a hora.

— 742-555-3644.

— Qual o nome dele? — Ela digita com força o número no aparelho. — O nome verdadeiro dele.

Escuto a linha começar a tocar, e meu coração bate dolorosamente, mas permaneço indiferente.

— Matthew — respondo, curto e grosso. — Matthew Lare Grayson.

De repente, ela fica imóvel e ergue os olhos para mim. Sua respiração acelera e parece que ela viu um fantasma.

Ora, ela se lembra do nome dele. Pelo menos é alguma coisa.

A voz do meu pai surge do outro lado da linha.

— Alô?

Ela olha para baixo e a vejo engolir em seco, piscando nervosamente.

— Matthew?

— Gillian?

Ela desliga o telefone como se ele estivesse queimando e cobre a boca com a mão. Quase sinto vontade de sorrir. Só para aumentar a provocação.

Ela levanta os olhos, não desvia o olhar do meu e parece que ela está com medo de mim.

— Misha?

Sim.

E que impressionante. Ela se lembra do meu nome. Dois pontos para a mamãe.

Agora ela sabe. A minha escolha sobre vir para esta escola e sentar nesta sala não tinha nada a ver com Trey. Era a respeito dela.

— O que você quer? — pergunta, e soa como uma acusação.

Dou risada internamente.

— O que eu quero? — E então abaixo os olhos, sussurrando comigo mesmo: — O que eu quero?

Levanto o queixo e inclino a cabeça, sentado na frente dela cobrando a porra da sua responsabilidade.

— Acho que eu queria uma mãe. Queria uma família e queria que você me visse tocando guitarra — digo. — Queria ver você na manhã de Natal e que sorrisse para mim e sentisse a minha falta e abraçasse a minha irmã quando ela estivesse triste, solitária ou assustada. — Observo como ela fica ali em silêncio, os olhos brilhando. — Queria que você gostasse da gente. Queria que dissesse ao meu pai que ele era um cara legal que merecia algo melhor do que você e que deveria parar de esperar por você. Queria que você nos dissesse para parar de esperar.

Flexiono o queixo, ficando cada vez mais determinado. Isso não é

sobre mim. Cansei de ser machucado e fazer perguntas quando sei que as respostas não serão boas o suficiente.

— Eu queria ver você — continuo. — Queria saber como era. Entender a razão da minha irmã morrer de um ataque cardíaco aos dezessete anos de idade, porque estava usando drogas para mantê-la acordada para estudar e ser a filha perfeita, atleta e estudante, assim você voltaria e teria orgulho dela e ia nos querer!

Estudo seu rosto, vendo os olhos castanhos de Annie me olhando, em sofrimento e ficando vermelhos.

— Queria entender por que não foi ao funeral da sua filha — cobro. — Seu bebê que estava deitado em uma estrada escura, molhada e fria por horas, sozinha, enquanto seus novos filhos — empurro um porta-retratos na mesa, fazendo-o cair para frente —, em sua nova casa — outro porta-retratos cai —, com o seu novo marido — o último porta-retratos tomba —, estavam todos em segurança e aquecidos em suas camas, menos Annie. Ela estava morrendo sozinha, nunca tendo sentido os braços da mãe em torno de si.

Ela se inclina para frente, desabando e cobrindo a boca com as mãos novamente. Isso não pode ser uma surpresa. Ela deveria saber que isso aconteceria algum dia.

Quer dizer, eu sei que ela não me vê desde os meus dois anos, mas tinha certeza de que ela me reconheceria. Naquele primeiro dia, vendo-a no refeitório, senti que ela ia virar. Como se fosse capaz de me sentir ou alguma merda assim.

Mas ela não fez nada. Não naquela hora, não quando me levou até a sua sala para um “Oi, como você está?”... e em nenhuma vez depois disso.

Ela nos abandonou e se afastou quando Annie era apenas um bebê. Depois de um tempo, ouvi dizer que foi para a faculdade e começou a lecionar,

mas honestamente, quase não doeu.

Podia entender ser jovem – vinte e dois anos com dois filhos – e sem mencionar a família feroz com quem se casou. Mas achei que ela acabaria encontrando o caminho de volta para nós.

E mais tarde, quando Annie e eu descobrimos que ela estava a apenas uma cidade de distância, casada com um homem que já tinha um filho, e que tinha começado uma família com ele e ainda não tinha feito o menor esforço para procurar Annie e eu, fiquei puto.

Annie fez tudo na esperança de que nossa mãe soubesse dela ou visse seu time no jornal e viesse procurá-la.

— Agora... — eu digo, meu tom calmo e neutro — Não quero nenhuma dessas coisas. Só quero minha irmã de volta. — Eu me inclino para frente, colocando os cotovelos nos joelhos. — E quero que você me diga alguma coisa antes de eu sair. Algo que preciso ouvir. Quero que você me diga que nunca vai nos procurar.

Seus olhos lacrimejantes olham de uma vez para cima.

Sim, posso ter me convencido de que vim aqui para pegar o álbum de fotos da minha irmã na escola e recortes de jornal que Annie enviou para ela aqui – que encontrei em seu arquivo –, e meu relógio que era do meu avô, mas na verdade, uma parte minha tinha um pingo de esperança. Uma parte em mim pensou que ela ainda poderia ser uma boa pessoa e teria uma explicação. Uma maneira de me dizer por que – mesmo na morte – a mãe de Annie ainda não foi atrás dela.

— Quero que você me diga que não se arrepende de ter ido embora e que não pensou em nós um único dia desde que partiu — exijo. — Você estava mais feliz sem nós e não nos queria.

— Misha...

— Diga — praticamente rosno. — Me deixe sair daqui livre de você. Dê isso para mim.

Talvez ela sentisse a nossa falta e não quisesse atrapalhar as nossas vidas. Talvez ela sentisse a nossa falta e não quisesse atrapalhar a vida dela. Ou, quem sabe, aquela parte de sua vida esteja quebrada e acabada, e ela não queira voltar. Talvez não se importe.

Mas sei que eu não me importo mais com isso. Olho para ela e espero que ela diga o que preciso ouvir.

— Eu não ia procurar por nenhum de vocês — sussurra, olhando para sua mesa com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não pude ficar. Eu não pude voltar. Eu não poderia ser a sua mãe.

Bato a mão em sua mesa, e ela pula.

— Não estou nem aí para as suas desculpas. Não vou sentir pena de você. Agora diga isso. Diga que estava mais feliz sem nós e não nos quis.

Ela começa a chorar de novo, mas eu espero.

— Estou mais feliz desde que saí — ela soluça. — Nunca penso em você e na Annie, e sou mais feliz sem vocês. — Ela desmorona como se as palavras fossem dolorosas de se dizer.

Sinto a tristeza subir pela garganta e as lágrimas ameaçando aparecer. Mas eu me levanto, endireito a coluna e olho para ela.

— Obrigado — respondo.

Virando, caminho até a porta, mas paro, falando de costas para ela.

— Quando sua outra filha, Emma, completar dezoito anos, vou me apresentar a ela — aviso. — Faça um favor a si mesma e não seja uma idiota. Prepare-a antes que a hora chegue.

E eu abro a porta e saio da sala.

Entro no corredor vazio e sigo até a entrada, a distância entre minha

mãe e eu crescendo. A cada passo, sinto-me mais forte.

Não vou me arrepender de ir embora, digo para mim mesmo. *Não pensarei* em você um único dia a partir de hoje. Estou mais feliz sem você e não preciso de você.

Nunca mais vou procurar por você.



— Você perguntou por que ela foi embora?

— Não. — Sento-me contra a parede no quarto de Annie, com Ryen encostada em mim, entre as minhas pernas.

— Não está curioso sobre o motivo dela? — pressiona. — Como ela justificaria isso?

— Eu costumava me perguntar. Mas agora eu... não sei. — Não é que eu não me importe, mas... — Se alguém não nos quer, precisamos parar de o querer. Costumava dizer isso a mim mesmo e agora acredito nisso — digo. — Não foi tão difícil encará-la e ir embora. Se ela quisesse se explicar, teria feito isso. Se ela pudesse, teve a chance. Ela não veio atrás de mim. Sabe onde me encontrar, se ela quiser.

Ryen acaricia o cachecol azul de Annie.

— Então é por isso que estava no Falcon’s Well.

— Sim. Ela estava com o relógio. Uma herança dada pelo pai de meu pai a eles dois no dia do casamento — conto, enterrando o nariz no cabelo dela. — A tradição familiar diz que vai para o filho primogênito. Ela o pegou quando foi embora, talvez para ofender meu pai ou penhorar por dinheiro se precisasse, mas de alguma forma ela acabou dando para Trey.

— Você deve tê-la odiado por isso.

— Eu já a odiava — respondo. — Isso machuca, no entanto. Ela já tinha nos abandonado. Como ela pôde roubar mais uma coisa, especialmente algo que por direito pertencia a mim?

Ela foi egoísta e rancorosa, e talvez não seja a mesma pessoa agora que foi naquela época, mas não vou esperar por ela como a Annie fez. Eu abraço Ryen apertado. Isso, bem aqui, é tudo. Mal posso esperar para viver todos os dias ao lado dela. Nós vamos nos divertir muito.

Principalmente agora que não tenho mais que me preocupar com aquele filho da puta da escola dela pelo resto do ano. Ela recebeu uma mensagem de Ten mais cedo, dizendo que ouviu que o superintendente entrou em cena e proibiu Trey de chegar perto da escola até que tudo se resolva. E já que algumas alunas estão prestando queixas, pelas fotos e várias agressões, parece que os próximos meses da vida de Trey serão passados no tribunal.

Ryen se levanta e me puxa, nós dois nos arrastando para fora do quarto. Vim aqui para guardar o medalhão e o álbum de fotos de Annie. Também havia cartas junto com o álbum, no envelope que tirei da sala da nossa mãe. Annie não me contou que as tinha escrito, só que tinha mandado um álbum de fotos suas e outras coisas. Ela fez questão de deixar fotos minhas fora disso, porém. Ela sabia que eu não teria gostado.

Talvez eu não devesse ter pegado o álbum e as cartas. Depois que a nossa mãe não apareceu no funeral, não queria que ela tivesse nada de Annie.

Mas Annie deu a ela, acho. Era seu desejo que a nossa mãe tivesse essas coisas.

Se ela quiser o envelope de volta, pode ficar com ele. Mas tem que vir e pedir.

Fecho a porta silenciosamente atrás de mim e entro no meu quarto,

vendo Ryen sentada na cama, lendo um pedaço de papel.

— O que é isso? — pergunta.

Olho para o papel branco.

— É uma carta.

Ela a dobra e coloca de lado.

— Bem, não li, nem nada, mas poderia ser uma oferta para conversar sobre um contrato de gravação. — Ela sorri. — E tem muito mais ali. — Ela aponta para o criado-mudo. — Também não li aquelas lá, mas gostaria de saber se talvez, pudessem ser cartas de manifestação de interesse. Aposto que alguns caras bem relacionados viram alguns vídeos do Cipher Core no YouTube e querem conversar.

Eles não querem a Cipher Core. Eles querem a mim e eu não quero deixar minha banda.

Eu me jogo na cama e a puxo, fazendo cócegas nela.

— As únicas coisas que quero fazer são as que não me afastarão de você. Entendeu?

Ela ri, se contorcendo e tentando me parar.

— Bem, a faculdade não está longe! — Ela ri, batendo nas minhas mãos para afastá-las. — Eu vou embora. E olhei na página do Facebook de sua banda. Tem datas de turnê para este verão.

— São apenas em meras espeluncas, feiras e festivais. — Eu me sento em cima dela e puxo seus braços sobre sua cabeça.

— Mas isso parece incrível.

Estico a língua para fora e desço, tentando tocar o nariz dela.

— Você tem cinco anos? — ela grita, sacudindo o corpo e tentando me tirar de cima dela.

Eu me jogo, lambendo a ponta do seu nariz. Ela estremece e balança a

cabeça sem parar para que eu não consiga uma segunda chance.

Dou risada, soltando suas mãos.

— Sinceramente, não sei porque Dane ainda tem essa merda arranjada. Eu disse a ele que não ia.

— Sim, você vai.

Eu saio de cima dela.

— Ryen, eu...

— Pare — diz ela. — Não é para sempre. Você tem que ir. Apenas vá e veja onde isso vai dar.

Só que agora, não tem nada que eu poderia querer menos. Pensar em deixá-la me faz ficar realmente infeliz.

— Você e eu tivemos um relacionamento de longa distância por sete anos — continua. — Acho que resistimos ao teste do tempo e da distância. Ninguém nunca chegou perto de significar para mim, ao vivo e a cores, o que você significou para mim em suas cartas. E agora que nos encontramos, e eu te amo — ela diz, subindo no meu colo e envolvendo as pernas em mim. — Não duvido disso. Você precisa ir.

— Acabei de conseguir você.

— E não quero você se segurando por minha causa.

Deslizo as mãos por baixo de sua camisa, gostando de sentir sua pele quente e suave.

— Vamos ter tudo o que queremos — diz, ditando as regras. — Essa é a única maneira que eu quero isso com você. Se você for e não gostar, volte pra casa. Se gostar, estarei esperando quando você acabar.

Consigo sentir os nervos à flor da pele e não sei como lidar com isso. Prefiro não pensar sobre isso hoje.

Eu queria viajar em um velho ônibus alugado e tocar música neste

verão? Talvez. Esse era o plano até fevereiro.

Mas agora eu tenho a Ryen, e não consigo imaginar não ver seu rosto todos os dias. Não vejo a maldita razão em desperdiçar um minuto sem ela. Não ficarei mais feliz só porque tenho a música.

Mas ela está certa. Ela vai para a faculdade e, embora eu também possa, não será a mesma faculdade. Eu poderia ir com ela, mas... Não posso segui-la. Nós dois precisamos do nosso próprio trabalho um dia, algo que nos preencha.

— Se você não tentar — diz. — Mais tarde vai querer saber se deveria ter tentado. Não jogue essa responsabilidade em mim.

Dou uma risada fraca. Nossa, isso é o que chamo de chute nas bolas, hein?

— Se eu fizer isso, será com uma condição — digo, olhando em seus olhos. — Eu quero que você escreva uma carta.

Ela abre um sorriso gigantesco.

— Uma carta? Vou te escrever mais do que uma enquanto estiver fora.

— Não para mim. — Balanço a cabeça. — Delilah.

Seu rosto instantaneamente desanima. Dá para perceber que a perspectiva de enfrentar esse demônio a deixa nervosa.

— Ela deixou Falcon’s Well no sexto ano. Não saberia onde ela está agora.

— Tenho certeza de que ela só está a uma pesquisa no Google de distância. — Coisa que ela sabe. Ela só está procurando uma desculpa para não encarar isso.

Ela vira a cabeça de lado, ganhando tempo, mas eu trago o seu queixo para mim.

— E se ela nem se lembrar de mim? — pergunta. — E se não foi

grande coisa para ela, e pensar que sou uma idiota por ainda pensar nisso?

Dou de ombros novamente.

— Mais alguma desculpa ou já acabou?

— Tá bom — ela bufa, igual a uma criança. — Vou fazer isso. Você está certo.

— Bom. — E eu a deito de costas e a prendo na cama de novo. — Agora tire a roupa. Preciso compensar o tempo perdido enquanto estou longe.

— O quê? — argumenta conforme eu tiro sua blusa. — Você compensa o tempo perdido quando voltar!

— Sim. Podemos fazer isso, também.



RYEN

Cinco anos depois...

— Ryen! — Escuto meu nome sendo chamado. — Ryen, ah, qual é!

Balanço a cabeça, achando graça quando piso na calçada em frente ao meu prédio. O porteiro do Delcour já está com a porta aberta para eu poder escapar.

— Não, Bill — digo ao repórter do Times, enquanto ele e alguns fotógrafos correm até mim, invadindo meu espaço.

Tento desviar deles, mas estão em toda parte. Eu empurro através deles.

— Uma indicação ao Oscar de Melhor Música Original? — Bill Winthrop segura um gravador na minha frente. — Você deve estar feliz. Ele tem que ter algo a dizer! Vamos.

— Ele está trancado, escrevendo — respondo, indo até a porta. — Eu já te disse isso antes.

Eu me viro, dando a ele e aos outros que estiveram acampados aqui há séculos um olhar cansado.

— Sério, vocês estão aqui há meses. Tirem a noite de folga. Vão sair com alguém.

Alguns repórteres e fotógrafos riem e flashes de suas câmeras explodem ao meu redor.

— Sim, faz meses que ninguém o viu — repreende Bill. — Como sabemos se ele ainda está vivo?

Ergo a cabeça e coloco as mãos na cintura, deixando minha – agora visível – barriga de grávida mais aparente. Obviamente, Misha está bem o bastante para fazer isso, certo?

Escuto mais risadas.

— Você sabe que ele gosta da sua privacidade — ressalto.

— Ele estará na premiação?

— Não se depender dele. — E eu me viro, entrando no prédio.

— Você é impossível! — Ouço o grito frustrado de Bill e nem me dou ao trabalho de esconder meu sorriso.

— Eu também te amo! — grito por cima do ombro.

Sério, esse tem que ser o trabalho mais tedioso. Esperar para ver se Misha sai para tomar um café ou comprar um novo par de sapatos. Não vai durar para sempre, mas meu marido prefere evitar a atenção a todo custo. Acho que isso só o torna mais atraente e misterioso, porém. Acho que eles até criaram um aplicativo, “Ache Misha Lare”, como se fosse uma espécie de “Pokémon Go” ou algo assim.

Posso entender o desejo que sentem por ele, no entanto. Ele acabou se juntando a mim em Cornell para a faculdade depois de sua turnê de verão, dizendo que suas oportunidades poderiam esperar. Nós tínhamos uma vida, e ele se recusou a fazer qualquer coisa sem mim ao seu lado. Ele esperaria.

Fiquei preocupada que ele pudesse perder uma grande chance, mas

Misha sabe quem ele é e o que quer.

E ele estava certo. Não demorou muito depois da faculdade, antes de reformular a Cipher Core, com todos os membros originais de volta, e eles começaram a acumular os prêmios e datas de turnê.

Tem sido o inferno de uma viagem e está só começando.

Ando pelo saguão, observando Rika passar pela recepção.

— Oi, como você está? — pergunta, carregando uma mochila.

Observo suas leggings, botas pretas na altura do joelho e blusa enorme, e aqui estou, me sentindo como um planeta. Quando ela vai engravidar?

A esposa de Michael Crist – que também é de Thunder Bay – e eu nos tornamos muito próximas, e desde que a sua mãe e o pai de Misha estão subitamente muito próximos também, provavelmente seremos todos família, mais cedo ou mais tarde.

Não posso reclamar. A turma inteira de amigos é interessante, para dizer o mínimo, mas são leais.

Eu olho para ela me desculpando, gesticulando para os repórteres atrás de mim.

— Sinto muito por tudo isso.

Mas ela apenas acena, dispensando meu comentário.

— Acontece com o Michael quando ele chega na fase classificatória, não exatamente assim. — Ela ri. — Acho que ele está com ciúmes, na verdade. Mas, ei, um jogador de basquete é um jogador de basquete. Uma estrela do rock é uma estrela do rock.

— Não me lembre.

Ela ajusta a bolsa no ombro e continua andando.

— Bem, vou para o Dojo treinar e depois para Thunder Bay no fim de semana. Vejo você na segunda-feira e diga ao meu futuro meio-irmão que eu

disse oi — brinca ela.

— Direi. — E eu vou para os elevadores.

Subo até o vigésimo primeiro andar, onde há duas coberturas, e há apenas um andar acima de nós: o dos Crist. Adoro a vista e fico feliz por Misha gostar de estar na cidade. Nós sempre visitamos o pai dele em Thunder Bay, mas a vida noturna, eventos e shows são muito atraentes para ficar longe. Nós gostamos do barulho daqui.

Quando entro, sinto o cheiro de bifes fritando e meu estômago ronca instantaneamente. Temos uma academia no prédio, mas gosto das aulas de artes marciais que a Rika dá no Dojo, então enfrentei os repórteres para isso hoje, mas agora estou morrendo de fome. E preciso de um banho.

Braços vêm por trás, segurando minha barriga, e eu me inclino, sentindo-me relaxar na hora. Seu cheiro inebriante me rodeia, e eu preciso do contato.

— Me ajude a sair dessas roupas — imploro.

Ele tira a minha camiseta por cima e me ajuda a tirar o sutiã esportivo. Estou de apenas seis meses – nosso filho deve nascer em março –, mas estou fazendo o papel da coitada. Quanto mais ele me toca, mais feliz eu fico. E Misha não gosta de me ver brava.

Depois de tirar meus sapatos, meias e calças de treino, eu me viro, soltando o cabelo do rabo de cavalo.

Ele está incrível. Gosto dessa prisão domiciliar em que ele está se mantendo. Tudo o que faz é andar pelo apartamento o dia todo – só de calças –, ouvir música e deixar as letras em lugares aleatórios. Elas estão escritas por toda a geladeira, nos guardanapos, em “post-its” grudados nas paredes – o que ele começou a fazer quando surtei por causa da caneta permanente na parede recém-pintada do quarto.

Tudo faz parte de seu processo criativo, diz ele.

Tanto faz. Funciona, eu acho.

— Vem. — Ele me puxa. — Eu deixei a banheira preparada para você.

Eu o sigo até o banheiro, vendo-o se despir e entrar, e então estende a mão, me convidando para me juntar a ele.

Eu subo e me sento na outra extremidade da grande banheira, sorrindo agradecida quando ele começa a massagear minha perna.

— Os repórteres são loucos — digo. — Todo mundo quer um pedaço seu.

— Bem, este pedaço quer você. — E pega meu pé, usando-o para cutucá-lo entre suas pernas.

Rastejo vagarosamente em cima dele, montando-o, mas não consigo ficar perto de seu peito por causa da barriga.

Ele pega o pequeno jarro prateado que tenho ao lado da banheira e começa a derramar água sobre o meu cabelo. Arqueio o pescoço para trás, o líquido quente cobrindo o couro cabeludo e costas me fazendo gemer.

Ele beija meu pescoço.

— Posso te contar uma coisa? — pergunta gentilmente.

Eu olho para cima, encontrando seus olhos e assinto.

Ele alisa meu cabelo para trás, olhando para mim com amor.

— Eu te amo muito, e quando nos casamos, a minha esperança era que ficássemos juntos para sempre — diz ele. — Mas aquela coisa de espelho — ele aponta atrás de mim para o design de parede que acabei de instalar —, está me irritando. Eu perco o equilíbrio sempre que entro aqui.

Eu me viro e começo a sorrir, olhando para a variedade de espelhos instalados nas paredes, que refletem os espelhos na parede oposta.

Voltando-me para ele, levanto o queixo, assentindo.

— Você vai se acostumar.

— Você diz isso o tempo todo — lamenta. — Tolerei a lareira gótica em nossa casa reformada ao estilo country em Thunder Bay, as máquinas de costura, o fato de que eu tenho que atravessar um guarda-roupa para entrar no banheiro principal, mas essa coisa de espelho...

Ele se afasta e eu beijo seu rosto.

— É uma peça de conversação.

Ele me dá um olhar nada divertido.

Balanço de tanto rir.

— Se você se divorciar de mim, não faremos mais sexo.

Ele retorce os lábios.

— Sim, eu imaginei.

Que reclamão. Ele sabia quando se casou comigo que eu gostava de ser criativa. Mesmo não sendo boa nisso.

Eu me aproximo e viro o puxador, abrindo o chuveiro sobre nós. A água cai atrás de mim, mas cria um zumbido agradável.

— Você precisa mostrar a cara — eu digo.

Eu odeio pressioná-lo, e normalmente não faço isso, mas às vezes, eu me preocupo que ele aproveita o momento ao máximo.

— Will está ligando feito louco — ressalto. — E ele ainda me incomodou no trabalho hoje. Ele disse que você precisa “surfar na onda enquanto pode”.

— Eu estou — afirma e, em seguida, aperta os braços em volta de mim. — Eu só quero fazer música com você e quero que as pessoas ouçam e amem, mas não preciso ser maior do que isso. Eu não preciso dos exageros. Eu sou feliz.

Acaricio seu rosto.

— A maioria das pessoas não tem a chance de ser um deus — comento. — Tem certeza de que não está deixando isso passar? Você não vai viver para sempre, afinal de contas.

— Não, mas minha música pode.

Ele sempre tem a resposta perfeita para tudo. Ele tem razão. Ele não está perdendo nada. Seríamos mais felizes, sacrificando o tempo que temos juntos para dar aos outros? Não.

— E você e eu na letra — conclui —, é tudo o que importa e não tolerarei distrações. Eu só tenho uma chance para fazer isso direito, e é o que estou fazendo.

Eu o puxo para mim, beijando-o. Eu o amo tanto.

Mas suas palavras me lembram do nosso rapper favorito, e recuo, incapaz de resistir em provocá-lo.

— Ei, “apenas uma chance” igual na música “Lose Yourself”, do Eminem.

E começo a cantar a música, cantando a letra a plenos pulmões.

Ela empurra minha cabeça para trás, encharcando-me debaixo do chuveiro, e eu grito soltando uma gargalhada.

Mas o que foi que eu disse?

FIM



Obrigada por ler e resenhar.

Seu feedback é o melhor presente que pode dar a um autor.

Por favor, continue para ler a carta de Ryen para Delilah.

“Cara, Delilah

Meu nome é Ryen Trevarrow. Nós éramos amigas na quarta série.

Tenho certeza de que nem se lembra de mim, mas eu me lembro de você. Na verdade, você passou bastante pela minha cabeça. E se você se lembra de mim, então, por favor, continue lendo, porque há muitas coisas que eu gostaria de dizer.

Você não tem obrigação de ouvir, mas ficarei agradecida.

A essa altura, tenho certeza de que sua vida, como a minha, mudou muito. Suas lembranças de mim – se tiver alguma – podem variar de ressentidas a tão ambíguas que praticamente nem saberá quem sou. Talvez não tenha pensado em mim há anos.

Mas por via das dúvidas... eu precisava fazer isso. Talvez por você, mas especialmente por mim. Sinto muita culpa e mereço isso, mas há coisas que precisam ser ditas, e já passou da hora.

Sabe, a imagem ainda está na minha cabeça. Você de pé

encostada na parede do parquinho, sozinha porque eu não ia mais ser sua amiga. Não posso imaginar o que você estava pensando naquele dia e todos os outros depois disso, mas espero que saiba que o que fiz e o que todo mundo disse ou te fez passar, nunca foi culpa sua. Era minha e você simplesmente estava lá.

Há um segredo que quero compartilhar com você. Eu nem sequer contei isso para o meu melhor amigo, Misha, porque era muito embaraçoso.

Quando eu tinha nove anos, tinha uma rotina todo domingo à noite. Por volta das seis horas, depois do jantar, eu começava a juntar todos os meus produtos de higiene: xampu, condicionador, sabonete, esponja, tesoura, lixa de unha... Colocaria tudo ordenadamente no peitoril da janela acima da banheira, e na hora seguinte, passaria tomando banho.

Isso mesmo. Ficava no banheiro, limpando, esfregando e garantindo para que cada pedaço de cabelo cheirasse igual ao cheiro de lírio do prado da montanha por uma hora. E, por fim, eu emergiria e começaria o processo de hidratação e limpeza das unhas.

Santo Deus, né? Mas espere, tem mais.

Depois gastava dez minutos passando fio dental e escovando os dentes, e ainda mais tempo escolhendo as roupas, que, claro, tinham que ser passadas e repassadas para a manhã de segunda-feira. Era uma nova semana e um novo eu. Eu teria mais amigos. Estaria com as garotas populares. As pessoas iam gostar de mim.

Porque na minha cabeça de nove anos, o banho lavava mais do que a sujeira diária. Levava embora o antigo eu e, de alguma forma, porque poli a aparência, a personalidade seria magicamente diferente, também.

Isso durou cerca de um ano. Mais de cinquenta domingos de grandes esperanças, e mais de cinquenta segundas-feiras terminando

com nada de diferente do que na semana anterior. Nenhuma quantidade de sabão e água, unhas perfeitas ou cabelos bonitos poderiam mudar o que eu odiava por dentro de mim.

Que eu era tímida. Que eu era certinha e nunca quebrava as regras. Que eu me sentia tão desconfortável em grandes grupos e não conseguia conversar com facilidade com as pessoas. Que minhas escolhas de música e filmes não eram iguais às crianças comuns.

Puro e simples: não me encaixava.

Não tinha nada em comum com as outras crianças ao meu redor e por ser limitada no meu pequeno ambiente, não conseguia encontrar ninguém com quem tivesse coisas em comum. Eu sempre senti que não pertencia a lugar algum. Como se eu estivesse entrando em uma festa e as pessoas estivessem apenas esperando que eu entendesse a indireta e fosse embora.

Isso foi até te conhecer. Nós começamos a ficar juntas e conversamos sobre tudo. Todos os dias no recreio, andávamos pelo campo e conversávamos sobre coisas que tínhamos em comum. Você foi gentil e engraçada, você me ouviu e não me fez sentir pressionada ou desajeitada. Eu estava feliz por finalmente ter uma amiga.

Até que comecei a me perguntar por que não tinha mais.

Nós continuávamos juntas e conversando, mas mais cedo ou mais tarde, meus olhos se dirigiam para onde todo mundo estava brincando e rindo, e comecei a me sentir excluída novamente. O que os fez tão especiais para ter tantas pessoas por perto? Por que pareciam mais felizes e parte de algo melhor? O que estavam fazendo e como se comportavam e que eu não estava fazendo igual?

Cheguei à conclusão de que precisava me ver melhor antes de poder melhorar. E, melhor, quero dizer popular. Ao me colocar em um pedestal com qualquer comportamento desagradável que eu pudesse, acreditei que estava me elevando. E, de certa forma, acho que estava. Ser

malvada me trouxe aqueles amigos que pensei que queria.

Agora, não há nada que eu possa dizer para corrigir o que fiz com você. Eu sei disso. Até uma criança sabe ser legal. Mas queria que você soubesse que sinto muito. Estava errada e me arrependo do que fiz. Foi o primeiro ato em uma longa série de muitos outros que me transformou em uma garota muito infeliz, e agora vejo o quão valioso um bom amigo realmente é e como significam muito pouco essas garotas populares no grande e vasto mundo.

Não posso mudar o passado, mas farei melhor no futuro.

Desculpe-me se te incomodei. Se está lendo isso e querendo saber por que pensei em algo que talvez fosse tão insignificante para você. Talvez você esteja cercada por uma bela vida e toneladas de felicidade, e não sou nem uma lembrança.

Mas se eu te machucar, peço desculpas. Eu quero que você saiba disso.

Você foi uma boa amiga e merecia algo melhor. Obrigada por estar ao meu lado quando precisei de você. Gostaria de ter feito o mesmo.

Com amor,

Ryen”



Se você está lendo isso, então com sorte, significa que terminou o livro. E se for esse o caso, estou muito feliz.

O Punk 57 foi um livro diferente de se escrever e difícil. Nós, leitores de romances, podemos ser muito duros com nossas heroínas. Muitas vezes, nos vemos nesses papéis e comparamos suas decisões com as que tomamos. Nós tendemos a julgá-los mais duramente do que os heróis, porque as mantemos na mesma expectativa que mantemos de nós mesmas. É por isso que muitas heroínas são muitas vezes inocentes, tímidas e gentis com bons corações. Ver essas mulheres encontrarem seu poder é uma jornada divertida. São fáceis de amar.

Ryen, por outro lado, não foi. Principalmente nos primeiros capítulos.

Sabendo disso, é claro que fiquei com muito medo. Só torci para que ficasse com ela tempo suficiente para vê-la aparecer e eventualmente sentir orgulho dela.

A necessidade de Ryen pelo reconhecimento, adoração e inclusão ecoa em todos nós. Vemos isso o tempo todo. Nenhuma criança quer ser diferente. Eles querem pertencer a algum lugar, desejam a aprovação dos outros e, na

maioria das vezes, ainda não estão mentalmente fortes suficientes para serem capazes de ficar sozinhos. À medida que envelhecemos, porém, a maioria de nós desenvolve essa capacidade. Aprendemos que nada parece melhor do que amar verdadeiramente a si mesmo, mesmo que isso signifique que as pessoas ao seu redor não nos amem. Nós, com alegria, descobrimos que simplesmente não damos a mínima.

E essa sensação é maravilhosa.

Mas a maioria de nós fez coisas – coisas injustas – em nome da autopreservação. Essa é a história que eu quis contar. Ryen odiando quem ela era, tentando ser diferente e tentando encontrar um jeito de as pessoas finalmente a verem, e depois descobrindo que se odeia ainda mais. Mentir para si mesmo nunca o leva adiante.

Obrigada por ler e obrigada por (espero) terminar a história. E para qualquer que talvez tenha se identificado com o que alguns dos personagens passaram – lembre-se: vai melhorar, você é importante e não pode ser substituído.

Aguente firme. Você encontrará a sua tribo.

penelope Douglas



Vale tudo quando todos sabem
Onde se esconde quando a exaltação deles são as suas derrotas?
Tão sufocante, tão difícil, tão demorado, tão cansado,
Deixe-os te devorar até que nada mais reste.

Não se preocupe em passar gloss nos seus lábios
O gosto que neles deixam, eventualmente perde o sabor.
Quero te lamber enquanto ainda sinto seu verdadeiro tempero.
Marcado, diz a líder de torcida
Prometo que voltaremos como antes.
Tenho coisas para fazer primeiro. Você não vai esperar demais.
Não posso fazê-la ficar,
E não posso vê-la partir.
Manterei seu coração domado,
E marcado antes que ele fique gelado.

Cinquenta e sete vezes eu não liguei

Cinquenta e sete cartas eu não mandei,
Cinquenta e sete pontadas para voltar a respirar, e então, apenas fingir.

Cinquenta e sete dias para não precisar de você
Cinquenta e sete vezes para desistir de você
Cinquenta e sete passos longe de você
Cinquenta e sete noites só com você.

Sou apenas o punk com quem passa o tempo
Sua tábua de salvação, seu segredinho excitante.
Algo me diz que está prestes a ruir,
Porque preciso ser mais para você do que só para distrair.

Marcado, diz a líder de torcida
Prometo que voltaremos como antes.
Tenho coisas para fazer primeiro. Você não vai esperar demais.

Não posso fazê-la ficar,
E não posso vê-la partir.
Manterei seu coração domado,
E marcado antes que ele fique gelado.



Uma imagem pode mais que mil palavras valer
E da profundidade das minhas mil eu venho a ter
Se aquilo que não nos mata serve para nos fortalecer...
Foda-se... quero ser um caçador e um esconderijo ser.
Trate os outros da maneira em que quiser ser tratada.
Mas e se nesta noite o que eu mais quiser é arder...?
Dizem que a dor é melhor quando prevenida do que remediada.
E, irmãzinha... esta ouviu. Fui eu aquela que teve que aprender.
Semeou, semeou, semeou... e você nem ao menos ligou,
Tudo aquilo que sofreu, é aquilo que plantou!
Sozinha, vazia, farsa, vergonha e temor...
Feche os olhos... Não há nada para se ver ao redor.
Faça melhor, seja mais, demais, além
Não consigo respirar, sufocada em não ser ninguém.
Enrole as pérolas de sabedoria e torsa tudo ao redor
Sufoque em meu pescoço aquilo que tenho de melhor.
Você disse para tocar depois e nos preparar agora,

Porém o que está aqui é bem melhor do que aquilo que está lá fora.
Com um guarda-chuvas achei que poderia me proteger.
Mas o raio me atingiu sem você nem ao menos perceber.
Semeou, semeou, semeou... e você nem ao menos ligou,
Tudo aquilo que sofreu, é aquilo que plantou!
Sozinha, vazia, farsa, vergonha e temor...
Feche os olhos... Não há nada para se ver ao redor.



“Bad Girlfriend” – Theory of a Deadman

“Bleed It Out” – Linkin Park

“Blow Me (One Last Kiss)” – Pink

“Colors” – Halsey

“Dirty Little Secret” – All-American Rejects

“Do You Know Who You Are?” – Atreyu

“Happy Song” – Bring Me the Horizon

“I Think We’re Alone Now” – Tiffany

“Lose Yourself” – Eminem

“Love the Way You Lie” – Eminem

“More Human Than Human” – White Zombie

“Mudshovel” – Staind

“Sk8er Boi” – Avril Lavigne

“So Cold” – Breaking Benjamin

“Square Hammer” – Ghost

“Stupid Girl” – Garbage

“True Friends” – Bring Me the Horizon

“Where’d You Go” – Fort Minor

“Wildest Dreams” – Taylor Swift

agradecimentos

Primeiro, para os leitores. Muitos de vocês estiveram lá, compartilhando sua empolgação e mostrando seu apoio dia após dia, e sou muito grata por sua confiança constante. Obrigada. Eu sei que minhas aventuras nem sempre são fáceis, mas eu as amo e fico feliz que muitas outras pessoas também as amem.

Para minha família. Meu marido e minha filha que suportam minha programação maluca, as embalagens de doces e minha distração toda vez que penso em uma conversa, numa reviravolta na história ou em uma cena que apenas saltava na minha cabeça na mesa de jantar. Vocês dois realmente aguentam muito, então, obrigada por me amarem mesmo assim.

Para Jane Dystel, minha agente na Dystel and Goderich Literary Management, não existe absolutamente nenhuma maneira de abrir mão de você, então está presa a mim.

Para a House of PenDragon. Você é meu lugar feliz. Bem, você e o Pinterest. Obrigada por ser o sistema de apoio que preciso e sendo sempre positivo.

Para Vibeke Courtney, minha editora independente, que repassa cada

movimento que faço com um pente-fino. Obrigada por me ensinar a escrever e impor isso diretamente.

Para Kivrin Wilson, vida longa para as meninas quietas! Nós temos as mentes mais gritantes.

Para Ing Cruz, da As Pages Turn and Book Blog, você apoia com a bondade do seu coração e não sou capaz de retribuir o suficiente. Obrigada pelas a ajuda nos dias dos lançamentos, pelos “blog tours” e por estar ao meu lado desde o começo.

Para Milasy Mugnolo, que lê, sempre me dando o voto de confiança de que preciso, e garante que eu tenha pelo menos uma pessoa para conversar em um evento literário.

Para Lisa Pantano Kane, você me desafia com as perguntas difíceis.

Para Lee Tenaglia, que faz artes tão boas para os livros e cujos painéis do Pinterest são meu vício! Obrigada. De verdade, você precisa entrar no negócio. Nós deveríamos conversar.

Para todos os blogueiros, há muitos para nomear, mas sei quem são. Eu vejo as postagens e tags, e todo o trabalho duro que fazem. Gastam seu tempo livre lendo, fazendo resenhas e ajudando a divulgar, e fazem isso de graça. Vocês são o sangue que dá vida ao mundo literário e vai saber o que faríamos sem vocês. Obrigada por seus esforços incansáveis. Fazem isso por paixão, o que torna tudo ainda mais incrível.

Para Samantha Young, que me chocou com um tweet sobre a leitura de “Falling Away” quando nem sabia que ela sabia quem eu era.

Para Jay Crownover, que veio até mim em um evento literário, apresentou-se e disse que amava meus livros (eu só fiquei olhando para ela).

A Abbi Glines, que deu a seus leitores uma lista de livros que ela leu e amou, e um deles era meu.

Para Tabatha Vargo e Komal Petersen, que foram as primeiras autoras a me enviarem uma mensagem depois do meu primeiro lançamento para me dizer o quanto amaram Bully.

Para Tijan, Vi Keeland, Helena Hunting, Penelope Ward e Penny Reid por estarem ao meu lado quando preciso de vocês.

Para Eden Butler e N. Michaels, que estão à disposição para ler meus livros e dar feedback.

Para Natasha Preston, que me apoia.

Para Amy Harmon, por seu encorajamento, positividade, apoio e coragem para sair do mesmo.

E para BB Reid, por ler, dividir as moças comigo e me dar um tutorial do Calibre à meia-noite e meia. Serei mais legal quando começar a dividir seu chocolate.

É válido ser reconhecido por seus colegas. A positividade é contagiante, então obrigada aos meus colegas autores por espalharem o amor.

Para todo autor e autor aspirante – obrigada pelas histórias que dividiram, muitas das quais me fizeram uma leitora feliz em busca de uma fuga maravilhosa e uma escritora melhor, tentando atender às expectativas. Escreva e crie, e nunca pare. Sua voz é importante e, desde que venha de seu coração, é certo e bom.



Penelope Douglas é uma autora best-seller do New York Times, do USA Today e do Wall Street Journal.

Seus livros incluem a série Fall Away, bem como os romances, Corrupt e Misconduct.

Ela se veste como se fosse outono o ano inteiro, adora qualquer coisa com sabor de limão e faz compras no Target quase que diariamente. Ela mora em Las Vegas com o marido e a filha.

Inscreva-se no blog: http://penelopedouglasauthor.com/news/
Receba notícias do próximo lançamento em: http://amzn.to/1hNTuZV

Ela é bastante ativa nas redes sociais!
Facebook: www.facebook.com/PenelopeDouglasAutor
Twitter: www.twitter.com/PenDouglas
Website: www.penelopedouglasauthor.com
Goodreads: http://bit.ly/1xvDwau
Instagram: https://instagram.com/penelope.douglas/

Todas as suas histórias também têm pastas no Pinterest, se gosta de imagens, poderá acompanhar em: https://www.pinterest.com/penelopedouglas/



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr.com
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @thegiftboxbr
Skoob: http://bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob